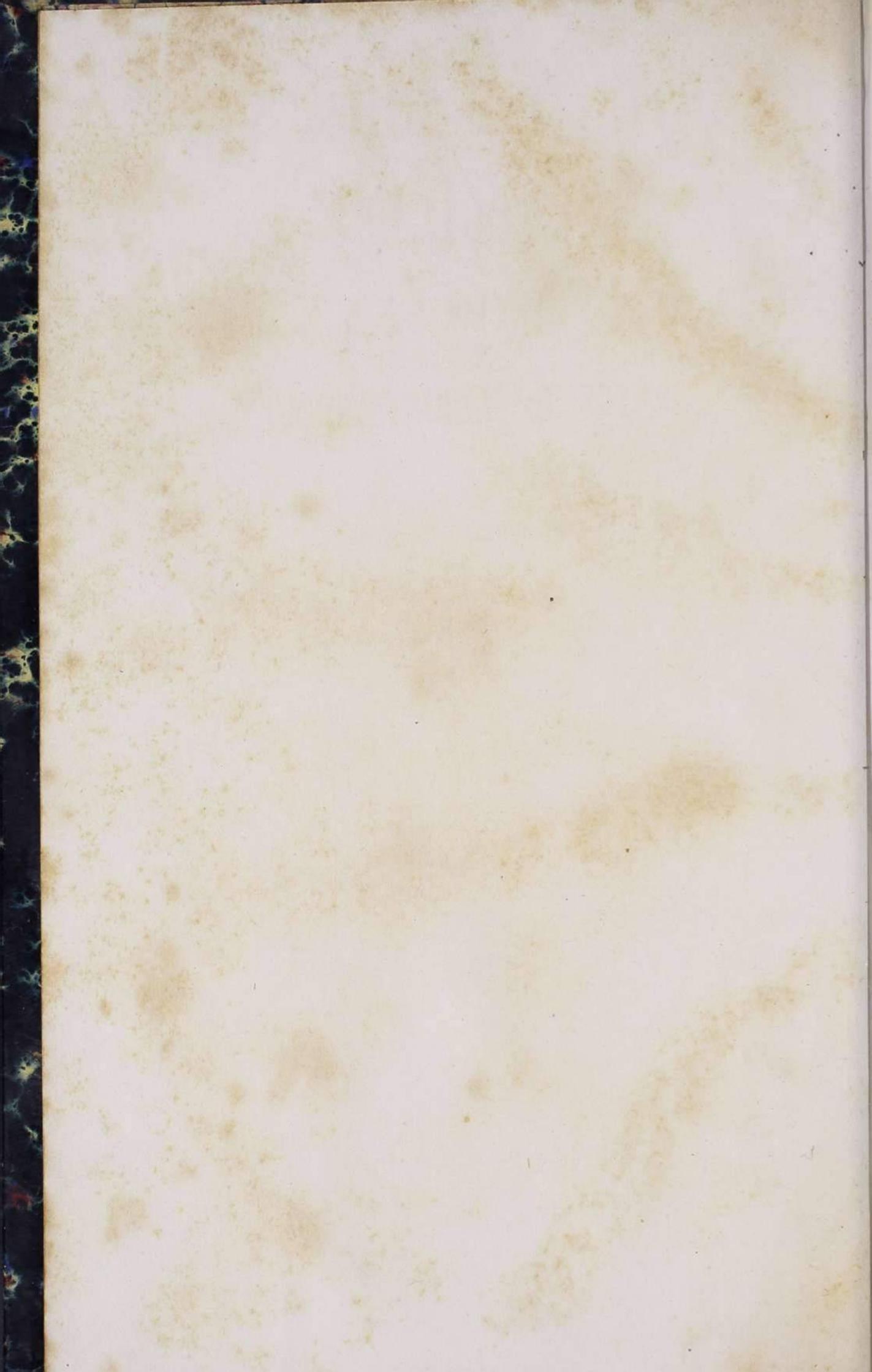


Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





1000
FASTOS DA IGREJA

HISTORIA

DA VIDA DOS SANTOS

ORNAMENTOS DO CHRISTIANISMO

POR

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

COM AUCTORISAÇÃO E CENSURA DO PATRIARCHADO

II

VIDA DE JESUS CHRISTO

2.^a EDIÇÃO

LISBOA

TYP. DO PANORAMA—Rua do Arco do Bandeira, 112

1870

ESTADOS DA IGREJA

MEMORIA

DA VIDA DE JESUS CRISTO
DA VIDA DE S. JOAO BAPTISTA

DECRETOS DO CONCILIO

TRIDUENTINO

DE 1545

DE 1563

DE 1583

DE 1600

DE 1621

DECRETOS DO CONCILIO

O sacramento eucharistico e a vida da alma. Quando possivel e de no local do altar, o sacerdote deve celebrar a missa eucaristica para o povo. Quando o sacerdote celebrar a missa eucaristica para o povo, deve celebrar a missa eucaristica para o povo. Quando o sacerdote celebrar a missa eucaristica para o povo, deve celebrar a missa eucaristica para o povo.

E a parte da vida da alma, a eucaristia e o sacramento da vida da alma. Quando o sacerdote celebrar a missa eucaristica para o povo, deve celebrar a missa eucaristica para o povo. Quando o sacerdote celebrar a missa eucaristica para o povo, deve celebrar a missa eucaristica para o povo.

LIVRO TERCEIRO

VIDA DE JESUS CHRISTO

VIDA EVANGELICA

PARTE II

PRIMEIRA EPOCHIA

DA PRIMEIRA A' SEGUNDA PASCHOA

CAPITULO PRIMEIRO

CURA DA FILHA DE JAIRO

Et venit quidam de archisynagogis nomine Jairus: et videns eum procidit ad pedes ejus.

Evang. sec. Marc. cap. V, v. 22

O Salvador, cedendo ás vozes dos Geraseos, depois de expellir os demonios do corpo dos possessos, tornou a embarcar-se de volta para a outra margem do lago.

Quando pousava o pé no batel, um dos que fôra vexado pelos espiritos das trevas, começou a rogar-lhe, que o deixasse ir em sua companhia; mas Christo recusou, dizendo: 'Vae para casa e para os teus, e annuncia-lhes as grandes cousas que obrou o Senhor para te favorecer, e a misericordia que teve comtigo.'

E aquelle homem assim o cumpriu, publicando por toda a Decapole os prodigios do Messias, sendo escutado com geral admiração.

A Decapole abraçava então um districto de dez ou mais cidades da Palestina, e eram citadas entre estas como principaes, Philadelphia, Gadara, Gerasa, Canatha e Damasco. Os

seus habitantes, attonitos e maravilhados do que ouviam, perguntavam uns aos outros se os dias do Christo eram chegados; e desejosos de verem o propheta, que tinha poderes de Deus para subjugar os demonios, suspender as tempestades e arrastar o coração das gentes, acodiam em tropel ao seu encontro.

Achando-se Jesus, pela segunda vez, do outro lado do lago, ensinando de dentro de uma barca, cresceu grande concurso de povo, e rompendo pelo meio d'elle um dos principes da Synagoga, (1) chamado Jairo, cravou os olhos no Salvador, cahiu de joelhos aos seus pés, e exclamou: 'Tenho uma filha a expirar. Vem impôr-lhe as mãos para a curares, vem dar-lhe a vida.' A resposta do Mestre foi segui-o; e a multidão era tanta atraz, e ao lado de ambos, que os apertava.

Então é que certa mulher, accommettida ha doze annos de um fluxo de sangue, tendo gasto inutilmente quanto possuia com os medicos, veio metter-se no ajuntamento, e cheia de fê pegou na fimbria do vestido do Salvador, crendo comsigo, que de lhe tocar só ficaria sã.

Sucedeu como a esperança lhe promettia; porque no mesmo instante estancou-se o sangue, e voltou-lhe a saude; mas Christo logo conheceu a virtude que emanara de si, e voltou-se, interrogando: 'Quem é que me tocou?'

Redarguiam os discipulos: 'Vês a gente que nos comprime de todos os lados, e ainda perguntas: Quem me tocou?' Porém elle sem os attender continuava olhando em roda, e querendo descobrir a pessoa, que lhe pegára nas roupas; até que a mulher, torvada de receio, e toda tremula, prostrando-se, confessou a verdade.

Tendo-a ouvido, disse-lhe Jesus: 'Filha, salvou-te a fé; vae em paz, e fica boa do teu mal!'

Apenas acabava de proferir estas palavras, eis que chegam alguns de casa do principe da Synagoga, e suffocados de afflicção, principiam a gemer e a clamar: 'Para que has de dar ao Mestre o trabalho de ir mais longe? Tua filha já morreu!'

(1) Os principes da Synagoga presidiam as assembléas religiosas celebradas todos os sabbados; e o lugar aonde se reuniam chamava-se assim da palavra grega, que significa congregação. Liam-se ali as Sagradas Escripturas, cantavam-se psalms, e faziam-se exhortações. Alguns auctores querem, que antes da sua destruição, Jerusalem encerrasse quatrocentas e oitenta synagogas.

Christo atalhou-os, dizendo ao amargurado pae: 'Não temas; cre' sómente!'

E sem permittir que, além de Pedro, Thiago e João o acompanhasse mais ninguem, entrou na casa; e notando os alaridos dos pranteadores e carpideiras (2) reprehendeu-os, observando: 'Para que é essa torvação, e de que servem os prantos que fazeis? A menina dorme, não está morta!' (3)

Duvidavam, mas o Salvador fazendo sahir todos, chamou o pae e a mãe, e os que trazia consigo, e dirigiu-se ao aposento aonde a defunta jazia deitada. Pegando-lhe na mão então disse: 'Levanta-te, minha filha, ordeno eu!'

No mesmo ponto a sua alma voltou, e ella, erguendo-se, começou a andar, porque já contava doze annos. Os que assistiram a este milagre tremiam de assombro, e no auge do espanto nem atinavam com as palavras.

Recommendo o segredo a todos, disse Jesus que dessem de comer á menina, e retirou-se.

CAPITULO SEGUNDO

CURA DO PARALITICO

. Surge, tolle lectum tuum, et vado in domum tuam.

Evang. sec. Math. cap. IX, v. 6.

Pouco antes dos milagres referidos no capitulo antecedente, logo ao retirar-se da terra dos Geraseos, tinha Christo obrado outro prodigio, restituindo o movimento a um enfermo tolhido dos membros.

Voltava a Capharnaum, centro das suas missões, e um dia foi tanta a gente á roda d'elle, que não cabendo na pousada, enchia até os logradouros da casa.

De todas as aldeias da Galiléa e Judéa, e mesmo da cidade de Jerusalem, tinham concorrido os phariseus e doutores, atrahidos pelo ciume da reputação de Jesus, e pelos estimulos

(2) O uso commum dos judeus era alugarem flautistas e carpideiras para acompanharem de lamentos e musicas funebres o luto das familias. Parece que este costume lhes veiu dos pagãos.

(3) Dorme! Jesus exprimia assim a idéa da morte breve, á qual uma prompta resurreição devia cortar o pezo, porque na realidade mais devia chamar-se sono, do que morte.

da preversidade hypocrita; e vinham para verem se podiam inventar a sombra de alguma culpa, desfigurando as palavras do Mestre.

Estava este ensinando o povo, quando lhe quizeram apresentar um paralytico, deitado no leito; mas a multidao, occupando as portas, e vedando a entrada, não deixava outro meio aos conductores senão lembrarem-se da bocca do eirado, (1) por ella desceram o catre, e o collocaram defronte de Jesus, que, movido pela viva fé do doente, exclamou: 'Tem confiança, filho, porque perdoados te são teus peccados.'

Simple, como era, desagradou este dito aos phariseus, e logo disseram para si 'Este blasphema!' imaginando, que só Deus póde perdoar as culpas, e que não o sendo Jesus, na opinião d'elles, queria por orgulho igualar-se ao Altissimo.

Lendo nos pensamentos, que os dominavam, disse-lhes Christo: 'Porque occupaes o animo com essas idéas? Qual é mais facil dizer ao paralytico: são perdoados os teus peccados, ou ergue-te, pega no leito e vae-te? Para que saibaes, que o Filho do homem tem na terra poder de perdoar as culpas... (acrescentou, fallando ao enfermo) ergue-te, pega na cama, e recolhe-te a tua casa.'

No mesmo instante, levantou-se o enfermo, poz o leito aos hombros e sahiu, dando graças á misericordia do Senhor.

Todos os assistentes ficaram pasmados, e as turbas, presenciando a efficacia da palavra de Jesus: 'Ergue-te e caminha!' persuadiram-se da verdade das outras: 'São-te perdoados os teus peccados.'

Assim, fallando uns para os outros, exclamavam: 'Admiraveis cousas vimos hoje, e são taes como nunca se ouviram!'

Então os tementes de coração glorificaram o Senhor por ter dado tanto poder aos homens.

(1) Vide Shaw, Viagem á Barbaria e ao Levante—Tom. 1, pag. 356 e seguintes. O douto escriptor explica pelos costumes orientaes o verdadeiro sentido d'este trecho.

CAPITULO TERCEIRO

VOCACÃO DE S. MATHEUS

Et cum transiret inde Jesus, vidit hominem sedentem in telonio, Matthaeum nomine. Et ait illi: Sequere me. Et surgens secutus est eum.

Evang. sec. Matth. cap. IX, v. 9.

Sahindo d'aquelle logar, caminho do mar de Tiberiade, vendo Christo um publicano assentado ao seu tolonio na meza da arrecadação das rendas publicas, disse-lhe sómente, 'Segue-me!'

Chamava-se este Levi, ou Matheus, filho de Alfêo, e assim como escutou a voz do Messias, levantou-se, deixou tudo, e juntou-se aos que o acompanhavam.

Querendo, porem, mostrar depois a sua gratidão ao Mestre, convidou-o para um banquete em sua casa, e aos discipulos, assistindo varios publicanos e pessoas de má nota, porque o Salvador sempre foi querido e buscado pelos peccadores, como sempre viveu exposto ao odio dos falsos austeros e devotos.

Entre os seus mortaes inimigos sobresahiam os doutores e phariseus, que não podendo soffrer vê-lo á meza, communicando com gente de vida menos regrada, perguntavam aos discipulos: 'Porque razão comeis vós e vosso Mestre no meio d'estes despreziveis peccadores?'

Ouvindo-os murmurar, voltou-se Jesus e respondeu: 'Não é aos sãos, é aos enfermos que aproveita o medico. Ide, e aprendei o que significam estas palavras da Escriptura. «Quero misericordia, e não sacrificios!» Não vim para chamar os justos á penitencia, vim para que os peccadores se arrependessem.'

Palavras de amor e de consolação, ali ditas para attestar que a charidade do medico espirital procurava os mais enfermos de alma, por isso que via n'elles os mais necessitados.

Mas a brandura da replica não applacou as malevolas censuras. Vencido pela razão, o orgulho dos phariseus levantou-se contra a verdade. Unindo-se aos discipulos do Baptista, os discursadores chegaram de novo a Christo, e pergunta-

ram-lhe: 'Porque rezam e jejuam tanto os que seguem a João e a seita dos phariseus, e os teus discipulos não jejuam?'

O Salvador redarguiu serenamente: 'Quereis fazer jejuar os amigos do Esposo? Emquanto o têm comsigo quereis que se castiguem e se cubram de luto?'

Este nome de *esposo* fôra dado pelo Baptista ao Messias no seu testemunho ás margens do Jordão, e os ouvintes do Percursor deviam lembrar-se d'elle. Servindo-se pois da mesma expressão, Jesus parece inculcar, que a estes respondia, e que por elles fôra a questão proposta.

Continuando depois de curta pausa, proseguiu: 'Breve ha de vir o dia, em que o Esposo lhes será tirado, e então jejuarão, porque nunca remendou ninguem vestidos novos, ou deitou vinho fresco em odres velhos, que elles não rebentassem, e o vinho se perdesse.'

Este argumento era deduzido da fraqueza dos discipulos, que, por mui novos na fé, tinham ainda imperfeições, e alludia sobre tudo aos phariseus, estranhando a vaidosa ostentação, com que impunham preceitos pezados em hombros de-beis, assemelhando-se na loucura aos que tentassem concertar os trajos velhos com tiras novas, ou vasar o vinho fresco em vasilha antiga.

Jesus não dispensou o jejum, mas quiz predispor os seus discipulos para o praticarem santamente, quiz que o encargo fosse proporcionado ás forças, porque a verdadeira perfeição não se alcança de repente, mas adquire-se a pouco e pouco, gradualmente.

CAPITULO QUARTO

CURAS PRODIGIOSAS—VOCAÇÃO DOS DOZE APOSTOLOS

Et convocatis duodecim discipulis suis, dedit illis potestatem spirituum immundorum, ut ejicerent eos, et curarent omnem languorem, et omnem infirmitatem.

Evang. sec. Math. cap. X, v. 1.

Depois de resuscitada a filha de Jairo, com espanto dos que souberam do milagre, passou Jesus d'aquelle sitio, e reparou em que dous cegos o seguiam, clamando: 'Tem piedade de nós, filho de David!'

Chegaram a casa, e os cegos atraz, quasi ao mesmo tempo. Disse-lhes então Jesus: 'Crêdes que o posso fazer?' Responderam elles: 'Sim, Senhor.' Tocou-lhes, pois, nos olhos, ajuntando: 'Seja feito conforme a vossa fé.' Assim que lhes poz os dedos viram logo, e apesar de Christo lhes recomendar, que o não dissessem, mal sahiram, principiam a divulgar o seu poder por toda a parte.

Pouco depois succedeu trazerem-lhe um possesso do demonio; e expellido o espirito maligno, desatou-se-lhe a falla, e admirou-se o povo, apregoando, que nunca se vira em Israel prodigio semelhante. Mas os phariseus, roidos de inveja, asseveravam que a virtude de Christo sobre os demonios procedia do principe das trevas; e em quanto o estavam calumniando, percorria o Redemptor as cidades e aldeias, ensinando a sua lei, e curando as enfermidades.

Foi n'esses dias, que olhando para as multidões que o cercavam, se compadeceu, notando que muitos se arrastavam quebrantados e desfallecidos, como ovelhas, e que disse para os seus discipulos: 'A seara verdadeiramente é grande, mas os obreiros são bem poucos! Rogai ao Senhor que nos mande mais obreiros.'

Achavam-se com elle os Apostolos, e algumas mulheres, que tinha livrado dos espiritos maleficos, ou curado de doenças. Maria, appellidada a Magdalena, Joanna, esposa de Chusas, intendente do palacio de Herodes, Suzana, e outras, avultavam entre ellas.

Convocando então os doze discipulos, Jesus delegou n'elles o poder de expellir os espiritos immundos, e de curar todas as molestias, designando-os para o acompanharem, e prégarem a palavra de Deus, dando-lhes o titulo de Apostolos.

Os nomes dos doze Apostolos são: primeiro, Simão, chamado Pedro; e depois André seu irmão; Thiago, filho de Zebedeo, e João, seu irmão; Philippe e Bartholomeu; Thomé e Matheus, o publicano; Thiago, filho de Alfêo, Thaddeo, Simão o Cananeo, denominado o Zeloso, e Judas, o Iscariote, que o vendeu.

Em seguida a estes ainda o Senhor escolheu outros setenta e dous discipulos, mandando-os a dous e dous adiante de si, como aos Apostolos, quando queria passar (1) ás cidades e

(1) Unimos em um só capitulo a missão dos doze Apostolos, e dos setenta e dous discipulos para não repetirmos duas vezes iguaes lições, como faz S. Lucas

aldeias, e concedendo-lhes, tambem, a virtude de expulsarem os espiritos malignos.

Jesus ao envial-os, deu-lhes as seguintes instrucções: 'Não hireis caminho de gentios, nem haveis de entrar nas cidades Samaritanas. Procurae antes as ovelhas da casa de Israel, que pereceram. Prégae em todas as vossas jornadas, dizendo, que o reino dos céus está proximo a chegar. Curae os enfermos, resuscitae os mortos, alimpae os leprosos, expelli os demônios; dae de graça o que de graça recebestes.'

'Não deveis possuir ouro, nem prata, nem guardar dinheiro nos cintos. Não levareis alforge para o caminho, nem duas tunicas, nem calçado, nem bordão: porque o operario é digno de salario.

'Em qualquer das cidades e aldeias, aonde entrardes, informae-vos de quem ha n'ellas, e se fôr virtuoso, ficae lá até vos retirardes.'

'Entrando em uma habitação saudae-a d'este modo: 'A paz seja n'esta casa; e se na realidade o merecer, virá a paz sobre ella; e não o merecendo, tornará de novo para vós.'

'Succedendo não vos receberem, ou não vos attenderem, ao sahir d'essa casa, ou da cidade, sacudi o pó de vossos pés. E em verdade vos affirmo: menos rigor experimentará no dia de Juizo a terra de Sodoma e Gomorrha, do que tal povoação.'

'Vêde que vos mando como ovelhas para o meio dos lobos. Sede prudentes, pois, como as serpentes, e simples como as pombas.

'Guardae-vos dos homens, que vos hão de levar aos seus tribunaes, e açoutar nas Synagogas; e por meu respeito hireis á presença dos governadores e dos reis para dardes testemunho de mim perante elles.'

'Quando vos conduzirem não cuideis no que haveis de falar; ser-vos-ha inspirado na hora mesma.'

'O irmão entregará o irmão, o pae ao filho, e os filhos hão de accusar aos que os geraram, e causar-lhes a morte. Por causa do meu nome vos perseguirá o odio de todos; mas o que perseverar até ao fim esse ha de salvar-se.'

'Se vos maltratarem n'uma terra fugi para outra; e na ver-

usando até quasi dos mesmos termos; demais, S. Lucas expressamente nos diz que a missão dos discipulos foi immediata á dos Apostolos. N'este ponto, seguimos o douto Pedro Lacheze na sua «Vida de Jesus Christo.»

dade vos affirmo: não acabareis de correr as cidades de Israel sem que venha o Filho do Homem.'

'O discipulo não é mais do que seu mestre, nem o servo mais do que o senhor. Ao discipulo basta que seja como seu mestre, e ao servo como seu senhor. Se elles chamaram Belzebut ao pae de familias, o que chamarão aos seus domesticos? Não os deveis temer, portanto; porque não ha nada encuberto, que não venha a descobrir-se, nem cousa occulta que se não chegue a saber. O que se diz ás escondidas é repetido ás claras; o que se confia ao ouvido, é publicado no alto dos eirados.'

'Não tenhaes receio dos que matam o corpo e não podem matar a alma; mas sim do que póde lançar em eternas trevas alma e corpo. Acaso dous passaros não se vendem por um obolo? Pois nenhum d'elles cahirá dos ares contra a vontade de vosso Pae; até os cabellos da vossa cabeça estão contados!'

'Não tendes pois que receiar, vós, que valeis mais do que muitos passaros.'

'A quem me negar perante os homens, negarei eu na presença de meu Pae, que está nos céus. Não julgeis que vim trazer a paz á terra — não! — vim trazer, mas foi a espada; porque vim separar o filho do pae, a filha de sua mãe, e a nora de sua sogra. E os peiores inimigos do homem serão os seus proprios domesticos.'

'O que amar ao pae e á mãe mais do que a mim, não é digno do meu amor, e do mesmo modo o que me preferir o filho ou filha.'

'Quem achar a sua alma para o mundo, perdel-a-ha; mas aquelle que por mim a expozer, ha de encontral-a. O que der a qualquer de vós uma sêde d'agua, por minha intenção, não perderá a sua recompensa, em verdade vol-o attesto.

Então disse um homem da plebe: 'Mestre, ordena a meu irmão, que reparta comigo da herança.'

Jesus respondeu: 'Quem me constituiu juiz sobre vós outros?'

Depois acrescentou: 'Acautelai-vos da avareza; a vida não consiste na abundancia dos bens!' E proseguindo, propoz uma parabola: 'O campo de um homem rico tinha produzido copiosos fructos; e elle, scismando, combatia comsigo: o que farei, se não tenho aonde recolha esta riqueza? E disse: farei isto; derrubarei aos meus celleiros e levantai-os-hei maiores;

e depois de assim largos guardarei as novidades, e arrecadarei todos os meus bens. E hei de fallar então assim á alma: Vida minha, tens ali depositados thesouros para longos annos: descansa, gosa-te e recreia-te. Mas Deus veio, e disse a este louco: Nescio! esta mesma noute virão buscar a tua alma; a quem aproveitarão os bens que ajuntastes? Assim é o que enthesoura para si, ficando pobre diante de Deus.'

E voltando-se para os discipulos, continuou: 'Por isso vos digo: não andeis cuidadosos da vida, nem de como vestireis o corpo. Olhae para os corvos, que não semeiam nem ceifam, e que Deus sustenta! Não valeis mais vós, do que elles, aos seus olhos?

'Quem pode acrescentar um covado á sua estatura, por mil meios que escogite? E se não podeis as cousas minimas, não cureis tambem das outras.'

'As açucenas crescem, e não trabalham, nem fiam; e entanto bem sabeis, que nem Salomão, em toda a sua gloria se vestia como a menor d'ellas.'

'Se ao feno, que está hoje no campo, e amanhã se lança ao fogo, Deus o orna assim, o que será em relação ao homem? Não vos inquieteis com o sustento, nem com a bebida, e não andeis com o espirito atribulado; porque só as gentes do mundo se prendem por taes cousas: lá está vosso Pae para conhecer que precisaes.'

'Buscae, primeiro, o reino de Deus, e a sua justiça: e lá de cima vos darão o mais como accessorio.'

'Vendei o que possuis, e distribui-o em esmolas. Procurae as bolsas, que não se gastam com o tempo, e ajuntae nos céus um thesouro, que não acaba, e ao qual nem o ladrão chega, nem a traça alcança: porque aonde estiver o vosso thesouro ali estará tambem o coração.'

'Apertae o cinto, e levae nas mãos as lampadas accesas. Fazei como os que esperam o Senhor ao voltar das vodas, promptos a abrir apenas o ouvem bater á porta, e bemaventurados os que elle achar acordados quando vier: pois vos asseguro, que os sentará á sua meza e os servirá.'

'E se chegar na segunda vigilia, ou se bater na terceira, e sempre os encontrar vigilantes, ditosos servos!'

'Mas reparae, que se o pae de familias soubesse a hora em que o ladrão havia de vir, não adormecia, e não era minada a sua casa. Por tanto, estae apercebidos, porque na ho-

ra em que menos contardes, estará comvosco o Filho do Homem.'

Pedro observou então, 'Senhor, a parábola que propões, é só para nós, ou comprehende a todos?'

Christo redarguiu: 'Quem julgas que seja o fiel e prudente dispenseiro, posto pelo Senhor sobre a sua familia, para repartir por cada um no tempo proprio a ração de trigo? Bemaventurado aquelle servo, que for achado com boas obras porque vos asseguro, que seu senhor o fará administrador de quanto possuir. Mas se no seu coração disser, meu amo tarda! e principiar a espancar os servos e as creadas, e a comer e a embreagar-se, o senhor virá no dia, em que o não esperar, e na hora que menos cuidar, e ha de expulsal-o, pondo-o com os maus servos.'

'O que soube a vontade do senhor e não obrou conforme com ella, receberá zevero castigo, mas o que não a sabia, e commetteu faltas, será menos rigorosamente punido. Porque nunca se pede muito senão a quem muito se deu: e o que mereceu maior confiança, esse mais strictas contas deve.'

'Vim trazer o fogo á terra, e o que desejo eu não é que ella se accenda? Cuidaes que vim trazer a paz? Já vos disse que não; o que trouxe foi a separação. De hoje em diante na mesma casa, se houver cinco pessoas, estarão divididas tres contra duas, e duas contra tres!'

Olhando para o povo, Jesus, exclamou: 'Se vedes uma nuvem no poente dizeis logo: ha tempestade; e vem o temporal. Se o vento assopra do meio dia asseguraes, que haverá calma, e ella cahe. Hypocritas, distinguis o aspecto do céu e da terra, e não sabeis conhecer o tempo actual? Porque não julgaes por vós mesmo o que é justo?'

'Quando fores ao principe com o teu contrario faze o possivel por te livrares d'elle no caminho, para que não succeda, que te leve ao juiz, e que te encerrem na cadeia, porque d'ali não sahirás em quanto não pagares até ao ultimo ceutil.'

E resumindo, segundo o seu costume, em imagens vivas a doutrina do exemplo, recommendou aos discipulos a inteira abnegação até da vida, ensinando-lhes que deviam aceitar as mortificações e os ultrages, padecendo por causa da verdade todas as affrontas, como Elle as havia de padecer. 'Quem não pegar na sua cruz, e me não seguir, não é digno de mim!'

Para exprimir a auctoridade da missão conferida aos Apos-

tolos disse-lhes, voltando-se para elles: 'Quem vos ouvir é o mesmo que se me ouviu; quem vos desprezar, desprezame; e quem me despreza não faz caso do Senhor que me enviou. O que recebe um propheta na qualidade de propheta, será recompensado como elle; e quem acolher o justo na qualidade de justo, será premiado como justo. Quem vos recebe, a mim me aceita, e A'quelle de quem venho.'

N'estas curtas phrases está qualificado o poder, que deu aos seus discipulos.

Quem os ouvir, ouve a Jesus Christo; quem os acolher, acolhe o Filho de Deus; e como a promessa diz que o Senhor estará com elles até á consummação dos seculos, não se limita aos Apostolos, mas abrange a todos os seus successores.

Estas lições, dictadas pelo mestre, no momento em que o orgulho da falsa sciencia, e as trevas da corrupção do mundo confundiam as noções do bom e do mau, do justo e do injusto, da verdade e do embuste, corroendo no horror de devassidões e tyrannias monstruosas o coração da sociedade antiga, suspendem o espirito, e espantam-o.

Estas bellas palavras de ternura e de conforto, regras divinas das acções humanas gravadas no seio da consciencia, illuminada pela nova Lei de misericordia e de perdão, separando das vaidades mundanas e dos deleites da terra os ministros da fé, que Jesus só quer que sejam ricos de boas obras e de santos pensamentos, maravilham-nos, e apresentam uma das mais formosas paginas, que a religião pode offerecer. D'esta immensa altura, d'onde domina as idéas, os costumes, e os erros da triste epocha dos Cesares e do paganismo decrepito, é que a revelação attesta o seu esplendor.

A eloquencia não tornará a fallar outra vez a linguagem admiravel, que prégou o Mestre, porque a voz de amor tão suave no seu coração, e a luz da verdade, clarissima na sua bôca, não a acha, nem a pode accender senão o proprio Deus.

Depois de Christo, muitos oradores inspirados prégaram a Lei da graça; mas o que são os seus discursos e escriptos, diante do ensino popular e da sublime simplicidade do Filho do Homem?

Palavras da terra, que um raio divino illumina! Mas as d'elle romperam a obscuridade dos tempos, venceram as ida-

des, e entranharam o convencimento no peito de rocha dos mais endurecidos.

Por este tempo, encaminhando-se Jesus a uma cidade chamada Naim, em companhia dos seus discipulos e de bastante povo, encontrou-se perto das portas com um defunto, que levavam a sepultar, e era filho unico de uma viuva.

Vinham muitos dos moradores com elle e a desgraçada mãe, á qual parecia estallar o coração a cada soluço de dôr.

Vendo-a n'esta amargura, chorando as lagrimas de sangue da sua ternura, compadeceu-se Christo, e disse-lhe: 'Não chores!'

E chegando-se, (os conductores tinham parado) tocou no esquife, e fallando para o morto, exclamou: 'Ergue-te, moço, eu t'ó ordeno!'

Apenas sahiram dos labios do Salvador estas palavras, quebrou-se o somno do que jazia, levantou-se, e começou a fallar. Jesus entregou-o então a sua mãe.

O concurso que assistiu a este prodigio era numeroso: o temor de Deus apoderou-se do animo de todos; e glorificando o Eterno, clamavam com ardor: 'Um grande propheta se levantou entre nós; o Senhor visitou o seu povo!'

CAPITULO QUINTO

PROVAS DE CHRISTO AO BAPTISTA SOBRE A DIVINDADE DA SUA MISSÃO

Et convocavit dous de discipulis suis Joannes, et misit ad Jesum, dicens; Tu es qui venturus es, an alium expectamus.

Evang. sec. Luc. cap. VII, v. 19.

A fama do milagre da resurreição do filho da viuva de Naim correu toda a Judéa, e João Baptista no seu carcere soube as obras de Christo por informação dos seus discipulos. Chamando então a dous enviou-os a Jesus para que lhe perguntassem da sua parte: 'És o que has de vir, ou ainda será outro o que esperámos?'

Foram elles, e repetiram-lhe a pergunta do Precursor: na mesma hora, e antes de responder, curou Christo a muitos

enfermos, sarando os de chagas, livrando-os do espirito maligno, e restituindo a vista aos cegos.

Depois, virando-se para os mensageiros, disse: 'Hede, e referi a João o que tendes ouvido e presenciado. Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos alimpam-se, os surdos ouvem, os mortos resurgem, e aos pobres annuncia-se-lhes o Evangelho. Bemaventurado aquelle que não se escandalisar por meu respeito!'

E assim que se retiraram começou a fallar de João ao povo, n'estes termos: 'O que fostes ver ao deserto? Uma canna sacudida do vento. Mas o que fostes ver? Um homem vestido de roupas delicadas? Sabeis que só as usam preciosas os que vivem nas delicias e moram no paço dos reis. Então o que fostes ver? Um Propheta? E com toda a certeza vol-o affirmo, ainda mais do que propheta.'

Louvando d'este modo o Precursor, Jesus accommodava-se ao entendimento e imaginação dos ouvintes, como o Baptista, enviando-lhe os seus discipulos, os quiz convencer da divindade do Messias pelo testemunho dos proprios sentidos, sendo para elle desnecessarias as provas, pois de ha muito recebêra a que lhe fôra annunciada, baptizando a Christo na ribeira do Jordão.

Continuando a fallar, o Mestre proseguiu, attestando a santidade do filho de Zacharias. 'Porque é aquelle de quem se escreveu. Mandarei o meu Anjo adiante da tua face, e elle te abrirá o caminho! Em verdade vos digo, entre os que nasceram da mulher nenhum ainda se levantou mais, do que João Baptista, mas o menor dos que moram no reino de Deus, é muito maior. E desde os dias do Baptista até agora o reino dos céus padece força, e os que violentam, são os que prevalecem. Elle é o Elias promettido.'

O povo, e os publicanos, que tinham recebido de João as aguas do baptismo, ouvindo este discurso, glorificaram o Senhor; porém os phariseus e doutores desprezaram os designios do Altissimo, applaudindo-se de não terem acreditado no Precursor.

Então, accrescentou Jesus. 'A quem direi que se assemelham os homens d'esta geração? A quem se parecem elles? Aos merinos, assentados no terreiro, que fallam de uns para os outros, e dizem: Cantamos ao som da flauta e não dançastes, cantamos, pranteando, e não chorastes! Porque veio João

Baptista que não comia pão nem bebia vinho, e murmuraes, está possesso do demonio! Veiu o Filho do Homem, que come e bebe, e murmuraes ainda, vejam o amigo dos delectes e do vinho a acompanhar com publicanos e peccadores! Mas a sabedoria foi justificada por todos os seus fil'hos.'

N'estas palavras pintou Christo as contradicções do espirito, proprias das sociedades sem fé. Os hebreus, como outros incredulos, passavam pela verdade, e não a viam. Jesus e o Baptista annunciavam os jubilos do Messias, e elles ficavam na apagada tristeza do seu orgulho.

Chamados á penitencia, não vinham, nem se arrependiam, antes fazendo gala e ostentação dos vicios, cobriam-se com o manto da sua austeridade hypocrita, e antepunham ao reino de Deus os interesses mundanos das suas seitas, e as vaidades culpadas da falsa e soberba sciencia!

Assim o entendeu Christo, quando, acabando de accusar o erro da geração, que o ouvia, exclamou contra o endurecimento das cidades, que se não arrependiam, depois de tantas maravilhas a favor d'ellas. 'Ai de ti, Corozain e Bethaida, que Tyro e Sidonio se vissem os prodigios, que te soccorreram, ha muito que se teriam humilhado ante a face do Senhor, vestidas de cilicio e cobertas de cinzas. Por isso, vos asseguro, que menos rigor se terá com ellas no dia do Juizo, do que haverá comvosco. E tu, Capharnaum, elevar-te-has porventura ao ceu? Não! Serás abatida até ao inferno, porque em Sodoma se acaso se obrassem os milagres, que tens visto, talvez ainda hoje permanecesse. Mas affirmo-te, que no dia do julgamento melhor ha de ficar Sodoma, do que tu.'

CAPITULO SEXTO

VOLTA DOS SETENTA E DOIS DISCIPULOS.

ACCÕES DE GRAÇAS DE JESUS.

Reversi sunt autem septuaginta duo cum gaudio, dicentes. Domine, etiam daemonia subjiciuntur nobis in nomine tuo.

Evang. sec. Luc. cap. X, v. 17.

Voltando, depois, os setenta e dois discipulos muito alegres, disseram a Christo. 'Senhor até os demonios se nos sujeitam pela virtude do teu nome!'

Jesus replicou. 'Eu via cahir Satanaz do ceu como um relampago. Dei-vos o poder de pizar as serpentes e os escorpões, e toda a força do iuimigo. Entretanto, submetterdes os espiritos não é o que devia alegrar-vos mais, mas sim terdes os vossos nomes escriptos no ceu.'

E exultando n'aquella mesma hora por impulsos do Espirito Santo, exclamou: 'Graças te dou, Pae, que és Senhor do ceu e da terra, por esconderes estas cousas dos sabios e entendidos, e as revelares aos pequeninos, segundo a tua vontade. Tudo me foi entregue por meu pae. E ninguem sabe quem é o Filho senão Elle, e as pessoas a quem o Filho o quizer revelar.'

Virando-se depois para os discipulos, acrescentou. 'Ditosos os olhos que vêem o que presenciaes, pois vos affirmo, que muitos reis e prophetas o desejaram, e não viram, anciaram muitos ouvil-o, e não ouviram.'

Um doutor da lei, para o tentar, observou então, levantando-se. 'Mestre, o que hei de fazer para entrar na posse da vida eterna?'

Redarguiu-lhe Jesus. 'Que é o que está escrito na Lei? Como lês tu?'

Replicou elle. 'Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao proximo como a ti mesmo.' Christo disse-lhe. 'Respondeste bem, faz isso, e viverás.'

Mas querendo justificar-se mais, o outro insistiu. 'E quem é o meu proximo?' Continuando a responder-lhe, Christo disse. 'Baixava um homem de Jerusalem a Jerichó, e cahiu nas mãos dos ladrões, que o despojaram logo de quanto levava, e tendo-o maltratado de muitas feridas retiraram-se, deixando-o por morto. Pelo mesmo caminho aconteceu vir depois um sacerdote, e apenas o descobriu em tal estado, passou de largo. Atraz seguiu-se um Levita, e chegando mais perto tambem se desviou. Mas um samaritano, que vinha de jornada, avisinhou-se e compadeceu-se. Atou-lhe as feridas, lançando-lhe em cima vinho e oleo, e collocando-o sobre o cavallo, conduziu-o a uma estalagem, e tratou d'elle. Ao outro dia tirou dois dinheiros, e deu-os ao dono da hospedaria com este recado. 'Tem me cuidado n'esse homem, e o que gastares demais, eu t'o satisfarei quando voltar. Qual dos tres julgas tu, que foi proximo do homem assaltado pelos ladrões?'

Acodiu logo o doutor. 'De certo o que usou de misericordia, soccorrendo-o.'—'N'esse caso, concluiu Jesus, vae e faz o mesmo !

CAPITULO SETIMO

MARIA MAGDALENA

Et ecce mulier, quae erat in civitate peccatrix, ut cognovit quod accubisset in domo Pharisae, attulit alabastrum unguenti
Evang. sec. Luc. cap. VII, v. 37.

Tendo-se Christo dirigido a Jerusalem para assistir á solemnidade da Pascoa, (1) a principal das tres festas annuaes dos hebreus, porque desejava dar o exemplo da observancia da Lei antiga, que mandava concorrer á cidade santa os filhos de Israel, succedeu que em Bethania, a curta distancia nos arredores, um phariseu, chamado Simão, quiz mostrar-se obsequioso com Jesus, a despeito da aversão, em que toda a seita ardia contra elle; e convidou-o para comer em sua casa.

O Mestre entrou, e sentou-se á meza.

Pouco depois, uma peccadora, que havia na cidade, sabendo que o Christo estava n'aquella morada, levou uma redoma de alabastro cheia de balsamo, e deitando-se-lhe aos pés, pelas costas, começou a regar-lh'os de lagrimas, e a enxugar-lh'os com os cabellos, beijando-os, e ungiendo-os.

Vendo isto, o phariseu, que o convidára, scismava comsi-go, 'Se elle fosse propheta saberia que mulher é a que lhe toca, e as suas culpas.'

Jesus, que lhe lia na mente, porque debalde tentariam encobrir-lhe o pensamento mais occulto, voltou-se, e disse então: 'Tenho que te dizer uma cousa.'—'Mestre, dize-a.'

'Um credor tinha dous devedores, proseguiu Jesus, um que lhe devia quinhentos dinheiros, e outro cincoenta; porém, como não tiveſse com que pagar, perdoou a divida a ambos. Qual o amaria mais?'

'Redarguiu Simão: 'Creio, de certo que ha de ser o que devia a maior quantia.

'Julgaste bem!' tornou Jesus, e virando-se para a mulher, acrescentou: 'Vês esta? Entrei em tua casa, não me dèstes agua para os pés, e ella regou'os das suas lagrimas, e en-

(1) Dizemos que esta festa era a da Pascoa seguindo a muitos interpretes.

xugou-m'os com os seus cabellos. Não me ungieste a cabeça com balsamo, e ella ungiu-me as plantas. Por isso te digo: que lhe são perdoadas muitas culpas, pelo muito que tem amado. Ao que menos se perdoa menos se ama.

Os que estavam com o Salvador á meza principiaram a murmurar: 'Quem é este para até perdoar os peccados?' Jesus, despedindo a mulher, accrescentou apenas, quasi repetindo as suas palavras, e como para responder aos juizos temerarios, 'A fé te salvou, podes ir em paz!'

O seu muito amor, disse Christo, foi o motivo da remissão da peccadora.

A fé, trazendo a Magdalena diante de Jesus, confiada em que seria infinita a divina bondade, acreditou que os braços do Salvador estão abertos para quantos o buscam arrependidos. Regando de lagrimas os pés do Messias, a mulher de má vida foi a primeira que chamou por elle e invocou o seu poder, não para as molestias do corpo, mas para as enfermidades da alma, e para as nodoas da culpa, proclamando-o, no verdadeiro sentido do holocausto sublime, por Victima e Redemptor dos homens, character que desconheciam, ou negavam, até os mesmos que o veneravam como propheta.

Por isso, á meza de Simão, os convivas perguntaram uns aos outros, meios pasmados, meios offendidos, 'Quem é este para perdoar até os peccados?'

Por isso, tambem, ouvimos o Christo despedir a peccadora com as bellas palavras: 'A fé te salvou, podes ir em paz!'

Testemunho publico e admiravel da contricção e da confiança em Deus, mostrando o Salvador assim aos inclinados ás murmurações, que não obteriam nunca a remissão das culpas se não cressem, como ella, com as forças todas da alma, e não amassem com a maior ternura do coração. (2)

(2) Segundo o douto Lacheze na sua Vida de Christo, e a opinião respeitavel do padre Ligny na Historia de Jesus, entendemos que Maria Magdalena é a mesma pessoa, e não outra, que Maria irmã de Lazaro. Se o espaço de que dispomos, nos permittisse apresentar algumas das razões dos escriptores, cujo parecer adoptamos, estamos certos, de que os leitores não hesitariam. Como, porém, a demonstração não possa fazer-se tão concisa, que venha acabar nas curtas proporções de uma nota de pagina limitar-nos hemos a inculcar as duas obras já citadas, aonde se verá o assumpto magistralmente tratado.

CAPITULO OUTAVO

OBSERVANCIA DO SABBADO. A MÃO RESEQUIDA

Factum est autem in sabbato secundo primo cum transiret per sata, vallebant discipuli ejus spicias, et manducabant confri-cantes manibus.

Evang. sec. Luc. cap. 6, v. 1.

Um dia (1), (o primeiro do segundo sabbado depois da Pascoa) succedeu passar Jesus, a hora e meia de jornada da cidade de Caná de Galiléa, por uma varzea coberta de searas já maduras; os discipulos apanhavam das espigas, e comiam-as machucando-as na mão.

Vendo isto alguns dos phariseus acudiram logo: 'Porque fazeis o que é prohibido ao sabbado? Respondeu-lhe Jesus pacificamente: 'Não lestes o que praticou David, quando teve fome, mais os que se achavam ao lado d'elle? Como entro u na casa de Deus, tomou os pães da proposição, e os cortou para si e para os seus, quando, segundo o preceito, não podiam comer d'elles senão os sacerdotes?'

Depois, accrescentou. 'O sabbado foi feito em contemplação do homem, e não o homem em contemplação do sabbado. Não tendes lido na Lei, que os sacerdotes quebrantam o sabbado no Templo, e não commettem crime? Pois digo-vos, aqui está quem é maior do que o Templo, porque o Filho do Homem é Senhor até do sabbado.'

Sahindo da varzea, aonde os discipulos apanharam as espigas, aconteceu, em outro sabbado, entrar Jesus na Synagoga, principiar a ensinar, e achar-se lá um homem com a mão direita resequida.

Da outra parte os scribas e phariseus observavam, a verem se Christo curava no dia sanctificado, dando-lhes pretexto para o accusarem.

(1) Os judeus contavam tudo por sete, regulando-se pelos sete dias da sua semana; e assim como tinham um anno sabbatico, tinham tambem semanas da mesma natureza, podendo o anno compor-se de sete d'estas, com o desconto de tres d'essas e alguns dias. (Lacheze—Vida de Christo) Assim para inteira intelligencia da phrase de S. Lucas (cap. VI, v. 1—5) deve dizer-se que o successo occorreu no primeiro sabbado do segundo periodo de sete semanas, contadas desde a festa maior da Pascoa. Aceito este calculo as difficuldades applanam-se, e os actos ligam-se por si mesmo na verdadeira serie chronologica.

Porém o Mestre conhecendo o mau pensamento, virou-se para o enfermo, e disse: 'Levanta-te, e põe-te em pé no meio.' Elle obedeceu, e estando assim, o Salvador voltou-se para os phariseus, e ajuntou: 'Pergunto-vos, se é licito aos sabbados fazer bem ou mal, salvar a vida ou tiral-a?'

E depois, correndo a vista por todos, disse para o homem: 'Estende a mão!' Apenas a estendeu, sentiu-a restituída.

A raiva dos hypocritas augmentou perante o castigo publico da vaidade. Incapazes de responderem ás razões e á voz da Sabedoria Divina, em machinações occultas é que se vingavam do silencio e da vergonha.

Jesus, por occasião d'este milagre, tinha-lhes dito. 'Qual de vós, ao sabbado, se lhe cahir n'uma cova a sua ovelha, não deitará a mão para a tirar? E um homem não valerá mais do que uma ovelha? Logo é licito fazer bem ao sabbado.'

Que replica podiam oppor a doutrina tão verdadeira e caridosa?

Diriam que o nome de Deus se acatava deixando morrer, ou padecer o proximo?

Emudeceram confundidos, mas nos abysmos do coração a maldade e o odio levantaram clamores ferozes.

Tantos prodigios e sabedoria podiam ser puramente humanos? Que importa? Obsecados pela inveja, e endurecidos pelo orgulho, assentaram na sua alma desenfream as perseguições contra Jesus, e livrarem-se do seu testemunho a todo o custo, e calcando tudo aos pés.

Como ainda não fosse chegada a hora, retirou-se o Salvador, acompanhado de innumeravel povo, curando a cada passo os enfermos, e recommendando-lhes o silencio sobre os milagres, em cumprimento das palavras de Isaias. 'Eis o meu servo, o meu eleito, o que faz o jubilo da minha alma, o recreio do meu espirito, elle annunciará a justiça ás gentes. Não alçará a voz nas praças, clamando. Não quebrará a canna trilhada, nem apagará o pavio fumoso, em quanto não fizer triumphar a justiça.'

CAPITULO NONO

O PECCADO CONTRA O ESPIRITO SANTO

Et omnis, qui dicit verbum in Filium hominis, remittetur illi; ei autem, qui in Spiritum Sanctum blasphemaverit, non remittetur.

Evang. sec. Luc. cap. XII, v. 10.

Jesus e os discipulos voltaram á pousada de Capharnaum para descansar, mas tanta era a gente, que vinha, que nem o deixava restaurar as forças com o alimento.

Sabendo isto, sahiram os seus parentes para o prenderem, dizendo: 'Jesus de certo está furioso!'

Não podiam crer, na sua simplicidade, que fosse propheta e obrasse milagres, aquelle, que tinha crescido no meio d'elles, como igual; e entendiam, que perdendo o juizo, o dever do sangue e da amizade os obrigava a correrem para o salvar.

Como não viam os prodigios de Christo, e não julgavam possível que surgisse da obscuridade repentinamente um ente extraordinario, de boa fé suppunham que lhe valiam, livrando-o de si mesmo.

Entretanto, não consta que os parentes do Salvador insistissem no seu projecto; as Memorias Evangelicas não tornam a fallar d'elles, ignorando-se per que modo o Mestre soube contel-os. Unicamente póde concluir-se, que a Mãe de Jesus não estava presente, quando chamavam louco ao Messias, porque a encontraremos logo com os discipulos, ou perto de seu Filho.

N'este dia é que apresentaram a Jesus um possesso mudo e cego de nascença, e que este, curando-o, lhe deu a luz dos olhos e a falla, subitamente.

Assombrado o povo, exclamava: 'Não será filho de David?' Mas os scribas e phariseus, que tinham baixado de Jerusalem, diziam agora, como já haviam dito antes: 'Está possesso de Belzebut; em virtude do principe das trevas é que expelle os demonios!'

Outros, para o experimentarem, pediam-lhe milagres. Penetrando os designios de uns, e a perfidia dos outros, Jesus chamou-os, e disse-lhes em parabolás:

‘Como ha de Satanaz lançar fóra a Satanaz? Se um reino se dividir pôde acaso conservar-se; se uma casa estiver em discordia, durará? Satanaz, levantando-se contra si, desbarata-se, e não pôde subsistir.’

‘Quem entrará em casa do valente a roubar-lhe os trastes, se primeiro o não tiver bem amarrado?’

‘Se lanço fóra os demonios em virtude de Belzebut, por virtude de quem o expellem vossos filhos? Eis a razão por que elles não de ser os vossos juizes. Mas se eu expulso o espirito das trevas por obra e virtude do Espirito Divino, é porque chegou o reino de Deus. O que não é comigo é contra mim: e o que não ajunta comigo, desperdiça.’

‘Por tanto vos digo: todo o peccado e blasphemia serão perdoados menos a blasphemia contra o Espirito Santo. Ao que disser palavra offensiva do Filho do Homem ser-lhe-ha relevada; mas se a disser contra o Espirito Santo, nem n’este mundo, nem no outro, alcançará perdão. Ou farei a arvore boa e o fructo bom, ou a arvore má e o fructo mau; pois a arvore pelo fructo se conhece. Raça de viboras, como podeis dizer cousas boas sendo maus? Não falla a bôca d’aquillo de que está cheio o coração?’

Discorrendo assim, e amaldiçoando o peccado contra o Espirito Santo, não se referia á terceira pessoa da Santissima Trindade, mas ao Espirito de Deus, auctor das maravilhas obradas. A accusação dos phariseus é que nos indica o peccado, tão severamente estigmatizado pelo Salvador.

Com o peito repassado de venenosa inveja os sectarios attribuiam ao demonio os prodigios de Christo; por isso Christo, condemnando a calumnia e a blasphemia, levanta sobre elles os castigos eternos.

Os hypocritas, quando os demonios eram expellidos por outros, não diziam, que o poder de Deus os affugentava? Como variavam agora, e só para as obras do Messias descobriam a invenção da força de Satan, provando publicamente a parcialidade iniqua?

Eis o motivo, por que o Salvador lhes lança em rosto a maldade, e os compara com a vibora, que morde nas trevas, e insinua a peçonha.

‘Raça de viboras, exclamou, não exprime a bôca o que sente o coração?’

E proseguindo abrazado em santo zêlo, accrescentou: ‘Os

justos extrahem cousas boas do bom thesouro ; mas os perversos, do mau thesouro só tiram maldades. Asseguro-vos, que de toda a palavra ociosa, que fallarem os homens, se dará conta no dia do Juizo ; porque as palavras te hão de justificar, ou te servirão de condemnação.

Replicaram alguns dos scribas e phariseus, para o tentarem : 'Mestre, queriamos ver-te fazer algum milagre !'

Jesus respondeu : 'Esta geração má e adúltera pede um prodigio ; mas não lhe será dado senão o prodigio de Jonas ; do mesmo modo, que tres dias e tres noutes elle jazeu no ventre da baleia : outros tantos estará o Filho do Homem no coração da terra. Os habitantes de Ninive hão de levantar-se no dia do Juizo com esta geração para a condemnarem ; porque ouvindo o Propheta arrependeram-se. E está n'este logar quem é mais do que elle ! A rainha do Meio-dia levantar-se-ha no julgamento com os homens d'este tempo, e os condemnará, porque das extremidades da terra veiu escutar a sabedoria de Salomão, e n'este logar está quem é mais do que Salomão.

'Quando o espirito immundo sahiu de qualquer homem, corre os sitios seccos, buscando repouso, e não o acha, e então diz : voltarei para a casa d'onde sahi : e em vindo, acha-a desoccupada, varrida e ornada. Junta-se com outros sete espiritos peiores, e tornando a entrar, todos habitam ali : por isso o ultimo estado do possesso é mais infeliz do que o primeiro. Assim acontecerá a esta geração criminosa.

Estando ainda a fallar, achavam-se da parte de fóra sua Mãe e parentes, que o procuravam, e um dos ouvintes disse-lhe : 'Olha que tua mãe, e os teus, estão ahi e te procuram.'

Jesus, voltando-se, respondeu : 'Quem é minha mãe, e quem são os meus?' E estendendo a mão para os discipulos, disse : 'Eis ali minha Mãe e meus irmãos. Todo aquelle que fizer a vontade de meu Pae, que está nos céus, é meu irmão, e irmã, e mãe.'

Doce promessa, diz S. Gregorio, que nos assegura o amor de irmão da parte de Jesus Christo !

O ensino das verdades da sua Lei é que nos tornará quasi outra mãe para com elle, segundo a formosa expressão de S. Paulo aos Galatas : 'Tenros filhos meus, porque de novo sinto

por vós as dores maternas, até que Jesus Christo se forme em vós!

No meio da admiração, causada pela divina eloquencia do Mestre, e na singeleza do seu coração crente, uma mulher do povo levantou a voz para o abençoar, exclamando: 'Bem-aventurado o ventre de tua mãe, e os peitos que te crearam! Mas Jesus, resumindo os preceitos capitães do Evangelho, disse-lhe: 'Bemaventurados antes os que ouvem a palavra de Deus, e sabem cumpril-a com boas obras.'

Em tão curtas phrases quem poderia significar mais?

CAPITULO DECIMO

VOLTA DOS APOSTOLOS. PARABOLAS DO REINO DE DEUS

Et docebat eos in parabolis multa, et dicebat illis in doctrina sua.

Evâng. sec. Marc. cap. IV, v. 2.

N'aquelle mesmo dia, sahindo Christo de casa, foi até á praia de Genesareth, e collocando-se á beira do mar, era tanta a multidão em roda d'elle, que se viu obrigado a entrar para dentro de uma barça, e a desviar-se, ensinando do mar aos numerosos ouvintes, que se apinhavam nas margens para o escutarem; e fallando-lhes em parabolás, segundo o seu modo de prégár.

Jesus preferia a linguagem figurada, por ser a que melhor attrahe a imaginação do povo, e por meio de ficções vivas e apropriadas, entalhava nos animos a doutrina e o preceito, juntando o util ao agradável, e adoçando o rigor das máximas com a amenidade da palavra.

O sentido das suas figuras, umas vezes é tão claro, que a moralidade transparece por todo o tecido da fabula, e n'outras, o conceito de proposito escapa á penetração pouco subtil.

Assim o vimos na pratica antecedente representando o demonio n'aquelle homem forte, que armado fecha a entrada da sua porta. Assim o veremos na parabola do semeador, que é figura do reino de Deus, e na dos cavadores da vinha, indicando a hora boa do arrependimento, que mesmo tarde, sempre encontra de braços abertos a misericordia.

Estando pois dentro da barca, e a multidão em terra, começou a ensinal-a da maneira seguinte: 'Ouvi! Uma vez um sementeiro foi semear: e ao tempo que lançava a semente, parte d'ella cahiu-lhe no caminho, e vieram as aves do céu, e comeram-a. Outra parte, cahiu-lhe sobre pedras, com pouca terra, e logo nasceu, porque não achou profundidade: mas apenas veiu o sol principiou a queimar-se, e como não tinha raiz, seccou-se toda. Da que ficou ainda, alguma se perdeu entre os espinhos, e estes crescendo a afogaram. Finalmente, o resto, cahindo em boa terra, deu fructo, que vingou, rendendo um grão trinta, outro sessenta, e outro cem. Quem poder perceber que entenda!'

Assim que se viram a sós com elle os doze Apostolos perguntaram-lhe a significação da parabola, e elle disse-lhes: 'A vós é permittido saber o mysterio do reino de Deus: mas aos de fora propõe-se-lhes tudo por imagens, para que olhando, não vejam, e ouvindo, não percebam; pois ao que já tem ha de dar-se-lhe, até ficar abundante, mas ao que nada tem, até o que possuiu lhe será tirado. E n'elles se cumpre a prophesia de Isaias, quando diz: Ouvireis com os ouvidos, e não entendereis, olhareis com os olhos, e não vereis,—porque o coração d'este povo fez-se pezado, os seus ouvidos tornaram-se tardos, e de proposito fechou os olhos, e falla-se-lhes em parabolos para não succeder, que vejam, e ouçam, e entendam.'

E continuando, disse mais:

'Não comprehendéis esta parabola? Como entendereis as outras? O que semêa, semêa a palavra, os que estão á beira do caminho, dos quaes é semeada, são os que tendo-a ouvido, não a guardam e vem Satan, e lh'a arranca do coração.'

'O mesmo são aquelles, qua recebem a semente em pedregulho, acolhendo-a com gosto; mas como não tem raiz em si mesmos, mal se levanta a perseguição deixam de perseverar, e escandalisam-se.'

'Os que recebem a semente entre espinhos são os que ouvem a palavra; porém entram logo com elles as fadigas do seculo, a illusão das riquezas, e outras paixões, e afogam-a de modo, que fica esteril.'

'A semente em boa terra figura, em fim, os que ouvem a palavra e a conservam, (1) e dão fructo multiplicado de um a cem.'

(1) As palavras de que nos servimos aqui, são dos tres Evangelistas, e resu-

E proseguindo, accrescentou mais: 'Por ventura a lucerna accende-se para a metterem debaixo do alqueire, ou debaixo da cama? Não a trazem para ser posta em cima do candieiro? Não ha cousa escondida, que não venha a manifestar-se, nem caso occulto, que não chegue a tornar-se publico.'

Fallando do reino de Deus. ajuntou: 'Attendei ao que vou dizer! Com a medida com que medirdes os outros, vos hão de medir tambem a vós; e ainda será accrescentada. O reino de Deus é como o homem que lança a semente á terra, e que dorme e se levanta de noite e de dia, e no entanto ella brota e cresce sem saber como; porque a terra por si mesma produz, primeiro a herva, depois a espiga, e por ultimo o grão. E quando produzir os fructos mette logo a fouce, porque está chegada a epocha de seifar.'

E mudando de fôrma para variar o assumpto, disse ainda Jesus; 'A que assemelharemos nós o reino de Deus, ou com que parabola o podemos comparar? É como um grão de mostarda, que ao deitar-se á terra, é a menor de todas as sementes: mas que depois de semeado cresce, e faz-se mais alto do que as maiores hortaliças, creando ramos grandes, de modo que as aves podem pousar-se á sombra d'elles.'

'E tambem se assemelha ao fermento, que tomou uma mulher, escondendo-o em tres medidas de farinha até a massa ser levedada.'

E não cessando de propor parabolâs, continuou: 'O reino do céu é como o homem, que enterrou boa semente no seu campo; mas em quanto elle e os outros dormiam, veio o seu inimigo, semeou cizania no meio do trigo e foi-se. Crescendo a erva, e dando fructo, appareceu tambem a má planta. En-

mem o sentido da parabola. «Entender a palavra.» é ouvil-a, e applicar-lhe o espirito com gravidade, sem o que não penetrará no coração, e ficará á beira do caminho, vindo as aves do céu tiral-a.

«Receber a palavra» é acolhel-a em toda a sua extensão, das veras d'alma, sem restricções ou paliativos, originados de humanos respeitos, dispondo-se com sinceridade a seguil-a com proveito.

Os escravos do mundo, diz um douto escriptor, apenas chegam os beiços ao calix de Jesus Christo, fogem de o beber, e quando vem a tribulação não os encontra, porque a palavra secco: nas pedras.

«Conserval-a», finalmente, não só é entendel-a, e seguil-a, desprezando respeitos humanos; mas amoldar por ella a vida, mortificando as paixões, e sendo fiel aos seus preceitos, para não succeder que os espinhos dos vicios tanto cresçam, que cheguem a afogal-al. E senão veja-se, como foram poucos os perseverantes nas epochas de provação, e numerosos os que fugiram por orgulho e desprezo, por timidez do mundo, ou com o susto de não poderem com a sua austeridade salutar!

tão os servos chegaram, perguntando: Por ventura, senhor, não enterraste boa semente no teu campo? D'onde veio, pois, a cizania, que cresceu? E elle disse-lhes: O meu inimigo o fez. Mas os servos tornaram-lhe: Queres que vamos, e a arranquemos? Respondeu: Não. Porque não succeda, que tirando a cizania leveis tambem de envolta o trigo. Deixae crescer uma e outra cousa até á seifa, e então direi aos ceifeiros: colhei primeiro a cizania, atai-a em molhos para a queimar, e o trigo recolhei-o no meu celleiro.'

E os discipulos, apenas desembarcaram, e se viram desopprimidos da multidão, interrogavam a Jesus, pedindo-lhe a explicação das figuras, que acabavam de ouvir; e o Mestre, accedendo como já observamos na parabola do sementeiro, patenteava-lhes o sentido occulto das palavras, dizendo-lhes:

'O que semêa a boa semente é o Filho do Homem. O campo é o mundo: e a boa semente os filhos do reino. Os ceifeiros são os Anjos e a cizania os maus filhos. O inimigo que a semeou, é o demonio, e o tempo da ceifa o fim do mundo. De modo, que assim como é colhida a cizania e queimada no fogo, o mesmo acontecerá no fim do mundo. Enviarã o Filho do Homem os seus Anjos, e tirarão do reino os escandalos, e os que obram iniquidade, lançando-os na fornalha ardente, aonde haverá eterno choro. E os justos resplandecerão, como o sol, no reino de seu Pae.'

'O reino do ceu parece-se com um thesouro escondido no campo, o qual encobre o homem, que o descobriu: e pelo gosto vende tudo para comprar o campo, em que o achou.'

'É como o negociante, que busca boas perolas, e apparecendo-lhe uma de grande preço, vende quanto possue, afim de a comprar.'

'Finalmente assemelha-se á rede lançada no mar, que apanha toda a casta de peixes, e depois de cheia se tira para fóra, e sentados os pescadores na praia, escolhem os bons para os vasos, e deitam fóra os maus. O mesmo succederá no fim do mundo. Sahirão os Anjos, separando os maus dos justos.'

E concluindo, voltou-se para os discipulos, dizendo: 'Comprehendestes bem o que ouvistes?' Elles responderam: 'Sim!'

Jesus, acrescentou: 'Por isso o doutor instruido no que respeita ao reino dos céus é semelhante ao pae de familias, que do seu thesouro tira cousas novas e velhas.'

E acabando de fallar, retirou-se, deixando pouco tempo depois estes logares para volver a Nazareth, aonde fôra creado, e aonde os discipulos o acompanharam.

CAPITULO UNDECIMO

JESUS É EXPULSO PELOS NAZARENOS

✓ Et scandalisabuntur in eo. Jesus autem dixit eis: Non est propheta sine honore, nisi in patria sua, et in domo sua.

Evang. sec. Math. cap. 13, v. 57.

Achando-se Jesus na sua patria, entrou na synagoga em dia de sabbado, segundo o seu costume, e levantou-se, para ler.

Deram-lhe o livro de Isaias: e quando o desenrolou, abriu-se no logar em que está escripto: 'O Espirito do Senhor repousou sobre mim: pelo que me consagrou com a sua unção, enviando-me a prégár o Evangelho aos pobres, a sarar os que padeciam tristezas, a annuciar a redempção aos captivos, a dar a vista aos cegos, e a por em liberdade os oppressos, publicando o anno das misericordias do Senhor, e o dia da retribuição das boas obras.'

Depois de tornar a enrolar o livro, Christo entregou-o ao ministro, e assentou-se. Quantos assistiam na synagoga áquella hora não despregavam os olhos do seu rosto.

Então principiou a fallar, dizendo: 'Hoje se cumpriu esta escriptura aos vossos ouvidos.' E davam-lhe todos testemunho, admirando-se da graça das palavras, que sahiam da sua boca, e perguntando em louvor do Mestre: 'Não é este o filho de José?'

Mas Jesus, proseguindo, observou logo: 'Sem duvida que me applicareis este proverbio: medico, cura-te a ti mesmo. Todas as grandes cousas, que ouvimos contar, que fizeste em Capharnaum, faze-as tambem aqui, na tua patria. Em verdade vos digo: Nenhum propheta é bem acceto na sua terra!'

'Muitas viúvas havia em Israel nos dias de Elias, quando o ceu se fechou por tres annos e seis mezes, e uma fome cruel assolou o paiz; e a nenhuma d'ellas foi enviado Elias, senão a uma mulher de Sarepta de Sidonia.'

'Muitos leprosos existiam em Israel no tempo do propheta Eliseu; mas nenhum foi limpo, senão Naaman da Syria.'

Ouvindo isto encheram-se de ira os da synagoga, e erguendo-se deitaram-o fóra da cidade, conduzindo-o mesmo ao cume do monte, em que está levantada a cidade, afim de o precipitarem d'elle abaixo; mas Jesus, passando pelo meio dos amotinados, retirou-se, repetindo: 'Um propheta só deixa de ser honrado na sua patria, e na sua casa, no meio dos seus parentes!'

E de feito a incredulidade confortava-se com a inveja e o despeito dos que, não podendo soffrer a supremacia do Messias, cuidavam confundil-o, recordando a humildade d'onde se erguera.

Sem descanso clamavam os hypocritas: 'Não é este o official, filho de Maria, irmão de Thiago e de José, de Judas e de Simão? Não vivem aqui seus irmãos entre nós? Como nos falla pois assim?'

E d'estas murmurações tiravam pretexto para alvoroçarem os animos contra Christo. (*)

CAPITULO DUODECIMO

DEGOLAÇÃO DO BAPTISTA

Et allatum est caput ejus in disco, et datum est puellae, et attulit matri suae.

Evang. sec. Math. cap. XIV, v. 11.

A Galiléa, o logar dos grandes prodigios obrados por Christo, obedecia a Philippe, que se chamou tambem Herodes, (1) naturalmente em memoria do soberbo fundador da dynastia Ascalonita.

Este, receioso, como o irmão de Salomé, e não menos desconfiado e ciumento, cedendo ás proprias suspeitas e ás suggestões da mulher, que roubára por um crime ao thalamo fraterno, tinha mandado prender a João Baptista, e encerrando-o primeiro nos carceres do castello de Macheronte, a quarenta leguas da sua provincia, com esta violencia applicára as maiores furias de Herodias, e os temores com que a

(*) Thiago e José, Judas e Simão eram filhos de Maria de Cleophas, irmã da Virgem Santissima (S. João Evang. cap. XIX. v. 25).

(1) Seguimos aqui a opinião do erudito Lacheze na sua Vida de Jesus Christo.

austera voz do Precursor não cessava de lhe atribular a consciencia.

Mas para as indoles prevertidas, descer um degrau pela escada do abysmo, equivale a descer todos!

A sêde do sangue, depois do captiveiro do Justo, ardêra ainda mais intensa no peito da adúltera; todas as seducções, que a belleza e os deleites sensuaes podiam inventar, suggeridos pela vingança, foram empregados por ella afim de combater no animo do amante os respeitos, que lhe suspendiam o braço, e o desviavam de se manchar com uma sentença iniqua, dictada na ebriedade dos prazeres, contra o brado intimo da sua alma.

Quebrando os vinculos da lei e do sangue, e com publica affronta d'elles todos, rasgando o veu do pejo e dos costumes, o Tethrarcha não se envergonhára de fazer gala da paixão desenfreada. De desacato em desacato, o amor tinha-o baixado tanto, que pouco lhe restava já para se envilecer de todo. Mas embora o queimasse a chamma impura, embora o poder nas suas mãos se houvesse convertido em vara de ferro contra a virtude, o nome de João nunca tinha deixado de lhe inspirar veneração, e nunca por vontade propria daria o martyrio por corôa final á gloria do Precursor.

Para o impellir e o precipitar foi necessario, que o odio espreitasse um instante de delirio, e ousando tudo, não duvidasse ensanguentar os risos, as danças, e as festas das horas perdidas de volupia e sensualidade (2).

Narrando a prisão do Baptista, e imputando-a ao receio do immenso ascendente, que de dia para dia Herodes via alcançar ao penitente do deserto, o historiador Josepho descobriu-nos uma das causas da tragedia. A outra encontra-se clara no dizer dos tres Evangelistas.

A ambição, o medo e o rancor deram, pois, as mãos, indigitando a victima:

D'ahi em diante só se esperava pela occasião; e essa, em uma vida desregrada, e cega de vicios, nunca se demora para o mal.

Herodes, escravo das paixões, podia resistir, mas não prevalecer.

Por um lado temia a João, não se julgando seguro em

(2) Flavio Joseph—Hist. Ant. Lib. XVII, cap. 7.

quanto elle estivesse vivo, e a sua voz soasse no meio do povo; por outro, abrazava-se no amor de Herodias, e pagando-lhe a vergonha e o remorso do crime. em mercês e brindes, não dependia do seu arbitrio romper o pacto, e salvar da sua ira paciente, mas inexoravel, a cabeça do propheta, que tantas vezes a fizera tremer, levantando diante do adulterio incestuoso o espectro das iras divinas, e os desprezos e imprecações dos homens.

Talvez mesmo, que o susto de algum motim no povo, admirador ardente das virtudes de João, houvesse reprimido por mais tempo, do que esperavam, a ferocidade em Herodias, e a complacencia no Tetrarcha.

Em fim chegou o dia.

Uma filha, ainda menina, serviu de instrumento das vinganças. Como a santidade é estimada, mas não querida no governo dos maus, a vida do Precursor, vendida em um rapto de deleite, recompensou os passos lascivos e as posições sensuaes de uma bailarina, amestrada para esconder entre graças e sorrisos, entre requebros e grinaldas o pensamento de morte, que lhe fôra insinuado por sua mãe.

Celebravam-se os annos de Herodes; e os cortezãos convidados ao banquete cercavam o principe, não poupando modo de se lhe tornarem acceitos e agradaveis.

Os manjares, as danças e os cantos offereciam a cada um dos sentidos novas seducções; e já parecia que estava a esgotar-se a taça, quando a filha de Herodias entrou no baile, levando atraz de si arrebatados os olhos e aisenção de quantos a admiravam.

Era um prodigio de ligeireza graciosa, de enlevo, e de formosura fascinante!

Ebrio, louco, como todos os que o rodeavam, Herodes nos deslumbramentos do primeiro jubilo, ergue-se impetuoso, e jura dar-lhe o que ella pedisse em premio.

A mãe não se achava presente. Armado o laço, não quizera ferir os usos da nação, tomando parte no festim, cousa vedada ás mulheres sob pretexto de recato.

‘Pede o que quizeres, exclamava Herodes, e seja o que for, mesmo a metade do meu reino, está concedido, é teu!’

A donzella, cujo seio arfava de cansaço, e palpitava com as animadas commoções do seu triumpho, desbotou-se momentaneamente o rubor das faces inflammadas, e por

um instante pendeu-lhe a formosa fronte sobre o peito. É que os lábios de rosa, e o coração ainda novo no crime, esmoreciam de horror, obrigados a macularem-se de sangue.

Foi-lhe necessario até sahir da salla, para recobrar as forças no odio de sua mãe: e só depois que a preversidade d'ella passou pela serenidade da sua alma, alterando-a é que se atreveu a voltar, e responder: 'Quero que me deis n'um prato a cabeça de João Baptista!'

O Tetrarcha entristeceu-se de a ouvir: mas o imprudente juramento tinha sido publico, e para não se mostrar fraco perante os convidados, e ao mesmo tempo para não ultrajar por uma recusa a filha da mulher, que tanto amava, ordenou a um dos guardas, que baixasse á prizão, e trouxesse n'uma salva a cabeça do Baptista.

O soldado obedeceu, e degolando o santo no seu carcere, voltou á sala trazendo o ensanguentado trophéu, que a filha de Herodes obtivera a instancias de sua mãe.

D'este modo cahiu debaixo da espada de um sicario aquella nobre cabeça, concedida em recompensa de uma dança ás aversões implacaveis de uma mulher sem pudor nem crenças! (1)

Sabendo da morte de seu mestre, os discipulos de João vieram buscar o corpo e sepultaram-o, contando depois a Jesus o que tinha acontecido.

Mas o espirito de Herodes, consummado o crime, não ficou tranquillo. Os remorsos perseguiram as suas vigílias: e quando o nome de Christo chegou aos seus ouvidos, com o espanto dos prodigios, que obrava, o tyranno revelou o terror occulto da sua alma, dizendo aos que o rodeavam: 'De certo é João Baptista que resuscitou dos mortos: por isso tantos milagres apregoam o seu poder.' Outros clamavam: 'É Elias! É propheta como um dos prophetas!'

O Tetrarcha, perturbado murmurava, porém, comsigo: 'Eu

(1) O padre Lallemand acha pouco facil a concordancia dos Evangelistas relativamente á prizão e morte do Baptista com a narração profana do historiadador Flavio Joseph. O auctor hebreu não nos diz, que Heroditas era mulher de Herodes, quando os Evangelistas asseguram, que o irmão de Tetrarcha se chamava Philippe? De mais não nos contam os Evangelhos, que S. João foi decapitado durante o festim dos annos de Herodes, e por isso na Galilea, ao passo que Joseph afirma positivamente, que o Baptista foi encarcerado no castello de Macheronte, a quarenta leguas d'aquella provincia?

Estes dissentimentos contudo, como nota o douto Lacheze, são mais apparentes, do que verdadeiros. Não podia Philippe, em Roma, onde se achava,

mandei degolar a João. Quem é, pois, este de quem ouço semelhantes cousas?

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

MULTIPLICAÇÃO DOS CINCO PÃES. JESUS E PEDRO SOBRE AS AGUAS

Jesus autem dixit eis: Non habent necesse ire: date illis vos manducare.

Responderunt ei: Non habemus hic nisi quinque panes, et: duos pisces.

Evang. sec. Matth. cap. 14, v. 16 e 17.

Recebendo a noticia do martyrio de João, o Messias retirou-se do lugar, aonde estava, e embarcando-se, buscou um sitio apartado e solitario; mas o povo, ouvindo isto, vinha das cidades, e hia-o seguindo a pé.

Quando saltou em terra, na margem de Tiberiade, e pisou a terra deserta do districto de Bethsaida, já o Mestre encontrou um numeroso concurso, que o esperava, e compadecendo-se, curou os enfermos, e ensinou os sãos.

Sobre a tarde chegaram-se os discipulos a elle, e disseram-lhe: 'O lugar é deshabitado, e a hora corre adiantada. Deixa ir essa gente para que passe ás aldeias, e compre de comer.'

Christo respondeu: 'Não tem necessidade de ir: dae-lhe vós outros o alimento.'—'Como?' replicaram. Será preciso que levemos duzentos dinheiros para lhes comprar pão, que chegue:—'Quantos tendes?' disse Jesus. Ide e vede!

Depois de examinarem, tornaram, dizendo: 'Cinco pães, e dous peixes!'

'Trazei-os cá,' insistiu o Mestre.

E do cume do monte, aonde subira e se assentára com os Apostolos, correndo a vista pela multidão de cinco mil pes-

ajuntar ao seu o nome de Herodes, respeitado pelos conquistadores, e conhecido pelo ostentoso epitheto de «Grande?» Quanto ao lugar da morte do Baptista, da qual Josepho não falla, o que impedia Herodes de encerrar o santo, primeiro em Macheronte, e de o transportar depois á Galiléa? Se o temor da influencia popular do austero peitente dominava o espirito da Tetrarcha, razão de mais para nunca perder de vista o prezo.

soas, que a sede da palavra distrahiria dos estímulos das necessidades corpóreas, disse: 'Mandae-os recostar na relva!'

Assim se fez, e todos se separaram em ranchos de cem, e cento e cincoenta.

Então, o Salvador, tomando os cinco pães e os dous peixes, com os olhos no céu, abençoou e partiu os pães, dando-os aos discipulos para os distribuirem, e repartiu também os peixes.

Todos comeram e ficaram satisfeitos; e do que sebejou levantaram-se doze cestos cheios. O povo assombrado repetia: 'Este é verdadeiramente o propheta, que devia vir ao mundo!'

Por estas e outras vozes que lhes arrancava a admiração do milagre presenciado, receiando Jesus que aquella gente, em algum tumulto, o acclamasse rei, mandou aos discipulos, que se embarcassem, e adiante d'elle atravessassem para Capharnaum, na outra banda do lago, em quanto não despedia a multidão, e não se retirava só ao monte para orar, o que praticou.

Desceu, entretanto, a noite, cerrou-se o escuro, e as ondas principiaram a crescer e a impolar-se por causa do vento rijo que soprava.

A barca, em que vinham os discipulos, navegava, combatendo com o mar, e tendo-se adiantado vinte e cinco, ou trinta estadios, viram os de dentro a Jesus, andando sobre as aguas, e aproximando-se, o que os atemorizou muito.

Mas elle, percebendo o seu pavor, disse-lhes: 'Sou eu; não receieis!'

Quando succedeu isto seria a quarta vigilia da noite, ou tres horas da madrugada.

Pedro, animando-se, respondeu então: 'Senhor, se és tu, manda que vá ter contigo por cima das ondas!' Christo re-darguiu: 'Vem!'

Descendo o Apostolo do barco, hia caminhando sobre as vagas, quando se assustou com a furia do vento; e faltando-lhe a fé, faltou-lhe também ao mesmo tempo a resistencia da agua debaixo dos pés, sentindo-se quasi submergido, e gritando: 'Senhor, salva-me!'

Estendendo a mão, Jesus tomou-o logo por ella, e o reprehendeu, dizendo: 'Homem de pouca fé, por que duvidaste?'

Entraram então ambos, e apenas se assentaram socegou o

vento, e os que estavam, e viram o prodigio, acudiram a adorar-o, exclamando: 'Em verdade, que és o Filho de Deus!'

Depois de passarem para a outra banda, saltaram em terra, e encaminharam-se direitos a Genesareth (1).

(1) Observam aqui os interpretes alguma difficuldade, porque se um dos Evangelistas diz que os Apostolos, embarcando, foram a Capharnaum, outro faz aportar a barca a Genesareth. Entretanto concordam todos, em que Jesus foi aos dous logares, que eram proximos. Os interpretes dividem-se, discorrendo sobre qual d'eilles visitou primeiro. Já se vê, que o litigio merece pouco ás horas da larga polemica, a que tem servido de motivo.

LIVRO QUARTO

VIDA DE JESUS CHRISTO

VIDA EVANGELICA

PARTE III

SEGUNDA EPOCHA

DA SEGUNDA ATE' A' ULTIMA PASCOA

CAPITULO PRIMEIRO

O PÃO DO CÉU

Panis enim Dei est, qui de caelo descendit, et dat vitam mundo.

Evang. sec. Joan. cap. VI, v. 33.

No dia seguinte, o povo que se achava da outra banda do mar, advertindo que não tinha estado outro bote em Bethsaida senão o que levára os discipulos, e que estes tinham partido sem o Mestre, e sabendo, depois, pelos barqueiros de Tiberiade, que no sitio aonde se obrára o milagre da multiplicação dos pães, nem Jesus, nem os Apostolos se encontravam, embarcaram-se nos bateis que lhes trouxeram a noticia, e vieram até Capharnaum, buscando a Christo.

Assim que o descobriram, disseram-lhe: 'Mestre, quando chegaste aqui? Mas o Salvador, querendo-os doutrinar, replicou: Em verdade vos digo, que não me procuraes pelos milagres que vistes, mas porque comestes dos pães, e ficastes fartos. Trabalhae de hoje em diante, não pelo alimento, que se acaba, mas pela substancia, que dura eternamente; e

essa, o Filho do Homem vol-a dará; porque n'elle imprimiu Deus Padre o sêllo do seu poder.'

Disseram elles então: 'O que faremos para nos ajustarmos pelas obras de Deus?'

'A obra de Deus é crerdes n'Aquelle, que vos foi enviado!'

Insistiram ainda, perguntando: 'Mas que milagre fazes tu para que nós, vendo-o, acreditemos? Aonde estão as tuas obras? Nossos paes comeram o manná no deserto, segundo está escripto. Deu-lhes o Senhor o pão do céu.'

Jesus respondeu: 'Com certeza vos affirmo, que Moysès não vos deu o pão do céu, mas meu Pae é quem vos dá o verdadeiro: porque o pão de Deus é o que desceu de cima para dar a vida ao mundo.'

Então pediram elles ao Senhor, que lhes desse sempre d'este pão!

Christo redarguiu: 'Eu sou o pão da vida: e os que me procuram nunca terão fome, assim como nunca terão sede os que me crerem com viva fé. Mas, já vol-o disse: vistes-me, e não acreditastes! Desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a de quem me enviou, e é da vontade de meu Pae, que eu não perca nem um só dos que foram confiados ao meu cuidado para o resuscitarem no ultimo dia.'

Os judeus murmuravam por lhe terem ouvido: 'Eu sou o pão da vida, que descí do céu,' exclamando entre si 'Porventura elle não é Jesus, filho de José, e não lhe conhecemos nós o pae e a mãe? Como diz, pois, que desceu do céu?'

O Salvador descortinando a duvida e a doblez dos seus pensamentos, voltou-se e disse: 'Não murmureis! Ninguem pôde vir para mim, se o Pae, que me enviou, o não trazer; e eu o resuscitarei no ultimo dia. Está escripto nos prophetas, que todos serão ensinados por Deus. Por isso os que ouviram e aprenderam me buscam. Em verdade vos digo: Quem crêr em mim, tem segura a vida eterna. Sou o pão da vida. Vossos paes comeram o manná no deserto, e morreram. Aqui está o pão, que desceu do ceu, e quem d'elle comer, não morrerá.'

Os judeus continuaram, porém, a disputar entre si, dizendo confundidos: 'Como pôde este dar-nos da sua carne?'

Então Jesus os atalhou, e exclamou: 'Com verdade asseguro, que se não comerdes da carne, e não beberdes do san-

gue do Filho do Homem, nunca tereis a vida; pois o que come da minha carne, e bebe do meu sangue, fica em mim, e eu com elle.'

Muitos dos discipulos, que o escutavam na synagoga, suspensos observaram murmurando: 'Duro é este discurso: quem o pôde ouvir?' Penetrando o seu enleio, perguntou-lhes Jesus: 'Escandalisa-vos? O que será quando virdes subir o Filho do Homem para o logar, em que primeiro estava? (1)

O que vivifica é o espirito; a carne de nada serve. As palavras, que proferi são de espirito e de vida. Mas entre nós vejo alguns, que não me acreditam!'

N'esta reprehensão alludia a muitos que sabia serem tibios na fé: desde o principio conhecia os descrentes, e o discipulo que devia entregal-o; por isso disse: 'Tenho-vos ensinado, que ninguém pôde vir para mim, se por meu Pae lhe não fôr concedido!' (2)

Desde ali muitos dos ouvintes tornaram para traz, e deixaram de o acompanhar; e reparando n'isto é que Jesus perguntou aos doze Apostolos: 'Quereis tambem retirar-vos?' Simão Pedro respondeu: 'Senhor, para quem havemos nós de hir? Tens a palavra da vida eterna; e nós cremos e temos conhecido que és o Christo, Filho de Deus.'

Jesus então redarguiu: 'Não vos escolhi a todos doze? E com tudo um de vós é um demonio!'

Dizia isto por Judas Iscariote, filho de Simão, que, eleito entre os doze, o havia de vender. (3)

(1) O que será se virdes subir o Filho do Homem para o logar em que primeiro estava? O que significa: Se não acreditaes em comer da minha carne, em quanto estou com voseo, o que succederá, quando me virdes subir aos céus? E' a explicação dada a este passo por M. Arnaud.

(2) Tenho-vos ensinado, que ninguém pode vir para mim, se por meu Pae lhe não fôr concedido. Está incluído n'estas palavras o mysterio da Predestinação. A elle se refere S. Paulo, exclamando: O' profundidade dos thesouros da sciencia e da sabedoria divina! Como são incompreensíveis ou seus juizos, e impenetráveis os seus caminhos! A incredulidade dos hebreus foi a salvação das gentes. A vocação divina, misericordiosa sempre, operou sobre os incredulos, para que ninguém se applaudisse da sua crença e das suas virtudes, e só brilhasse a completa manifestação do poder e da glória de Deus. — Lacheze — Vida de Jesus Christo.

(3) Jesus Christo allude por diversas vezes, em occasiões sollemnes, á traição do discipulo, que o havia de entregar. A mansidão e piedade do Mestre mostra chorar a ovelha perdida, e offerecendo-lhe aqui mesmo o meio de voltar atraz, parece advertil-a.

CAPITULO, SEGUNDO

A PUREZA DO CORAÇÃO

In vanum autem me colunt, docentes doctrinas et praecepta hominum.

Evang. sec. Luc. cap. VII, v. 7.

Depois do que aconteceu, Jesus, sabendo que os judeus machinavam a sua morte, não quiz entrar nas terras d'elles, e não sabia da Galiléa.

Mas os phariseus e alguns escribas, chegados de Jerusalem, vieram procural-o; e vendo-o á mesa disseram-lhe: 'Porque desprezam os teus discipulos a tradição dos antigos, não lavando as mãos, quando comem pão?' Notavam isto, por ser o uso constante da sua seita, e em geral de todos os judeus, repetirem muitas vezes as oblações durante a comida, praticando o mesmo costume a respeito das taças, dos vasos de metal, e dos proprios leitos.

Christo não o ignorava; mas determinou reprimir-lhes o orgulho mostrando que mais valem aos olhos de Deus as boas intenções, que a affectada austeridade dos actos exteriores da religião. Respondendo, pois, á interrogação, serviu-se de outra pergunta contra os fanaticos das purificações lustraes. 'E vós tambem, observou elle, por que transgredis o mandamento de Deus com a vossa tradição? Não disse o Senhor: Honra a teu pae e a tua mãe; e o que os amaldiçoar morra para sempre? Por que ensinaes que basta dizer a seu pae, ou a sua mãe: A offerta que faço ao Eterno te seja proveitosa!—dando-o logo por dispensado das obrigações e respeitos filiaes, e tornando vão o mandamento pelas tradições? Hypocritas, bem prophetisou Isaias de vós, quando disse: «Este povo honra-me com a bôca, mas o seu coração está longe de mim; porque ensinar preceitos, que vem dos homens, não é honrar-me.» Deixaes o mandamento por cumprir, e veneraes escrupulosamente a tradição, lavando jarros e copos, e outras cousas semelhantes!

Os phariseus acolhiam com animo dolosó estas severas lições; mas Jesus, que os conhecia, e que em mais de uma occasião os compara aos sepulchros, caiados por fóra, e por dentro cheios de corrupção, chamando a si as turbas, que o

seguiam sempre, mais de perto, ou mais de longe, exclamou: 'Ouvi, e attendei! O que entra pela bôca não é o que faz immundo o homem; mas sim o que sahe da bôca.'

Então aproximaram-se os discipulos, e disseram: 'Sabes que os phariseus ficaram escandalizados de te ouvirem?' O Salvador, redarguiu para os convencer e tranquillisar: 'As plantas que meu Pae Celestial não plantou serão arrancadas pela raiz. Deixae-os clamar! Cegos são, e conductores de cegos; e uns guiando aos outros, ambos hirão cahir ao barranco.'

Mas Pedro, não percebendo, atalhou: 'Explica essa parabolâ.'

'Tambem ainda estaes sem intelligencia? acudiu Jesus. Não comprehendeis, que as cousas que sahem da bôca, partem do coração, e contaminam o homem? Porque do coração é que surgem os maus pensamentos, os homicidios, os adulterios, as devassidões, os furtos, os falsos testemunhos, e as blasphemias, e todos estes peccados tornam o homem immundo, e não o comer sem lavar as mãos.'

E voltando-se para os hypocritas cujas murmurações adivinhava, ergueu a voz, e começou a admoestal-os: 'Ai de vós, phariseus, que pagaes o dizimo da hortelã e da arruda, e de toda a especie de hervas; calcando aos pés a justiça e o amor de Deus! Alimpaes o que está por fóra do vaso e do prato, mas o vosso interior está cheio de maldade e de cubica! Ai de vós, phariseus, que nas synagogas prezaes as primeiras cadeiras, e desejaes por soberba, que vos saudem nas praças! Sois como os sepulchros, que não apparecem, e que os homens pisam por cima sem os conhecerem.'

Um dos escribas, menos dissimulado, ou mais vehemente, interrompeu aqui Jesus, dizendo: 'Mestre, fallando assim tambem nos affrontas!'

Christo replicou: 'Ai de vós tambem, doutores da lei! Carregaes os homens de obrigações, com que não podem, e nem com um dedo lhes alliviaes o pezo. Ai de vós, que levantaes sepulchros aos Prophetas, sendo vossos paes quem os matou! E bem attestaes as obras da vossa geração, porque elles mataram, e vós edificaes os sepulchros. Por isso a sabedoria divina disse: Mandar-lhes-hei Prophetas e Apostolos, e a uns darão a morte, e aos outros hão de perseguir, para que se peça conta a esta raça do sangue de todos os Justos derra-

mado desde o principio do mundo, desde o sangue de Abel até ao de Zacharias, ferido entre o Templo e o altar. Sim, eu vol-o protesto! Esta geração responderá por elle!

‘Doutores da lei, ai de vós! Depois de terdes usurpado a chave da sciencia, nem entrastes, nem deixastes entrar os que vinham!’

Como os tratasse com tanto rigor, principiaram os phariseus e escribas a apertal-o com instancias fortes, tentando suffocal-o na multidão das objecções propostas, mas todas as ciladas sahiram vãs.

A divina sabedoria depressa os confundiu, voltando contra elles os proprios laços, e negando-lhes o que suspiravam — meia palavra só que servisse de pretexto para accusarem a Christo de delicto.

N’esta contestação de Jesus com os hypocritas a mansidão habitual do Mestre converte-se em aspereza, as suas palavras flagellam a seita vaidosa, e a sciencia falsa dos escribas e phariseus. Lembrando-lhes o sangue innocente dos Prophetas, derramado por culpa sua, Christo deixa antever o sacrificio do Filho do Homem, mas adverte que a geração, á qual falla, pagará os crimes e as crueldades das outras.

E assim aconteceu. A geração ingrata, que viu o Salvador, e o ouviu, foi castigada com o ultimo cerco de Jerusalem pelos romanos. No tempo d’elle, é que a seita dos «Zeladores,» assassinou entre o vestibulo e o altar do Templo a Zacharias, filho de Barach, cumprindo, sem o saber, a propheticia de Christo, quando chama a testemunho desde o sangue de Abel até ao do ultimo justo. (1)

CAPITULO TERCEIRO

A CANANÉA. O SURDO-MUDO. OS SETE PÃES

Ipse autem respondens ait: Non sum missus nisi ad oves, quae perierunt domus Israel.

Evang. sec. Matth. cap. XV, v. 24.

Levantando-se do sitio, aonde succedeu o que acaba de referir-se, dirigiu-se Christo aos logares de Tyro e de Sido-

(1) Flav. Joseph. de bello judaico, cap. XIX.

nia; e um dia que entrou em uma casa, desejando que ninguém o soubesse, não pôde occultar-se tanto, que uma mulher cananéa, cuja filha estava possessa, mal lhe constou achar-se Jesus na sua terra, não corresse para elle, e lançando-se-lhe aos pés, não gritasse: 'Senhor! Filho de David! compadece-te de mim; tenho minha filha miseravelmente atormentada pelo espirito maligno.'

Christo não lhe respondeu palavra: e os discipulos pediam-lhe que a despedisse, porque vinha bradando atraz.

O Salvador retorquiu: 'Não fui enviado senão para as ovelhas que pereceram da casa de Israel.' Entretanto, a mulher adorou-o, clamando: 'Valei-me, Senhor!'

Jesus replicou: 'Deixa que primeiro se saciem os filhos, porque não é justo pegar no pão, que é d'elles, e deital-o aos cães.'

Por estas expressões alludia á nação, de que era natural a afflicta mãe, pagã de crença, e syro-phenicia de origem, inculcando não ser louvavel conceder a graça e a misericordia aos cegos da idolatria, em quanto os que Jehovah tinha adoptado desde Abraham e Jacob, padecessem, e precisassem de remedio.

Mas a cananéa, humilde de coração, e forte na sua fé, re-darguiu: 'Assim é, Senhor, porém os cachorrinhos debaixo da meza tambem apanham as migalhas, que ficam dos meninos.'

Mulher, observou então o Christo, grande é a tua fé. Por esta palavra, que disseste, vae, que o demonio já sahiu do corpo de tua filha.' Ella creu, e entrando em casa, achou a menina deitada, e livre do espirito das trevas.

Retirando-se d'aquelle logar, o Mestre deixou o termo do districto de Tyro, e por Sidonia desceu ao longo do mar de Galiléa, atravessando o territorio da Decapole. Subindo, depois, a um monte, concorreu a ouvil-o grande multidão, trazendo consigo mudos, cegos, coxos, e muitos enfermos, os quaes ajoelhando-se diante do Salvador, erguiam-se curados.

Toda aquella gente vendo andar os coxos, ouvindo fallar os mudos, e observando os cegos com vista, admirava-se do poder de Jesus, e engrandecia o Deus de Israel.

Apresentaram-lhe entre outros doentes um surdo-mudo, rogando que lhe impozesse as mãos e o sarasse, então o Messias, tirando-o do meio do povo, e levando-o de parte, met-

teu-lhe os dedos nos ouvidos, e ungiu-lhe a lingua, alçou os olhos ao céu, deu um suspiro, e disse-lhe:—Ephphetha! —que significa: abre-te!

No mesmo instante abriram-se-lhe os ouvidos, e soltou-se-lhe a lingua, principiando a fallar expeditamente. Tendo-o curado assim, ordenou-lhe Jesus, que a ninguem o dissesse; mas quanto mais o prohibia, mais os que deviam a saude aos seus milagres, publicavam a virtude n'elle manifestada pelo céu.

Christo demorou-se algum tempo ali, e a multidão era constante a acompanhal-o, de sorte que, chamando os discipulos, disse-lhes o Mestre: 'Compadeço-me d'estas gentes, porque há tres dias, que me seguem, e não acham de comer. Não hei de despedil-os em jejum, não succeda, que me desfalleçam com o cansaço do caminho.'

Responderam os discipulos: 'N'este deserto como encontraremos pão para fartar essa immensidade de povo?'

Subia o numero dos que estavam em volta do Salvador a quatro mil, e segundo a razão humana a objecção dos Apostolos tinha todo o fundamento. Mas Jesus, sem a destruir directamente, contentou-se em perguntar: 'Quantos pães ha?' —'Sete, replicaram, e alguns peixes pequenos.'

Mandando elle então recostar o povo na herva, como na solidão de Bethsaida, tomou os sete pães e os peixes, e dando graças partiu-os, e entregou-os aos discipulos, que os distribuiram. Chegou para todos, e sobejaram, além do necessario, sete alcofas cheias.

Depois d'este milagre despediu o povo, e entrando logo em uma barca, passou os limites de Magedan, ou Dalmanutha, situada ao occidente do lago de Genesareth, para o meio-dia, nas extremas, da tribu do Nephtali.

Se não desejasse poupar-se aos encontros do povo, de certo, vindo de Sidonia, que lhe ficava ao norte, poderia fazer a jornada por terra com mais facilidade.

A versão grega de S. Matheus, e muitos exemplares na mesma lingua de S. Marcos, indicam Magdala, como o lugar aonde Christo se acolheu depois do milagre da multiplicação dos sete pães; e como esta povoação era proxima de Tiberiade, cidade florescente nos tempos evangelicos, nada mais natural do que a presença dos phariseus e sadduceus em am-

bas, e a tentação preparada para experimentarem o Salvador, quando lhe pediram que fizesse algum milagre!

Como já referimos, foi a tão insidiosa rogativa, que o Mestre, arrancando um profundo suspiro do intimo d'alma, deu esta resposta admiravel: 'Quando a noute vem cahindo, dizeis vós: haverá tempo sereno, porque os arreboes do céu mostram pureza: e, de manhã, accrescentaes: hoje reventará tormenta, porque o céu se cobre de um avermelhado triste!... Sabeis conhecer o que prognostica o aspecto do céu, e não sois capazes de perceber os signaes dos tempos? Esta geração perversa pede-me prodigios, mas não verá nenhum.'

Recusando usar do seu poder diante dos hypocritas, nunca duvidou porém servir-se d'elle em beneficio dos afflictos, consolando os desgraçados, e persuadindo os que desejavam saber.

CAPITULO QUARTO

A HYPOCRISIA DOS PHARISEUS. O CÉGO DE BETHSAIDA.

A PENITENCIA

Tunc intellexerunt, quia non dixerit cavendum à fermento panum, sed à doctrina pharisaeorum, et sadducaeorum.

Evang. sec. Matth. cap. XVI, v. 12.

Atravessando o lago de Genesareth, do meio-dia para o norte, Christo partiu de Magedan, e fallando aos discipulos, que se tinham esquecido de trazer pão, disse-lhes: 'Guardae-vos de fermento dos phariseus e dos sadduceus!'

Era tanta a gente à roda d'elle, que se atropellavam uns aos outros, e os Apostolos, tomando em sentido natural as palavras do Mestre, discorriam entre si, e diziam: 'É que não trouxemos pão!'

Lendo no seu pensamento acudiu então Jesus, 'Homens de pouca fé, estaes contando comvosco se tendes, ou não tendes pão? Ainda não comprehendeis? Tendes olhos e não vedes? Os vossos ouvidos não ouvem? Não vos lembraes? Quando parti cinco pães para cinco mil, quantos cestos levantastes cheios de sobejos?' Responderam elles: 'Doze!' E quando parti sete pães para quatro mil, quantos cestos foram? Replicaram elles: 'Sete!' E não entendeis ainda que não era pelo

pão, que vos disse: Guardae-vos do fermento dos phariseus e sadduceus!

Então perceberam, que alludia á doutrina corrompida das duas seitas mais seguidas.

Como chegassem a Bethsaida, que ficava no caminho, antes de Cesaréa de Philippe tambem chamada Paneas, apresentaram-lhe um cego, supplicando-lhe que o tocasse. Pegando na mão ao enfermo, e levando-o para fóra da aldeia, Christo applicou-lhe a saliva nos olhos, impoz-lhe as mãos, e perguntou-lhe se via alguma cousa.

O cego respondeu: 'Vejo os homens, como arvores, a andarem.' Depois, tornou a impor-lhe as mãos sobre as palpebras, e elle principiou a vêr, e ficou são, distinguindo perfeitamente os objectos.

Despedindo-o, disse-lhe: 'Vae para tua casa, e se entrares na aldeia, não o digas a ninguem.'

Por este tempo foi que Poncio Pilatos, procurador da Judéa, pelos romanos, querendo usurpar os thesouros do Templo de Jerusalem, e applical-os ás obras publicas da provincia, enfadado com a jactancia dos hebreus, e desejoso de os punir, menosprezando as suas crenças, mandou levantar a estatua do imperador dentro do sagrado recinto, ordenando aos sacerdotes, que não suspendessem os sacrificios, apesar da profanação.

Achavam-se então na casa do Senhor os Galileos com as victimas, que vinham offerter, e soffrendo de mau animo a violencia dos pagãos, soltaram-se em clamores, e passando das vozes ás acções, coroaram a imprecação pela força, pondo-se em aberta resistencia contra as ordens de Pilatos.

O resultado da temeraria empreza sahiu qual devia esperar-se. Os soldados acudiram, e o sangue dos infelizes correu junto das aras com o sangue dos holocaustos, continuados debaixo da ameaça das lanças e espadas!

Este escandalo, que deu brado, até foi accorder da indifferença o Tetrarcha Herodes, que se queixou inutilmente; e engrossado pelo odio religioso e pela impaciencia do jugo estrangeiro, depressa chegou a todos os angulos do paiz.

Christo soube-o perto de Bethsaida, por alguns que tinham assistido á tragedia, ou que haviam recebido exacta informação.

Depois de os escutar, disse-lhes: 'Julgaes aquelles maiores

peccadores que os outros Galileos, porque padeceram morte cruel? Não. Eu vol-o declaro. Se não fizerdes penitencia, todos assim acabareis. Cuidaes que os dezoito que ficaram debaixo das ruinas da torre de Siloe eram peiores do que os outros moradores de Jerusalem? Desenganae-vos! Se vos não arreponderdes todos correreis a mesma sorte.'

E juntando logo a parabola, a viva imagem do ensino, acrescentou: 'Um homem tinha uma figueira plantada na sua vinha; e quando foi a colher o fructo, não o achou; e disse ao cultivador: tres annos ha, que venho a esta figueira para apanhar a fructo, e não a encontro; corta-a pelo pé. De que serve ter com ella ainda occupada a terra? Mas o outro re-darguiu: Senhor, deixa-a mais este anno, que eu a cavarei em roda e a estrumarei, se com isto produzir, bem! senão, estás sempre a tempo de a cortar.'

O sentido da figura é facil. Na figueira representa-se a Judéa, e os tres annos são os da missão evangelica do Messias, durante os quaes devia esperar-se copiosa colheita; mas, em logar d'ella, viu-se a esterilidade e não a abundancia.

A arvore, se depois de tão bem tratada, ficou maninha, é claro que mereceu ser cortada e lançada ao fogo; mas, por especial misericordia, concedeu-se-lhe outro anno mais, o da prégacao dos Apostolos.

Findo este, e sem proveito, encheu-se a medida, tronco e raizes foram arrancados, e os ramos dispersos pela face da terra, annunciando ao mundo o seu crime, e a terrivel expiação, que o assignalou!

Eis o que significa litteralmente a parabola, que os cuvidos, «que não ouviam,» de uma gente endurecida, escutaram, sem a despertarem do pezado somno, em que se obstinava.

Mal previam então as orgulhosas seitas, predominantes na Judéa, que a espada da justiça estava meia tirada já, e que, nos seus dias ainda, veriam consummada em tristes ruinas a terrivel figura, suscitada pelo Salvador!

Mal cuidavam, que desde a tragedia do Golgotha até á queda de Jerusalem, e á dispersão de seus filhos, os annos atribulados apenas haviam de mediar curtos como dias!

Deus andava no meio d'elles, chamando-os, e advertindo-os, e na cegueira da soberba viravam-lhe as costas, e não o queriam conhecer, porque não trazia as pompas e o carro triumphante de um conquistador!

Tinham sonhado, no abatimento da escravidão, com as grandezas eclipsadas de David e Salomão, imaginando que o reino de Deus, promettido a seus paes, e a Redempção assegurada, eram a renascença da gloria e do poder terrestre, e não a renovação espiritual do mundo!

Quem lhes dissesse, que do madeiro affrontoso da cruz penderia a salvação humana, e havia de levantar-se a sociedade moderna, o que podia excitar senão escarneo e zombaria?

Mesmo prostrados, não permanece a sua obsecção além dos seculos, e não aguardam sem patria, e sem altar, os tempos consummados, e o cumprimento das prophcias já selladas no livro do passado?

Olhando para elles com os olhos de misericordia do seu infinito amor, Jesus, de balde os avisa. Perante o preconceito, que os leva a imputarem á justa punição do crime as grandes infelicidades da vida, e a suporem sempre culpados os que mais padecem, o Mestre observa-lhes, que o rigor por alcançar os primeiros, não absolve os segundos.

A paciencia divina temporisa com elles, e se a treva se não romper, e as lagrimas da penitencia não correrem, o castigo ha de feril-os, e maior, e mais estrondoso, porque não se limitara á perda de alguns homens, mas á queda e destruição de um povo inteiro!

A torre de Siloe, cahindo, esmagou dezoito victimas. Jerusalem, succumbindo, levará consigo milhões de vidas, cortadas a ferro e fogo, pasto de todos os flagellos reunidos — a peste, a fome, e a guerra!

CAPITULO QUINTO

FUNDAMENTOS DA IAREJA, O MAR DE GALILÉA

Respondens autem Jesus, dixit ei; Beatus es Simon Barjona; quia caro, et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in coelis est.

Evang. sec. Matth. cap. XVI, v. 17.

De Bethsaida veiu Jesus mais para o norte da Galiléa, e começou a visitar as povoações situadas nas visinhanças de Cesaréa de Philippe.

Estando orando, achavam-se com elle só os seus discipulos,

e perguntou-lhes de repente: 'Quem dizem os homens que sou eu?'

Replicaram: 'Uns que és João Baptista, outros Elias, e outros Jeremias, ou algum dos Prophetas.' Insistiu ainda Jesus: 'E vós quem dizeis que sou?'

Pedro respondeu: 'És o Christo, Filho de Deus vivo.'

Então disse o Mestre. 'Bemaventurado foste, Simão, filho de João, porque não é a carne e o sangue quem t'o revelou, mas sim meu Pae. que está nos céus. E tambem te digo, que tu es Pedro, e que sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno nunca prevalecerão contra ella. Eu te darei as chaves do reino dos céus. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado nos céus, e o que desatares n'este mundo, será desatado no outro.'

Acabando de proferir estas palavras mandou aos discipulos que não dissessem a ninguem que elle era Jesus Christo, e declarou-lhes ser necessario, que o Filho do Homem padecesse, rejeitado pelos anciãos, pelos principes dos sacerdotes e escribas, para depois de morto por elles resuscitar ao terceiro dia.

Então Pedro, tomando-o de parte, principiou a increpal-o, exclamando. 'Deus tal não permita. Isso ha de succeder contigo!'

Mas o Mestre, virando-se, e olhando para os Apostolos, repelliu a Pedro, dizendo: 'Tira-te da minha presença, Sata-naz, que me scandalisas, porque não tens gosto das cousas que são de Deus, mas sim das cousas que são dos homens.

E chamando o povo e os discipulos fallou-lhes d'este modo. 'Se alguém me quer seguir, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e venha apoz mim; pois o que desejar salvar a alma ha de perdê-la, mas o que perder a vida por amor de mim e do Evangelho, salvá-la-ha.'

'O que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder a alma; ouo que pôde dar em troca d'ella? Nesta geração adultera e peccadora, se alguém se envergonhar de mim e de das minhas palavras, tambem o Filho do Homem se envergonhará d'elle, quando vier na gloria de seu Pae, acompanhado dos anjos. E em verdade vos digo: Dos que estão aqui alguns ha, que não provarão a morte, em quanto não virem chegar o reino de Deus e o seu poder!'

Nesta, como em todas as praticas de Jesus, a prophecia do

futuro proximo segue logo a severa reprehensão dos vicios do presente.

Já do seio da Galiléa Christo sentia nos labios o amargor do calix de agonias, e apontava para aquelles que, em vingança do orgulho e da hypocrisia, o haviam de condemnar ao supplicio dos maiores criminosos!

O Filho do Homem tinha de padecer e morrer pelas culpas do mundo, mas para o sacrificio se consummar os principes do seculo conservarão uma venda sobre os olhos, para não conhecerem a sabedoria de Deus.

Se a vissem, quem havia de crucificar o rei da gloria?

Eis o que sabe Jesus, e o que Pedro não comprehende; por isso mereceu que a mansidão do cordeiro se levantasse com severidade para o admoestar.

Entre as vaidades e illusões da sociedade moribunda, que vae desapparecer, e a lei salutar, que fará resurgir a nova epocha pela penitencia e remissão, não se admite transacção ou hesitações. Ou Deus, ou os homens! Ou as cousas do mundo, ou as cousas do céu!

Quem seguir a Christo tem de despir o homem velho, tomar a sua cruz, e caminhar sem a menor saudade do que deixa, nem uma leve desejo do que perde!

De que serviria ganhar o mundo inteiro, disse o Mestre, se a alma vier a perder-se? O que nos podem offerecer as grandezas e esplendores da terra que valha a dôr do eterno futuro para sempre condemnado?

Estas advertencias que, nos dias do Salvador, cahiram em grande parte sobre espinhos, que as affogaram, ou sobre rochas, aonde a semente divina se queimava, no tempo austero da Igreja paciente e gloriosa, foram entendidas.

Na esperanza das promessas, que encerram, Santo Antão buscou o deserto; a Thebaida povoou-se de solitarios, e nos ermiterios agrestes e desviados de todo o trato centenares de anachoretas deram o exemplo da mais ardente fé, e das mais asperas mortificações!

E depois, como o theatro se adequava ao vulto do Mestre, e ás scenas da sua missão!

A terra pizada por Deus, aonde Elle orava, e chorou pelos homens, aonde ensinava o caminho do céu, e padeceu para nos abrir as suas portas cerradas desde Adão, é a terra de Isaac e de Jacob.

A paizagem pelos seus aspectos suaves, ou grandiosos, pela luz deslumbrante, que lhe derrama o sol, e pelo calor, e vivacidade da vegetação, que a reverdece, está em harmonia com os prodigios, que assignalam os mais notaveis logares, e de cada pedra, ou de cada sitio surge para nós um monumento!

É nas povoações assentadas ás margens do formoso lago de Genesareth, que Jesus reúne as multidões em volta de si, e as traz suspensas dos seus labios, com tal poder, que nem os estímulos da fome as despertam do seu enlevo.

A sublime exposição do Evangelho quasi toda se obrou sobre as azuladas aguas d'aquelle mar de Galiléa, que o Christo parece ter preferido ao resto da Palestina.

Neste lago, cujas ondas enroladas pelas tormentas se apacem a um aceno da sua mão, nas margens, aonde o povo se atropellava para o ouvir, esperando colher o remedio de todos os males do simples contacto dos seus vestidos, e nas montanhas, que se arredondam, cingindo-o, aonde os prodigios proclamam o poder do Filho de David, tudo são recordações da sua misericordia, tudo são vestigios da sua passagem.

Por tres annos, Jesus cruza incessantemente de Nazareth para Tiberiade, e de Jerusalem para Genesareth. Algumas vezes a barca de um pescador serve-lhe de tribuna, e de dentro d'ella, rasgando o véu dos seculos, mostra aos ouvintes absortos a sociedade velha que desaba carcomida, e o mundo que renasce dos braços dolorosos da sua cruz.

Outras, senhor e rei da gloria, caminha sobre as ondas congeladas, e dando a mão á confiança vacillante do Apostolo, manifesta a sua omnipotencia, e a divindade da missão.

Ainda hoje, que tantas ruinas attestam a assolação carregada das iras celestes, que passou por cima das cidades sem crença, ainda hoje, os viajantes pasmam diante do espectaculo d'aquelles saudosos sitios, aonde a alma se commove e exalta a cada passo.

Magdalon ou Magedon é a primeira terra que se offerece aos olhos do que desce do Caná até ao mar de Galiléa. Os lanços rotos e cahidos das suas muralhas entram pela agua, e os destroços amontoados dos seus edificios c nservam, em deploravel imagem, uma desfigurada memoria da opulencia anterior.

Meia legua abaixo, e á vista de Magedan, levanta-se o esqueleto da que foi Tiberiade, na beira occidental do lago, posta no seu extremo como rainha, que o devia dominar. Parte dos muros são beijados pelas vagas, e as ruínas das soberbas construcções de Herodes como que só existem para nos apontarem silenciosamente o que era, e o que é!

De feito, a moderna cidade abraçará apenas em extensão a terça parte da antiga, aformoseada de marmores e labores em honra e louvores de um tyranno por obra e poder de outro tyranno, quasi servo.

Os muros que abrigam a povoação actual, construídos pelos guerreiros das cruzadas, foram reparados nos meíados do seculo passado pelo scheikl arabe Duher.

No seculo em que viveu Fr. Pantaleão de Aveiro, Tiberiade era viçosa de ricas palmeiras, e de vistosos laranjaes, cuja flôr balsamica rescendia com fragrancia a largo espaço.

Entre palmas vergadas de tamaras na estação, e ao longo do lago descobresse Bethsaida, berço dos dous Apostolos, S. Pedro e Santo André, notavel pelos prodigios de Christo.

Algumas choupanas cobertas de ramos de palmeira, ninho desconsolado dos tristes pescadores de Genesareth, é quanto resta da antiga terra famosa pelas lições do Homem Deus!

Depois, eis Emauz, aonde entre os mais rusticos e pobres escolheu os primeiros discipulos; eis Capharnaum, pousada usual das suas viagens, e merecedora, todavia, de que a sua bôca soltasse contra ella severas exclamações.

Ali é a montanha aonde pronunciou o sermão das bem-aventuranças. Adiante é o monte, aonde abençoando o povo, multiplicou os pães e os peixes.

Aqui estamos sobre as aguas que viram a pesca miraculosa; na encosta proxima pizámos o sitio, em que appareceu a seus discipulos depois de resuscitado!

Aguas e chão tudo é sagrado!

Com uma legua de largo, na extremidade meridional, e entalado entre as alturas, o mar de Galiléa, á medida que estas recuam, estende-se, e desenrola-se até á subida de Emauz, na ponta do promontorio, antes de Tiberiade, aonde abre uma bahia quasi redonda, cujo leito abrange perto de doze, ou quinze leguas de circuito.

As montanhas que a contornam não lhe consentem fórmulas regulares. Umas vezes, como se fugissem á frescura das

aguas, retiram-se, deixando livre uma fita de terreno fértil e vecejante, qual é a planície de Genesareth; outras, figurando que se fendem de alto a baixo, rotas pelo impeto das ondas, dão lhes entrada, e levam-as murmurantes aos seios cavados pelos seculos nas raizes, a coberto da sombra dos seus cumes.

Ao oriente, desde os cimos de Gelboé, que ficam ao meio-dia, até aos topos do Libano, do lado do norte, ligam-se os montes n'uma cordilheira suave e flexível, cujos anneis enganam por intervallos, parecendo que se desatam, porque descortinam de repente uma vista admiravel!

No fim do lago, ao norte, as imminencias abaixam-se, retrahindo-se; e ao longe avista-se uma bella varzea, que se desdobra até entrar na agua. Na ponta d'ella ferve uma especie de cascata espumosa, que mostra cahir de alto.

É o Jordão, que se precipita no mar, e que depois de o atravessar sem mistura de aguas, torna a sahir puro, silencioso e sereno.

Quem sobe para Nazareth, virando costas ao sol, terá diante dos olhos Tiberiade e o lago de Galiléa, que scintilla como uma alcatifa de diamantes, e cujas vagas, brincando, se esperguicam nas praias, reflectindo a luz, e mosqueando-se de côres furtivas no meio dos caprichosos cambiantes da claridade e das sombras.

À esquerda, aonde as margens trepam mais íngremes, vê-se o monte da multiplicação dos pães, e mais afastadas as montanhas da Decapole, cujos cimos redondos e esfumados, parecem nuvens luminosas.

Quem não dirá, depois de tudo isto, que a scena corresponde ao drama sublime? Quem duvidará de que os sitios particularmente amados do Messias, a meiga e animada paisagem, aonde o luar cahe tão doce e melancolico, e o sol se levanta alegre e radioso, era a mais apropriada aos passos do Salvador, á brandura magestosa da sua palavra, e á graça e formosura inimitavel da sua eloquencia?

Estas harmonias entre a natureza physica e o genio moral das cousas, quem não as sente e as não combina, é incapaz de as admirar.

CAPITULO SEXTO

A TRANSFIGURAÇÃO

Et facta est, dum oraret, species vultus ejus altera, et vestitus ejus albus et refulgens.

Evang. sec. Luc. cap. IX, v. 29.

Quasi oito dias depois de Christo declarar os fundamentos da sua igreja, e de prophetisar os tormentos e affrontas, que aguardavam o Filho do Homem, chamando a Pedro, Thiago e João, e levando-os a um monte alto e apertado, transfigurou-se diante d'elles.

O seu rosto ficou refulgente como o sol; as suas vestes tornaram-se alvas como a neve, e fallavam com elle Moysês e Elias, que appareceram cheios de magestade.

Entretanto, Pedro e os dous discipulos, que tinham vindo pezados de somno, deixaram-se adormecer; e acordando de repente, viram a gloria de Jesus, e os dous prophetas.

Quando Moysês e Elias se apartaram, Pedro, attonito de medo, exclamou para Jesus: 'Mestre, não ficaríamos bem aqui? Armem-se tres barracas, uma para ti, outra para Moysês, e a terceira para Elias!' Estava de modo que nem sabia o que dizia.

Ainda fallava, eis se fôrma uma nuvem, que os cobre, e lhes faz sombra; e do seio d'ella sahiu esta voz: E o Filho muito amado, ouviu!

Os discipulos cahiram de bruços cheios de terror; mas Jesus chegou-se, tocou-os, e disse-lhes: 'Levantae-vos; não temaes!'

Então, olhando, viram a Christo só, e a mais ninguem.

Descendo o monte, poz-lhes preceito, advertindo-os que não revelassem a pessoa alguma o que tinham visto, em quanto elle não resurgisse de entre os mortos; e assim o cumpriram, guardando segredo; mas não cessavam de disputar sobre o que significavam as palavras de Christo «até em resurgir de entre os mortos!»

Em fim, não podendo já conter-se, vieram procural-o, perguntar-lhe: 'Porque dizem os escribas, que Elias ha de vir primeiro?'

Jesus respondeu. 'Elias certamente ha de vir, e restabele-

rá todas as cousas; mas digo-vos que já veio e não o conheceram, antes fizeram quanto lhes aprouve d'elle. Assim padecerá o Filho do Homem também nas suas mãos.' Só então perceberam, que alludia a João Baptista.

As pias tradições collocam a scena da Transfiguração no cume do Thabor, tres leguas distante de Nazareth, e uma das mais altas, senão talvez a mais elevada montanha da Galiléa.

O Thabor, que os arabes chamam *Gebel-el-Nour*, (monte da luz) levanta-se como um cocar de verdura no meio das espaçosas campinas de Esdreton, empinando-se em figura pyramidal, quasi a topetar com as nuvens.

O seu cume abraça meia legua de circuito, coroado em roda de muralhas rotas, destroços de uma derrocada fortaleza.

As ruinas de dous mosteiros e de uma igreja da Transfiguração attestam a antiguidade das tradições, e apontam este lugar, como sendo consagrado desde os primeiros seculos pela mesma vocação.

Ao nordeste os lados da montanha vestem-se de espessas matas de um verde alegre; mas da parte do sudueste muda o seu aspecto, tornando-se arido e sombrio.

Defronte, a uma legua, ergue-se o monte Hermon, celebrado pelo Psalmista, no seu cantico: «Teus são os céus e a terra, o mundo e a sua grandeza foram obra do teu poder. Ao norte e ao sul tu os creaste, o Thabor e o Hermon exultam com o teu nome!»

A dous quartos da montanha da Transfiguração, caminho de Nazareth, entra-se em um valle ameno, fresco da sombra de frondosas arvores, e debaixo d'aquelle toldo virente, que destempera os ardores do sol, o caminhante rendido de fadiga, respira alguns momentos.

Visto da baixa, o Thabor merece o nome pomposo de monte da luz, que lhe applicam os arabes imaginosos, apresentando-se com a magestade propria de quem serviu de throno ao Deus vivo. Por isso um peregrino portuguez diz, que logo alli sentiu os ares do céu.

Na raiz mede talvez uma legua de contorno, e pode avaliar-se em meia de alto, o que vence para cima a estatura do gigante da Galiléa.

Jardim vistoso e fertil, de oito leguas de extensão, e de legua e meia de largo entre o Hermon e o Thabor, a plani-

cie de Esdreton desdobra-se-lhe aos pés a perder de vista como um tapete matizado.

Na corôa do Hermon fluctua uma nebrina dourada, a qual descendo vem enroscar-se em volta da antiga Naim, edificada na sua encosta, e celebre pela resurreição do filho da viuva.

Alongando-se por aquelles campos, banhados de luz, e verdes de uma vegetação deliciosa, a vista demora-se a cada momento diante dos padrões de uma ferida batalha, ou da recordação de um grande prodigio.

Entre meio dia e poente torream suas amaldiçoadas cabeças, os tristes montes de Gelboé, theatro da perda de Saul e Jonathas: e quasi pegada com as faldas d'elles corre a provincia de Samaria, descobrindo-se até o poço, onde Jesus bebeu da agua da terra, fallando da agua da remissão.

Do mesmo lado, descahindo do meio dia para poente, admiram-se as formosas varzeas de Esdreton até ás praias do Mediterraneo, e ao longe avultam graciosos e erectos o Carmello e o Libano: alvejam as cidades de Bethulia e Sapheto; e desatam-se os campos de Dothain, aonde os filhos de Jacob venderam a Joseph. O mar de Galiléa, as ribeiras do Jordão, e as tres Arabias completam as perspectivas.

Que horisontes, que memorias, e que admiraveis scenas as que elles imbebem em si! Que tragedias e que passos os que na sua eloquencia muda testemunham estes logares famosos!

A piedade dos fieis venerou o sitio aonde Jesus appareceu aos tres discipulos mais amados, refulgente dos esplendores do céu, construindo uma capella de abobada, aberta em pobre gruta artificial, e ornada de tres altares ou nichos, não se sabe se dedicados ao Senhor e aos Prophetas. se a Christo e aos tres Apostolos. Debaxo da terra, o santuario corresponde ao mais eminente do monte no lado do meio dia.

Que espectaculo para os olhos venturosos, que o poderam admirar! No alto, o Filho de Deus vestido de gloria, entre Moysés e Elias. Aos seus pés, a natureza — essa terra de imagens, a terra de Christo, sublime e suave como a sua Lei; terra sem igual na belleza, quer o sol em cascatas de luz circule por ella, reanimando com os sorrisos festivos das suas magnificencias até os esqueletos das cidades mortas, quer a noute clara destinja sobre as aguas dormentes, e os

campos silenciosos a seu brando luar, doce como a saudade, em quanto os olhos scintillantes de milhões de estrellas tremem no firmamento, e de preguiçosos não se fecham sonão com os arreboes do dia!

CAPITULO SETIMO

O LUNATICO, O TRIBUTO. A MULHER CURVADA. OS ESCANDALOS.

Et increpavit Jesus spiritum immundum, et sanavit puerum, et reddidit illum patri ejus.

Evang. sec. Luc. cap. 9, v. 43.

Quam cum videret Jesus, vocavit eam ad se, et ait illi: Mulier, dimissa es ab infirmitate tua.

Evang. sec. Luc. cap. 13, v. 1

No dia seguinte, Christo e os Apostolos desceram do Thabor, e sabiu-lhes ao encontro grande multidão.

O Messias approximando-se dos discipulos, que o esperavam, porque tinha passado a noute na montanha, achou os escribas no meio do tropel, disputando com elles.

Vendo a Jesus, o povo alvoroçado correu para elle, e saudou-o.

Então o Mestre perguntou: 'De que estaveis tratando?' Antes que pudessem explicar-lh'o, um dos da turba, lançando-se-lhe aos pés, exclamou: 'Rogo-te que ponhas os olhos em meu filho; não tenho outro; e o espirito maligno apodeira-se d'elle, e subitamente dá gritos, roja-se pelo chão, e é atormentado de espantosas convulsões. Pedi a teus discipulos que o expellissem, mas não poderam!'

Sem duvida era aquelle o assumpto da contenda. Presencendo a impossibilidade da cura por parte dos discipulos, os escribas proromperam em motejos ao Mestre, declarando-o incapaz tambem de obrar o prodigio.

Os discipulos, aos quaes a fé se não soccorrêra com as forças necessarias para subjugarem o demonio, vacillavam: cheios de desalento, e paralyzados de meia desconfiança, quasi descreiam da virtude que os tinha desamparado em similhante occasião. Na sua afflicção, o pae, presenciando a resistencia do

espírito das trevas, desanimava, e principiava a perder a esperança.

Conhecendo quanto duvidavam comsigo mesmos, Jesus quebrou o silencio, exclamando: 'Oh geração preversa e infiel, até quando estarei junto de vós, e vos soffrerei?'

Voltou-se depois, e accrescentou, fallando com o pae: 'Traze teu filho!'

Conduziram-o; porém, quando hia chegando, o demonio arrojou-o ao chão e sacudiu-lhe o corpo de violentas convulsões.

De certo Christo assim o permittiu para mais claramente manifestar a grandeza do seu poder; e postos os olhos no attribulado velho, disse: 'Quanto tempo ha, que isto lhe succede?' — 'Desde a infancia, replicou elle. O demonio tem-o arremessado muitas vezes ao fogo e á agua para o matar; se podes acode-nos, e compadece-te de nós.'

Jesus notou que ainda não cria, e retorquiu para o convencer de que só a fé gera os milagres: 'Se acreditares tudo é possível!'

E o velho desfazendo-se em lagrimas, bradava: 'Senhor, tenho fé; ajuda a minha fraqueza.'

Então o Mestre, observando que se augmentava o concurso do povo, ameaçou o espirito immundo, dizendo: 'Espírito surdo e mudo, mando-te que sahias d'esse mosso, e não tornes a entrar n'elle!'

O demonio obedeceu, mas com a maldade propria. Para sahir soltou clamores, e maltratou de tal fórma o enfermo, que o deixou sem sentidos, e que muitos murmuraram: 'Está morto!'

Pegando-lhe na mão, Christo levantou-o, e no mesmo instante poz-se direito, e ficou são.

Comtudo os discipulos não podiam conformar-se; e sentiam ainda mais o que lhes tinha acontecido perante reunião tão numerosa. Em presença do prodigio verificado acreditavam de todas as veras da alma no poder do Mestre; mas anciosos por conhecerem a causa do mau exito da sua esconjuração publica, apenas entraram em casa, não podendo conter-se, logo perguntaram a Jesus em particular: 'Porque não conseguimos nós expellir o demonio?'

O Salvador redarguiu: 'Porque vos faltou a fé!'

Allumiados então de cima, os Apostolos insistiram dizendo: 'Augmenta a nossa fé!'

Christo replicou, para que avaliassem mais a graça que pediam: 'Em verdade vos digo, que se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: passa d'aqui para lá; e elle ha de passar, porque nada vos será impossivel. Mas esta especie de demonios só se lança fóra em virtude de orações e de jejuns.

Afastando-se do Thabor, os pensamentos do Messias tinham-se voltado para o Calvario, que o esperava na Judéa e em Jerusalem; mas antes ainda quiz tornar a ver Capharnaum, e despedir-se d'ella para sempre. Foi o ultimo olhar de misericordia concedido á cidade infiel.

Achavam-se ahi os cobradores do tributo das duas drakmas; e chegando-se a Pedro, perguntaram-lhe: 'Vosso Mestre não paga-a contribuição? O Apostolo respondeu; 'Paga.' E entrando em casa encontrou a Jesus, que o preveniu dizendo: 'Que te parece Simão? De quem recebem os reis da terra o tributo, ou censo? De seus filhos, ou dos estranhos?'

Pedro retorquiu: 'Dos estranhos.' Então o Mestre acudiu, 'Logo são isentos os filhos; mas para não os escandalisarmos vae ao mar, e lança o anzol, o primeiro peixe que subir, toma-o, e abrindo-lhe a boca acharás dentro um stater; tira-o, e dá-o por mim e por ti.'

Pouco antes d'este exemplo de rigor na observancia da lei vigente, fallando com os dicipulos, Christo annunciou-lhes a sua paixão pelas seguintes palavras: 'O Filho do Homem será entregue nas mãos dos maus, que lhe darão a morte, e ha de resuscitar ao terceiro dia.'

Ouvindo isto, entristeceram-se os Apostolos, mas o fim do Salvador era preparal-os para o dia das tribulações. Prophetizando-lhes o sacrificio proximo, queria que percebessem que se offerecia voluntariamente em holocausto pelo resgate do genero humano.

Ainda era cedo para os olhos d'elles verem toda a luz, que mais tarde descobriram; e n'aquelle momento as palavras de Jesus, feriram-os no amor que lhe consagravam, e talvez os humilhassem na idéa, que formaram do Messias glorioso.

Não desprendido ainda de todo dos laços da terra, o seu animo mal podia combinar as pompas de Senhor com as ignominias e ultrages do suplicio! O estabelecimento do reino de Deus parecia-lhes incompativel com a morte do Mestre, e com a humildade dos seus padecimentos!

Sucedeu, porém, que n'um sabbado, em que Jesus ensinava na synagoga, veio ter com elle uma mulher possessa, enferma havia dezoito annos; e andava curvada, sem poder alçar a cabeça, nem levantar a vista. Apenas a observou, chamou-a Christo, e disse-lhe: 'Mulher, estás livre do teu mal!'

O principe dos Sacerdotes, ardendo em ira, porque via o Salvador manifestando o seu poder, procurou disfarçar-se com a falsa côr do zêlo religioso, e prorompendo em exclamações, virou-se para o povo, e disse: 'Seis dias estão destinados para trabalhar; vinde, pois, durante esses para ser curados, e nunca ouseis quebrar o sabbado!'

O Mestre acabava então de pôr a mão sobre a cabeça da doente, e esta já direita e sem molestia, glorificava o nome do Senhor. Respondendo á censura do Sacerdote, Jesus ergueu a voz, e perdendo a mansidão usual, castigou a perfidia, dizendo: 'Hypocritas, não desprende cada um de vós o seu boi aos sabbados, ou o jumento, e não os tira da estribeira, levando-os a beber? Porque razão não se havia de livrar do seu captiveiro esta filha de Abraham, que Satanaz tem preza ha dezoito annos, só porque hoje é sabbado?'

As suas palavras confundiram os adversarios, que se envergonharam, mas por isso cresceram em raiva contra elle. O povo que assistia a tudo isto, alegrava-se com as acções de Christo obradas com tanta gloria, fechando os ouvidos aos doestos e aleives dos calumniadores.

Como os discipulos desde a Transfiguração e a prophecia da sua Paixão, trazendo a alma repassada de tristeza, não cessassem de fallar d'estas cousas, a principio maguados, e depois com pensamentos mundanos, succedeu uma vez, já em Capharnaum, e dentro da pousada, que Jesus, penetrando as suas vaidades, lhes perguntasse: 'De que vinheis tratando pelo caminho?'

Calaram-se. Só tinham disputado durante a jornada sobre decidirem qual d'elles seria o primeiro! Depressa os desopprimira a pena dos tormentos futuros do Salvador, accommettidos de idéas ambiciosas. Neste pleito Pedro levára a a vantagem, como aquelle que o Mestre preconisára para cabeça da sua igreja.

Mas André tinha a seu favor ser mais antigo na vocação; João podia allegar a mais intima familiaridade de Christo; e Thiago, seu irmão mais velho, citava igual razão. Cada um

d'elles allegava seu motivo, e no meio dos fumos da soberba esquecia os principios do Evangelho.

Os olhos do Messias liam no fundo dos corações; e juntamente com a consciencia da culpa, confundiram os discipulos, obrigando-os a emmudecerem diante da interrogação, que os vinha colher nas tentações do orgulho, e nas rivalidades, que os deveres da sua missão queriam que estranhassem e reprimissem.

Contemplando-os por algum tempo, e sentando-se depois, Jesus chamou-os a todos doze, e disse-lhes: 'Aquelle de vós, que deseja ser o primeiro, ficará o ultimo, e servo dos mais.'

E tomando pela mão a um menino collocou-o no meio d'elles, e tendo-o abraçado, accrescentou: 'Quem receber em meu nome a um d'estes pequeninos, a mim me recebe: e o que me acolher, não me recebe a mim, mas ao Senhor, que me enviou.'

Respondeu-lhe João: 'Mestre, encontrámos um homem, que expellia os demonios, invocando-te, e como não nos seguia, prohibimos-lh'o.'

'Não lh'o prohibaes, acudiu Christo, porque não ha quem faça milagres em meu nome, e logo me offenda: o que não for contra vós, ajuda vos. Quem vos der um copo de agua por amor de mim, e por serdes cousa do Christo, digo-vos, que não perderá a recompensa; e o que scandalisar um d'estes pequeninos, que têm fé em mim, melhor fôra que lhe atassem á roda do pescoço a mó de um moinho, e o lançassem no mar.

'Ai do mundo por causa dos escandalos! É necessario que elles nascam, mas desgraçado do que os causar. Que vos parece? Se alguém tiver cem ovelhas, e algumas d'ellas se desgarrar; acaso não deixa no monte as noventa e nove para hir atraz da que se extraviou? E achando-a, o seu contentamento por esta não será maior, do que por todas as outras que ficaram?

'Eis a razão, porque o Filho do Homem veio salvar o que tinha perecido!'

'Portanto, se teu irmão te offender, vae, e corrige-o, mas entre ambos; se te attender, ganhaste a teu irmão; mas se não te ouvir, leva contigo uma, ou duas pessoas, para que tudo seja confirmado pela boca de tres testemunhas. E se não

os ouvir, dize-o á Igreja, e se elle não ouvir a igreja tem-o por gentio, ou publicano.'

'Ainda vos digo mais: se dous de vós se unirem sobre a terra, e pedirem seja o que for, meu Pae, que está nos céus, ha de fazer-lh'o, porque, aonde se acharem congregados dous, ou tres em meu nome, estou eu no meio d'elles!'

Palavras de consolação e de esperança proferidas para conforto da Igreja nascente, nas provações que hia atravessar, mostrando-lhe a protecção divina sempre disposta a acudir em seu auxilio!

Mestre o pae amoroso, Jesus Christo symbolizou na idade da candura e da innocencia as virtudes em que o missionario do Evangelho deve sobresahir.

O sentido das suas expressões para com os pequeninos é profundo, e sobe mais alto do que se julgaria antes de as meditar.

Recommendendo as creanças, e mettendo o braço vingador entre ellas, e os que as fizerem chorar com tormentos e injustiças, indicou uma perfeição mais sublime, e difficil de attingir.

Lembrou aos que o seguiam a abnegação e a humildade d'aquelles tenros annos, que não conhecem o mundo, e nada desejam das suas pompas e illusões, que sendo os ultimos na estimação, não aspiram a elevarem-se, vivendo mais satisfeitos na dependencia a que os sujeita a sua debilidade, do que os poderosos nas eminencias d'onde tudo avassallam.

N'este ponto é que o Salvador os aponta para exemplo e regra dos Apostolos.

Christo manda que por um esforço, tão raro como violento para a natureza humana. o pobre ame a pobreza, e o humilde se contente com a obscuridade, vencendo a inclinação que nos leva a cubiçar o que está acima de nós, e a soberba que nos impelle a quereremos governar para não sermos governados.

Suavisando-lhes, porém, o que tem de amargo e cruel o sacrificio completo do homem ao serviço de Deus, Jesus promette, que imitando a infancia, embora na terra os flagellem as affrontas e desprezos, no céu os aguardam maiores premios, e por isso diz: 'Quem receber um d'estes pequeninos, a mim recebe!' por isso acrescenta, querendo avivar mais o preceito, 'O mais humilde de vós todos, esse ha de sempre ser o maior.'

Correndo os olhos pela sociedade, que apodrecia nos braços dos Tiberios romanos e dos satrapas orientaes, deplora

as ruínas causadas pelos escandalos, lamenta a iniquidade que lavra como a peste, contaminando todas as idades e estados, repelle o crime endeusado, condemna o homicidio e a crueza, saudadas como virtudes, e detesta a avareza, a luxuria e a gula, desculpadas como necessidades da existencia precaria! Vendo reflectirem-se no espelho da sua patria e do seu tempo os horrores de hontem, e os males e calamidades de amanhã, o Mestre, condoído dos homens, compunge-se diante do lastimoso espectáculo d'esta agonia atroz do mundo, sente as lagrimas arderem-lhe nas faces, mas ao mesmo passo não pode conter a ira, que tantas hypocrisias e torpezas desafiam.

É certo que o vemos alçar o braço, e proferir aquella tremenda maldição, que serviu de aviso a muitos sabios verdadeiros, para fugirem do ar empestado das cidades, buscando a saude da alma nas solidões dos desertos.

'Ai do mundo por causa dos escandalos, porque é necessario que elles nasçam!'

Mas o ineffavel amor que o abraza, não deixa por muito tempo nos seus labios a ameaça, nem a voz do castigo.

A ovelha desgarrada com os seus labios tristes chama pelo pastor, e este sente maior contentamento em a trazer ao redil a ella só, do que em tornar a contar as noventa e nove postas a coberto de todo o perigo.

É assim que no ensino, Christo unia sempre a doçura á severidade, mitigando a reprehensão pela ternura. Verdadeiro pae, o seu coração chora pelos filhos que o escutam: e morreria ainda novamente, se lhe fosse dado, para salvar o mais peccador, e o menos digno de piedade!

CAPITULO OUTAVO

OS ELEITOS SÃO POUCOS ! A FESTA DOS TABERNACULOS

Ait autem illi quidam : Domine, si pauci sunt, qui salvantur ? Ipse autem dixit ad illos:

Contendite intrare per angustam portam : quia multi, dico vobis, quaerent intrare, et non poterunt.

Evang. sec. Luc. cap. XIII, v. 23 e 24.

Em quanto Christo os doutrinava, os discipulos, suspensos da bôca do Mestre, recolhiam attentos as suas lições.

Ouvindo-o estabelecer o preceito da correcção fraterna, depois de lhes ensinar a pratica da humildade, Pedro chegou-se mais, e perguntou : ‘Quantas vezes, Senhor, poderá meu irmão peccar contra mim, que eu lhe perdoe? Será até sete?’

A interrogação mesma deixa vêr que na sua idéa, o Apostolo punha limites á misericordia, julgando-os antes largos, do que restrictos. A replica de Christo foi d’este modo: ‘Não te digo que sete, mas que até setenta vezes sete! Por isso o reino dos céus pode comparar-se a um rei, que se determinou a tomar contas aos servos. Tendo começado, apresentou-se um que lhe devia dez mil talentos; e como não tivesse com que pagar, mandou o Senhor que o vendessem, e á mulher e aos filhos, e a quanto possuia, para satisfação da divida, mas o servo deitando-se-lhe aos pés, fez-lhe a seguinte supplica: Mostra-te benigno e paciente commigo, e eu pagarei tudo. Compadecido o rei deixou-o livre, e perdoou-lhe a divida.’

‘Sabindo, porém, d’ali encontrou-se o servo com um dos companheiros, que lhe devia cem dinheiros, e lançando-lhe as mãos o affogava, dizendo: Paga-me o que deves! O outro, aos seus pés, rogava-lhe que tivesse paciencia, e lhe satisfaria depois tudo: mas elle não quiz, e fez que o metessem na cadeia até pagar.’

‘Vêndo o que passava, os mais servos seus companheiros, resentiram-se, e foram participar ao Senhor o acontecido. Este, chamando-o logo á sua presença, exclamou: Mau servo, perdoei-te a divida, por que me supplicaste, e tu não te com-

padeceste do companheiro como eu me compadeeci de ti? Cheio de cholera ordenou, que o entregassem aos algozes até satisfazer.'

'Assim vos fará meu Pae Celestial se do intimo d'alma cada um de vós não perdoar a seu irmão!'

Esta parabola, a todos os respeitos admiravel, encerra em concisa pintura as obrigações da charidade fraternal, e o agrado com que o céu acolhe as boas obras.

O mau servo representa o peccador, que devendo tudo a Deus, esquece a conta aberta diante dos olhos do eterno Juiz, e descarrega, pezada de rigores, a espada da vindicta humana sobre a menor culpa de seus irmãos!

No tempo, em que Jesus fallava, a lei dava auctoridade ao credor, não só para encarcerar os devedores, mas para os cortar de tratos e opprobrios em quanto não pagassem, pena cruel, inventada pela usura, e por vergonha dos seculos só abolida desde que a suavidade evangelica entrou nos costumes, e dos costumes passou para os codigos.

Para lhes entalhar mais fundas no peito as inclinações mansas, Christo, continuando a expôr a sua doutrina aos Apostolos, proseguiu: 'Se tiverdes fê como um grão de mostarda, e mandardes a esta amoreira: arranca-te, e cresce no mar, ella obedecerá. Qual de vós, tendo o seu servo occupado a lavrar, ou a guardar o gado, quando elle recolhe do campo, lhe vae dizer: Senta-te já á meza, que primeiro não lhe tenha dito: prepara-me a ceia, cinge-te, e serve-me em quanto como e bebo, e depois comerás e beberás? E cumprindo o servo as ordens fica-lhe por isso o Senhor em obrigação? Creio que não. Pois assim é convosco. Depois de terdes feito o que vos foi mandado, direi; somos servos; cumprimos o que deviamos.'

Depois d'este discurso partiu Jesus para Jerusalem, e atravessou as duas provincias de Samaria e Galiléa. Ao passarem por uma das cidades, ou aldeias, que lhes ficavam no caminho, perguntou um dos que o seguiam: 'Senhor, é verdade que poucos são os que se salvam?' Respondeu Christo: 'Porfiaes em entrar pela porta estreita; porque vos attesto, que muitos a hão de procurar debalde. E quando tiver entrado o pae de familias, e a fechar, ficareis de fóra, e principiareis a bater, dizendo: 'Senhor, abre-nos; e elle, de dentro, replicará: Não sei quem sois!'

‘Então começareis a clamar: Somos aquelles, que em tua presença comemos e bebemos, e a quem ensinaste nas praças! Mas elle redarguirá: não sei d’onde sois; apartae-vos de mim todos os que practicaes iniquidades.’

‘E grande será o choro e ranger de dentes, quando virdes, que Abraham, Isaac, e Jacob, e todos os Prophetas estão no reino de Deus, e que vós ficaeis excluidos de entrar n’elle. Do Oriente e do Occidente, do Septentrião e do Meio-dia muitos virão assentar-se á meza do Senhor; e os ultimos hão de ser os primeiros, e os primeiros ficarão atraz dos ultimos.’

Entretanto estava proxima a festa dos Tabernaculos, uma das tres solemnidades maiores dos Judeus, instituida em memoria das barracas, em que os Israelitas, por espaço de 40 annos, tinham acampado no deserto.

Celebrava-se por outo dias continuos, começando a quinze do setimo mez no anno judaico.

Vieram, neste meio tempo, os irmãos de Jesus, e disseram-lhe: ‘Retira-te d’estes logares, e vae á Judéa, para os discipulos que tens lá verem o que podes.’

A instancia dos parentes não admira. A gloria adquirida por Jesus na capital, tambem recahia sobre elles; e não era provavel que a desprezassem, quando ha pouco vimos os Apostolos dominados de pensamentos ambiciosos.

Mas o mais notavel é que ousassem juntar as suas reprehensões ao conselho, dizendo a Christo: ‘Ninguem que deseja ser conhecido em publico caminha em segredo. Já que fazes estas cousas, descobre-te ao mundo!’

O Evangelista, referindo os termos quasi desabridos da censura, explica-nos o verdadeiro motivo d’ella. «Nem seus irmãos mesmo criam ainda n’elle!»

Não duidavam do seu poder, nem contestavam os seus prodigios, porque os invocam a fim de o resolverem a apresentar-se em Jerusalem; mas estavam longe de o suporem o Messias, e muito menos, que o Messias fosse o Filho Unigenito de Deus vivo, a sabedoria increada, que tomára carne e fórma humana.

Apezar do seu modo agreste, o Salvador entendeu que devia responder-lhes, e não se escandalizando com a temeridade indiscreta, observou mansamente: ‘Ainda não é chegado o meu tempo, mas o vosso prompto o tendes sempre. O mundo não vos pôde aborrecer, e a mim detesta-me, porque dou

testemunho das suas acções más. Hide assistir á festa, e por em quanto não vou, a minha hora ainda não é cumprida!

Pouco tardou que ella viesse, a demora foi apenas de alguns dias. Seus irmãos partiram, e Christo, deixando-os adiantar, seguiu-os, não descobertamente, mas como em segredo.

Parece que os inimigos do Salvador tinham urdido uma conjuração para o assassinare durante a festa, aonde com certeza contavam encontral-o.

No dia da solemnidade, assegura S. João, os Judeus procuravam-o por toda a parte, e os que sabiam do trama, posto não participassem d'elle, vendo-o depois, diziam, fallando uns para os outros: 'Não é Jesus a quem buscam para o matar?'

Sempre facil de illudir, o povo dividia-se em partidos, estes, affirmando que era um justo, aquelles, negando, e persuadindo que enganava os credulos.

Mas se a traição existia, e o plano fôra combinado, como se retrahiu o Mestre no principio, e não recebeu depois apresentar-se?

Porque não lhe sendo nada occulto, conheceu que a maldade capaz de tudo em quanto se reputa ignorada, apenas se vê descoberta perde as forças e a ousadia.

E o que ainda hoje acontece, e até ao fim ha de succeder. O crime não medra senão nas trevas e em segredo.

A luz do dia e os olhos da victima assustam-o, e obrigam-o a fugir.

Na Judéa as poderosas seitas, que temiam a verdade das suas palavras, e tremiam do ascendente que de hora para hora lia conquistando sobre as multidões, não descansavam de machinar perfidias, empregando todos os meios para calarem a voz divina, que as accusava, demolindo o edificio mentiroso da hypocrisia e da impostura.

Achando-se Jesus ainda distante de Jerusalem, alguns phariseus, a pretexto de o salvarem, e talvez desejando poupar aos seus a nodoa de um homicidio atroz, aproximaram-se d'elle, e disseram-lhe: 'Sahe, e vae-te, que Herodes quer-te matar!'

Christo adivinhando-lhes os pensamentos, replicou: 'Hide, e dissei a esse raposo, que bem se vê que eu lanço fóra os demonios, e faço curas perfectas hoje e amanhã, e que ao terceiro dia sera a minha morte: mas que me importa cami-

nhar ainda hoje, amanhã, e depois, (1) porque não convém que um Propheta morra fóra de Jerusalem... Jerusalem, Jerusalem, que matas os Prophetas, e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quiz eu ajuntar os teus filhos, como a ave recolhe os do seu ninho debaixo das azas, e tu não vieste? Por isso a vossa casa ficará deserta, e não me vereis até que chegue o tempo em que se exclame: 'Bemdito o que vem em Nome do Senhor!'

Durante a jornada mostrou-se Jesus sempre de intrepido semblante, e enviando adiante mensageiros a uma cidade da Samaria, a fim de prevenirem a pousada, recusaram-se os da terra a recebê-lo, por conhecerem que se dirigia á capital, e os discipulos, sabendo-o, mostraram-se muito irados, Thiago e João disseram: 'Queres, Senhor, que desça o fogo do céu, e os consumma?'

Mas Christo reprehendeu-os, redarguindo: 'Ignoraes o espirito da vossa vocação? O Filho do Homem não veio a perder almas, mas a salvá-las.'

Na mesma viagem um homem, sahindo ao encontro do Mestre, parou, e disse: 'Seguir-te-hei aonde quer que fores' O Salvador acudiu logo: 'As raposas tem as suas covas, e as aves do céu os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem aonde recline a cabeça!'

(1) Oportet me hodie et sequenti die ambulare! Estas palavras, applicadas presente circumstancia, indicam que Jesus devia demorar-se ainda tres dias na Galiléa, para depois d'elles, cortadas as cidades de Herodes, se hir juntar em Jerusalem com seus irmãos, (isto é, seus primos co-irmãos) que entre entros eram os dous Apostolos Thiago menor, e Judas, talvez tambem Simão o Cananéu, e Jose.

CAPITULO NONO

OS DEZ LEPROSOS. MARTHA E MARIA. O HYDROPICO.
INSTRUÇÕES NO TEMPLO

Quos ut vidit, dixit ; Ite, ostendite vos sacerdotibus. Et factum est, dum irent, mundati sunt.

Evang. sec. Luc. cap. XVII, v. 14.

Si quis voluerit voluntatem ejus facere : cognoscel de doctrina, utrum ex Deo sit, aut ego a me ipso loquar.

Evang. sec. Joan. cap. VII, v. 17.

A lepra representa a imagem do peccado, e a scena que vamos expôr, é a figura natural da penitencia, remedio unico para a limpar.

Os que foram contaminados pela lepra espirital devem humilhar-se, mas nunca hão de perder a confiança em Deus; mas do fundo do coração devem levantar a voz dolorosa para o soberano Redemptor, implorando um olhar de compaixão da sua misericordia.

Apesar de Christo se dirigir encobertamente a Jerusalem, nas provincias de Galiléa e de Samaria não escondeu o nome, nem se negou a obrar milagres, que attestassem o seu poder.

A' entrada de uma aldeia succedeu virem ao seu encontro dez leprosos ; e logo a distancia começaram a erguer a voz, e a clamarem : 'Jesus ! Mestre ! Compadece-te de nós !'

Tanto que os viu, disse-lhes o Salvador : 'Hede apresentar-vos aos sacerdotes.' E deixou-os, não acrescentando mais.

A fé era grande n'elles ; e recebendo as palavras do Messias como promessa, acreditaram-as. De feito, Christo mandava-os comparecer diante dos Levitas, porque no caminho os havia de sarar, e queria que se cumprisse em tudo o preceito da Lei, a prova juridica da cura, para o leproso ser restituído a communhão dos homens.

Em obediencia ás palavras de Jesus, já elles hiam de jornada, quando a enfermidade desapareceu de repente, e se acharam limpos.

Um apenas observou em si o prodigio, não podendo conter-se, volveu atraz, e soltando a voz em acções de graças correu a lançar-se aos pés de Christo, com o rosto sobre a terra, engrandecendo a gloria de Deus.

Era natural de Samaria, e o Mestre, olhando para elle, disse: 'Não é verdade que todos os dez foram curados? Aonde estão os outros nove? Não houve quem voltasse, e viesse glorificar o Senhor, senão um estrangeiro!'

E mandando-o erguer, accrescentou: 'Levanta-te e vae, que a tua fé te salvou!'

De certo alludia á salvação da alma, porque a saúde do corpo todos a tinham alcançado. O que a ardente fé e a gratidão do samaritano mereceram foi a promessa da vida eterna da alma, mais preciosa do que o primeiro beneficio, que apenas representava o symbolo da remissão espiritual.

N'esta mesma viagem, tão fecunda em prodigios, aconteceu, que entrando Jesus em uma aldeia, foi hospedar-se em casa de certa mulher chamada Martha. Maria, sua irmã, assentou-se logo aos pés de Christo, e ouvia a sua palavra, sem se mover para acudir á outra, afadigada nas lidas da casa. Estranhou Martha ver-se desajudada, e foi queixar-se ao Mestre, dizendo-lhe: 'Senhor, não te importa, que minha irmã me deixe andar servindo só? Dize-lhe que me ajude.'

Jesus respondeu: 'Martha, Martha, estás muito inquieta, e queres acudir a muitas cousas. Entretanto só uma é necessaria, e Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.'

Esta concisa replica é a apologia dos que aproveitam na contemplação o tempo que lhes sobra das obrigações. A irmã de Maria prezava de mais a acção, por isso o Mestre, oppondo a sua lida ao silencio contemplativo da outra, decide a seu favor, louvando-a por abrir os ouvidos da alma ás sementes da boa doutrina, não curando de outros cuidados, nem de outros alimentos.

Chegou Christo a Jerusalem depois de começada a festa dos Tabernaculos (1).

Os Judeus não o descobrindo espantavam-se de o não verem. Por fim acharam-o.

(1) Durante esta festa celebrada a 15 do mez de Tisri, correspondente ao nosso mez de setembro, os Judeus, em memoria da peregrinação pelo deserto, habitavam em Jerusalem debaixo de barracas cobertas de ramos.

Sucedeu entrar o Salvador um sabbado em casa de um dos principaes phariseus a tomar a sua refeição, e os presentes não se cansavam de o observar, buscando pretextos para alguma censura. Eis que apparece ali de subito um hydropico, queixando-se dos seus padecimentos, e implorando o remedio d'elles.

Então, virando-se para os doutores da Lei e para os phariseus, Jesus perguntou-lhes: 'É permittido ao sabbado curar os enfermos?' Calaram-se, e o Salvador tocando no homem, sarou-o, e mandou-o embora.

Lendo, porém, no pensamento dos adversarios, e respondendo ás accusações, que lhe dirigiam mentalmente, accrescentou: 'Qual de vós cahindo-lhe o boi, ou o jumento em um poço ao sabbado, deixa de o tirar?'

Tambem lhe não souberam replicar; porque n'esta parte eram menos escrupulosos os phariseus, do que os Rabbis, que hoje mesmo ainda crêem, que a vinda do Messias se demora por falta de austeridade na observancia do dia santificado.

Nenhuma d'estas cousas era desconhecida de Christo; por isso, notando que os convidados escolhiam os primeiros assentos á meza, e querendo mostrar como lhe era facil desfazer os ardis, propoz-lhes uma parabola n'estes termos: 'Quando fores convidado a algumas vodas não te assentes no melhor lugar; pode ser que esteja presente pessoa mais auctorisada, e que o dono da casa, chegando, tenha de te dizer: dá o teu lugar a este! E com a vergonha da reprehensão hirs buscar o ultimo assento.'

'Se fores convidado escolhe pelo contrario o lugar mais humilde, para, quando vier o que te convidou, poder dizer: amigo senta-te mais para cima! E isto servir-te-ha de gloria na presença dos que ouvirem, pois quem mais se humilha, mais se exalta.'

Esta admoestação cabia perfeitamente ao orgulho dos sectarios, que na ostentação de virtudes e santidade, não duvidavam pôr todos aos seus pés, arrogando-se injusta supremacia.

O dono da casa, tambem, mereceu que o Salvador o advertisse do erro dos convites fastuosos e mundanos, esquecidos inteiramente os deveres da charidade.

Fallando com elle disse lhe Christo: Quando deres algum

jantar, ou alguma ceia não chames nem os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus vizinhos, que forem ricos; não aconteça que elles te convidem por sua vez, e com isso paguem. Convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bemaventurado, porque esses não têm com que te retribuir; mas o que lhes fizeres ser-te-ha retribuido na resurreição dos justos.'

Ouvindo-o exprimir-se assim um dos que estavam á meza, disse: 'Bemaventurado o que comer o pão no reino de Deus!'

Christo replicou: 'Um homem fez uma grande ceia, e convidou para ella muita gente; e quando foi a hora mandou um dos servos para avisar os convidados, pois tudo estava prompto; mas elles, todos á uma, principiaram a escusar-se.'

'Disse o primeiro: 'Comprei uma quinta, e preciso hir vel-a, rogo-te que me desculpes.

'Disse o outro: 'Comprei cinco juntas de bois, e vou experimental-os. Peço-te que me excuses.'

'Disse outro ainda: 'Casei, e por isso não posso lá hir.'

'O servo, já de volta, deu conta ao Senhor de tudo. Então irado o pae de familias, exclamou: 'Vae ás ruas e praças da cidade, e quantos pobres, aleijados e cegos achares, traze-m'os cá.'

'Elle obedeceu, e tornando disse: 'fiz o que ordenastes, e ainda ha lugar para mais. Sahe por esses caminhos, e cercos, redarguiu o Senhor, e força-os a entrar para que fique cheia a minha casa; porque te affirmo que nenhum dos que foram convidados provará da minha ceia.'

N'esta parabolá, descreve Christo a sorte dos que sendo chamados ao banquete celeste, baixando os olhos para a terra, e surdos á voz da consciencia, deixam passar a hora, e ficam excluidos, desprezando os convites reiterados com que Deus os favoreceu.

Prezo nos laços carnaes, não quizeram hir em quanto era tempo, e quando, já tarde, o desejam, os logares estão occupados!

Que importa que a pintura da verdade fosse tão viva e terrivel? O Mestre não encontrava senão cegos; e a soberba e o odio, conjurados, em vez de aproveitarem com as suas palavras, convertiam-as em veneno, ou se as gravavam na memoria era para se lembrarem no dia das vindictas!

Passado já o quarto dia, isto é, no meio da solemnidade, foi Jesus ao Templo, e começou a ensinar.

A sabedoria manava dos seus labios, como de fonte inesgotavel. Suspenso e maravilhado, o auditorio pasmava de tanta eloquencia, e como succede frequentemente, a admiração n'aquelle momento emudecia quaesquer outros sentimentos.

‘Como sabe elle as letras não as tendo estudado?’ perguntavam os Judeus. Christo explicou-lhes o mysterio, revelando a origem, d’onde procedia a sciencia. ‘A minha doutrina não é minha, mas d’aquelle, que me enviou!’ Os incredulos, porém, não o percebiam, porque não desopprimiam o coração do pezo das culpas e infidelidades. Verificavam-se n’elles as expressões do Psalmista: «não queriam a intelligencia do bem;» se alguém, disse ainda o Salvador, fizer a vontade de Deus, logo conhecerá se a minha doutrina vem do céu, ou se fallo só por mim.

‘O que falla de si, accrescentou Jesus, busca a propria gloria; mas o que busca unicamente a de quem o enviou, é verdadeiro, e não commette injustiça.’

‘Não vos deu Moysés a lei? E comtudo, qual de vós a cumpre? Porque me quereis matar?’

Então alguns do povo, bradaram: ‘Estás possesso! Quem procura matar-te?’ Jesus replicou: ‘Fiz um milagre, (1) e estaes maravilhados. Entretanto, porque Moysés vos impoz o preceito da circumcisão (que não veio d’elle, mas dos patriarchas) não duvidaes circumcidar as creanças ao sabbado. Para não violardes a lei de Moysés praticaes esta cerimonia no dia santificado: como vos indignaes por eu ao sabbado curar qualquer enfermo?’

‘Nunca julgueis pelas apparencias; mas pela rectidão.’

‘Disseram então alguns de Jerusalem: ‘Não é a este que elles procuram matar? Eil-o fallando em publico, e não lhe respondem! Terão os senadores reconhecido ser o Christo? Mas nós sabemos aonde elle nasceu, e do Christo quando vier, ninguém saberá a patria.’

Esta falsa idéa sobre o Christo ignora-se de quem os Judeus a tomaram; mas é provavel que fosse talvez do seguinte texto de Isaias mal interpretado: «Quem explicará a sua geração?»

(1) Christo aqui allude á cura do hydropico, e ao espanto dos hypocritas, que a reprovavam, como se fosse um crime por ser obrada ao sabbado.

O propheta entendia a geração eterna e o seu mysterio ineffavel; mas os meio doutos, pouco instruidos nas cousas da escriptura, acreditavam que o Messias havia de apparecer subitamente, sem se saber d'onde vinha, nem os paes, de que nascêra.

Jesus, penetrando estas objecções, posto que as não pudesse ouvir do logar em que se achava, continuou o seu discurso, e levantando a voz, respondeu: 'Não só me conheceis, como sabeis d'onde sou? Não vim por mim mesmo, mas o que me enviou é verdadeiro, e não o conheceis. Eu sou quem o conheço, porque procedo d'elle, e me enviou!'

Escutando estas palavras, que se referiam á geração eterna do Filho de Deus, como as primeiras alludiam ao seu nascimento humano, os Judeus, excitados pelos hypocritas, tentaram prender a Jesus; porem, como não tinha chegado a hora, quebraram o impeto em imprecações, e ninguem lhe lançou as mãos.

Ao mesmo tempo, muitos do povo, crendo n'elle, exclamaram: 'Quando vier o Christo fará mais prodigios do que este?'

Chegaram as suas vozes aos ouvidos dos phariseus, e juntos com os principes dos sacerdotes expediram homens armados, que o prendessem.

Não consta se o Mestre ainda se achava no Templo, quando entraram, e se foi a elles, ou ao povo, que dirigiu as suas derradeiras palavras: 'Por pouco tempo estarei ainda com-vosco; voltarei breve para aquelle, que me enviou, e depois se ajustará a conta dos incredulos. Haveis de procurar-me, e não me encontrareis, porque não vos é dado seguir-me, aonde eu vou.'

Os judeus, ouvindo-o, fallaram logo entre si: 'Para onde é que se retira, que o não havemos de encontrar? Acaso se recolherá ao seio dos que estão dispersos no meio das nações, e irá instruir os gentios? O que significam as palavras que proferiu; 'Haveis de procurar-me, e não estarei, aonde eu vou não podereis seguir-me?'

No ultimo dia da festa, que era o mais solemne, Jesus tornou ao Templo, e posto de pé, levantou a voz, dizendo. 'Se alguém tem sede, venha para mim, e beba! Para o que me crer hão de manar os rios d'agua viva, segundo as promessas da Escriptura.'

Entretanto muitos do povo, escutando-o, exclamavam: 'Seguramente é um propheta!'

Outros acudiam, replicando: 'É o Christo!' e eram atalhados logo pelos que lhes observavam: 'Pois da Galiléa é que elle hade vir? Não nos assegura a Escriptura, que o Christo sahirá da geração de David, e da aldeia de Bethlem, aonde morava o rei propheta?'

A multidão, pois, apparecia dividida em partidos, estes louvando, e aquelles censurando as lições do Messias.

No meio das dissensões corriam certos homens da facção dos sacerdotes, espiando o instante favoravel de o prenderem; mas nenhum se atreveu a executar a ordem, ignora-se o motivo; e voltando para onde os phariseus os estavam esperando, responderam ás perguntas raivosas, com que os apertavam, dizendo: 'Ninguem nunca fallou como este homem!'

Os phariseus ainda mais irados, replicaram: 'Dar-se-ha caso, de que sejaes tambem dos enganados? Houve entre os senadores, ou entre os nossos, algum que o acreditasse?'

Então Nicodemus, que vinha com os agentes, e já uma vez fallára de noute com Jesus, virou-se para elles, e disse-lhes: 'Condemna a Lei, porventura, a qualquer, antes de o ouvir, e dos juizes se informarem?'

Não podendo destruir a verdade da interrogação, os phariseus embravecidos, clamaram: 'Tambem tu és Galiléo? Examina as Escripturas, e saberás que da Galiléa não se levantam prophetas!'

Depois retiraram-se para suas casas, desanimados com o mau exito da empreza.

CAPITULO DECIMO

▲ MULHER ADULTERA. VERDADEIROS FILHOS DE ABRAHAM.
O CEGO DE NASCENÇA. O BOM PASTOR.

Et dixerunt ei. Magister, haec mulier
deprehensa est in adulterio.

Evang. sec. Joan. cap. VIII, v.

Dixit eis Jesus. Amen, amen dico vo-
bis. antequam Abraham fieret, ego
sum.

Idem, v. 58.

Qui autem intrat per ostiam, pastor
est ovium.

Idem, cap. X, v. 2.

Sendo já tarde retirou-se o Senhor ao monte Olivete, d'onde voltou ao outro dia sobre a madrugada para o Templo.

O povo, que acudia a ouvi-lo, era immenso, e querendo-o doutrinar, assentou-se, e principiou.

N'esta occasião, os scribas e phariseus, que nunca perdiam lance de o enredarem, apresentaram-se-lhe diante, allegando que vinham propor-lhe um caso para decidir.

Traziam atada uma mulher, colhida em delicto flagrante, e mostrando-a, exclamaram: 'Acaba agora mesmo de ser achada em adulterio. Moysés manda na Lei, que os adulteros morram lapidados; tu o que dizes?'

Os sectarios não perguntavam para saber, mas para tentarem a Christo, tirando pretexto para o accusarem.

Depois de os ouvir, o Mestre calou-se; e inclinando o corpo poz-se a escrever com o dedo sobre a terra. Insistiram elles, porém, e Jesus erguendo-se, disse-lhes: 'Aquelle que se julgar sem peccado, seja o primeiro que a apedreje;' e tornou logo a abaixar-se, continuando a riscar na terra.

Envergonhados os phariseus, e convencidos pela propria consciencia, foram sahindo do Templo, sendo os mais velhos os primeiros. Por fim deixaram só a Christo com a delinquente.

O Mestre, levantando-se então, e não vendo alli nenhum dos scribas, perguntou á mulher: 'Que é feito dos que te accusavam? Condemnou-te algum?' — 'Ninguem, Senhor, redarguiu ella.—'Pois se ninguem te condemna, tão pouco te condemnarei eu. Vae, e não peques mais.'

Findo este incidente, continuou a prègar, e disse: 'Sou a luz do mundo, e quem me segue não anda em trevas, antes alcança a claridade da vida.'

Oppozeram-se alguns phariseus, que tinham chegado, observando que o Senhor testemunhava de si mesmo, e o testemunho, portanto, não era verdadeiro ou conforme com a lei. O Messias respondeu: 'Ainda que fallo de mim proprio, é verdade quanto digo, porque sei d'onde vim e para onde vou, e vós ignoraes d'onde sou, e para onde hei de hir. Julgaes segundo a carne, e eu a ninguem julgo, ou se julgo, o meu juizo é justo, porque o não dou eu só, mas tambem o pae, que me enviou.'

Perguntando-lhe elles então: 'Quem és?' O mestre redarguiu: 'Sou o principio de tudo, e o que sempre vos disse: quando levantardes o Filho do Homem, conhecereis que não faço, nem assevero cousa que meu Pae me não ensinasse, pois o que me enviou está comigo, e não me deixou só, porque me tenho regulado sempre pelo seu agrado.'

Jesus sustentava isto publicamente no Templo, no lugar, em que estava o Garophilaceu, ou mealheiro, aonde se depositavam as esmolas e offertas, de que subsistiam os ministros do culto, e muitos dos que o escutavam acreditaram. Virando-se para estes disse Christo: «Se permanecerdes na minha palavra sereis verdadeiramente meus discipulos, conhecereis a verdade, e a verdade vos livrará da escravidão.» — 'Nós somos descendentes de Abraham, replicaram elles, e nunca fomos escravos, porque dizeis, pois, que viremos a ser livres?'

'Em verdade vos asseguro, atalhou Jesus, que é escravo da culpa todo aquelle, que a commette, e se sois filhos de Abraham, praticae obras dignas d'elle. Quereis dar-me a morte porque as minhas palavras não cabem em vós, mas eu fallo do que vi em meu Pai. Quem póde arguir-me de peccado? Se vos digo a verdade, porque não me daes credito? Quem é de Deus escuta benignamente a palavra de Deus, e porque o não sois é que não a ouvis.'

A isto responderam os Judeus: 'Bem dizemos nós, que és samaritano, e tens demonio.'—'Não tenho demonio, replicou Jesus, mas honro a meu Pae, e vós deshonraste-me a mim. Não busco a gloria propria, outro a buscará, e fará justiça. Assevero-vos que todos os que abraçarem a minha doutrina viverão eternamente.'

Retorquiram os Judeus. 'Agora vemos que estás possesso. Abraham morreu, e os prophetas tambem, e tu affirmas, que nunca hão de perecer os que guardarem a tua palavra?! Acaso és maior do que nosso pae Abraham, que morreu, ou do que os prophetas? Quem te fazes tu?'

'Se eu me exaltasse a mim mesmo, atalhou Christo, comigo ficaria a vã gloria, mas quem me glorifica é meu Pae—aquelle que dizeis o vosso Deus! Entretanto não o tendes conhecido, mas eu conheço-o, e guardo a sua palavra. Abraham desejou anciosamente ver o meu dia, viu-o, e alegrou-se.

'Ainda não tens cincoenta annos, e viste a Abraham?' exclamaram elles.

'Em verdade vos digo, proseguiu o Mestre, que antes de Abrahão ser feito, existia eu!'

Enfurecidos então os Judeus por esta resposta, que trataram de blasphemia, pegaram em pedras para lhe atirarem, mas Jesus encobriu-se, e sahiu do templo.

Quando sahia reparou em um cego de nascença, e perguntando-lhe os discipulos, que peccado commettêra aquelle infeliz, ou qual fôra a culpa de seus paes para nascer condemnado a perpetua escuridão, retorquiu o Senhor: 'Não foi culpa sua nem de seus paes, nasceu assim para se manifestarem n'elle as obras de Deus. Estou no mundo, e sou a sua luz.'

Fallando d'este modo cuspiu no chão, amassou a terra humida nos dedos, e ungiu os olhos do cego. Depois, disse-lhe: 'Vae, e lava-te no tanque da fonte de Siloé!'

Obedeceu o enfermo, e voltou com vista. Os visinhos, que o encontravam pedindo esmola, exclamaram achando-o são: 'Não é este o cego, que jazia assentado a pedir? Uns affirmavam—é, outros negavam, assegurando que parecia, sem o ser. Mas elle, respondia a todos: sou eu!'

Perguntaram-lhe então como lhe tinham sido abertos os olhos, e o mendigo redarguiu: 'Aquelle homem chamado

Jesus ungiu-me as palpebras de terra humida, e disse-me. Vae ao tanque de Siloé e lava-te. Fui, lavei-me, e tornei com vista.'

'Aonde está elle?' acudiram alguns. 'Não sei!' replicou o que fôra cego.

Levaram-o logo d'ali aos phariseus, e estes principiaram a indagar o modo por que recebera a luz. Narrou-lhes tudo, e varios sectarios, para diminuir nos merecimentos de Christo, começaram a clamar. 'O homem que não respeita o sabbado não é de Deus!'

Muitos, porem, observavam. 'Como pôde o peccador obrar prodigios taes?'

Voltando-se então para o cego, disseram-lhe. 'E tu o que julgas d'elle?'—'Que é propheta!' replicou.

Não querendo ainda acreditar, chamaram os paes, e perguntaram-lhes se aquelle era seu filho, e se tinha nascido cego. 'De certo, affirmaram, que é elle, e que nasceu cego. O que não sabemos é de que maneira recobrou a vista. De mais tem idade de razão, e pode fallar de si. Interroga-o!'

Diziam isto, porque se temiam dos Judeus, que tinham machinado expulsar da Synagoga aos que ousassem confessar, que Jesus de Nazareth era o Christo.

Os phariseus viram-se obrigados, pois, a tornarem a chamar o cego, e a dizerem-lhe. 'Exalta só o nome do Senhor, sabemos, que o homem que te curou, é peccador.'

Mas elle, fiel á voz do seu convencimento, não se confundiu, antes com animo varonil retorquiou. 'Se é peccador não sei, sei só, que antes era cego, e agora vejo.'

Atalhados com a replica insistiram para que lhes contasse novamente de que modo o milagre se obrára. O cego negou-se, exclamando. 'Não vol-o disse já, e não o ouvistes? De que serve repetil-o? Quereis tambem tornar-vos seus discipulos!'

'Discipulo d'elle sejas tu, que nós o somos só de Moysés!' gritaram os Judeus enraivecidos. Sabemos que Deus fallou a Moysés, mas este ignorâmos d'onde é!'

'Cousa admiravel por certo! respondeu elle. Não saberdes d'onde é, e abrir me os olhos! Ensinaram-me que Deus não ouve os peccadores, e que só escuta os que o veneram cumprindo a sua vontade. Desde que existe mundo ouvistes já que alguem desse vista a um cego de nascença?'

Os phariseus, ardendo em ira, desataram, então, contra a fé viva d'aquelle homem todas as injurias. 'Desde o ventre de tua mãe todo tu és peccado, e queres ensinar-nos?' E expulsaram-o.

Constando isto a Jesus, e encontrando-o, disse-lhe: 'Crês no Filho de Deus?' — 'Quem é elle, Senhor, para eu crer?' — 'Até já tu mesmo o viste, proseguiu Christo. É o que falla contigo.' — 'Creio, Senhor!' respondeu: e prostrando-se, adorou-o.

Então o Mestre continuou. Vim ao mundo a exercitar um Juizo para que os cegos vejam, e os que tem vista se façam cegos.' — 'Logo tambem nós somos cegos!' observaram alguns dos phariseus, que se achavam junto do Messias. 'Se o fosses não terieis culpa, acudiu este, mas como dizeis — vemos! — fica de pé o vosso peccado.

Tendo acolhido no seu seio o homem, que os phariseus expulsaram da synagoga, como indigno, Jesus passou a explicar em uma parabola o sentido das suas acções, castigando ao mesmo tempo a maldade dos hypocritas, que não duvidavam empregar o terror para desviarem os sinceros do coração, atrahidos pela verdade da doutrina e pela confirmação dos milagres.

Como os phariseus presumiam de serem os unicos doutores da Lei, o Senhor voltou-se para os que o escutavam, e disse: 'Em verdade vos affirmo; o que não entra pela porta do aprisco, mas sobe por outra parte, é um ladrão. Só o que entrar pela porta será o verdadeiro pastor. A este abre o porteiro, ouvem-o as ovelhas, e tira-as para fóra chamando-as pelo seu nome. Depois de sahirem vae adiante d'ellas, e seguem-o, porque o conhecem, deixando o estranho, ou antes fugindo, porque lhes é estrangeiro.'

Como aquelles a quem fallava o não percebiam, Christo proseguiu: 'Sou a porta do aprisco. Os que tem vindo eram roubadores, por isso as ovelhas os não acompanharam. Sou a porta; o que entrar por mim, ha de salvar-se, e sahindo encontrará as pastagens ferteis. O ladrão vem furtar, matar e destruir. Eu vim para dar a vida e à abundancia. Sou o bom pastor que sacrifica a existencia para conservar a das suas ovelhas. O mercenario, e o que não é pastor, não possui como proprio o seu rebanho, e se descobre o lobo, deixa as ovelhas e foge. Então a fera arrebatá-as, e o gado desgarrá-

ra-se. Sou o bom pastor, e conheço as minhas ovelhas como ellas me conhecem. Tenho tambem outras, que não pertencem a este aprisco, e convém que as ajunte, e que ouçam a minha voz, para de todas fazer um só rebanho de um só pastor. Por isso meu Pae me ama, porque ponho por ellas a minha vida para outra vez a assumir.'

Este discurso originou segunda discussão entre os Judeus.

Na primeira parte da parabola pintou Jesus os mestres da Lei como estranhos pela voz e pelo coração ao rebanho, que não guardavam, mas queriam disfructar.

Na segunda, a figura em que se representa, apparece-nos repassada da immensa ternura, que inspirou o seu sacrificio, e tocava d'aquelle amor infinito e inefavel, que do alto da sua cruz lhe fez abrir os braços ao mundo peccador.

'O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas!' Eis a historia do christianismo prophetisada!

Pelas ovelhas offerece todo o seu sangue o Senhor da vida e da morte, em holocausto voluntario, entregando-se aos tormentos e ás offrontas, quando com um aceno podia precipitar os algozes, e romper os laços, com que o ligaram!

Os Judeus, não o entendiam, mas contrarios em pensamentos, argumentavam com ardor sobre o que lhe tinham escutado.

'Está possesso! Perdeu o juizo! Porque o ouvis?' Clamavam uns. 'O que elle diz, replicavam outros, não são palavras de possesso. Acaso o demonio tem poder para abrir os olhos aos cegos de nascença?'

Assim disputavam, e de cada vez era mais expressa a treva na vista dos incredulos, e mais animada a crença no peito dos que seguiam o Messias. Mas o odio e a inveja dos escribas e sectarios augmentavam na proporção dos triumphos alcançados pela doutrina do filho de Deus.

CAPITULO UNDECIMO

PRECEITOS EVANGELICOS. FESTA DAS ENGINIAS.

A OVELHA DESGARRADA. O FILHO PRODIGO.

OS TRABALHADORES DA VINHA

Et veniens domum convocat amicos et vicinos, dicens illis: Congratulamini mihi, quia inveni ovem meam, quae perierat.

Evang. sec. Luc. cap. XV, v. 6.

Quia hic filius meus mortuus erat, et revixit: perierat, et inventus est. Et coeperunt epulari.

Idem, v. 24.

Jesus não cessava de ensinar os que vinham buscal-o, e pedir-lhe regras para a vida ajustada.

Achando-se em Bethania, no mesmo sitio, onde João conferia o baptismo de agua, cercou-o grande tropel de povo, e no meio dos milagres, com que restituia a saude aos enfermos, appareceram alguns phariseus para o tentarem, conforme costumavam.

Querendo expol-o a cahir em falta, perguntaram-lhe estes dolosamente: 'É licito repudiar a mulher por qualquer cousa?'

Christo respondeu: 'Não tendes lido, que Deus creando o homem, creou varão e femea, e disse: por isto deixará o homem pae e mãe, ajuntar-se-ha com sua mulher, e serão dous n'uma só carne? Assim já não são dous, mas um só; não separe pois o homem o que Deus uniu.'

Acudiram elles: 'Porque mondou Moysés que o homem desse carta de desquite a sua mulher, e a pudesse repudiar?'

'Porque Moysés, tornou o Senhor, pela dureza dos corações assim o julgou opportuno: porém eu declaro que os maridos, que repudiarem as mulheres, não sendo por causa legitima, e casarem com outras, commettem adulterio.'

Apresentaram-lhe ali mesmo varios meninos para lhes impor as mãos, e orar por elles: mas os discipulos repelliam-os com vozes asperas. Vendo isto, atalhou-os Christo, dizendo: 'Deixae os meninos, e não os embarceis de se chegarem,

porque d'elles é o reino do céu! E depois de os abençoar, é que se retirou.

Aproximando-se um homem, e exclamando: 'Mestre o que devo fazer de bom para alcançar a vida eterna?'—'Porque me perguntas o que é bom? replicou Jesus. Bom só Deus. Se queres entrar na vida guarda os mandamentos.'—'Quaes?' disse o outro. O Senhor retorquiu: 'Não matarás, não commetterás adulterio, não furtarás, não darás falso testemunho, honrarás a teu pae e tua mãe, e ao proximo amarás como a ti mesmo.'—'Desde a mocidade, tornou o mancebo, que os guardo: o que me falta ainda?'—'Se queres ser perfeito, vae, vende o que tens, e da-o de esmola aos pobres, que terás no céu um thesouro. Volta depois, e segue-me.'

Mas o mancebo retirou-se triste de ouvir isto, porque possuia muitos bens. Então virando-se para os discipulos, o Mestre observou: 'Em verdade vos digo, que um rico difficilmente entrará no reino dos céus: e ainda vos digo: que mais facil é passar um camello pelo fundo de uma agulha, que entrar um rico no céu.'

Espantando-se os discipulos, disseram-lhe logo:—'Quem poderá salvar-se?'—Jesus, olhando para elles, redarguiu sómente: 'Aos homens é impossivel, mas para Deus tudo é possivel.' E respondendo a uma pergunta de Pedro, concluiu assim: 'Todo o que deixar, por amor do meu nome, a casa, os irmãos, ou os paes, a mulher ou os filhos, e a fazenda, esse receberá cem por um, e possuirá a vida eterna.'

Jesus, doutrinando os discipulos, disse-lhes tambem servindo-se da linguagem figurada como usava. 'Um homem rico tinha um feitor, e este foi accusado de lhe delapidar os bens. Chamou-o, e increpou-o assim. Sabes o que ouvi de ti? Dá-me conta da tua administração, porque já não podes ser meu feitor.'

'Então o administrador pensou comsigo. Que farei visto que meu amo me tira a gerencia? Cavar não posso, e de mendigar tenho vergonha, mas já sei de que me hei de valer, quando for expulso, para achar quem me acolha.'

'Convocando, pois, os que deviam ao Senhor, disse ao primeiro, quanto deves a meu amo?—Cem cados de azeite, respondeu.—Bem, retrocou o economo, toma a tua obrigação, assenta-te depressa, e escreve outra de cincoenta.'

'Virando-se depois, para o segundo, disse-lhe: e tu quanto

deves?—Cem côros de trigo—Toma o teu escrito, e põe outenta. E o amo louvou o feitor iniquo por ter obrado como homem de juizo, porque os filhos d'este seculo são mais sabios na sua geração, do que os filhos da luz!

'Tambem eu vos digo: grangeae amigos com as riquezas da iniquidade, para em vós faltando, vos receberem nos tabernaculos eternos.'

'O que é fiel no menos, é fiel no mais; e o injusto como pouco, sel-o-ha no muito. Se não fostes fieis nas riquezas injustas, quem vos confiará as verdadeiras?

'Nenhum servo pode servir a dous Senhores, pois ou ha de aborrecer a um, e amar o outro, ou ha de entregar-se a um, e desprezar o outro; ninguem servirá ao mesmo tempo a Deus e às riquezas.'

Como os phariseus eram avarentos zombavam d'estes preceitos; mas Christo penetrando-os, dizia-lhes: 'Daes-vos per justos diante dos homens, porém Deus conhece os vossos corações, porque as grandezas que deslumbram os olhos do mundo são abominações aos olhos do Senhor.'

'Havia um homem opulento, que se vestia de purpura e de estofos delicados, banqueteadando-se todos os dias esplendidamente; e havia tambem um mendigo, chamado Lazaro, todo coberto de chagas, que estava deitado á sua porta, e desejava fartar-se das migalhas, cahidas da meza do rico, mas ninguem lh'as dava, e os cães vinham lamber-lhe as ulceras.'

'O mendigo succedeu fallecer, e foi levado pelos anjos ao seio de Abraham; o rico tambem morreu, e foi sepultado no inferno.'

'Quando jazia nos tormentos, levantando os olhos, viu ao longe a Abraham, e a Lazaro no seu seio, e gritando, clamou: Abraham, compadece-te de mim, e manda cá a Lazaro para que molhe em agua a ponta do seu dedo, e me refresque a lingua, que se abraza n'esta chamma!'

'Filho tornou-lhe Abraham, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e que Lazaro não teve senão males; por isso agora o vês consolado, e tu penas em tormentos. De mais, entre nós e vós existe um grande abysmo—d'aqui não se pode passar para lá, nem de lá subir para cá.'

'Então o rico exclamou: rogo-te que o envies á casa de meus paes, porque tenho cinco irmãos, e com o testemunho

d'elle verei se escapam a cahirem, como eu, n'este lugar de amarguras.'

'Abraham redarguiu-lhe: Elles têm lá Moysés e os prophetas; ouçam-os!—Não; disse o rico; mas se for avisal-os algum dos mortos hão de fazer penitencia.'

'Abraham respondeu: Se elles não ouvem Moysés e os prophetas, tão pouco se moverão, ainda que resuscite um dos mortos para os converter.'

Depois d'esta parabola é provavel, que o escarneo dos orgulhosos sectarios diminuisse, mas que em troca a sua aversão crescesse. A lição era bastante aspera, e devia-os ferir cruelmente.

Entrou o inverno. Celebravam-se em Jerusalem as festas, chamadas *Encenias*, em memoria da dedicação do Templo, profanado por Antiocho, e renovado por Judas Machabeu.

Esta cerimonia, que o historiador Josepho nos descreveu, denominando-a a festividade *das luzes*, atrahia grande concurrencia á cidade Santa, no mez de Casleu, (1) correspondente ao nosso dezembro.

Zeloso, como se mostrava sempre em guardar o respeito e o culto da lei antiga. Jesus tinha vindo assistir; e os Judeus mal o descobriram, cercaram-o logo, dizendo que não os entretivesse mais em suspensão, e lhes declarasse claramente se era, ou não, o Christo.

Succedia isto no portico Salomonico, situado na parte oriental do Templo, (2) e o Senhor, voltando-se para os que o interrogavam, deteve os passos, e respondeu: 'Não vol-o tenho dito, sem me acreditardes? As obras, que pratico em nome de meu Pae, dão testemunho do que sou; porém vós sois incredulos, e não andaes entre as minhas ovelhas, que me ouvem, que eu conheço, e me seguem. A essas darei a vida eterna; nunca hão de perecer; e ninguem as arrebatará da mão de meu Pae; porque Elle e eu somos uma, e a mesma cousa.

Enfurecidos os Judeus com esta asserção, que se lhes figurou nada menos do que sacrilega, pegaram em pedras para

(1) A festa das Encenias era fixa, e tinha logar no vigésimo quinto dia do mez de Casleu.

(2) Este portico, ou alpendrada, cujo nome se derivava, de Salomão, que o mandou construir depois de edificar o Templo e applainar um monte, que lhe fazia sombra, resistiu á destruição do Templo ficando em pé, e servindo de modelo a outro, que se fabricou e conserva o mesmo nome.

o lapidarem: mas Christo, sereno e manso, proseguiu: 'Obrei na vossa presença muitas acções boas, por qual d'ellas me apedrejaes?' — 'Não é por ellas, que te queremos castigar, acudiram os adversarios, mas porque estás proferindo blasphemias; porque sendo homem te fazes Deus!'

Replicou o Senhor: 'Na vossa Lei não se acha escripto: «eu disse vós sois Deuzes?» Se ella chama Deuzes áquelles a quem Deus fallou, e a Escriptura não erra, a mim a quem o Pae santificou, e enviou ao mundo, porque me accusaes de blasfemia, quando vos digo que sou Filho de Deus? Se as minhas obras me desmentem não acrediteis, mas se ellas são como vedes, porque me negaes a fé, e não reconheceis, que o Pae está em mim, como eu estou no Pae?

Esta explicação ainda azedou mais as iras dos fanaticos, e muitos principiaram a propôr, que o prendessem. Jesus livrou-se, comtudo, das suas mãos.

Depois d'esta disputa, para se pôr a coberto do odio dos sacerdotes, tornou o Senhor a retirar-se para a margem de além do Jordão, e permaneceu por algum tempo nos logares santificados pelas virtudes do Baptista.

Hia com elle muita gente, acompanhando-o por toda a parte, e colhenão da sua bôca as regras da vida ajustada.

Em uma d'estas occasiões, voltou-se um dos que o seguiam, dizendo: 'Por certo João não obrou milagres, mas tudo o que affirmou d'este sabiu verdadeiro!' o Salvador exclamou: 'Se alguém me buscar sem antes se desprender dos vinculos de pae, de mulher, de filhos, e de irmãos, não pôde ser meu discipulo. Quem por mim não desprezar até a propria vida, pegando na sua cruz, não é dos meus. Qual de vós, para edificar uma torre, deixa de fazer com pausa as contas dos gastos. calculando se os seus meios bastam para a concluir, ou que monarcha, estando de marcha contra o inimigo, não medita de vagar sobre o seu plano, reflectindo se ha de oppôr dez mil homens a vinte ou trinta mil? E se o dinheiro não chega ao primeiro, acaso se expõe elle a que zombem por começar o que não pôde acabar, ou o segundo, conhecendo que se arrisca, não envia a tempo embaixadas, pedindo a paz? Do mesmo modo aquelle de vós, que não der de mão ao que ama e possue, não será meu discipulo. Ficarà inutil. O salz bom, mas corrompendo-se, com que havemos de salgar? Não presta para a terra, nem para os amanhos, e deita-se fóra!

Estes discursos attrahiam a multidão, e no meio d'ella viam publicanos e peccadores, desejosos de o ouvirem. Os phariseus, porém, e os escribas, não perdendo occasião de o deprimirem, murmuravam, porque o Mestre acolhia os homens de má vida, e comia á sua meza.

Christo para os convencer propoz-lhes então a seguinte parábola: 'Qual de vós, tendo cem ovelhas, e sumindo-se uma, não larga as noventa e nove, para procurar a que se desgarrou até que a ache? E depois, se a encontra, não a põe aos hombros gostoso, voltando a casa, e chamando os amigos para se felicitar da boa fortuna, que teve em a descobrir? O mesmo succede no céu. Digo-vos que ha lá maior jubilo por um peccador arrependido, do que por noventa e nove justos, que não carecem de penitencia.

Passados momentos acrescentou ainda: 'Um homem teve dous filhos, e o mais moço disse-lhe um dia: entregae-me o quinhão que me toca, e o pae repartiu por ambos o que lhes pertencia. Pouco depois, arrecadando o que era seu, o mancebo partiu para terras muito distantes, em paiz estranho, e dissipou lá toda a fazenda, vivendo dissolutamente. Quando não tinha nada, sobreveiu uma grande fome, principiou a necessitar, e foi obrigado, para subsistir, a accomodar-se em casa de um bomem, que o mandou para o casal a guardar porcos.

'Ahi, chegou a tanta miseria, que para se fartar invejava as bolotas, que os animaes comiam, e ninguem lh'as dava. Por fim, cahindo em si, disse: quantos jornaleiros ha em casa de meu pae, que teem pão em abundancia, em quanto eu morro de fome!? Levantar-me-hei, e hirei buscar meu pae, clamando-lhe: senhor, pequei contra o ceu, e contra ti; já não sou digno de me chamares filho, trata-me como a um dos que te servem? Ergueu-se, pois, e dirigiu-se a casa.

'Ainda vinha longe, quando o pae o viu, e se compadeceu. O velho, correndo para elle, deitou-lhe os braços ao pescoço para o abraçar, e beijou-o. Disse-lhe então o mancebo: senhor, pequei, e não sou digno de que me chames filho, mas o pae gritou aos servos: tirae depressa o seu primeiro vestido, e ponde-lh'o. Mettei-lhe um anel no dedo, e calçae-lhe os sapatos. Matae tambem um vitello gordo para nos regalarmos, porque este filho, que era morto, reviveu, estava perdido e foi-me restituído.'

‘Estando elles ao banquete, o filho mais velho, que vinha do campo, quando se aproximava de casa, ouviu musica, e chamando um servo, perguntou o que era aquillo. Respondeu-lhe: teu irmão chegou, e teu pae mandou matar um novillo gordo por elle vir de saude. Indignou-se o filho mais velho, e não queria entrar, mas o pae, sahindo, rogou-lhe que o fizesse.

‘Ha muitos annos que te sirvo, exclamou, e nunca te desobedecei: apezar d’isso não me deste nunca nem um cabrito para comer com os meus amigos! Agora, tanto que volto este filho, que desbaratou em deleites quanto pessua, mandas matar logo um vitello cevado, e festejas!’

‘Filho, não assistes sempre tu commigo, replicou o pae, e o que é meu não é teu? Se dou hoje banquete, é porque teu irmão, que estava morto, reviveu, e depois de perdido tornei a achal-o!’

Estas bellas imagens de amor inexaurivel e clemencia divina, eram novas para os sectarios invejosos, e consoladoras para o povo, condemnado a padecer e trabalhar. Jesus, para melhor gravar no animo de todos o sentido sublime da sua doutrina ajuntou ainda outra parabola.

‘O reino dos céus, principiou elle, é semelhante ao pae de familias, que, rompendo a manhã, foi assalariar quem trabalhasse na sua vinha. Ajustado o preço de um dinheiro por dia, mandou os operarios para a obra.

‘A’ terceira hora, sahindo de novo, achou alguns trabalhadores ociosos na praça, e disse-lhes: hede tambem vós para a minha vinha, e pagar-vos-hei razoavelmente. A’ sexta ainda sahio, á hora nona fez o mesmo, e junto da undecima, tornando á praça, encontrou lá outros operarios, e perguntou-lhes: Porque estaes sem fazer nada?— Porque ninguem nos ajustou, redarguiram.— Pois hede trabalhar tambem na minha vinha!’

‘No fim da tarde disse o senhor ao mordomo: chama os trabalhadores e paga-lhes o jornal, começando pelos ultimos, e acabando nos primeiros. O criado obedeceu, e chegando aos que vieram á hora undecima entregou um dinheiro a cada um. Cuidaram então os que tinham sido primeiros, que hiam receber mais, porém tiveram o mesmo, e escandalizados murmuraram contra o dono da vinha, dizendo: Aos ultimos, que só trabalharam uma hora, dás-lhes tanto como a nós, que

aturamos o pezo do dia e o ardor da calma! — Amigo, acudiu o senhor para um d'elles, faço-te aggravo? Não convieste no preço? Toma o que te pertence, e vae-te. Não me será permitido repartir como quizer? Acaso o teu olho é mau, porque eu sou bom? Por isso os ultimos ficaram os primeiros: Muitos são os chamados, e poucos os escolhidos!

CAPITULO DUODECIMO

MORTE E RESURREIÇÃO DE LAZARO. ENTRADA EM JERUSALEM. OS VENDILHÕES DO TEMPLO

Haec ait, et post haec dixit eis: Lazarus amicus noster dormit, sed vado ut a somno excitem eum.

Evang. sec. Joan. cap. XI, v. 11.

*Et cum intrasset Jerosolymam, commota est universa civitas, dicens. Quis est hic? *Evang. sec. Matth. cap. XXI, v. 10.**

Neste meio tempo em Bethania, aonde assistiam Martha e Maria, a mesma que ungira de perfumes os pés do Salvador, adocceu um homem chamado Lazaro, irmão d'ellas, e varão de conceito e posses entre os seus.

Crescendo a molestia e o perigo, as duas mandaram dizer a Jesus: Senhor, está enfermo, e em risco, aquelle que amas!

Christo, assim que ouviu o recado, respondeu aos mensageiros: 'Essa doença não é mortal; mas foi ordenada para maior gloria de Deus, e de seu Filho.'

Amava muito a Lazaro, e suas irmãs; mas apesar d'isso deixou-se ainda ficar dous dias sem lhes acudir; e só depois é que disse aos discipulos, que era tempo de tornarem para a Judéa. Assustaram-se elles e atalharam, reclamando: 'Ainda ha pouco te queriam apedrejar os Judens, e voltas para lá?' — 'Não são as doze horas do dia? observou o Messias. Quem anda de dia não tropeça, porque vê a luz do mundo. O nosso amigo Lazaro dorme, e vou despertá-lo.'

'Senhor, insistiram os discipulos, se dorme é que está melhor.' Cuidavam que fallava do somno ordinario; porém Jesus tinha alludido ao somno da morte. Desenganou-os então, acrescentando: 'Lazaro morreu; e alegro-me de não me achar

lá Para que a vossa fé seja confirmada. Ainda que falleceu, vamos vel-o.'

Thomé disse então aos outros companheiros: 'Sigâmos o Mestre, ainda que seja para morrermos com elle!'

Fez-se a caminho, e chegando, achou o Mestre, que Lazaro fôra sepultado havia quatro dias. Bethania distava meia legua de Jerusalem, e Martha e Maria, encerradas em sua casa, recebiam os pezames dos Judeus, que vinham da cidade santa para as consolarem.

Apenas soube da vinda de Jesus, logo Martha correu ao seu encontro, e disse-lhe: 'Senhor, se aqui estivesse, meu irmão não fallecia! Mas sei que tudo o que pedires a Deus será concedido.' Christo respondeu unicamente: 'Teu irmão ha de resurgir.'—'Sei que resurgirá, tornou ella, mas só no dia do Juizo final.'

Então acrescentou o Mestre: 'Eu sou a resurreição e a vida, e o que em mim crer, embora esteja morto, viverá! Acreditas isto?'—'Sim, Senhor, creio, retorquiu, que és o Christo, Filho de Deus vivo, que vieste ao mundo.'

Dito isto foi Martha chamar em segredo a Maria, sua irmã, avisando-a de ser chegado o Mestre, e tanto que esta a ouviu, ergueu-se, partindo em sua busca, porque ainda não tinha entrado na aldeia, e estava no mesmo sitio, aonde a outra irmã o encontrára.

Os judeus, que assistiam de cerimonia ao luto, como reparassem na repentina sahida de Maria, seguiram-a, dizendo: 'Vae chorar ao sepulchro!' Mas ella, apenas viu o Salvador, lançou-se-lhe aos pés, clamando: 'Se tu, Senhor, aqui estivesse, não morria meu irmão!'

As lagrimas da irmã inconsolavel, e os prantos dos que a acompanhavam, affligiram o espirito de Jesus. Turbando-se, perguntou: 'Onde o puzestes?'—'Vem, e vê!' replicaram.

Então chorou o Christo; e os Judeus observaram uns para os outros: 'Vejam como elle o amava!' Alguns diziam: 'Este, que abriu os olhos ao cego de nascença, não podia fazer que Lazaro não morresse?'

Aproximaram-se assim todos do sepulchro, que era em uma gruta, coberta com a campa. O Salvador mandou tirar a pedra, e notando Martha que o corpo contava já quatro dias de sepultura, teve esta resposta de Jesus: 'Não te disse que se creres, verás a gloria de Deus?'

Levantou-se então a campá, e o Christo, alçando os olhos ao céu, exclamou: 'Pae, dou-te as graças, por me teres ouvido. Bem sei, que sempre me escutas, mas fallei d'esta maneira, por este povo que me rodeia, para que elle acredite na missão, que me conferiste.'

Acabada a oração, inclinou-se para a gruta, e bradou: 'Lazaró, surge!' No mesmo instante o que estivera morto ergueu-se, ligados os pés e as mãos com as ataduras, e envolto o rosto no lenço da mortalha.

Voltando-se então para os circumstantes, Jesus disse: 'Desatae-o, e deixae-o hir!'

Muitos Judeus, espectadores do prodigio, creram n'elle, porém, alguns por maus e invejosos, procuraram os Pontifices e phariseus, e foram delatar-lhes o que tinha succedido.

O seu espanto foi igual ao ciúme, que sentiam perante as maravilhas de Christo, e ajuntando-se em conciliabulo, principiaram logo a discorrer: 'O que faremos nós? exclamaram. Este homem obra grandes milagres, e se o deixarmos livre todos o hão de acreditar. Depois os romanos virão arrancarnos os nossos logares, e destruir a nossa gente.'

Um d'elles, Caiphaz, eleito Pontifice n'aquelle anno, os atalhou então com estas palavras: 'Não sabeis nada. Não vêdes que é melhor que morra um homem pelo povo, do que toda a nação por sua causa?'

Isto que disse não vinha d'elle. Foi-lhe inspirado. A prophécia da morte de Jesus a fim de unir em um corpo os filhos de Deus, que existiam dispersos, devia sahir da bôca de um sacerdote!

Por isso, desde aquelle dia, não cuidaram os sectarios senão no modo de se desfazerem de Jesus, e este, por não ser chegada ainda a hora, acautelou-se, não apparecendo mais em publico entre elles, e retirando-se para uma terra, visinha do deserto, a cidade chamada Ephrem, aonde se recolheu com os discipulos.

Mas seis dias antes da Pascoa foi a Bethania, aonde lhe deram uma ceia, que Martha serviu, e á qual assistiu Lazaro resuscitado.

Então Maria tomou uma libra de nardo puro do maior custo, e ungiu os pés a Jesus, enxugou-lh'os com os seus cabellos, como já fizera, rescendendo por toda a casa os aromas do balsamo precioso. Judas Iscariotes, aquelle mesmo

discipulo, que depois havia de entregar o Mestre, offendeu-se da prodigalidade, e exclamou: 'Porque se não vendeu este nardo por tresentos dinheiros, e se não repartiu pelos pobres?'

Conforme succede muitas vezes este zelo era interessado. O cuidado que tinha nos pobres movia-o pouco, a verdadeira causa da sua estranheza procedia de que sendo a bolsa dos Apostolos, e pouco escrupuloso, lamentava que tão avultada quantia escapasse ás suas mãos.

Jesus sabia tudo, porém disfarçando, contentou-se com esta serena resposta: 'Deixae-a. Que ella guarde isso para o dia da minha sepultura, porque sempre tereis comvosco os pobres, mas a mim não me tendes sempre.'

O avarento calou-se, e entrando logo depois crescido numero de Judeus, que vinham tanto por causa de Christo, como para verem por seus proprios olhos a Lazaro resuscitado, mudou a conversação, e nada mais occorreu a tal respeito. Entretanto, decidiam nos seus conciliabulos os principes dos Sacerdotes, que seria tambem conveniente matar a Lazaro, porque a sua vista attestava o poder de Jesus, attra-hindo ao Mestre muitos crentes.

Assim passou aquella noute, e no dia seguinte partiram para a festividade. Junto do monte Olivete, (1) em Bethphagé, disse Jesus aos discipulos: 'Hide, e achareis n'aquelle logar defronte de vós, logo á entrada, uma jumenta preza com o seu jumentinho, sobre o qual ninguem montou ainda. Desatae-os, e conduzi-os aqui, se o dono vos perguntar, porque os desprendestes sem sua ordem, respondei, que o Senhor precisa d'elles, e de boa vontade vol-os deixará trazer.'

Aconteceu como o Salvador dissera; e os discipulos deitando as capas sobre o jumento, offereceram-o para Jesus montar, e d'aquelle fórma se encaminharam a Jerusalem, cumprindo-se n'isto o vaticinio do propheta, que disse: 'Não temas, Sião, eis o teu rei, que entra pobre e manso sobre o filho da jumenta' (2).

Ao tropel da sua chegada á cidade santa abalou-se a maior

(1) Bethphagé era situada nas raizes do monte Olivete, a dous mil passos quasi de distancia de Jerusalem: é d'ella que partia a estrada direita, que desembocava na porta aurea da cidade. D'esta aldeia sabiam as rezes para os sacrificios do Templo; e o Senhor, como verdadeiro cordeiro Pascal, offerecido em holocausto pelos peccados do mundo, quiz ser levado ao Templo, pela mesma estrada, e do mesmo logar, d'onde sabiam as victimas, que o symbolisavam.

(2) Zacharias, cap. IX. v. 9.

parte do povo, que viera para celebrar a Pascoa, e sahindo-lhe ao encontro, receberam o Messias com ramos de palmas na mão, juncando lhe o caminho de espadanas cortadas das mesmas arvores, e alcatifando o chão com as capas para elle as pizar.

Tanto os que hiam adiante, como os que seguiam atraz repetiam as acclamações, gritando: 'Hosanna ao filho de David!' Paz na terra, e gloria no ceu! Bem aventurado o rei de Israel, que vem em nome do Senhor!' (3) Tudo eram adorações e jubilos n'esta entrada, tudo dias depois se converteu em affrontas e tormentos!

No principio os discipulos não reflectiram, mas quando Christo subiu glorioso aos céus, é que se lembraram das prophecias, e da parte que lhe coubera tambem a elles no seu cumprimento. Muitos dos que se achavam presentes na occasião, em que Jesus tirou Lazaro do sepulchro, testemunhavam o seu poder, e foi o que moveu o povo a recebello assim, porque tinha já noticia do milagre. No meio dos applausos os phariseus, ralados de inveja, diziam uns para os outros: 'Vedes o que aproveitámos? Ahi vae toda a gente atraz d'elle!' Outros mais impacientes ainda, não podendo conter-se, e notando que os discipulos se mostravam excessivos na alegria, disseram ao Mestre que os reprehendesse. Christo redarguiu: Affirino-vos, que se elles se calarem, as mesmas pedras hão de ter vozes para me louvarem!

Apenas avistou Jerusalem, arrazaram-se-lhe os olhos de lagrimas, e enternecido, exclamou: 'Oh, se ao menos n'este dia tu conhecesses o que ainda te é concedido para te arrependeres! Se soubesses o que pôde grangear-te a paz! Mas tudo se occulta dos teus olhos. Virá tempo, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te porão sitio de todos os lados, arrazando-te inteiramente, e não deixando pedra sobre pedra, porque não percebeste a epocha, em que Deus te visitou!' Tristes palavras, que pintavam com as côres do presente o castigo futuro, annunciando a ruina da soberba capital da Judéa, e a funesta victoria das armas de Tito. Tudo, como veremos, se executou pontualmente, como Christo o tinha vaticinado.

(3) Na Chronologia do padre Lami é indicada a vinda triumphal de Christo a Jerusalem, como feita aos 9 dias do mez de Nizam, correspondente a 28 de março, em domingo de tarde, quasi sol posto.

Quarenta annos depois da sua morte erguia-se aquelle muro de legua e meia de circuito, que abraçava a cidade na sua volta, cortando-lhe os mantimentos, e tirando-lhe toda a esperança de remedio. Um milhão e cem mil pessoas morriam a ferro e fogo, noventa e sete mil captivos hiam amassar com as lagrimas em Roma os monumentos do orgulho dos vencedores! Eis o que os olhos divinos de Jesus liam no porvir, e por entre os jubilos triumphaes d'aquelle dia, por isso o pranto lh'os molhava, e o seu coração de pae se trespas-sava!

Logo que entrou, alvoroçou-se toda a cidade, perguntando quem é este? O povo, que o acompanhava respondia: é Jesus, aquelle grande propheta, que esperavamos, natural de Nazareth de Galiléa. Ao mesmo passo os cegos e os coxos apresentavam-se no Templo, e elle curava-os; mas os principes dos sacerdotes e os doutores, cheios de ira contra os prodigios obrados, e contra as acclamações dos meninos, que não cessavam de gritar: 'Hozanna ao filho de David!' voltaram-se para Christo, e disseram-lhe: 'Tu não ouves o que estes rapazes bradam!' — 'Ouço, replicou o Mestre, mas não lestes vós, que da bôca dos meninos, e até das creanças de peito, é que o louvor sahe mais perfeito?' (4) Era já tarde, e deixando-os pasmados com a resposta, Jesus partiu da cidade com os doze Apostolos, e foi para Bethania, aonde ficou.

Ao outro dia, ao sahir de Bethania para Jerusalem, Jesus teve fome, e notando de longe, uma figueira á borda da estrada, muito coberta de folhas, aproximou-se para lhe colher os fructos, mas não achou senão ramos, então disse: 'Nunca ninguem coma do que produzires!'

Entraram depois em Jerusalem, e dirigindo-se ao Templo, começou Christo a lançar fóra os vendilhões e compradores, que o prophanavam, derribando as mezas dos usurarios, e as cadeiras dos negociantes de pombas. Ao mesmo tempo ensinava-os dizendo: 'Porventura não está escripto, — que a minha casa será chamada casa d'oração entre todas as gentes? Porque tendes feito d'ella um covil de ladrões!'

Ouvindo isto os principes dos sacerdotes e os escribas, excogitaram o melhor meio de o perderem, porque os assustava a sua doutrina, e a admiração com que era escutada.

(4) Psalmo VIII, v. 3.

Mas não descobriam pretexto, nem occasião propicia, pois o povo, sempre que elle prégava, parecia suspenso dos seus labios.

N'essa mesma tarde Jesus tornou a sahir da cidade, e foi a segunda vez que ardendo em zelo pelo respeito das cousas divinas expulsou do Templo os mereadores, que vinham aviltar com usuras e negocios a magestade de Deus, corrompendo a pureza do culto, e faltando á veneração devida ao altar.

Este rigor tão raro na doçura affectuosa do seu animo, offendia os hypocritas, e excitava-se mais no odio ao Salvador. Em quanto engrossavam com as rendas do Templo, e faziam alarde de austeros na lei por falsa devoção, opprimindo e enganando o povo, a palavra do Messias penetrava como um raio de luz as trevas dos seus corações, e levantava a verdade sobre as ruinas da simulação e da impostura.

Desde que a sciencia dos phariseus era obrigada a emudecer diante da palavra de Christo, e desde que prodigiosos e repetidos testemunhos confirmavam o seu poder, o que restava aos soberbos sectarios senão appellarem para a perseguição uma vez que os olhos e a endurecida consciencia resistiam á evidencia, negando aquillo mesmo que tantos attestavam, e tinham apalpado?

A entrada triumphante de Jesus, e o ascendente, que tomara sobre as almas sinceras, advertiam-os do perigo, e instavam-os para não demorarem o desenlace do seu plano vingativo. Mais tarde, (imaginaram) já não seria tempo. Por isso empenhavam os maiores esforços para assassinarem juridicamente o Mestre; que desconheciam, chamando sobre a cabeça do seu povo os flagellos promettidos em castigo do deicidio.

A Jerusalem, impenitente e cega, que exultava de orgulho mesmo no occaso do seu esplendor. consumará o crime, e depressa attrahirá o cumprimento das prophecias, convertendo em funesta realidade as lamentações sublimes de um dos seus videntes!

CAPITULO DECIMO TERCEIRO

PARABOLAS DA VINHA E DO BANQUETE NUPCIAL.

JESUS NO TEMPLO. CHRISTO DEUS.

TRIBUTO A CESAR.

Agricolae autem videntes filium, dixerunt intra se: Hic est haeres, venite, occidamus eum, et habebimus haereditatem ejus.

Evang. sec. Matth. cap. 21, v. 38.

Respondit Jesus, et dixit: Non: propter me haec vox venit, sed propter vos.

Nunc judicium est mundi: nunc princeps hujus mundi ejicietur foras.

Evang. sec. Joan. cap. 12, v. 30 e 31.

Na manhã seguinte, voltando a Sião, e passando Jesus e os discipulos pela figueira amaldiçoada na vespera, viram-a secca até ás raizes, e Pedro, lembrando-se, disse para o Mestre: ‘Olha como se queimou a arvore toda!’ Christo respondeu: ‘Tende fé em Deus, porque vos affirmo que por ella se ordenares a este monte, que se lance no mar, e isso fôr do coração, e sem hesitardes, o monte obedecerá. O que pedirdes, orando, obtel-o-heis, mas fazendo oração, se acaso padecestes injuria, perdoae-a, para que tambem vos sejam perdoadas as culpas no ceu.’

Caminhando assim entretidos, entraram em Jerusalem, e andando Jesus no Templo, chegaram-se os principaes sacerdotes, os escribas e os anciãos, e perguntaram-lhe: ‘Com que auctoridade fazes estas cousas? Quem te deu o poder?’— Tambem vos quero fazer uma pergunta, replicou o Senhor, satisfazei-a, e então vos direi d’onde procede a minha auctoridade. ‘O baptismo de João era do ceu, ou foi dos homens? Respondei!’

‘Suspenderam-se. Bem reflectiam que se admittissem que era do ceu, Jesus havia de redarguir, porque não crestes então n’elle? E asseverando ser dos homens, o povo não o soffreria, porque tinha João no conceito de Propheta. Por isso contentaram-se com dizer que não sabiam. Pois tão pouco vos quero explicar com que poder obro as acções sobre que me interrogaes, tornou o Messias. Continuando depois a fallar,

acrescentou: 'O que vos parece da parábola, que vou propor-vos? Um pai tinha dois filhos, e chamando por um, disse-lhe, vae hoje trabalhar na minha vinha. Respondeu elle que não queria, mas pezaroso, d'ali a pouco foi, e trabalhou. Ordenou o pae o mesmo ao outro filho, e dizendo-lhe este que promptamente hiria, deixou-se ficar. Qual d'elles, pergunto, cumpriu a vontade de seu pae?'

'O primeiro, acudiram os Judeus.'

Pois em verdade vos asseguro, concluiu o Salvador que os publicanos e peccadores possuirão primeiro do que vós o reino dos céus, porque vindo João ao mundo, e tendo uma vida tão justa e santa, não o acreditastes; e os peccadores, que ao principio repugnavam, depois creram, e nem o seu exemplo vos moveu!

Passando logo a outra parábola, Christo proseguiu: 'Um pae de familias plantou uma vinha, murou-a, e construiu lagares, e uma torre para sua defeza. Deu-a depois de renda a certos agricultores, e ausentou-se. Chegando o tempo da vindima, mandou por vezes os creados para cobrarem os fructos, que lhe deviam, e os rendeiros não só lh'os não pagaram, como se levantaram contra elles, ferindo um, apedrejando outro, e matando o terceiro. O pae de familias, em presença de tão deshumana acção, resolveu enviar a seu proprio filho, herdeiro da vinha, suppondo que lhe guardariam respeito; e foi tanto pelo contrario, que, ajustando-se contra elle, lhe tiraram a vida. O que vos parece que fará o senhor da vinha a estes perversos quando vier?' — 'Castigal-os-ha rigorosamente, replicaram os sacerdotes e escribas, e entregará a propriedade a colonos exactos no pagamento.' — Jesus, dirigindo-se então a elles, disse: 'Nunca lestes nas escripturas, que a pedra rejeitada pelos constructores foi posta para servir de angulo ao edificio? Por isso vos declaro, que vos será tirado o reino do céu, e dado a um povo que melhor conta dê!'

E continuando a discorrer ajuntou, sempre no mesmo estylo: 'O reino do céu assemelha-se a um rei, que celebrando as bodas de seu filho, e mandando pelos servos chamar os convidados, soube que estes se escusavam. Vendo isto, enviou de novo outros servos com o seguinte recado. O banquete está preparado, os bois cevados mortos, e tudo prompto, vinde! Mas elles desprezaram logo o convite, e foram-se,

um para a sua casa de campo, outro para o seu negocio, e alguns excederam-se tanto, que, lançando mão dos criados, depois de ultrajados, os mataram. Constando-lhes isto irou-se o rei, e ordenou aos seus exercitos, que exterminassem aquelles homicidas, e deitassem fogo á cidade, e virando-se para os servos, disse.— As vodas de certo estão aparelhadas, mas os convidados não foram dignos do banquete, hide, pois, á sahida das ruas, e os que achardes, trazei-mos. Obedeceram elles, e encheu-se a casa de gente má e boa. O rei, entrando depois reparou que um homem não trajava a veste nupcial. Amigo, perguntou, como vieste sem o vestido proprio? E fallando com os ministros, acrescentou. Atae-o de pés e mãos, e lança-o nas trevas exteriores, porque muitos são os chamados, e poucos os escolhidos.’

Penetrando esta parabola, que tão de perto os alcansava, os phariseus retiraram-se, consultando a maneira de armarem um laço, em que apanhassem a Christo, e trabalhando por inventarem motivos de o accusarem perante o procurador romano.

A vêr se o conseguiam mandaram logo alguns dos seus discipulos juntamente com os Herodianos, e estes, apostados para a cilada, assim fallaram a Jesus: ‘Mestre, sabemos que és verdadeiro, e ensinaes o caminho de Deus sem respeito de pessoas, responde-nos pois, é licito pagar o tributo a Cesar?’

‘Porque me tentaes, hypocritas? atalhou o Senhor, conhecendo a malicia. Mostrae-me a moeda do censo. De quem é esta imagem e inscripção?’

‘De Cesar:’ redarguiram.— ‘Dae então a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.’

Não quizeram escutar mais, e desappareceram corridos.

Mas alguns gentios, dos que tinham concorrido para adorar a Deus no dia da festa, procurando a Philippe, que era de Bethsaida na Galiléa, pediram-lhe para verem a Jesus. Elle contou-o a André, e ambos o declararam ao Mestre.

Então o Salvador exclamou. ‘Chegada está a hora do Filho do Homem ser glorificado! Em verdade vos digo, que se um grão de trigo, cahindo na terra, não morrer, ficará elle só; mas se morrer produzirá muito fructo. Se alguém me segue, venha; e aonde eu estiver, esteja tambem o que me serve.

A consideração da morte próxima turva-me a alma. Que direi eu? Pae, glorifica o teu nome?’

Ouviu-se então esta voz do céu. ‘Mostrei já a minha gloria, e ainda outra vez a hei de manifestar!’

Dos presentes, que a escutaram, uns disseram que fôra um trovão, outros acudiam, assegurando que algum Anjo lhe fallára. Christo observou-lhes que a voz soara por amor d’elles, accrescentando: ‘Agora é chegado o juizo do mundo, e será lançado fóra o principe, que o domina. Quando eu fôr levantado da terra tudo attrahirei a mim.’

Estas palavras alludiam á queda de Satan vencido pela redempção, e ao supplicio da cruz, que Jesus esperava, mas o povo não o podia perceber, por isso dizia: ‘Consta da Lei que o Christo ha de permanecer eternamente, como affirmas tu, que o Filho do Homem será levantado? De quem fallas?’

Jesus redarguiu: ‘Por um pouco ainda a luz está convosco. Andae em quanto a tendes, pois caminhar nas trevas é não saber por onde se vae!’

Tanta era a cegueira, que obrando o Senhor innumeraveis prodigios diante d’elles, ainda não criam! Verificou-se a prophesia de Isaias: «Cegou-os para que não vissem, e endureceu-lhes o coração para não acreditarem!»

CAPITULO DECIMO QUARTO

A RESURREIÇÃO. O OBOLO DA VIUVA. AS VIRGENS LOUCAS. CONSPIRAÇÃO DOS JUDEUS

Cum enim a mortuis resurrexerint, neque nubent, neque nubentur, sed sunt sicut angeli in coelis.

Evang. sec. Marc. cap. XII, v. 25.

Tunc simile erit regnum coelorum decem virgibus, quae accipientes lampades suas, exierunt obviam sponso et sponsae.

Evang. sec. Matth. cap. XXV, v. 1.

Quando o Senhor fallava, aproximaram-se certos sadduceus, cuja seita negava a ressurreição, e perguntaram-lhe: ‘Mestre, Moysés escreveu na Lei: se morrer o irmão de algum, e for

casado sem filhos, despose-se o irmão com a mulher para dar herdeiro á casa de seus paes. Havia, pois, sete irmãos; e casando o primeiro, falleceu sem filhos. Ao segundo aconteceu o mesmo; assim ao terceiro, e a todos sete. Por fim morreu tambem a mulher depois de todos. Quando vier a resurreição, de qual d'estes maridos será ella esposa, tendo-o sido dos sete irmãos?

Jesus respondeu: 'Os filhos d'este seculo casam-se, mas os que forem julgados dignos de melhor vida, o da resurreição, não terão nem esposos, nem mulheres, porque nunca hão de morrer; mas ficarão iguaes aos Anjos e aos filhos de Deus. Moysés tambem mostrou que os mortos resuscitam, quando ao pé da çarça chamou Deus de Abraham, de Isaac, e de Jacob ao Senhor. Ora Deus não é dos mortos, mas dos vivos, porque todos vivem n'elle.'

Alguns dos escribas, que assistiam, disseram então: 'Mestre, respondeste bem!' E d'ahi em diante não continuaram a fazer-lhe mais perguntas.

Mas se os sadduceus se abstiveram de o tornarem a interrogar, os phariseus não desistiam. Ouvindo-o disputar sobre a resurreição, perguntou-lhe um d'elles, qual era o primeiro de todos os mandamentos. Redarguiu Jesus: 'É este: O Senhor teu Deus é o unico Déus. Amarás ao Senhor de alma e coração. O segundo, (continuou) completa-o. Amarás ao proximo como a ti mesmo.'

Ensinando no Templo, proseguiu o Salvador: 'Guardae-vos dos escribas, que alardeiam roupas largas, e gostam de serem saudados nas praças. Devoram as casas das viúvas a pretexto de longas orações, e merecem ser julgados com o maior rigor!'

Jesus estava sentado defronte do Gazophylacio, e observava o modo porque o povo deitava as offertas: os abastados com mão larga; os outros segundo as posses. Chegando uma viúva pobre lançou duas pequenas moedas no valor de um obolo. Então exclamou o Mestre: 'Digo-vos na verdade, que mais deitou esta viúva, do que todos os ricos; porque esses deram do que lhes sobrava, e ella offereceu da sua mesma indigencia o que tinha, e o que lhe restava para o sustento!'

Quando sahiram para voltar a Bethania, segundo costumavam, pararam os discipulos, para notarem a grandeza e sumptuosidade do edificio do Templo; e virando-se para Christo,

disseram-lhe: 'Olhae que formosa architectura, e que pedras tão grandes!'

'Vedes tudo isto? (acudiu o Senhor) pois asseguro-vos, que virá tempo, em que não fique pedra sobre pedra!'

Continuaram o caminho, e no meio da ladeira do monte Olivete, repousou-se Jesus, voltado para o Templo. Então Pedro, Thiago, João e André, aproximando-se d'elle, perguntaram: 'Quando succederão essas cousas; e que signal haverá para se começarem a cumprir?'

'Guardae-vos, não vos engane alguém, acudiu Christo; porque muitos virão falsamente em meu nome para illudirem. Levantar-se-hão mentirosos, chamando-se Christos e prophetas; e se alguém vos bradar:— aqui está o Christo, ou eil-o acolá, não lhe deis credito, embora faça maravilhas e prodigios. Vede que vos advirto antes!'

'Este Evangelho será prégado por toda a terra, em testemunho a todos os povos, e então chegará o fim. A afflicção será tão grande, como desde que ha mundo nunca existiu. Se aquelles dias se não abreviassem quem poderia salvar-se? Então de dous que estiverem no campo um será tomado, e o outro será deixado. Velae, porque não sabeis a hora!'

'Se o pae de familias soubesse a occasião em que o ladrão o assaltava, não deixaria minar a casa. Estae apercebidos, portanto: ignoraes a hora da viada do Filho do Homem.'

E passando ao estylo figurado apresentou esta parabolá:

'Então assemelhar-se-ha o reino do céu a dez Virgens, que pegando nas alampadas, sahiram a receber o esposo e a esposa. Cinco d'ellas eram loucas, e cinco prudentes. As loucas, levando as lampadas, esqueceram-se do oleo: as prudentes preveniram-se. Como tardasse o esposo, principiaram a tosquenejar; depois adormeceram; e estando assim, pela meia noite, ouviu-se gritar, que vinha o esposo, e que fossem recebê-lo.'

'Levantaram-se todas, e preparavam as alampadas. As loucas disseram ás prudentes: dae-nos do vosso oleo, porque se nos apagam as luzes. — Para que não aconteça faltar-nos tambem a nós procuraes os que o vendem, e compraes-o: — replicaram as outras. Em quanto sahiram chegou o Esposo, e as que estavam apercebidas entraram com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. Tornando as loucas, e achando-se de fóra, clamaram: Senhor abri! Mas elle respondeu: digo-vos na verdade que vos não conheço!'

‘Vigiae; pois não sabeis o dia, nem a hora.’

Mudando logo para outra figura Christo proseguiu:

‘Um homem ausentando-se convocou os servos, e entregou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dous, a outro um, emfim repartiu segundo a capacidade, que notou: depois partiu.’

‘O servo dos cinco talentos, negociou, e ganhou outros cinco. O que tinha dous lucrô mais dous, mas o que recebera um só, cavou no chão, e enterrou-o.’

‘Passado muito tempo veio o Senhor, e chamou-os a contas. O primeiro disse-lhe: entregaste-me cinco talentos, eis outros cinco.—Muito bem, servo fiel, já que o foste nas cousas pequenas dar-te-hei a intendencia das grandes. Entra na deleitação do teu Senhor. Com o segundo succedeu o mesmo: porém quando veio o que tinha enterrado o dinheiro, e disse para o Senhor: sei que és de condição rija, e segas onde não semeaste, e recolhes onde não espalhaste, respondeu-lhe este: servo mau e perguiçoso sabias isso, e não puzeste a render o talento, que te dei? Tirae-llo pois, e dê-se ao que já possui dez. Ao servo inutil lança-o nas trevas exteriores?’

‘Quando vier o Filho do Homem, na sua magestade e os Anjos com elle, serão as nações congregadas, e então ha de separar a uns dos outros, como o pastor aparta os cabritos das ovelhas, e assim porá as ovelhas á direita, e os cabritos á esquerda.’

‘Aos da direita ha de dizer: vinde benditos de meu pae, desde o principio do mundo vos está preparado o seu reino, porque tive fome, e destes-me de comer, tive sede, e destes-me de beber: era hospede, e recolhiste-me, estava nu, e vestiste-me, estava enfermo, e visitaste-me, estava no carcere, e viestes vêr-me.’

‘Replicaram os justos: mas, Senhor, quando é que vos achamos faminto e vos demos de comer, ou sequioso e vos demos de beber? Elle dirá: o que fizestes a um d’estes meus irmãos pobres, a mim o fizestes!’

‘Aos da esquerda condemnará depois, exclamando: Apartae-vos, maldictos, porque não me soccorrestes quando tive necessidade.’

Nestes ultimos discursos, por meio de parabolâs admiráveis, Jesus dispõe os discipulos para os terrores e ancias da sua paixão, e ensina-lhes as regras praticas do Evâgelho, que hão de prégár.

A vigilancia contra o peccado, o amor de Deus e do proximo, e os futuros destinos do homem, eis os objectos sobre que os doutrina.

Nada mais bello do que a fôrma, nada tão profundo como a idéa em todas estas figuras! São imagens e principios que uma vez manifestados, nunca mais se apagam do coração.

Como podia o paganismo carcomido de vicioso resistir á formosura e á pureza salutar de uma lei, toda fundada nos sentimentos mais nobres d'alma?

CAPITULO DECIMO QUINTO

CONSPIRAÇÃO DOS JUDEUS. PACTO DE JUDAS. A CEIA.

TRAIÇÃO DE JUDAS. TESTAMENTO

DE JESUS CHRISTO

Scitis quia post biduum Pascha fiet, et
Filius hominis tradetur ut crucifigatur.

Evang. sec. Matth. cap. XXVI, v. 21.

Et edentibus illis, dixit: Amen dico vobis, quia unus vestrum me traditurus est.

Idem, cap. XXVI, v. 21.

Estava proxima a festa dos Azimos, e Jesus, tendo concluido a exposição da sua doutrina, disse para os discipulos: 'que soubessem, que d'ahi a dous dias era a Pascoa, e que então seria entregue para os Judeus o crucificarem!'

De feito os principes dos sacerdotes e os escribas não cessavam de urdir, procurando modo de se desfazerem do Senhor. Reunidos no atrio do palaeio do Pontifice Caiphaz, deliberaram em segredo o plano de o prenderem, servindo-se de engano, porque receiavam o estrepito, e temiam que rompesse algum motim no povo, se tentassem violencia descoberta.

A perfidia de Judas, natural de Iscarioth, e da tribu de Ephraim, facilitou-lhes a execução.

Arrastado pela indole perversa, e sendo um dos doze Apostolos, apresentou-se aos conspiradores, promettendo vender-lhes a Christo. As palavras foram infames como o acto: 'Quanto me daes, se vol-o entregar?'

Offereceram-lhe trinta dinheiros, e ajustada por este preço

a traição, obrigou-se Judas a espreitar a oportunidade, e a indicar-lhes occasião propicia de se apoderarem do Salvador sem que as turbas o soubessem. Venal e avarento, a cubiça do ouro era o seu idolo, vendendo o sangue do Mestre pela mesma razão, porque saqueava a bolsa do apostolado.

Em quanto a aleivosia se concertava, os outros discipulos, chegando a festa, perguntaram a Jesus, aonde queria que preparassem o que haviam de comer na Pascoa?

Chamando a Pedro e a João ordenou-lhes o Senhor então que se adiantassem e fossem a Jerusalem. 'Logo á entrada, accrescentou, encontrareis um homem levando um cantaro ás costas. Segui-o até á casa para onde entrar, e ao dono direis da minha parte, que é chegado o tempo, e que determinei celebrar a festa em sua casa. Ha de mostrar-vos uma sala grande e adornada, e lá disporeis o que vos parecer necessario.'

Obedeceram os Apostolos, e tudo acharam, pontualmente, como Christo lhes tinha annunciado.

Já antes, estando Jesus em Bethania, sentado á meza de Simão o Leproso, appareceu uma mulher, que trazia uma redoma cheia de balsamo, e quebrando-a, derramou a essencia de nardo precioso que ella continha sobre a cabeça do Mestre. Offenderam-se da acção alguns dos presentes, murmurando: 'De que servirá tamanho desperdicio de perfumes? Vendidos por tresentos dinheiros não davam para socorrermos a a muitos pobres?'

O Salvador, que os penetrava interpoz-se, e disse-lhes: 'Deixae-a, não a molesteis por uma boa acção. Os pobres, sempre os tereis convosco para os beneficiar querendo; mas a mim dentro em pouco me perdereis. O que praticou não excede as suas forças; embalsamou-me, antecipadamente, para a sepultura; e aonde quer que se prégar o Evangelho que ella fez será sabido para sua memoria.'

Foi então, que ardendo em ira, Judas se retirou, e buscando os sacerdotes, rendeu o Mestre.

A ceia legal era ao sol posto, e foi por tanto á hora de prima, que Jesus se poz á meza com os doze Apostolos (1),

(1) O dia, a hora e as formalidades da ceia legal têm servido de assumpto a largas dissertações, e de todas ellas se colhe em resumo, que Jesus celebrou a festa com os seus discipulos na occasião determinada pela lei de Moyses, na quinta feira á tarde, do decimo quarto dia do primeiro mez (o de Nizan), vespera da Pascoa.

e lhes disse: 'Desejei anciosamente ceiar convosco o cordeiro pascal antes de padecer, porque vos declaro que não tornarei mais a comer até nos acharmos juntos no banquete celesste!'

Tomou depois o calix, deu graças, e acrescentou: 'Pegae, e distribui-o; pois não heberei outra vez do fructo da vide, em quanto não chegar o reino de Deus!' Seguiu-se o pão. Tendo-o benzido e partido, do mesmo modo, entregou-lh'o, dizendo: 'Tomae, este é o meu corpo!' No fim do repasto, tornando a levantar o calix, ajuntou: 'Este é o meu sangue do novo testamento que será derramado por muitos!' Todos beberam d'elle.

Estavam ainda á meza, quando Christo exclamou: 'Em verdade vos affirmo, que um de vós me ha de entregar!' Entristeceram-se então os discipulos, e cada um o interrogava por si: serei eu? Replicou o Senhor: 'É um dos doze, que mette commigo a mão no prato! O Filho do Homem padecerá como está escripto, mas desgraçado d'aquelle que o entregar; melhor lhe fôra não ter nascido!'

Mas o Judas, ou por audacioso, ou de assustado, perguntou: 'Sou eu, por ventura, Mestre?' e Jesus redarguiu: 'Tu o disseste!'

As palavras do Salvador, e a acção atroz a que alludiam, encheram os discipulos de espanto. Afflictos e maguados romperam em exclamações, desviando cada qual de si, e com ardor, a suspeita de traidor. Como parece natural, a pouco e pouco foram cahindo na disputa de qual era mais prezado de Jesus, e por isso merecia contar-se como o primeiro entre elles, e não se exaltaram menos. Mas o Mestre atalhou-os, dizendo: 'Os reis dos gentios dominam os povos como senhores: convosco deve succeder o contrario; o maior faça-se mais pequeno, e o que governa seja como o que serve!'

Finda a ceia levantou-se Jesus da meza, e depoz as suas

O Cenaculo (casa de sobrado alto) onde se reuniu com os Apostolos, era deus tiros de funda arredado da cidade, no maior cume do monte Sião.

Para os hebreus, os dias principiavam ao pôr do sol, e por isso entre a cerimonia de comer o cordeiro e a grande solemnidade, mediava um dia feriado.

Nesta ultima ceia, sempre pontual na observancia do preceito antigo, começa o Senhor pelo rigoroso cumprimento de todas as formalidades. Depois da ceia, propriamente legal, que se comia de pé, e que o Mestre passa ao segundo pasto, consentido pelos ritos, e no qual só era da regra que fossem azimos os pães, então tomando o calix e o pão, e que revela aos Apostolos que a nova lei é a realidade das figuras que a antiga encerra. A instituição da Eucharistia • prova.

vestes exteriores, cingindo-se com uma toalha. Depois lançou agua em uma bacia, e principiou a lavar os pés aos discipulos, alimpando-lh'os com a toalha que trazia.

O primeiro a quem buscou para aquelle acto foi Simão Pedro; mas este negava-se, exclamando: 'A mim, lavar-me os pés, Senhor!' — 'O que eu faço, não o percebes tu agora, acudiu Christo, mas sabel-o-has depois.' — 'Não me lavareis os pés!' insistiu Pedro. — 'Se t'os não lavar não terás parte commigo,' concluiu Jesus.

Então obedeceu Pedro, ajuntando: 'Nesse caso, Senhor, não só os pés, mas tambem as mãos e a cabeça.' — Ao que está lavado basta só molhar os pés; o mais acha-se limpo. E vós outros estaes puros, mas não todos.'

N'esta excepção ainda separava o apostolo que o havia de entregar; por isso accrescentou: nem todos!

Apenas acabou de lhes lavar os pés, tornou a vestir as roupas que largára, e voltando para a meza, disse: 'Sabeis o que fiz? Chamaes-me Mestre e Senhor, e com razão, porque o sou. Logo sendo eu esse, e lavando-vos os pés a todos, justo será que vós os laveis tambem uns aos outros. Dei-vos o exemplo, e deveis imital-o: porque o servo não é maior do que o Senhor, nem o enviado superior a quem o envia: e bemaventurados sereis, se praticardes o que agora aprendestes! Não fallo tanto por vós, pois conheço os que escolhi; mas é preciso que se cumpra o que está nas Escripturas — quem commigo comer o pão, levantará contra mim o pé! E antes de succedido o digo, para acreditarde, quando acontecer, que eu sou o mesmo de quem vaticinaram os prophetas!'

Proferindo estas palavras uma nuvem de tristeza cobriu o rosto do Senhor; e repetindo o que já dissera, exclamou: 'Em verdade vos asseguro, que um de vós me ha de entregar!'

Olhavam os discipulos uns para os outros na duvida, e aquelle que o mestre amava, para responder ao signal e à voz de Simão Pedro, que lhe perguntava de quem fallava o Mestre, volvendo a reclinar-se no seio de Jesus, disse-lhe: 'Senhor, quem é que vos ha de entregar?' — 'Aquelle a quem eu der o pão molhado!' E unindo a acção á phrase, deu o pão a Judas.

Atraz do bocado entrou o espirito das trevas no coração

do traidor; Christo, accrescentou: 'O que has-de fazer, faze-o depressa!'

Nenhum dos presentes entendeu o sentido d'isto: mas Judas, ouvindo-o, retirou-se logo.

Assim que sahio, disse o Salvador: 'Começa a glorificação do Filho do Homem! Filhos, ainda estarei convosco, mas por pouco. Depois haveis de procurar-me: e o que eu respondi aos Judeus: não podeis hir aonde eu vou, digo-o tambem de vós agora. O novo mandamento que vos deixo é que vos deveis amar uns aos outros como eu vos amei; d'onde todos conhecerão, que sois meus discipulos.'

Acudiu Simão Pedro: 'Senhor, aonde vaes?'—'Aonde não podes seguir-me, replicou Jesus. Mas hirs depois!'—'E porque não me é concedido seguir-te já? insistiu o Apostolo. Por ti darei a vida.'—'A vida? atalhou Christo. Em verdade te affirmo, que não cantará o gallo sem que me negues por tres vezes!'

Proseguindo, o Mestre accrescentou logo: 'Sois quem me tem acompanhado nas tribulações; por isso vos preparo o reino do céu, como meu Pae o preparou para mim.' E voltando-se para Pedro, disse: 'Simão, Simão, Satanaz pediu com instancia para vos joeirar como trigo; mas eu roguei por ti para a fé não te desfallecer. Depois de convertido conforta a teus irmãos.'—'Senhor estou prompto a hir contigo, para a prizão e para a morte,' exclamou o Apostolo. 'Declaro-te, redarguiu Jesus, que não cantará o gallo hoje sem que por tres vezes tenhas negado que me conheces!'

Perguntou depois a todos: 'Quando vos mandei caminhar sem bolsa e alforges, e sem sapatos faltou-vos acaso alguma cousa?'—'Nada!' retorquiram. 'Pois agora, tornou o Salvador, o que tiver bolsa tome-a, e tambem o alforge; e se não possuir espada, venda a tunica, e compre-a.'—'Senhor, eis aqui duas espadas,' observaram os discipulos. 'Basta!' redarguiu Jesus.

Como os Apostolos ficassem perturbados e afflictos com o que tinham ouvido, o Mestre, para os alentiar disse-lhes: 'Esforçae o coração. Credes em Deus, crede tambem em mim. Na casa de meu Pae as moradas são muitas; e se assim não fôra, ter-vos hia advertido. Vou apparellhar-vos o lugar. E depois de hir, voltarei, e tomar-vos-hei, para que estejades aonde eu estiver.—'Senhor, observou Thomé, não sabemos

aonde vaes, como queres que acertemos o caminho?' Respondeu Jesus. 'Eu sou o caminho, a verdade, e a vida. Ninguem hirá ao Pae, senão por mim. Se me conhecesseis haviéis de conhecê-lo também a Elle; mas cedo será, e já o tendes visto.'—'Senhor, disse Philippe, mostra-nos o Pae, e isso bastará.'—'Ha tanto tempo, que estou comvosco, replicou o Christo, e ainda me não conhecestes? Philippe, quem me vê a mim, vê também a meu Pae. Porque dizes, pois, mostra-nos o Pae?..... As palavras, que vos digo, não as digo por mim; quem faz as obras é o Senhor. Asseguro-vos que tudo o que lhe fôr pedido, com fé, em meu nome, será concedido para no Filho ser glorificado o Pae.... Se me amaes, guardae os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pae, que vos assista e defenda, e vos dê um consolador, que nunca se aparte — o espirito da verdade, que o mundo não vê, nem conhece; e esse ficará comvosco, e estará em vós. Não vos deixarei orphãos, hei de vir depois. O mundo dentro em pouco me perderá da vista, porém vós não, porque eu vivo, e vivereis vós também commigo. Quem observar os meus preceitos, ama o Mestre, e quem me amar será amado de meu Pae, e de mim, e manifestar-me-hei a elle.'

Disse-lhe então Judas, não o Iscariates, 'Senhor, porque te manifestarás a nós, e não no mundo?'—'Porque não me ama quem não guarda as minhas palavras, respondeu Christo. E as palavras, que ouvistes não são minhas, mas de Deus, que me enviou. Ensinei-vos, vivendo comvosco, mas o consolador, que é o Espirito Santo, ha de vir em meu nome, e tudo vos ensinará, então vos lembrareis melhor do que vos disse. Deixo-vos, e dou-vos a paz, não como a dá o mundo. O tempo é chegado, por isso abreviei as minhas palavras. O principe das trevas aproxima-se, e embora não tenha poder sobre mim, para que o mundo conheça, que amo o Pae, e lhe obedego, ser-lhe-ha permittido o que vae succeder!'

Escutando as ultimas despedidas do Mestre, enchiam-se os discipulos de magua e de tristeza. O Senhor compadecido tratou de lhes esforçar o animo. Usando da parabola continuou a instruil-os. 'Sou a cepa, accrescentou, vós as vides, e meu Pae o lavrador, que decepará a vide infructifera, e cultivará a fertil; e assim como as vides não produzem senão unidas á cepa, do mesmo modo vós estareis ligados commigo pelo amor. Aquelle que se separar será lançado fóra, e

seccará como a vara cortada: o que permanecer alcançará quanto pedir. Amae-vos uns aos outros, como eu vos amei. é o preceito que vos deixo: e bem sabeis que o maior signal do verdadeiro amor é sacrificar a vida pelos amigos, e meus amigos sereis, cumprindo o que vos ordeno.'

'Se o mundo vos aborrece, vedes que primeiro me aborreceu. Se fosseis seus prezaria elle a sua obra. Recordae-vos do que vos ensinei. O servo não é maior do que o Senhor. Se me perseguiram, tambem vos hão de perseguir; se guardaram a minha palavra, guardarão igualmente a vossa. Obrei no meio d'elles prodigios como ninguem ainda, e, não só os viram, mas por essa causa me odiaram e a meu Pae, sendo por tanto maior o seu peccado! Devia, porém, acontecer assim para se verificar o que está escripto, aborreceram-me sem motivo! Quando baixar o Espirito da verdade, que vos enviarei da parte de meu Pae, elle dará testemunho de mim, e vós tambem, porque me seguís desde o principio.

Querendo preparal-os, para as provações imminentes, o Salvador proseguiu depois, rasgando os véus do futuro: 'Digo-vos isto para os trabalhos vos não colherem de sobresalto. Hão de expulsar-vos das Synagogas, e breve raiará o dia em que os maus, ufanos das suas crueldades, tomarão a vossa morte por um serviço á divindade. Revelo-vos tudo para chegado o tempo, notardes que o referi antes de succeder. Agora que volto para o Senhor, que me enviou, nenhum de vós me pergunta para onde vou? Porque geme e se cobre de tristeza o vosso coração, ouvindo-me?'

Confortando-se, mostrou-lhes a necessidade do sacrificio, a victoria alcançada com o seu sangue sobre as trevas do peccado, e os bens infinitos da redempção; depois d'isto, concluiu Christo, dizendo: 'D'aqui a pouco não me vereis, e passado outro pouco tornarei a apparecer-vos, porque volto ao seio do Pae!'

Não o entendendo perguntavam os discipulos uns para os outros: 'O que vem a ser isto? O que significa?'

Jesus percebendo seu espanto, acudiu: 'Perguntaes pelo sentido das minhas palavras? Eu vol-as explico. Asseguro-vos que chorareis, e que o mundo se alegrará, mas a vossa tristeza ha de converter-se em jubilo. Quando a mulher sente as dores do parto magôa-se, porque entra na hora da sua angustia: mas apenas sahe á luz o menino esquece tudo pelo

prazer de ter dado ao mundo um homem! Assim vos acontecerá. Para vós o pezar depressa será goso. Tenho-vos ensinado por parabolos, chegou, porém, a occasião de vos fallar abertamente. Está proximo o dia, em que pedireis em meu nome, e eu não rogarei por vós ao Senhor, que vos ama, por me terdes amado, e por terdes acreditado que sahi de Deus. Procedendo do Pae vim ao mundo, e outra vez deixo o mundo para tornar a Deus!

‘Agora fallas sem parabolos, observaram os Apostolos, e conhecemos que sabes tudo, por isso cremos que sahistes de Jehovah.’ ‘Acreditaes agora?’ retorquiu Jesus. ‘É a hora de vos separardes cada um para sua parte, e de me deixardes só. E não ficarei só, porque o Senhor está commigo. O que vos disse foi para vos preparar. Haveis de padecer afflicções na terra; tende confiança; e adverti que eu venci o mundo!’

Assim fallou Jesus, e levantando os olhos ao céu disse: Pae é chegada a hora da minha morte, a hora de glorificares a teu Filho, fazendo que vivam eternamente os que lhe entregastes conferindo-lhe o poder da sua missão. A vida eterna consiste em que te conheçam por Deus unico e verdadeiro, e a Jesus Christo, que enviaste. Glorifiquei-te no mundo; e acabei a obra de que me encarregaste. Agora, Pae, engrandece-me, e faz-me conhecer da terra, com a gloria, que a teu Filho convem, e que antes de existir o universo, já tinha. Manifestei o teu nome aos homens; eram teus, e confiaste-m’os; guardarão a tua palavra; e entenderão agora, que todas as cousas vem de ti. Ensinei-lhes a doutrina, que me deste, e receberam-a crendo verdadeiramente, que eu sahi de Deus. Peço-te por elles, e não pelo mundo. Pae, guarda-os em teu nome para que sejam tão unidos entre si, como nós o somos.’

‘Quando estava com elles protegi-os, e conservei-os; nenhum se perdeu de quantos me entregaste senão o que era filho da perdição segundo a letra das Escripturas. Agora, que volto ao teu lado, defende-os para não sentirem a minha falta. Não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. Assim como tu me enviaste a mim, os mando eu. Soccorre-os e illumina-os, porque nem eu nem elles somos do mundo. Não te rogo só por estes, rogo-te por todos quantos em mim crerem em virtude da sua pregação. A

minha vontade, Pae, é que elles estejam commigo para verem a minha gloria, porque me amaste antes da terra ser creada. Senhor, o mundo não te conheceu; mas eu conheci-te, e elles acreditaram, e merecem por isso que os premeies, communicando-lhes amor igual ao que sempre houve entre nós!

Acabando a sua oração, Jesus sahiu do cenaculo, e baixando ao valle, ou torrente do Cedron, encaminhou-se para o monte das oliveiras.

Foi o testamento de Christo!

N'aquella mesma noite começaram os opprobrios e os tractos da Paixão.

Que poder, que persuasiva eloquencia a das suas palavras derradeiras!

Como ensina aos discipulos o soffrimento, a abnegação e o desprezo do mundo, nas vaidades, e nas affrontas!

Que ternura entranhavel não respira a supplica ao Eterno, encommendando-lhe a fraqueza d'esses homens simples e crentes, que desde o principio acompanham o Mestre, e o seguem a toda a parte!

O affecto de Jesus nunca se desmente. Pregado nos braços dolorosos da cruz, ou ajuntando as creanças debaixo do manto de pae, o seu coração yôa ao encontro dos que padeceram fome e sede de justiça, dos que chamou bemaventurados, que a terra flagella, mas que o paraizo acolhe com palmas e corôas!

A sua lei resume-se em dous preceitos admiraveis: o amor de Deus e o amor do proximo. A caridade e a esperanza filhas do céu, companheiras seguras da fé, alegam o caminho estreito, e os passos espinhosos da penitencia.

No momento, em que o sangue precioso do Messias vac correr pelas culpas do genero humano, na hora da expiação solemne, promettida aos descendentes de Abraham, a alma do Mestre levanta-se radiosa com a certeza do triumpho, e abrindo as portas do porvir envia por ellas o anjo das misericordias, e a palavra de vida, a redempção espiritual!

'O principe d'este mundo será vencido,' exclamou o Salvador; e dos Apostolos, que o ouviram, ainda alguns chegaram a admirar pelos seus olhos os prodigios annunciados, e a glorificação, que Jesus pedia ao Eterno Pae para consumação da boa nova.

A idolatria, annos depois já vacillava, abalada pela persuasão d'esses missionarios pobres e humildes, que respondiam ao ultrage com a paciencia, e ás offensas com o perdão.

As seitas orgulhosas e mundanas viram de repente desmascarado o sophisma que as entretinha; as ostentações descobriram o seu nada; e então appareceu como principio e fim de todas a soberba em umas, o deleite em outras, o erro e o scepticismo em muitas.

Romperam-se os horisontes do homem, que o paganismo acanhava; e além do tumulto, acima da terra, apontou a Fé para a celeste morada, como para a verdadeira patria dos filhos de Adão.

D'esse dia em diante a igualdade na presença de Deus, nivelou o poderoso com o indigente, a victima com o oppressor. Os que choravam, consolaram-se, esperando que as suas lagrimas pezariam na balança do Juiz, e que a summa rectidão pagaria as tristezas aos desherdados do mundo com as venturas perennes de Lazaro, o mendigo!

Uma revolução immensa, a reacção da verdade divina e da moral, rebentou das raizes d'aquelle madeiro de ignominias, aonde o odio dos phariseus, e a cumplicidade dos romanos, imaginaram afogar a idéa nova em vilipendios e em sangue.

Jerusalem cahiu, e as suas ruinas deram o primeiro testemunho. A purpura dos Cesares, rasgada e escarnecida pelos barbaros, coberta das nodos dos Neros e Caligulas, passou para o mercado dos pretorianos...

O que fôra grande e forte desfez-se em pó; e de tudo apenas sobreviveu aquella cruz, symbolo da Igreja nascente, para, estampada depois nas bandeiras do imperio, proclamar a gloria de Jesus!

LIVRO QUARTO

VIDA DE JESUS CHRISTO

VIDA DOLOROSA

PARTE I

CAPITULO PRIMEIRO

AGONIAS NO HORTO. BEIJO DE JUDAS. PRISÃO DE JESUS

Jesus itaque sciens omnia, quae ventura erant super eum, pro cessit, et dixit eis: Quem quaeritis?

Evang. sec. Joan. cap. XVIII. v. 4.

Avisinhava-se a hora. Escravos das proprias vinganças os principes dos sacerdotes consummaram o pacto de sangue, e cheios de impaciencia contaram os instantes até se apoderarem do Mestre, que não ousavam combater, lançando-lhe em rosto, como crimes as suas virtudes sublimes.

Em quanto ao som das trompas alguns hypocritas distribuiam esmoias fastuosas para deslumbrar e multidão, outros peiores ainda, apuravam os traços do plano urdido, e a um tempo juizes e accusadores, pizavam aos pés as leis e costumes de Israel para calarem por mão de algozes aquella bôca eloquente, que os envergonhava pelas miserias do seu orgulho, e pela cegueira e endurecimento do seu coração.

Jesus sabia tudo; e por isso, levantando-se da ceia, tinha dirigido aos Apostolos, como instrucções finaes. os ultimos preceitos da sua religião de amor, e de esperanza.

Apontando-lhes para o céu, mostrou-lhes a verdadeira patria. Avisando-os das ciladas do mundo indicou os verdadeiros inimigos. Pintando a vida, como ella é, um desterro de lagrimas e amarguras, um caminho de trevas, e um precipicio continuo, propoz-lhes para conforto das proximas tribulações a penitencia, a abnegação, e o sacrificio voluntario!

Eis as armas para a conquista moral, que lhes entregou: e tal era a sua força, que seculos depois a cruz arvorada em triumpho, campeava sobre os templos e os pretorios.

Apenas acabou o discurso, que substanciamos no capitulo XV do Livro Terceiro, sahio Christo do Cenaculo, e descendo para o valle do Cedron, (1) passou a torrente com os discipulos, encaminhando-se ao monte das Oliveiras, e ao horto chamado de Gethsemani, (2) ao qual frequentes vezes se recolhia para orar e meditar.

A' entrada do jardim, voltou-se o Salvador para os Apostolos, e disse-lhes: 'Orae aqui para não cahirdes em tentação,' e levando consigo a Pedro, a Thiago e a João apartou-se dos mais a distancia de um tiro de pedra. Principiou então a temer e a angustiar-se em extremo, querendo provar aos homens, com este exemplo de afflicção voluntaria, quanto é de receiar o doloroso trance da morte, e quanto se devem dispor para elle.

Para fazer mais sensivel esta verdade, fallando aos tres discipulos, exclamou: 'A minha alma está sentida de mortal tristeza. Demorae-vos aqui, e velae comigo.'

Depois, adiantando-se poucos passos, pröstrou-se com o rosto em terra, orando, e dizendo: 'Pae, se é possível, passe de mim este calix, não se faça, porém, a minha vontade, mas a vossa.' Apareceu-lhe então um anjo para o confortar, e prolongando-se a agonia correu-lhe do corpo um suor de sangue. Tornando d'ahi para os Apostolos achou-os dormindo. Visto isso, disse increpando a Pedro, não pudestes vigiar comigo nem uma hora? Velae e orae para não serdes vencidos da tentação, porque, se o espirito está prompto, a carne sempre é fraca.'

E retirando-se orou de novo, clamando: 'Pae, se este calix não póde passar sem que eu o beba, seja feita a tua von-

(1) O valle do Cedron, ou de Josaphat, ficava entre o monte das Oliveiras e Jerusalem, cingindo a pela parte oriental. A torrente, que lhe deu o nome, cortava-o em toda a sua estensão, sequiosa no estio, torva e sombria apenas a inchavam as aguas caudaes do inverno. O sitio que atravessa é de aspecto funebre e melancolico. O valle profundamente cavado pouco se levantou com os destroços do Templo e da cidade com que Tito e Adriano o mandaram encher, nem as cinzas dos idolos queimados por Joas e Ezequias tiraram ás aguas da sua ribeira a negra tristeza, que as desfeia.

(2) Este horto formava parte de uma quinta do lugar de Gethsemani, aonde estavam os lagares e se fabricava o azeite produzido pelas bellas arvores, que vestiam as encostas. Tambem ali pastavam as ovelhas destinadas aos sacrificios: por isso parece ter sido escolhido para principio do holocausto do Homem Deus.

tade!' E vindo logo ter com os discipulos, aonde os deixára, ainda os achou com os olhos pezados de somno profundo. D'ali voltou á oração terceira vez, repetindo as mesmas palavras, e quando acabou, disse-lhes: 'Agora dormi e descan-sae, pois é chegada a hora em que o filho do Homem ha de cahir nas mãos dos peccadores. Levantae-vos, e vamos.'

'Já se avizinha o que deve entregar-me.'

Ainda fallava o Mestre, e já entrava o discipulo, que o vendêra, e sabia de experiencia o logar, aonde havia de encontrar-o. O traidor vinha seguido d'um numeroso bando de gente armada com espadas e varapaus, enviados pelos anciãos e sacerdotes, e o signal ajustado para a entrega era. «Aquelle que eu beijar é Jesus, podeis prendel-o!»

Querendo pois cumprir o pacto, Judas aproximou-se de Christo, e disse-lhe: 'Deus te salve, Mestre!' e deu-lhe um osculo ao mesmo tempo. O Salvador, replicou. 'Amigo, a que vieste? E depois, virando-se para os soldados, e quadrilheiros dos Pontifices, que chegavam em tumulto com archotes, lanternas, e armas, accrescentou, adiantando-se. 'A quem buscaes?—'A Jesus de Nazareth,' responderam.

'Sou eu,' disse o Mestre.

Apenas lhe ouviram estas palavras recuaram, e cabiram por terra.

Christo perguntou-lhes pela segunda vez então. 'A quem buscaes?' 'A Jesus de Nazareth,' redarguiram.' 'Já vos disse que sou eu, tornou o Senhor. Se a mim é que buscaes, deixaes hir estes.' E ajuntou isto para se verificar esta letra das Escripturas,—«dos que me deste não perdi nenhum.»

Pedro, que trazia espada, arrancou d'ella, e feriu a Malco, um dos servos do Pontifice, cortando-lhe a orelha direita; mas Jesus logo o reprehendeu, dizendo. 'Embainha a tua espada. Não queres que beba o calix, que meu pae me deu? Todos os que ferirem com ferro, a ferro morrerão. Cuidas acaso, que não podia invocar a meu Pae, e que elle me não mandaria logo mais de doze legiões de anjo? mas como se haviam de executar as prophcias, e realisar-se o que deve acontecer?' E tocando a orelha ferida promptamente a sarou. D'ahi, voltando-se para o tropel, que o rodeava, exclamou. 'Como se eu fôra um ladrão, viestes armados de paus e espadas? Todos os dias assentado entre vós me tinheis ensinando no Templo; porque não me prendestes? Mas aconte-

ce isto assim para se cumprirem as escripturas. É a vossa hora, e o poder das trevas.

Então os soldados e os quadrilheiros apoderaram-se d'elle, manietando-o, e todos os discipulos fugiram e o desampararam. Sómente, de longe, o ia seguindo um mancebo, coberto com um lençol sobre a pelle. Quizeram-o prender também, mas elle, largando o lençol, escapou-se nũ.

Assim principiou esta noute de violencias, de ultrages, e tormentos !

O Senado hebreu, quebrando a lei, ajunta-se em conciliabulo com os sacerdotes e Phariseus, e manda prender a Jesus, não em virtude de accusação e julgamento, como tribunal, mas pelas secretas deliberações de uma conjuração pessoal, e de um pacto infame, empregando o dolo em vez de recorrer á acção natural da justiça.

A prisão fez-se tumultuariamente sem ordem do procurador Pilatos, cujos soldados assistiam sem auctorisação legal; e os agentes eram os quadrilheiros dos Pontifices, armados de ferros e paus, e formando um tropel, que dava o character de assuada manifesta á diligencia.

Todas as formalidades foram desprezadas, e desde o primeiro passo até ao ultimo, este processo aos olhos da lei representou um escandalo e uma violação constante, como na presença da verdade e da justiça significou o maior dos crimes.

CAPITULO SEGUNDO

JESUS EM CASA DO PONTIFICE. FALSOS TESTEMUNHOS. CONFISSÃO DE CHRISTO

Et adduxerunt Jesum ad summum sacerdotem et convenerunt omnes sacerdotes, et Scribae, et seniores.

Evang. seg. Marc. cap. XIV, v. 53.

O tropel, que manietára a Christo, apenas o prendeu, encaminhou-se com elle a casa de Annaz. Era ferir todos os preceitos, porque Annaz não exercia auctoridade, nem tinha outra qualidade para Jesus lhe ser apresentado, senão a de so-

gro de Caiphaz, e como tal a de participante no seu ódio contra o innocente.

Depois de ver o prezo, Annaz mandou-o conduzir amarrado como um malfetor ao palacio de seu genro, aonde se achavam reunidos os sacerdotes, Seribas, e anciãos.

Era noute, fazia frio, e accendeu-se uma fogueira para se aquecerem os quadrilheiros, que tinham trazido o Salvador de Gethsemani.

Pedro, que acompanhára de longe o Mestre desde o horto, tendo-o visto entrar para casa do Summo Sacerdote (edificio vasto, que fazia esquina para duas ruas, aonde habitára o famoso pontifice Eliasib) cheio de anciedade e de terror ficou de fóra, aguardando noticias.

Outro discipulo, que tambem seguira a Christo, por ser conhecido do pontifice entrou logo no pateo, e depois de persuadir a porteira, fez que esta sahisse para chamar o Apostolo. Quando a escrava lhe estava fallando, reparou mais n'elle e pareceu-lhe conhecê-lo: 'Não és tu tambem dos discipulos d'este homem?' perguntou. Assustado e esquecido das promessas de poucas horas, Pedro respondeu que não; e negou o Mestre pela primeira vez antes de cantar o gallo!

Depois chegou-se aos officiaes de justiça, e de pé com elles aproveitou o lume.

A lei judaica prohibia, que os actos de processo corresse durante a noute; mas a sede da vingança era mais forte no animo dos hypocritas.

Prezo e maniatado, no meio de servos e gentalha paga, e no pateo da morada particular do pontifice, Jesus padeceu mil ultrages e vexações. Escarnecendo-o, vendavam-lhe os olhos, e molestando-o na face, perguntavam: adivinha quem te deu? Acompanhando as violencias de novas injurias e blasphemias!

Assim, a lei, que devia proteger o accusado trahida pelos executores, servia de baldão aos soldados; e o senado, consentidor e cúmplice, postergando as mais sagradas obrigações, deixava que a ferocidade de homens rudes e crueis cevasse as furias no Justo, que dias antes Jerusalem festiva tinha acolhido entre palmas e applausos!

Entretanto continuava Pedro no pateo do Pontifice a pequena distancia de Christo, e no meio dos soldados que se aqueciam.

Um dos que ali estavam, tendo-o encarado mais, disse-lhe: 'Não és tu também dos taes?' e elle para se desculpar negou, replicando: 'Homem não sou!'

Uma hora depois, reparando melhor outro, tornou a exclamar: 'Certamente este andava com Jesus, e também é galileu.' Pedro, assustado, começou a jurar com imprecações, que nem conhecia o Mestre.

N'este ponto, e fallando ainda, cantou o gallo; e o Senhor, voltando-se, poz os olhos no Apostolo. Então se lembrou Pedro da palavra de Christo: 'Antes que o gallo cante me negarás três vezes;' e sabindo chorou o erro amargamente.

D'ahi a pouco os principes dos sacerdotes, os anciãos e os Scribas mandaram trazer a Jesus perante o tribunal, e principiam a interrogal-o.

Caiphaz, que os presidia, como pontifice eleito n'aquelle anno, era o mesmo que nos conciliabulos contra o Messias tinha dito: 'Não vedes, que é melhor, que morra um homem pelo povo, de que toda a nação se arruine por sua causa?'

Qual seria a rectidão e a imparcialidade do juiz, quando o conspirador não duvidára votar pelo assassino em nome dos interesses da facção?

Era noute ainda, e já o dissemos, a lei judaica prohibia que a acção do processo corresse antes do sol nado. Estava-se na solemnidade da Paschoa, e durante ella fechavam-se os tribunaes contando ferias divinas sob pena de nullidade. Que importa? Despreza-se e calca-se tudo! A perda do Nazareno estava decretada; e as apparencias vãs, com que procuram inascarar o odio, são novos attentados contra a magestade da justiça!

Em vez de interrogar a Christo sobre actos positivos e circumstanciados, as perguntas do sacerdote recahem sobre factos geraes, inquerindo-o ácerca dos discipulos que tinha, deviam ser chamados a depôr, e ácerca da sua doutrina, pré-gada em logares publicos, e na qual debalde tinham buscado achar crime!

A replica do Salvador foi de uma sabedoria e dignidade admiraveis. 'Fallei publicamente diante de todos, disse o Mestre. Ensinei sempre na Synagoga e no Templo, aonde concorriam os Judeos, nunca fallei em segredo. Porque me interrogas a mim? Pergunta aos que me ouviram, ali os tens, elles sabem o que ensinei.'

Ainda não acabára, e já um dos quadrilheiros, lhe tinha descarregado uma bofetada, acrescentando: 'Respondes assim ao pontífice?'

D'este modo fazia respeitar o tribunal a defeza de accusado, permittindo na sua presença violencias d'esta gravidade sem as reprimir.

Em que offendia o Messias com a sua resposta ao Summo Sacerdote?

Mas a mansidão sublime da victima não se alterou, A acção bruta e covarde do satellite só lhe arrancou estas palavras: 'Se fallei mal, prova-o, e se bem, porque me feres?'

Razão invencivel, porque os accusadores deviam provar o delicto, e convencel-o, e tanto mais clara, quanto, posto que tarde, os inimigos de Jesus reconheceram que não podiam prescindir d'esta apparencia sem se desmascarar, e por isso curaram de a produzir.

Mas por mais que buscassem contra Christo um testemunho para justificar a pena de morte, não o encontravam, e a sua perplexidade augmentava a cada instante.

E' certo que muitos depunham falsamente, porém os depoimentos não concordavam. Havia quem attestasse ter-lhe ouvido, que destruiria o Templo, e em tres dias edificaria outro sem carecer de auxilio humano. Perfidia manifesta dos calumniadores, porque Jesus referia-se ao templo do seu corpo, e não entendêra ameaçar de ruina o edificio sagrado!

Mas estas provas não eram concludentes para córar exteriormente uma fingida representação de processo, e os conspiradores viram-se obrigados a excogitarem outras.

Então o Summo Sacerdote, lavantando-se no meio da assemblea, e interrogando a Christo, exclamou: 'Não respondes ao que attestam contra ti?'

Como Jesus ficasse calado, e com motivo, porque não se tratando do templo dos Judeus, mas de um templo ideal, a explicação estava no proprio depoimento, o Pontífice continuou: 'Por Deus vivo te conjuro que nos digas se és o Christo, Filho do Senhor!' Então o Messias respondeu: 'Tu o disseste!'

E o principe dos sacerdotes, rasgando logo as vestiduras, bradou para os assistentes: 'Blasphemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas? Não acabaes de o ouvir? Que vos parece?'

‘E’ digno de morte,’ replicaram os juizes.

Apenas esta decisão se ouviu, redobraram as injurias dos satellites contra Jesus. Uns cuspiam-lhe no rosto, outros davam-lhe punhadas, e alguns, acenando-lhe bofetadas, diziam-lhe por escarneo: ‘Advinha Christo quem te deu?! Eis a scena atroz, que o tribunal auctorisou, e que pinta ao vivo a sua preversidade. No caminho do crime eram ainda os primeiros passos!’

CAPITULO TERCEIRO

MORTE DE JUDAS. ACCUSAÇÃO E INTERROGATORIO PERANTE PONCIO PILATOS

Et projectis argenteis in templo, recessit: et abiens laqueo se suspendit.

Evang. sec. Matth. cap. XXVII, v. 5.

Et interrogavit eum Pilatus: Tu es rex Judaeorum? At ille respondens, ait illi. Tu dices

Evang. seg. Marc. cap. XV, v. 2.

N'este meio tempo Judas, que trahira o Salvador, vendo a Jesus condemnado, arrependeu-se do que fizera, e tornou a levar os trinta dinheiros aos sacerdotes e anciãos, dizendo-lhes: ‘Pequei entregando o sangue do innocente.’ Mas elles responderam-lhe: ‘O que nos importa? Devias ver o que fazias.’

Depois de lançar com impeto as moedas no templo, Judas sahio cheio de desesperação, e foi pendurar-se em um laço.

Entretanto consultavam os sacerdotes sobre o uso, que dariam ao dinheiro arremessado por elle, e não julgando lícito deital-o na arca das esmolas, compraram o campo de um oleiro, e destinaram-o para servir de cemiterio aos forasteiros. Por esta razão lhe chamaram Haceldama, que quer dizer campo do sangue, cumprindo-se a prophesia de Jeremias, que disse: «receberam as trinta moedas de prata, preço do que foi vendido e ajustado pelos filhos de Israel, e offereceram-as pelo campo do Oleiro!»

Os Pontifices com os anciãos e Scribas, deliberaram sobre a maneira de proceder contra Jesus.

O concelho não tinha authoridade para executar sentenças

de morte, depois que o imperio romano avassallara a patria, e era necessario, portanto, recorrer ao procurador Poncio Pilatos, e alcançar no seu tribunal a confirmação da pena.

Foi o motivo por que, apenas rompeu a manhã, terminada a conferencia, em que naturalmente combinaram a accusação, Christo ainda manietado foi conduzido ao palacio de Pilatos, situado junto da cidadella Antonia, e o mais elevado e pomposo dos edificios da cidade.

Subia-se a elle por uma escadaria de marmore de vinte e oito degraus, a qual depois, se transportou para Roma, e se conserva em uma capella ao lado de S. João de Latran no monte Celio.

Sempre hypocritas, não quizeram os Phariseus entrar no pretorio, allegando falsos escrupulos. Temiam contaminar-se pizando a casa de um pagão durante a solemnidade da Páschoa, e horas antes, contra o preceito da lei, tinham-se reunido em concelho, para sentenciar á morte!

Como insistiam em não entrar, sahio Pilatos a ouvil-os, começando por lhes perguntar: 'Qual era a accusação que traziam contra aquelle homem?' — 'Se não fosse malfeditor, responderam, não t'o entregavamos.' 'Julgae-o então segundo a vossa lei,' tornou Pilatos. 'Não nos é permittido matar ninguém!' observaram confundidos.

Na primeira resposta dos Phariseus apparece o seu orgulho: «Se não fosse malfeditor não t'o entregavamos!» o que equivalia a dizerem, que sendo o crime religioso, ninguém melhor que elles podia apreciar-o.

Mas o procurador imperial, que por este meio queriam converter em instrumento passivo, repellindo-os, provou-lhes a vaidade das suas idéas. Então julgae-o vós conforme a vossa lei, disse elle, o que era convencel-os da sua impotencia, porque não tinham alçada como logo confessaram para as execuções capitaes.

Assim viram-se constrangidos a deduzir perante o tribunal as bases da accusação; e como o peccado de blasphemia, imputado por Caiphaz, aos olhos de um magistrado romano não seria sufficiente para extorquir uma sentença de morte, mudaram instantaneamente de armas, e criminaram a Jesus como réo politico de culpas contra o Estado!

'Achámol-o prevertendo a nossa nação, prohibindo o tributo de César, e proclamando-se Christo Rei!' Eis a nova ca-

lúmia, forjada com audácia igual á iniquidade, calúmia visível, pois em resposta aos agentes provocadores, mandados para o tentarem, Jesus tinha ensinado pelo contrario, que dessem a Cesar a que era de Cesar!

Mas o que valia juntar a mentira e o aleive ás outras infâmias? Desejavam que a causa provocasse a competencia do procurador de Cezar, e este, na sua qualidade de proposto da cobrança fiscal, por força havia de tomar conhecimento de uma inculpação, que envolvia os interesses e a soberania de Roma.

Por isso Pilatos, depois de escutar os accusadores, entrou no pretorio, e fazendo comparecer a Jesus, principiou o interrogatorio, dizendo: 'Tu és o rei dos Judeus?'

Admirado da incriminação, o Salvador replica por outra pergunta: 'Fallas assim por ti mesmo, ou affirmaram-te isso outros?'

Pilatos retrocou: 'Acaso sou Judeu? A tua nação e os pontífices, é que te entregam em minhas mãos. O que fizeste?'

A resposta de Jesus, bella pela simplicidade, corta pela raiz as fabulas astuciosas dos Phariseus: 'O meu reino não é d'este mundo; se fosse, certamente haviam de pelejar os meus para eu não cahir no poder dos Judeus; mas o meu reino é d'aqui.' — 'Logo és rei?' atalhou Pilatos. — 'Tu o disseste, proseguiu Jesus, sou rei. Nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade; e todo o que a attende, ouve a minha voz.'

Então Pilatos, dizendo, «o que é a verdade?» tornou a sahír, e fallando com os Judeus, declarou-lhes, que não achava crime n'aquelle homem para o condemnar.

Depois da absolvição publica do magistrado, a innocencia do Salvador estava reconhecida; e a justiça não tinha mais que ver na sua causa. Mas os hypocritas, ardendo em raiva, porfiaram, clamando: 'Subleva o povo com a sua doutrina desde a Galiléa até aqui!'

Ouvindo citar a Galiléa, Pilatos perguntou se Christo era galileu, e sabendo que sim, valendo-se de elle pertencer á jurisdicção de Herodes, chegado n'aquelles dias a Jerusalem, remetteu-lhe o prezo, tanto para se desembaraçar de uma causa desagradavel, como para apparentar respeito a auctoridade do Tetrarcha.

Era uma fraqueza no procurador romano, desde que pro-

nunciara a innocencia do accusado, diferir a soltura, e ceder ás vozes de homens apaixonados e crueis.

Mas em todo o processo achal-o-hemos sempre o mesmo, vacillante e debil, conhecendo a injustiça, attestando a verdade, mas cedendo aos Judeus com receio de que a maldade d'elles o indispozesse em Roma com o imperador, accusando-o de menos sollicito na guarda dos interesses e segurança do governo.

Herodes, ao qual enviara Christo, para descarregar nos hombros de outro a sua responsabilidade, ha muito que desejava conhecer a Jesus, por ter ouvido fallar muito d'elle, e porque esperava que fizesse algum milagre na sua presença.

A's repetidas perguntas do Tetrarcha, não deu o Senhor nem leve resposta, encerrando-se no mais profundo silencio, apezar dos principes dos sacerdotes e escribas, que estavam presentes, o incriminarem com vivas instancias.

Vendo isto Herodes, e os capitães que o rodeavam, conceberam grande desprezo, e o principe, mandando cobrir o Messias de uma vestidura branca em signal de escarneo, tornou a reenvial-o ao palacio de Pilatos, ficando d'este dia em diante amigos aquelles dois cabeças do poder, que antes não podiam supportar-se.

Á zombaria, com que Herodes tratava a Jesus, revestindo-o das vestes de uma realza irrisoria, indica a nenhuma importancia, que dava no seu conceito ás chimericas imputações dos Judeus, e o pouco valor da accusação, mais digna de riso, que de receio, na sua opinião.

Ninguem queria, pois, sentenciar a Christo, Herodes, por não o achar no caso de inspirar temor, Pilatos, porque do alto do seu Tribunal já o tinha julgado innocente.

Mas o odio sacerdotal crescia com as difficuldades. Cada embaraço, que se lhe antepunha de novo, prestava forças á perfidia e á calumnia para o vencer.

Voltando do palacio de Herodes, seguidos de numeroso cortejo, os pontifices chegaram ao pretorio de Pilatos, resoltos a empregar até a coacção para o obrigarem a manchar as mãos no sangue do Justo.

O Procurador romano desejava salvar o innocente, mas ao mesmo tempo não queria arriscar o logar e a influencia.

Por isso, convocando os accusadores, disse-lhes: 'Apresen-

tastes-me este homem como amotinador do povo, mas interrogando-o, não vejo que seja culpado de nenhum dos crimes que lhe imputaes, e Herodes achou o mesmo, porque vos enviei á sua presença. Não se lhe prova delicto, que mereça a morte. Por isso vou soltal-o, depois de o castigar.

O magistrado, confessando que Jesus não commettêra delicto, e por tanto, reputando-o innocente, violava a lei e todos os preceitos mandando-o flagellar. Se Christo era innocente como o castigava? Se era culpado, porque o absolvía?

Mas o interesse proprio, e o susto de cahir no desagrado de um imperador perverso e suspeito, ditavam-lhe estas condescendencias contradictorias.

Esperando, com o espectaculo de uma pena barbara, aplacar o endurecido coração dos sectarios, lavrou Pilatos contra Jesus a primeira sentença iniqua, seguindo as formulas do direito criminal de Roma, cujas regras offendia.

‘Despi, amarrae, e açoutae a Jesus de Nazareth, homem sedicioso e desprezador da Lei de Moysés, accusado pelos pontifices e principes da sua nação. Vae, Lictor, e dispõe as varas!’ (1)

Em virtude d’esta ordem, Christo, conduzido entre os soldados de Pilatos, foi levado ao vestibulo do Pretorio, despido perante a cohorte, ligado á columna, denominada das affrontas, e lacerado de crueis açoutes. Puzeram-lhe depois um manto escarlata por irrisão, cravaram-lhe na cabeça uma corôa de espinhos, metteram-lhe na mão uma canna verde: e ajoelhando diante d’elle, entre mofas diziam-lhe: ‘Salve, rei dos Judeus!’

Os ultrages multiplicaram-se. Uns cuspiam-lhe, outros esbofeteavam-o, e os mais ferozes com as varas feriam-lhe a cabeça rasgada pelos espinhos do irrisorio diadema.

N’este lastimoso estado, coroado de espinhos, e coberto com o manto de purpura por zombaria, apresentou Pilatos a Christo do alto da galeria, que por cima de elevados arcos unia o seu palacio á cidadella Antonia.

O Procurador Poncio queria sinceramente poupar uma nodoa á justiça romana, e ainda mais se confirmava n’este

(1) *Jesus Nazarenum virum seditiosum, et Mosaicae legis contemptorem, per pontifices et principes suae gentis accusatum, expbiate, ligate, et virgis cedito. I lictor expedit virgas.*

bom proposito pelo recado, que recebêra de sua mulher, estando no tribunal, a qual lhe pedia com vivas supplicas, que por fôrma alguma manchasse as mãos na morte d'aquelle Justo, pois toda a noute luctára em sonhos por causa d'elle.

Por isso, cuidando abrandar os inimigos de Jesus, veio com elle á varanda do pretorio, e exclamando — *ecce homo!* eis o homem! apontou para as feridas dos açoutes e para o sangue, que lhe manava das faces e do corpo.

Mas o odio dos phariseus não diminuiu, antes cresceu, com similhante vista, e soaram ainda mais altos os gritos, bradando unanimes: *tolle, tolle, crucifige!* crucifica-o, crucifica-o! Pilatos respondeu, 'Crucifigae-o vós. Eu não lhe acho crime!'

'Se o soltas, Poncio, gritaram os Judeus, não és amigo de Cesar, pois aquelle que se faz rei, offende a Cesar!' Esta suspeita lançada sobre a fidelidade do funcionario era a perdida coacção em que estribavam as ultimas esperanças, e não se illudiram. O homem tremeu, e o magistrado trahiu a verdade. Quiz antes o sangue innocente sobre a sua memoria, que o desagrado do tyranno realçando um acto de justiça!

Entretanto, não deixavam os accusadores de clamar, que a sua lei existia, e que devia Jesus morrer por ella, porque a desacatára, chamando-se filho de Deus. Assustado e vacillante, Poncio busca debalde o modo de escapar ao remorso, e ao mesmo tempo de contentar o crime.

Entrando novamente no Pretorio, diz a Jesus. 'D'onde és tu?' O Salvador não respondeu.—'Não me fallas? insistiu, não sabes que tanto posso mandar-te crucificar, como soltar-te?'

'Se não te fosse permittido pelo ceu, não terias poder nenhum em mim, redarguiu Christo, por isso, o maior peccado é de quem me entregou nas tuas mãos.' Esta resposta ainda augmentou a perplexidade de Pilatos.

• Era o dia da preparação da Pascoa, o juiz subiu ao seu tribunal, no logar denominado em hebraico Gabbatha, e tentando um recurso ainda, procurou valer-se do costume, que o auctorisava a soltar n'aquella festa o prezo, reu de morte, que o povo designasse.

Jazia em ferros n'aquella occasião um grande criminoso por nome Barrabás; e perguntado o Procurador aos Judeus,

qual queriam que soltasse, se Barrabás, se Jesus chamado Christo, contava que a cegueira da inveja não tocara a demencia e preversidade de antepor o malvado convicto ao innocente.

Enganou-se, porem.

Alucinado pelos sacerdotes e anciãos, o povo preferiu Barrabás! e insistindo Poncio, que dizia: 'O que hei de fazer a Jesus?'—respondeu unisono: 'Crucifica-o!'—'Mas qual é a sua culpa?' repetiu Pilatos. 'Crucifica-o!' gritaram, levantando mais os brados.

'Hei de crucificar o vosso rei?' observou o Procurador, tentando desarmal-os por meio da ironia. Mas elles mais romanos ainda que Poncio, replicaram com hypocrisia: 'Cesar é que é o nosso rei!' e redobrando em vozearias, clamavam sem cessar: 'Crucifica-o, crucifica-o!'

Vendo que os gritos e o tumulto cada vez se tornavam mais perigosos, Pilatos não teve animo de resistir, e decidiu-se a satisfazer os desejos do populacho.

Pedindo agua, e lavando as mãos diante da multidão, ajuntou: 'Estou innocente no sangue d'este justo, vêde o que fazeis!'

'Caia sobre nós e nossos filhos o sangue d'elle!' respondeu o povo. Terrivel palavra, que não expiaram ainda as lagrimas e as maguas de tantas gerações sem patria, nem altar!

Então lavrou Poncio a sentença, e entregou Jesus aos seus inimigos para o crucificarem!

O magistrado romano lavou as mãos, mas ficaram-lhe perpetuamente tintas no sangue, que a sua criminosa fraqueza fez derramar! Desde aquelle dia, como stigma indelevel, todos os seculos repetiram: 'O Justo padeceu sob o poder de Poncio Pilatos.'

A plebe amotinada enfureceu-se aos pés do Tribunal, mas o juiz não a devia escutar. 'As vozerias vãs da gentalha, não de desprezar-se, quer peçam a absolvição do culpado, quer exijam a morte do innocente,' eis o que ordenava a lei ao Procurador de Roma.

Como a cumpriu? Condamnando o justo que já absolvera!

Assim findou este memoravel processo, em que todas as formalidades da lei romana e da lei mosaica foram violadas,

prevalecendo as vozes loucas da plebe contra o manifesto conhecimento da verdade.

Entregando Christo á vingança dos phariseus, Pilatos absolve-o duas vezes em nome da justiça. Accedendo á sua morte, mas lavando as mãos em pleno pretorio, confessa que assigna coacto um assassinio juridico, e não uma sentença legal. A mão tremia, e consentia, mas a consciencia protestava!

CAPITULO QUARTO

JESUS LEVA A SUA CRUZ. CHRISTO NO GOLGOTHA.

OS DOUS LADRÕES. MORTE E SEPULTURA

Et bajulans sibi crucem, exivit in eum qui dicitur Calvariae, locum, Hebraice, autem Golgotha.

Evang. sec. Joan. cap. 19, v. 17.

Apenas foi proferida a sentença, e se consummou a iniquidade, Poncio mandou soltar a Barrabás, e entregou Jesus aos verdugos, que despindo-lhe a purpura irrisoria entre ludibrios e vituperios, tornaram a pôr-lhe as antigas vestes, e carregando-lhe sobre os hombros a cruz, em que havia de padecer, o tiraram do palacio de Pilatos, caminho do monte Golgotha, ou Calvario, logar aprazado para as execuções dos criminosos (1).

A crueza dos tormentos, a que se vira exposto desde que o prenderam, e o martyrio da flagellação que acabára de sofrer, tinham extenuado as forças do Salvador. Era grande o pezo do madeiro, a que sujeitavam deshumanamente o seu corpo desfallecido, e já o não podia supportar á sahida da cidade.

Vendo isto os soldados e algozes, e encontrando um individuo que voltava do campo, chamado Simão Cyreneo, obrigaram-o a que ajudasse a levar a cruz, juntando esta ás outras violencias, que infamam a tumultuaria vingança dos Phariseus.

Atraz de Christo seguiam mulheres e povo, provavelmen-

(1) O Calvario ficava fóra de Jerusalem, ao occidente da cidade, e servia para se justicarem os malfetores, sendo ali tambem o comiterio de seus cadaveres, e por isso encerrava grande numero de ossadas e caveiras. É a razão do seu nome de Golgotha, que significa=logar das caveiras.

te d'aquelles que o Mestre curára das molestias ou consolára nas amarguras, e todos choravam o crime, que hia ser fatal á sua raça.

Voltando-se, e attentando na mágua d'elles, Jesus fez então a memoravel prophesia, que Tito e Adriano, executores das iras divinas, cumpriram depois a ferro e fogo pela mão armada dos exercitos.

‘Filhas de Jerusalem não me lamenteis a mim, choraes sobre vós mesmas e vossos filhos. porque virá tempo, em que as mulhéres estereis se chamarão ditosas, e felizes serão tambem as entranhas e os peitos, que não conceberam, nem crearam. Nesses dias direis aos montes: cahi sobre nós, e aos outeiros cobri-nos! Se isto succede ao madeiro verde, o que será com o madeiro secco?’

Além do Messias conduziam a dous facinorosos, condemnados ao mesmo supplicio, castigo proprio dos romanos. Chegados ao Calvario deram a beber ao Salvador vinho misturado com myrrha e fel, conforme costumavam para adormecer os sentidos, e despertar o esforço no trance da execução, mas tendo-o provado, Christo não o quiz tomar.

Era já a hora de terça, quando crucificaram a Jesus, e juntamente aos dous ladrões, collocando um á direita, outro á esquerda, e o Senhor no meio, para em tudo se verificar a prophesia de Isaias, que diz: «Foi reputado entre os infames!» (2)

Levantado o Senhor no monte, as primeiraa palavras que proferiu, foram palavras de misericordia, rogando pelos seus algozes: ‘Perdoa-lhes Pae, porque não sabem o que fazem!’

Consummado o deicidio, Jesus do alto da cruz perdôa aos proprios, que acabaram de o suppliciar!

Segundo o uso dos romanos tinha Pilatos mandado collocar sobre o madeiro, em que o Salvador fôra cravado, uma inscripção declarando a causa da sentença nas tres linguas hebraica, grega e latina, q a qual dizia: *Jesus Nazareno, Rei dos Judeus*.

Escandalisaram-se os Pontifices com o rotulo, e pediram a Poncio, que o emendasse, escrevendo em vez de *rei dos Judeus*—por se fazer *rei dos Judeus*.

(2) Et cum sceleratis, reputatus est.—Isaias, cap. 53 v. 12.

Mas o Procurador, já cansado das importunas exigencias, respondeu aspera e concisamente: *o que escrevi, fica!* Dito memoravel, que passou em proverbio, estampado na fronte da raça ingrata o eterno castigo do seu orgulho.

Entretanto os soldados, acabando de crucificar a Christo, lançaram mão de seus vestidos, e dividindo-os em quatro partes iguaes, lançaram sortes para ver o quinhão que podia caber a cada um. E como a túnica inconsutil fosse de cima a baixo toda tecida, e não a quizessem cortar, resolveram jogal-a para a levar inteira aquelle a quem sahisse, cumprindo-se d'este modo, sem o saberem, a prophécia do psalmo XXI: 'Dividiram entre si as minhas roupas; e sobre as minhas vestes lançaram sortes.'

Assentando-se depois no pé da cruz, conservaram se de guarda. Mas o espectáculo doloroso da morte injusta não abrandára o odio dos phariseus. Quantos passavam pelo sitio, aonde Christo padecia, covardes com a desgraça, e ferozes na vingança, desatavam-se em affrontas e vituperios.

Sacudindo a cabeça exclamavam: 'Ah, promettias destruir o Templo de Deus, e reedifical-o de novo em tres dias, e estás ahí? Que é feito do teu poder? Se és filho de Jehovah, como dizias, porque não te livras, e não descas d'essa cruz?'

Os principes dos sacerdotes, e os escribas repetiam o mesmo com igual escarneo, accrescentando: 'Salvou os mais, e a si não pôde salvar-se?! Se é o rei de Israel, e o Messias promettido, faça o milagre de descer da cruz para que todos nós vejamos e acreditemos. Confia em Deus? pois se Deus é seu Pae, e o ama, que o livre agora, e o socorra!'

Até dos ladrões crucificados ao seu lado, ousou um blasphemar, dizendo tambem: 'Se és o Chisto livra-te, e a nós!'

O outro, porem, reprehendeu-o, ajuntando: 'Nem comprehendido na mesma pena temes a Deus? Tu, e eu padecemos com razão por castigo dos nossos delictos, mas este, tão justo como é, o que fez para merecer a morte?'

E voltando-se logo para o Senhor pediu-lhe que se lembrasse d'elle, quando entrasse no seu reino. Jesus replicou: 'Em verdade te affirmo que hoje serás comigo no paraizo.'

Junto da cruz estavam Maria e outras piedosas mulheres. Qual não seria a dôr intensissima no coração extremo da

mais santa das Mães! Que sublime esforço de amor aquelle seu, trespassada de tantos golpes, para hir presenciar o mais doloroso espectaculo, recolhendo n'alma afflicta, em lagrimas de sangue, todo o que manava do corpo de um Filho tão amado!

Vendo sua Mãe, e o discipulo, que mais prezava, disse o Senhor á Virgem: 'Mulher, eis ahí teu filho!' e proseguindo, disse para o Apostolo. 'Eis ali tua mãe!'

E d'aquella hora em diante o Discipulo teve pela Senhora o respeito e a dedicação de um filho.

Desde a hora de sexta, que podia ser então, até á nona hora escureceu o sol, e a terra cobriu-se de trevas. (3) A' hora nona levantou o Salvador a voz exclamando com grande força. 'Eli, Eli. Lamma Sabactani,' que significa. «Meu Deus, meu Deus, porque me desamparastes?»

Como se serviu da palavra Eli, alguns imaginaram que chamava por Elias, e zombando, gritavam-lhe: 'Veremos se Elias vem livral-o!'

Sabendo Christo, que estavam concluidos os tormentos, para que não deixassem de verificar-se as prophecias em todos os pontos, (4) disse que tinha sede. Um dos que assistiam correu logo com uma esponja, e ensopando-a em um vaso cheio de vinagre. atou-a a uma canna de hyssopo, e chegou-lh'a á bôca. Apenas a sentiu nos beiços, e provou d'ella, disse Christo. 'Tudo está consummado.'

Erguendo depois a voz, exclamou com grande brado. 'Pae em vossas mãos encommendo o meu espirito!'

E inclinando a cabeça, expirou. No mesmo instante rasgou-se de alto a baixo o veu do Templo, (5) tremeu a terra, fenderam-se os penhascos, (6) abriram-se as sepulturas, e os

(3) Segundo attesta Plegon, liberto de Adriano, obscureceu-se o sol no 4.º anno da Olympiada 202, que devia acabar por meado do anno 33 da era vulgar. S. Diniz o Areopagita refere tambem este milagre.

(4) A Paixão com as principaas circumstancias acha-se vaticinada nos Psalmos 21 e 68 de David. O primeiro declara os martyrios da cruz nos versiculos 17, 18, 19; o segundo (v. 22) diz expressamente: et in siti mea potaverunt me acetum!

(5) No Templo os véus eram dous: um cobrindo as portas do sancta sanctorum, e mais interior; o outro posto diante da entrada, menos rico e precioso. Qual d'elles se rasgou? Pelejam os commentadores, mas parece razoavel, que fosse o mais patente.

(6) Viajantes inglezes e historiadores muito instruidos, taes como Millar, Fleming, Maundrell, e Schaw asseveram, que a rocha do Calvario não abriu naturalmente pelos veios da pedra, mas estalou por um modo fóra do commum.

corpos de muitos santos, que dormiam o somno da morte, resuscitaram, e foram vistos em Jerusalem (7).

O centurião da guarda, pasmado das maravilhas, que via, gritou cheio de assombro. 'Na verdade este homem era Filho de Deus!' Os soldados, sentindo o terramoto, e notando o mais, que succedia, tomados de medo, confessavam o mesmo; e a turba, que assistia ao supplicio, retirando-se para a cidade, batia nos peitos com espanto.

Os discipulos observavam tambem de longe os successos milagrosos, assim como os parentes e conhecidos do Mestre, entre os quaes se viam Maria Magdalena, Maria Jacobi, Maria Salomé, mãe dos filhos de Zebedeu, e outras mulheres piedosas, que o tinham acompanhado da Galiléa a Jerusalem.

Acreditando os Judeus que seria maculada a santidade do sabbado solemnissimo, se os corpos ficassem expostos na cruz, foram pedir a Pilatos, que mandasse quebrar as pernas aos supplicados para lhes apressar a morte, e os poderem tirar da cruz.

Deferiu-lhes Poncio enviando logo executores ao Calvario para acabarem os padecentes.

Cumprida a ordem nos dous malfeitos, e chegando a Christo para fazer o mesmo, acharam que estava morto, e por isso lhe não partiram os ossos; mas um dos soldados, para mais se confirmar, abriu-lhe o lado com a lança; e sahindo sangue e agua, cumpriu-se a palavra das Escripturas. (8)

Depois do Senhor morto, declinando já o dia, um senador rico e nobre, Joseph natural de Arimathéa, tendo no conselho contra Christo desapprovado a iniquidade dos phariseus, entrou animoso pelo pretorio de Pilatos, pedindo-lhe o corpo de Jesus, de quem fôra discipulo em segredo pelo receio que tinha dos Judeus.

Admirou-se Poncio, ouvindo-lhe affirmar que era morto o Mestre, e mandando chamar o centurião da guarda para se

(7) Não é ponto decidido se os santos resuscitaram antes de Jesus, e se tornaram depois a morrer. O que se deve entender, é que se resuscitaram para sempre, foi depois de Christo, chamado na Escriptura—primicias dos que dormem.—Ligni, Hist. da Vida de Jesus Christo, cap. 68. pag. 503.

8) Exod. XII, v. 46.—Num. 9, v. 12.—Zach. 12, v. 10.

certificar, soube então a verdade, e ordenou que entregassem o corpo a Joseph para este o sepultar.

Dirigindo-se o senador ao Golgotha, a fim de despregar a Christo, veio com elle tambem Nicodemus, o qual sem esperar pelas sombras da noute, como a principio determinára, trouxe consigo quasi cem libras de um perfume de myrrha e aloes, proprio para embalsamar, comprando Joseph um lençol novo e acciado, que servisse de sudario.

Tomando, depois, o corpo de Jesus envolveram-o no lençol com as ligaduras embebidas em balsamo, segundo o uso dos hebreus, e levaram-o para o sepulchro, que era situado em um horto visinho do logar do supplicio, e ahi o depuzeram. Este jazigo cavado na penha pertencia a Joseph, e ainda não recebera nenhum cadaver.

Como o sabbado já estava muito proximo, e o tempo não dava para mais, ali depositaram o corpo do Salvador, e movendo a pezada campa cobriram-o, e retiraram-se para celebrarem a festa religiosa.

As duas Marias, que seguiam a Christo desde a Galilêa, sentadas defronte observavam tudo, notando o sepulchro e o logar, em que se collocava o Senhor. Tinham resolvido recolher á cidade para se munirem de arômas e unguentos, e passada a Pascoa, voltarem para renovar as unções, dando esta ultima prova de affecto e respeito á memoria de Mestre.

Entretanto, os phariseus e escribas, no seguinte dia que era o sabbado) foram procurar a Pilatos, e disseram-lhe: 'Lembra-nos ter asseverado aquelle embaidor, quando vivia, que havia de resuscitar ao terceiro dia, por isso te pedimos, que mandes guardas ao sepulchro até que passe o prazo, não succeda, que os seus discipulos furtem o corpo, e depois fevem o povo a crer, que resurgiu, erro maior e mais perigoso, que a doutrina d'elle.'

O magistrado romano foi conciso na resposta: 'Estão ahi os soldados da guarda, ide e collocae-os aonde vos parecer.'

Socegados com a decisão, sahiram elles sem demora do palacio de Pilatos, e encaminhando-se ao sepulchro, sigilaram a pedra, que o tapava, e guarneceram de sentinellas as entradas.

Poncio, dando-lhes os soldados, preparou a evidencia, que mais temiam. Para os hypecritas a precaução tornou-se de-

pois em accusadora. Queriam calar para sempre a palavra viva de Deus, e convencer de mentira a eterna verdade, mas chegada a hora bastou um aceno d'aquelle poder sublime, ao qual nada resiste, para o templo do corpo de Christo, destruido por elles, se erguer triumphante, como o Messias annunciára, e os sellos e guardas rompendo-se e cahindo, darem testemunho da resurreição pela bôca dos mesmos homens, que foram postos para tolher enganos, que só os embaidores receiam, porque tambem só elles são capazes de os urdir!

A hora das misericordias correu sem os incredulos a contarem; começava o dia da justiça.

Fallou a voz de Deus, e como a do Baptista, achou um deserto no coração ressequido de gerações orgulhosas e engolphadas em vicios.

Fallaram os prodigios, e os cegos de vontade, para não verem, antes quizeram attribuil-os ao poder das trevas, do que á verdade celeste!

Jerusalem, impenitente e maculada com o sangue dos prophetas, consummou todos os crimes pelo deicidio!

Para saciar o odio dos sacerdotes e sectarios entregou o innocente ao braço dominador do estrangeiro; e aonde este não achava delicto, nem pretexto para o castigo, os clamores da plebe amotinada inventaram a culpa, e applaudiram o supplicio.

'Caia sobre nós e nossos filhos o sangue do Justo!' disseram as turbas diante do pretorio de Pilatos; e a cruz ergueu-se no Golgotha, como padrão de esperança para o mundo, que hia nascer, e como signal de tremenda severidade para a raça, que pediu e chamou sobre si as iras do Senhor!

A palavra de Christo cumpriu-se. O ferro, o fogo, e a fome fizeram amaldiçoar ás mães de Israel a sua fecundidade. As ruinas do Templo e dos sumptuosos monumentos de Sion, encheram de destroços e dôr as profundezas sombrias de Josaphat! O sopro abrazador da cholera divina passou por cima de Jerusalem, e a rainha das cidades nunca mais tornou a si.

CAPITULO QUINTO

CHISTO. TRADIÇÕES SOBRE O SALVADOR.
JERUSALEM E OS LOGARES NOTAVEIS DA PAIXÃO

Nonne hic est faber, filius Mariae.
Evang. sec. Márc. cap. IV, v. 3.

As memorias evangelicas nada encerram ácerca da figura de Jesus, e dos actos da sua vida desde os doze até aos trinta annos de idade, em que principia o ministerio divino da sua missão.

Descendente de David, segundo o mundo, crêem certos escriptores, que para observar os costumes de Israel, se applicou a alguma profissão laboriosa, como faziam até os hebreus distinctos, obedecendo ao preceito do Talmud.

‘Quem não ensina um officio a seus filhos não lhes prepara boa sorte. Não se diga: sou nobre, e uma occupação humilde rebaixa! Rabbi Joanan era peleiro: Nahum copista; o outro Joanan trabalhava em sandallras, e rabbi Juda foi padreiro.’

Eis a letra da regra; e é provavel, que o Salvador quizesse conformar-se com ella; mas o silencio dos Evangelhos apenas auctorisa a conjectura.

S. Marcos, referindo as palavras dos Judeus da Synagoga, suspensos com a eloquencia do Mestre, diz que elles exclamaram: ‘*Nonne hic est jaber, filius Mariae?*...

S. Matheus, porém, (cap. XIII v. 53) narrando o mesmo facto, exprime-se de um modo menos claro, escrevendo: *Nonne hic est fabri filius?*

O primeiro Apostolo põe na bôca dos ouvintes o vocabulo operario, como profissão conhecida do Salvador; mas o segundo sómente os faz declarar ser Jesus filho de um artifice de Nazareth!

S. Justino Martyr, natural de Sichem, escriptor do meiado do segundo seculo, e por isso bem no caso de colher ainda puras as tradições, assegura comtudo no *Dialogo com Tryphon*, que ainda existiam charruas e jugos, trabalhados pelo Salvador; e Libanius, inimigo dos Christãos e valido do imperador Juliano, perguntando a um discipulo da Lei nova o

que fazia o filho do carpinteiro? Recebeu esta resposta: *Está pregando o caixão de Juliano!*

Entre os Evangelhos apócrifos, rejeitados pela Igreja como suspeitos e indignos de fé, existe um, que trata de *Infancia de Christo*, e apresenta uma collecção de prodígios, que pertencem todos á meninice do Redempor.

É inútil insistir na sua falsidade. A condemnação de juizes competentes já pronunciou: e bastava o testemunho explicito de S. João para o desmentir. O Apostolo assevera positivamente, que o primeiro milagre de Christo teve logar nas bodas de Canná, e contra a verdade que falla pela sua bôca nada podem fabulas inventadas.

Entretanto sempre, como simples curiosidade, extrahiremos um dos trechos, allusivos á vida laboriosa do Senhor na mocidade. (1)

Eis o texto: 'Joseph, quando era ajustado para alguma obra da sua profissão, levava a Jesus consigo, occupando-se em fazer baldes, crivos, arcaes, e portas; e se por acaso succedia sahirem-lhe erradas as medidas, o Salvador, impondo as mãos ageitava-as ao modelo prescripto. Um dia sendo chamado pelo rei para lhe fazer um throno, e tendo Joseph consummido dous annos inteiros no palacio para o acabar, quando foi a armal-o, achou de menos nas medidas, encolerisando-se muito o principe, e deixando o artifice receioso. Como se deitasse afflicto e sem ceia, perguntou-lhe Jesus o motivo da sua magua, e o esposo de Maria respondeu, contando como tinha perdido o trabalho de dous annos. Redarguiu-lhe Christo então: 'Anima-te: pegarás amanhã no throno por um lado, e eu do outro, e obrigar-o-hemos a alargar-se até que chegue ás proporções devidas.' Assim se fez, e a madeira, cedendo, verificou a promessa no meio do assombro dos que viram o prodigio, dando infinitos louvores a Deus.

O livro está recheado de invenções ainda mais pueris, mas ao mesmo tempo admiram-se n'elle paginas maviosas, e de uma ternura desconhecida nos traslados classicos. As lastimas de Anna. Mãe de Maria, queixando-se da sua esterilidade, e invejando as delicias de um ninho, suspenso nos ramos de um loureiro, respiram tanto sentimento, e são de tal doçura,

(1) Os Evangelhos apócrifos, segundo João Alberto Fabricius sobem a 50, e Cantu aponta a collecção de Thilon (Leipzig. 1832) como a mais completa.

que raras vezes se encontrarão, mesmo nos melhores auctores modernos.

Sobre a estatura e feições de Jesus, igual silencio existe nas origens authenticas; e para o supprir, invocavam alguns escriptores o testemunho de Nicephoro, historiador ecclesiastico do decimo quarto seculo, appellando tambem para a carta, que Publio Lentulo Proconsul na Judéa, enviou ao senado, durante a prégão de Christo, reputada apocrypha pelos criticos.

Como noticia, e sem lhe attribuir a authoridade que lhe falta, entendemos, que não seria fóra de proposito incluir em resumo n'este capitulo, quanto se escreveu sobre o assumpto, separando comtudo as cousas duvidosas e as fabulas, das verdades sublimes depositadas nos Evangelhos.

Segundo a informação de Lentulo, Jesus foi dotado das perfeições corporaes, e logo no aspecto dava idéa da sua admiravel missão. Os cabellos, que trazia á maneira dos Nazarenos, assedavam-se até á orelha, enrolando se depois graciosamente quasi sobre os hombros, apartados pelo meio da cabeça. A barba era cortada em duas pontas. Os olhos garços, entre verdes, animados e magestosos. Nunca o viram rir, mas chorar mais de uma vez. As tradições collegidas por Nicephoro ajuntam que tinha as sobrancelhas negras e arqueadas; o rosto oval; e grande similhaça nas feições com Maria, sua Mãe (2).

A noticia, inserida no livro XVIII das ANTIGUIDADES JUDICAS de Flavio Josepho, deu origem a graves contestações dos criticos, uns accusando a interpolação palpavel, outros defendendo a genuidade, e muitos abraçando a opinião dos escriptores, que allegam o silencio, como provando mais, que o elogio, por mostrar que o historiador hebreu, não descobrindo modo de negar a evidencia, preferiu calar-se, o que certamente não faria, se podesse estranhar uma leve sombra da impostura.

Eis o trecho attribuido a Josepho.

«N'este tempo viveu Jesus, homem rico de sabedoria, se é que podemos julgal-o homem. Obrou maravilhas e prodigios, ensinou aos que de boa mente recebem a verdade, e

(2) Niceph. Hist. Eccl. Liv. I cap. 40 apud. Macedo. Eva e Ave, Part. II cap. XI. A carta de Lentulo costuma andar junta ás obras de Santo Anselmo. De form. et mor. 3. M. tomo 3.º

attrahiu á sua doutrina numerosos discipulos gregos e Judeus, Era o Christo; e mandando-o Poncio Pilatos crucificar sobre accusação dos principaes dos nossos, ficaram-lhes fieis os que o tinham amado, porque ao terceiro dia lhes appareceu resuscitado, como annunciavam os prophetas de Deus, que vaticinaram outros milagres. Ainda hoje existem os christãos, assim denominados por causa do nome de seu Mestre.»

Entre os apocryphos encontram-se duas cartas de Pilatos ao Imperador Tiberio, informando-o ácerca da morte de Christo.

A primeira foi tirada dos cinco livros compostos pelo falsario Hegesippo sobre a ruina de Jerusalem. A segunda publicou-se pela primeira vez no antigo martyriologio romano, ou Jerosolimitano. Daremos abreviado extracto de ambas.

Depois de pintar a inveja e o odio dos Judeus contra Jesus, e de referir a crença hebraica da redempção da culpa original pelo Filho de Deus, nascido de uma Virgem, Poncio accrescenta, que os pontifices, vendo que Jesus dera vista aos cegos, e movimento aos paralyticos, afugentando os demonios do corpo dos possessos, curando os leprosos, suspendendo as tempestades, e caminhando a pé enxuto sobre as ondas, e não podendo supportar, que a multidão o glorificasse como Filho de Jehovah, decidiram prendel-o, e leval-o carregado de incriminações mentirosas perante o seu tribunal, como desprezador das leis religiosas da nação. ‘Acreditei-os, diz o Procurador, e depois de flagellado, entreguei Jesus nas suas mãos. Crucificaram-o, e puzeram guardas no sepulchro. Mas em presença dos meus soldados, elle resurgiu ao terceiro dia, e a maldade dos Judeus chegou ao ponto de sobornar com dinheiro os guardas, para dizerem, que os discipulos haviam furtado o corpo. Mas ainda que recebessem a peita, não puderam occultar o successo, sendo os proprios que divulgaram, que resuscitara o Christo diante d’elles, e que tinham sido pagos para o encobrir.’

Na segunda epistola começa Pilatos, reportando-se ás communicações anteriores, e assegurando que sentenciára a Christo contra seu voto, por este ser um varão tão piedoso e sincero, como não existiu em outra epocha, nem se tornará a ver. Ajunta que em quanto pendia da cruz manifestou a natureza signaes prodigiosos, que parecia annunciar o fim do mundo; e que nunca teria condemnado homem tão justo se não receiasse maiores sedições no povo.

Não consta que Jesus escrevesse, sendo inventadas as obras, que lhe têm sido attribuidas. Entretanto a resposta a Abgarus, rei de Edessa, produzida na Historia Ecclesiastica de Eusebio, (I, 43) seria a mais provavel pela simplicidade, se fosse acompanhada de algumas palavras.

Concluiremos, transcrevendo tão curiosa correspondencia.

‘Abgarus, filho de Uchanias, toparcha, ao virtuoso Jesus, ‘Salvador, que appareceu nas terras de Jerusalem, saude! ‘Tive noticias tuas, e das curas que fazes sem medicinas, nem ‘curas, dando vista aos cegos, movimento aos coxos, e limpeza ‘aos leprosos, só com a palavra, assim como ouvi, que do ‘mesmo modo expulsas os demonios, e saras os enfermos ‘incuraveis, resuscitando até os mortos. Sabendo isto, entendi ‘que de duas cousas uma era certa a teu respeito; pois para ‘manifestares prodigios taes, ou és Deus, que baixastes do ‘cêu, ou és Filho de Deus, e obras com o seu poder. ‘Por ‘isso, resolvi escrever-te, para te rogar que viesses ver-me, ‘e curar-me da longa molestia que padeço. Não ignoro, que ‘os Judeus murmuram de ti, e que armam traições para te ‘perderem. A minha cidade, posto que pequena é boa, e chega ‘para nós dous.’

A resposta de Jesus foi a seguinte: ‘És virtuoso por me ‘creres, sem nunca me teres visto. De mim foi escripto, que ‘não seria acreditado pelos que me vêem, mas pelos que me ‘attendem sem me ver. Da hida em que fallas na tua carta, ‘não posso tratar, porque devo concluir a missão, que tenho, ‘e finda ella voltarei para Aquelle, que me enviou. Depois da ‘minha ascensão mandar-te-hei alguns dos meus discipulos ‘para te curar da molestia, e ensinar a ti e aos teus o caminho ‘da verdadeira vida.’

Sobre a sentença de morte, proferida contra Christo por Pilatos, conserva-se em Jerusalem uma tradição, que Chateaubriand admite no seu *Itenerario de Paris á Palestina*. Adoptando esta crença oriental o texto da famosa condemnação seria o seguinte: ‘Conduzi a Jesus de Nazareth, amotinador ‘do povo, inimigo de Cesar, e falso Messias, como se lhe ‘provou por testemunho pleno da sua nação, ao lugar desti- ‘nado para as execuções, e pregae-o na cruz entre dous la- ‘drões em castigo de ludibrio que fez da magestade real. Vae, ‘lictor; e prepara as cruzes!’ (3)

(3) Chateaubriand. Itiner. de Paris a Jerusal. IV Part.

Sobre a chronologia exacta da morte do Salvador travou-se disputa da polemica. Entretanto a opinião seguida por Albano Butler na sua obra tão estimada da *Vida dos Padres e dos Martyres*, (4) estabelece a data com fundamentos, que parecem pôr termo a todas as duvidas.

Nascido no anno de 749 de Roma, sob o duodecimo consulado de Augusto Cesar e de Lucio Cornelio Sulla, Christo contava trinta annos quando foi baptisado, e tendo celebrado quatro pascoas, foi crucificado a 25 de março, com trinta e tres de idade, e aos 29 da era vulgar, durante o consulado dos dous Geminus.

CAPITULO SEXTO

JERUSALEM

Quomodo sedet sola civitas plena populo;
facta est quasi vidua domina gentium;
princeps provinciarum facta est sub tributo

Jerem. Lament. cap. 1. v. 1.

Jerusalem, a cidade santa de David e Salomão, cujo mysterioso nome encerrava as promessas do Senhor, Jerusalem que seus filhos dispersos ha dezouto seculos não cessam de chorar na amargura da saudade, cumpriu o castigo prometido e maculada pela iniquidade, lamenta na solidão, e com a frente no pó, o altar destruido de seus paes, e a gloria dos dias prosperos.

Que destino e que expiação.

A princeza das provincias, e rainha das nações, renova sem termo, e sem esperanza, as dores que banharam de lagrimas a harpa de Jeremias; e na sua afflicção, triste captiva perpetuamente viuva das grandezas, invoca de balde as tradições já mudas, vagueando no meio das proprias ruinas, silenciosa e desconsolada, como sombra de si mesmo, que a fizeram.

As reliquias do seu povo, esquecido de tudo, menos do indomito orgulho, que o perdeu, prostram-se, aninhadas nos destroços, á rustica barbaridade dos ultimos conquistadores; e o espectaculo de tantas miserias, para os poucos ainda capazes de comprar, é como o eterno abutre da desesperação,

(4) Alb. Butler. Vida dos Padr. e Martyr.—Paris 1841. Tom. IV. pag. 533 a 534.

dilacerando as entranhas dos novos Prometheus, cravados n'este logar de tormentos por maior pena!

Seguindo o nosso uso daremos rapida idéa dos sitios milagrosos, que viram os tractos e a agonia do Messias, antes de lhes passar por cima o fogo abrazador das assolações prophetizadas.

A terra da ingrata Judéa, sempre sequiosa d'elle, bebeu o sangue de seus filhos, e puniu nos mais justos e puros a voz austera, que lhe ensinou a verdade, e o piedoso braço, que a quiz desviar do abysmo.

Desde os primeiros tempos até á vespera da queda, a inveja, o odio, e a cegueira, cerraram sempre as entradas á clemencia, e por uma obstinação fatal, desafiaram as iras, que só o arrependimento podia suspender.

Nos dias de Christo, Jerusa'em já tinha declinado da antiga opulencia: mas ainda conservava as principaes feições da sua formosura celebrada.

As luctas civis, e o jugo estranho, mais a corromperam de coração, que a despojaram das galas e riquezas, que alimentavam a sua vaidade.

Os monumentos ostentosos estavam de pé. As obras magestosas dos principes asmoneus: e as que executou depois a dynastia ascalonita, sobre tudo nos annos de Herodes Magno, reanimaram de apparente e fallaz esplendor este periodo, precursor do final estrago!

Sahindo de Rama, a antiga Arimathéa, berço do virtuoso que sepultou a Jesus, encontram-se a duas horas de jornada os primeiros cabeços: e em outeiro mais alto alvejam as paredes da aldeia desmoronada, onde querem as tradições que nascesse o bom ladrão,

Tres milhas acima começam as encadeadas montanhas da Judéa, e por baixo d'estas, por entre ribanceiras fundas, serpeia o leito de uma torrente secca, e serve de estrada aos peregrinos, que se encaminham a Jerusalem.

D'ahi em diante os montes formam um verdadeiro labyrintho de cerros conicos, ligados na base uns com os outros, e rotos de penhascos escalvados. A apparencia dos sitios é arida e melancolica: as rochas, erguem-se sobrepostas como os degraus do amphitheatro romano, ou mais exacto, como os socalcos nas ribas fragosas e precipitadas do patrio Douro, trepam cobertos de vinhas pelas encostas.

Nas quebradas dos rochedos moutas de azereiras, de loendros, e de buxo vestem o sitio: e nas baixas dos barrancos, às vezes as oliveiras agitam as folhas, argentadas pelo sol, e em certos lugares subindo os ingremes declives, como grandes mattas, alegam de repente a paizagem, correndo uma cortina verde diante dos olhos.

Por cima das arvores, esvoaçam as arvores: e o grito dos gaios, forte e frequente, interrompe a espaços o silencio d'estes desertos.

Na maior altura da cordilheira, a vista do lado do occidente alcança os campos de Saron até Jaffa, e o horisonte do mar até Gaza, que lhe ficam nas costas. Para diante, ao norte, abraça a entrada do valle de S. Jeremias, e no viso de um elevado combro divisa as ameias derrocadas do chamado castello dos Machabeus.

Do valle de Jeremias passa-se ao valle de Terebynto por uma descida. Menos espaçoso, e mais fundo, enfeita-se este com a verdura dos pampanos em algumas partes, e é refrescado pela torrente, aonde David apanhou os cinco seixos para o combate com Golias.

Uma ponte de pedra atravessa o riacho, e as suas aguas dormentes. A curta distancia d'elle descobre-se a antiga Sichem de Israel, e a moderna Neapolis de Herodes, pousada junto do sombrio vulto do monte Garizim.

D'este ponto em diante a solidão ainda é maior, e a pouca vegetação, que se encontrava atraz, vae mingando até desaparecer, ao passo que os montes se alargam, cada vez mais aridos e tristes.

Sómente, de intervallo em grande intervallo, a figueira brava meneia os ramos, e sacode ao vento do meio dia as folhas denegridas. A côr das montanhas carrega-se de vermelho queimado, e os musgos, que aveludavam as asperezas-morrem inteiramente.

Uma legua mais acima, este desfiladeiro em subida leva trabalhosamente a uma altura plana, semeada de seixos roliços: e na extremidade d'ella, o viajante desfallecido apercebe ao longe uma linha de muralhas gothicas torreadas, e por cima da aresta das ameias as grimpas, e corucheus dos edificios mais elevados.

Então os guias tendo-o deixado em instante contemplar o horisonte, exclamam com a emphasis oriental— el cods! — a

santa!—e a alma sobresaltada e reverente, inclina-se como a dos cruzados de Godofredo, quando Jerusalem surgiu assim diante d'elles, mas inimiga e coberta da sua couraça de muros e de torres arabes, quasi inexpugnaveis! Sabindo d'este deserto montanhoso, e pondo os olhos nas grandezas decahidas de Sion, um escriptor admiravel, Chateaubriand, cuja descripção seguimos, exclama: 'Mil annos, que vivesse, nunca mais poderia esquecer esta solidão, aonde parece ainda que respiram a magestade de Jehovah, e os terrores espantosos da morte!'

O historiador Josepho, na sua obra a *Guerra dos Judeus*, desenha rapidamente o painel da cidade rebelde, cercada pelas armas de Tito.

Assentada sobre duas collinas, fronteiras, e cortadas pelo valle, que as separa, Jerusalem, na magnificencia dos monumentos justificava o orgulho, com que seus filhos a louvaram, pintando-a ornada e seductora, como a noiva, que entre galas realça a formosura para deslumbrar a vista do Esposo.

Em Sion, o monte mais alto e fragoso, apontado pela posição arremecada para base de uma cidadella, erguia-se á parte meridional da capital da Judéa, e alargando-se pelo plano que a montanha offerecia na corôa, alongava os olhos encantada de cima d'este bello terraço, cujas delicias davam fugitiva idéa dos esplendores da cidade divina, promettida aos crentes sinceros de Israel.

Em Sion esteve o castello dos Jebuseus, primeiros dominadores; e apreciando bem a fortaleza do logar, David apenas os expulsou, cuidou logo em cingir de mais lanços de muralhas e torres, este recinto escolhido para assento da sua corte.

Rasgando-lhe novas portas, abrindo praças e ruas, e construindo edificios sumptuosos para morada propria e dos seus guerreiros, o propheta rei levantou nas alturas a opulenta cidade, que do seu tempo se chamou a cidade de David, e que Flavio Joseph denomina a cidade alta.

Rodeando de ameias torreadas a cabeça do monte, a cidadella figurava um diadema soberbo na frente da princeza da Judéa. Eram dentro da fortaleza os poços de David; e os seus louvores e pompas foram obrados por artifices e operarios peritos, enviados de Tyro pelo rei Hiram.

Antiocho, rei da Syria, valeu-se do castello de Jerusalem

para enfrear a gloriosa resistencia dos Machabeus, e só rendida pela fome depoz a guarnição estrangeira a espada. Os Judeus entraram em triumpho com palmas nas mãos, entre musicas e hymnos.

Imminente ao paço, divisava-se a prisão real, onde gemeu o vidente Jeremias por ter vaticinado a perda de Jerusalem; e visinho d'ella campeava o palacio dos guerreiros de David, cujos pateos e vestibulo serviam de arena particular para os exercicios dos athletas e gladiadores durante o governo dos romanos.

O Cenaculo, aonde Christo ceou o cordeiro pascal com os Apostolos, e instituiu o sacramento da Eucharistia, pertencia tambem ao monte Sion, assim como a casa do Summo Sacerdote Annaz, e a morada de seu genro Caiphaz, commum a todos os Pontifices maximos.

O tumulo de David fazia parte dos monumentos religiosos, de que se ensoberbecia a cidade sagrada. Collocado em um sitio formosissimo, imminente, e de gracioso aspecto, parece ter sido posto ali de proposito pelos dous monarchas de Israel, David, e Salomão, para ambos continuarem, mesmo no repouso do somno da morte, os seus dias de delicias e poderio!

O sepulchro do propheta rei escondia thesouros tão vastos, que tresentos annos depois, o Summo Sacrificador Hircan, pagou com elles a Antiocho o resgate da cidade!

Herodes Ascalonita, sumptuoso em construcções, não quiz que Sion deixasse de lhe dever alguns aformoseamentos, edificando um palacio real na montanha santa com duas alas, todas cosidas em ouro, e entalhadas de finissimos marmores, mais ricas e opulentas, que os esplendores de architectura do Templo, reconstruido por Zorobabel. A segunda collina erguia-se ao norte de Sion, defronte do Moria e do lado oriental. No seu cume ostentava-se o Templo; e a collina era separada do monte por uma cavidade, que entulharam em parte os Asmonêos, arrazando a cabeça do Acra, imminencia proxima, d'onde se via tudo para dentro do edificio sagrado.

Na sua origem o Moria era uma collina irregular, e não alcançou a espaçosa área, precisa para accommodar as vastas construcções, dependentes do Templo, senão levantando-se grossas paredes, e crescendo-se com atterros até se igualar pelos meios da arte e vencer quasi dobrada superficie.

Ao oriente destorcia-se por baixo da grande altura, que as muralhas galgavam, o sombrio e fundo valle de Josaphat, ou do Cedron, povoado de sepulchros antigos, e sepulturas recentes.

Ao meio dia, um revestimento de alvenaria maciça acompanhava a encosta a grande altura, subindo n'este ponto a elevação do Templo a trescentos covados, e sendo necessaria uma ponte para ligar Sion com elle.

Ao occidente apparecia Aera, assimilhando-se para quem a via de cima, á fórma e pompa de um theatro romano.

Finalmente, um profundo fosso separava o Moria, pelo norte, da collina de Bezetha, depois unida, quando o recinto da cidade se alargou.

Em um dos angulos do Templo (o do N. O.) sobre um rochedo, alteava os lanços de seus muros a Torre Antonia, levantada por Hircano I, e embellezada por Herodes, que lhe deu o nome do Triumviro, seu protector.

O Golgotha, fóra da circumvallação, ficava a breve distancia da frontaria occidental do sumptuoso monumento do culto hebraico.

Tres muralhas diversas, assegura o historiador Josepho, defendiam a capital da Judéa, não só do impeto de inimigos estranhos, mas ainda de assaltos interiores, se por acaso chegasse a ser invadida em parte.

A mais antiga cobria Sion por todos os lados, cortando até aos moradores de Aera a communicação, e dividindo completamente a cidade alta da baixa. A fonte de Siloé, tão nomeada, estava fóra de portas, no valle, mas muito proxima.

O segundo muro prendia na sahida chamada *Genath*, ou dos Jardins, aberta na antiga muralha, que separava Sion de Aera, e hia findar na torre que escudava ao nordeste o angulo do Templo.

Esta fortificação pelo seu character indica a epocha de Nehemias, e da reedificação de Jerusalem.

Na torre de Hippicos principiava o terceiro muro, e seguindo direito para o septentrião, acabava na torre de Psephina, do alto da qual ao romper do sol, e em sereno dia, se podiam descobrir o Jordão, o mar Morto, e as regiões distantes da Arabia.

Hoje a torre *Psephina* denomina-se castello dos Pisanos,

e o sabio d'Anville na sua estimada dissertação sobre a cidade santa, confessa ignorar os motivos d'esta corrupção.

No tempo de Jesus Christo, apesar das assolções passadas, Jerusalem não tinha perdido nenhum dos seus edificios magnificos; e ainda adormecia á sombra dos muros e das ameias dos seus castellos, e dos robustos baluartes, que a cingiam. Mesmo declinando, era ainda a rainha das provincias.

Passando da cidade da epocha de Tiberio para a assolada Jerusalem de tempos mais modernos, tentaremos dar abreviada idéa dos logares, assignalados pelos prodigios d'aquella grande idade, promettida á redempção do mundo.

A tradição contou, por assim dizer, todos os passos do Salvador, desde a prizão tumultuaria no jardim das Oliveiras até ao ultimo suspiro, exhalado na cruz do Golgotha.

Os santuarios, com que a piedade dos principes christãos sagrou as memorias da vida e Paixão do Messias pertencem á era, em que a Lei de Jesus se alçou victoriosa dos martyrios do circo, e da tyrannia dos pretorios. Alguns foram já consumidos pelos seculos, ou pela barbaridade dos conquistadores musulmanos; mas ainda restam muitos, e n'esses a reverencia dos peregrinos, no seu tributo religioso, presta a saudação das gerações á terra predestinada, berço da regeneração humana.

O sitio que logo máis attrahe o romeiro, desejoso de contemplar aquelles testemunhos, tão eloquentes na sua mudez, é a rua da amargura, a via dolorosa, toda salpicada até ao Calvario com o sangue de Christo.

Descendo da casa de Caiphaz, pela costa do monte Sion, e deixando á esquerda o muro da cidade, encontra-se o palacio de Pilatos, para o qual se sobe pela ladeira, que substituiu a antiga escada de marmore, depositada hoje em Roma.

O que resta da sumptuosa habitação do procurador imperial são apenas ruinas: mas do alto d'ellas descobre-se o vasto assento, onde se erguia o Templo de Salomão, e a mesquita edificada em parte da área, occupada por ella.

Dentro da morada de Pilatos havia um pateo descoberto, á maneira de claustro, lageado de pedras brancas e pretas; e no meio d'elle levanta-se uma columna redonda, á qual, é opinião de muitos, que prenderam o Senhor, quando se executou a sentença dos açoutes. Era o tribunal romano, em grego chamado Lithrostos, e em hebraico Gabbata!

Vinte passos adiante da escadaria da entrada, achava-se uma varanda sustida por arcos, com duas janellas, uma rasgada ao norte, e outra ao sul; e diz-se que foi de uma d'ellas, que Pilatos apresentou o Redemptor ao povo, depois de lacerado cruelmente pelas varas dos lictores, exclamando: *'Ecce Homo!'*

Cento e vinte passos adiante do passadiço estão os destroços da igreja de Santa Maria do Pasmio, construida antigamente (crê-se) no logar, em que a Virgem, repellida pelos guardas, veio encontrar-se com o Christo.

A tradição dos Padres conservou-nos as particularidades de tão doloroso lance.

Vendo o Filho, qual vinha, trespassado de espinhos na cabeça, manando sangue de todo o corpo, e vergado ao pezo da sua cruz, o extremoso coração da Mãe partiu-se com a dôr, e perdido o alento, não pôde soltar da bôca nem um gemido!

Santo Anselmo, citado por Chateaubriand, acrescenta, que Jesus divisando a Senhora, a tinha saudado com as palavras «Salve Mater!» e outros asseguram ainda, que não menos angustiado, o Salvador desfallecera, cahindo sobre o joelho, sem forças para arrastar mais tempo o madeiro do supplicio.

A pedra, sobre a qual esmoreceu a Senhora, foi posta na parede da casa proxima de um mouro, e em letras gregas lavradas declara o successo. Dezoito seculos são passados; revoluções espantosas subverteram as sociedades, transformando as epochas; mas da frente da cidade culpada nunca se apagou a lembrança da terna Mãe, sahindo ao caminho para chorar seu Filho!

Cincoenta passos adiante é o sitio aonde Simão Cyreneo foi chamado para ajudar a Christo a levar a sua cruz.

Aqui, o caminho volta ao norte, e á direita, vê-se o logar, em que jazia o pobre Lazaro; e defronte, do outro lado da rua, está a casa do rico avarento.

Julgam diversos padres, que a historia de Lazaro não foi simples parabola, mas um factó sabido e verdadeiro, notado por Jesus; e até mesmo alguns Judeus asseguram, que o opulento avaro se chamava Nabal.

Passada a sua habitação, e carregando para a direita, torna-se á direcção do poente. A' entrada da rua, que sobe para

o Calvario, é aonde Jesus se encontrou com as santas mulheres, que o choravam, e fez a prophécia do tremendo castigo, que ameaçava Jerusalem.

Cem passos além acha-se o local da casa de Veronica, e o lugar, aonde compassiva e maguada correu a enxugar o rosto do Salvador. O seu nome era Berenice, com o tempo corrompido em *Vera-Icon*, verdadeira imagem.

Cem passos mais adiante, descobre-se a porta Judiciaria, pela qual sahiam os criminosos para hir ao Golgotha, que segundo dissemos, era então fóra da cidade.

Da porta Judiciaria ao Calvario contam-se quasi duzentos passos, e finda ahí a vida dolorosa, medindo uma milha de extensão ao todo, quando muito (1).

Os outros logares, dentro do recinto de Jerusalem, visitados pela devoção dos peregrinos, igualmente recordam algumas das scenas admiraveis do Evangelho, ou algum dos lances da Paixão.

Junto da porta de David, ao pé do monte Sião, e dentro dos muros, conservam-se ainda restos da casa do pontifice Annaz. Os armenios guardam a igreja fundada sobre as suas ruinas. A prizão aonde encerraram a S. Pedro, estava proxima do Calvario, e ainda se mostram as suas muralhas derrocadas.

Mas o mais sagrado monumento é a igreja, que encerra o sepulchro de Jesus. Objecto de veneração para quasi todas as seitas, tem visto dobrar o joelho ás maiores soberbas da terra, e ás crenças mais oppostas.

A casa santa está no valle do Golgotha, e foi levantada justamente sobre o lugar, aonde Joseph e Nicodemus recolheram o corpo de Christo em um jazigo novo. A sua figura é em cruz, e a capella do Santo Sepulchro fórma a nave maior do edificio, arredondada em circulo, como o Pantheon de Roma.

Duas portas largas ao meio dia, (uma das quaes taparam os turcos) davam entrada para o interior; e logo dentro encontra-se um atrio, e n'elle a cova em que Herodes mandou encarcerar S. Pedro, soltando-o de noute ao anjo, e conduzindo-o á morada de S. Marcos.

(1) Na descripção dos logares devotos de Jerusalem seguimos quasi sempre textualmente o Itiner. de Paris á Palestina por Chateaubriand, cuja exactidão tem sido louvada por todos os viajantes.

Uma escada de trinta e nove degraus, perto da porta do Templo sobe até á capella do Calvario, aonde a tradição venera o sitio do sacrificio de Isaac.

Sete nações com altares e córos distinctos têm no Templo sacerdotes seus; estes são latinos, gregos, armenios, sorianos, abexins, cophitas, e nestorianos. Sómente as tres primeiras assistem quotidianamente, limitando-se as outras quatro apenas a vir ali celebrar as suas Pascoas.

O Templo, dos mais sumptuosos que se conhecem comprehende o Santo Sepulchro, o monte Calvario, e muitos logares devotos. Irregular pela necessidade de ser adaptado áos pontos, que se queriam abranger no seu recinto, no seculo xvii, em que o visitou Deshayes, o seu aspecto infundia respeito, e adequava-se em tudo á magestade e reverencia das sublimes recordações que nos conserva.

Apenas se entra, vê-se a pedra, em que o corpo do Salvador foi unguido de myrrha e aloés antes de descer á sepultura, coberto de folhas de marmore branco, e resguardada por uma grade de ferro.

Trinta passos distante, exactamente por baixo da cupola, é o Santo Sepulchro, em uma capella forrada de jaspe finissimo, obra singular no lavor, e allumiada de muitas lampadas, que ardem dia e noute.

No exterior é quasi oval; mas o tecto por dentro é razo, aberto na penha viva, como no tempo da Paixão, tendo as paredes da mesma fórma; porém tudo, como dissemos, foi ornado depois de pedraria rica, lavrada em arcos e columnellos.

O zimbório imita na figura um sacrario precioso, é oitava-do, e vence a altura de dous homens.

Em cada uma das faces, sobem da mesma base duas columnas de alabastro, e o ornato compõe-se ao todo de dezeseis, sobre outo pedestaes, sustentando dezeseite arcadas com galleria corrida no alto, enfeitada tambem de outras dezeseis columnas menores.

O capitel da cupola, de cedro do Libano, com relevos de talha e embutidos de ouro e azul, cresce do arco dos nichos rendados, que se erguem sobre o friso da galleria. Estes nichos continham antigamente mosaicos, e representavam os doze Apostolos, Santa Helena, o imperador Coustantino, e mais tres retratos desconhecidos.

O Santo Sepulchro é quasi quadrado por dentro, mede seis pés menos uma pollegada de largura.

Entrando, acha-se logo á porta a pedra, em que as Marias viram o anjo, que lhes annunciou a resurreição. O pavimento d'esta parte da capella é lageado de jaspe vermelho e verde; e alguns passos além, dá-se de rosto com o proprio bocal, por onde o corpo do Redemptor foi mettido no jazigo.

Serve de abobada a mesma rocha, e um pouco sobre a direita, do altar, que occupa ao comprido toda a metade da capella, adora-se o sacratissimo sepulchro, que vestido de finos marmores por todos os lados, parece fechado em uma caixa.

Doze passos distante d'elle, vê-se uma pedra escura, posta alli para indicar o ponto, aonde o Senhor appareceu á Magdalena, disfarçado em jardineiro.

Adiante, na capella da Apparição, a tradição aponta o logar, aonde Christo appareceu á Virgem Santissima.

Outra capella recorda o sitio, em que os soldados despiram a Jesus para o pregarem na cruz, jogando e lançando sortes sobre as suas roupas.

O côro da igreja fica ao oriente da nave do tumulo, e por detraz d'elle abrem-se duas escadas, uma subindo até a igreja do Calvario, e a outra baixando para a capella da Invenção da Cruz.

A architectura do Templo pertence ao seculo de Constantino, e reproduz, como dominantes, a ornamentação e as proporções da ordem corynthia.

Os dous monumentos aonde repousam as cinzas de Godofredo de Buillon, e de Balduino, frõteiros á porta da igreja estão encostados ao muro do côro. Nobre recompensa de tamanha lucta! A' sombra do sepulchro de Jesus só dous reis cavalleiros conquistaram com a mais pura gloria alguns palmos de terra para descansar!

Inclinando-se n'este logar, a alma constricta e penitente avalia bem de perto o nada do mundo, e repete consigo mesma a sublime pergunta de S. Pedro: 'Morte, que é feito das tuas victorias e do teu poder?'

LIVRO QUARTO

VIDA DE JESUS CHRISTO

VIDA GLORIOSA

PARTE II

CAPITULO PRIMEIRO

A RESURREIÇÃO

Vamos assistir ao grande successo, que os inimigos de Christo receiavam tanto, e que os discipulos, na amargura da sua dôr, nem quasi se atreviam a esperar!

Jesus tinha affiançado diante de todos, que resurgiria ao terceiro dia, vencendo a morte, e rasgando as trevas do sepulchro.

Os guardas romanos, collocados pelos phariseus em volta do jazigo, estavam alli para estorvar, que o zêlo dos seus adeptos substituisse a fraude á realidade, fingindo um testemunho, que os hypocritas sabiam, que importava a publica reprovação das suas iniquidades.

Mas a verdade é mais poderosa que os ardis dos homens; a precaução dos deicidas endurecidos voltou-se contra elles.

A' hora propria, que segundo se julga, foi pouco depois de romper a alva do terceiro dia, deixando o lençol no fundo do sepulchro, Jesus resuscitou pela sua propria virtude, não quebrando, nem deslocando a pedra, mas penetrando-a pela subtileza do seu corpo glorioso.

Tinha acabado o sabbado, e Maria Magdalena, juntamente

com Maria, mãe de Thiago, e com Salomé, compraram os perfumes, com que determinavam embalsamar a Christo. Apenas raiou a aurora do primeiro dia da semana, mal distincto ainda o albor da manhã, encaminharam-se, pois, ao sepulchro, perguntando umas ás outras: 'Mas quem nos tirará a campa, que o cobre?'

O seu enleio era razoavel; a pedra maciça e pezada requeria o esforço de possantes braços para se levantar. Mas o Senhor depressa removeu os obstaculos.

De repente um grande tremor abala a terra: o anjo de Deus desce do céu, e derrubando a campa, assenta-se-lhe em cima.

Resplandecia no seu rosto o fulgor do relampago, e as roupas, que vestia, eram alvas e candidas como a neve.

Os soldados romanos, que não se tinham apercebido da resurreição de Jesus, sentindo o terremoto ao pé de si, e vendo o anjo, cahiram no chão trespassados de terror, e perderam os sentidos.

Entretanto que estas cousas passavam, as santas mulheres chegaram ao sepulchro. Admiradas por acharem cahida a campa, trataram de executar o proposito, que as trazia; porém, entrando ficaram attonitas; o corpo de Jesus não estava alli!

Sahiram, e a Magdalena, mais impaciente, separando-se das outras, correu a dizer a Simão Pedro, e a João, o discipulo amado: 'Não sabeis? levaram o Senhor do sepulchro, e não consta onde o puzeram!'

N'este meio tempo Maria, mãe de Thiago, e Salomé, tornando a entrar no sepulchro, e confirmando-se, em que na realidade faltava o corpo, cahiram em grande consternação, que logo se converteu em espanto e temor, encontrando subitamente diante dos olhos dous homens cobertos de vestes, cuja alvura era deslumbrante.

Quando timidias e confusas, abaixavam a vista, o anjo assentado á direita, na figura de um marcebo, disse-lhes; 'Não receieis, sei a quem buscaes, é a Jesus Nazareno, que foi crucificado. Porque procuraes entre os mortos a quem vive? Não está aqui, resuscitou como vos disse. Vinde, e vede o lugar aonde puzeram o Senhor. Lembrae-vos do que lbe ouvistes, quando ainda estava em Galiléa! O Filho do Homem será entregue aos peccadores e crucificado, e resuscitará ao

terceiro dia. Hide dizer já aos seus discipulos e a Pedro, que Jesus resurgiu, e que eil-o vae adiante de vós para a Galiléa. Lá o vereis, e recordae-vos de que vol-o annuncio primeiro que succeda!

Tremulas, e ainda cheias de susto as duas fugiram: e divididas entre os transportes da sua alegria por tão boa nova, e o assombro das maravilhas, que tinham presenciado, logo foram levar a noticia aos discipulos.

Entretanto Pedro, ouvindo-a da bôca de Magdalena, ergueuse rapido, e com o discipulo amado de Jesus, dirigiu-se, correndo, ao sepulchro; mas o discipulo era mais veloz, e entrou primeiro. Inclinando-se, apenas chegou, viu este logo o lençol e as ligaduras, e tomado de respeito deteve-se, não querendo aproximar-se mais.

O outro Apostolo, que vinha depois, viu tambem o mesmo, mas seguindo adiante, achou dobrado á parte o sudario, em que fôra envolta a cabeça de Jesus, e só então é que o discipulo querido ousou avisinhar-se do jazigo, e que observando tudo, acreditou; porque não entendiam ainda as escripturas, que tinham promettido a resurreição.

Depois voltaram para casa. João crente e confirmado: Pedro ainda assombrado pelo que acabára de acontecer.

Maria Magdalena, porém, tendo avisado os Apostolos, tornou ao sepulchro já depois d'elles se haverem retirado, mas receiosa e maguada, ficou de fôra chorando. Assim consternada, saltando-lhe as lagrimas dos olhos, lançou casualmente a vista para dentro do tumulo, e descobriu os dous anjos sentados, um á cabeceira, e o outro aos pés, no lugar em que fôra depositado o corpo de Jesus.

Disseram-lhe elles então: 'Porque choras, mulher?' 'Porque levaram o meu Senhor, e não sei aonde o puzeram,' respondeu.

Voltando-se viu a Christo ao pé de si, mas não o conheceu. 'Porque choras perguntou o Mestre? A quem procuras?'

Suppondo-o jardineiro, como o traje inculcava, ella redarguiu: 'Senhor, se tu é que o tirastes, dize-me aonde está, que eu o levarei!'

A estas palavras, que pintavam a dôr e o immenso affecto d'aquella alma, Jesus replicou, chamando-a pelo seu nome de Maria, e ella, virando-se, e respondendo: Mestre! reconheceu o Salvador.

‘Não me toques, disse Christo, porque ainda não subi a meu pae; mas busca a meus irmãos, e dize-lhes da minha parte, que vou para o meu e vosso pae, para o meu e vosso Deus.’

Maria obedecen; e procurando os discipulos, ainda cheios de afflicção e abysmados em pranto, exclamou: ‘Vi o Senhor, e eis o que elle me disse!’ Depois, repetiu-lhes as proprias palavras do Mestre.

Assim recompensou Jesus o fervor e a constancia da Magdalena, manifestando-se-lhe antes de o fazer aos outros discipulos, porque é crença admittida, que a Virgem Santissima foi a primeira a quem appareceu depois de resuscitado.

As santas mulheres, que vieram ao sepulchro, não ficaram tambem esquecidas.

Quando hiam no caminho para annunciar aos apostolos dispersos, o que dissera o anjo, apresentou-se-lhes Christo subitamente, exclamando: ‘Salve!’ E tendo-se chegado a elle, e vendo que era o Mestre, prostraram-se todas, e adoraram-o, beijando-lhe as mãos.

Jesus, proseguiu então: ‘Nada receieis. Dizei a meus irmãos, que vão para a Galiléa, que lá me hão de ver!’

Assim o fizeram, contando tudo aos onze Apostolos, e aos mais discipulos; e as que fallaram, foram Maria Magdalena, que se lhes juntára depois, Maria mãe de Thiago, e outras muitas, que hiam com ellas.

CAPITULO SEGUNDO

GUARDAS SUBORNADOS. APPARIÇÃO DE CHRISTO EM EMAUZ
A SIMÃO PEDBO E A OUTROS DISCIPULOS, NA MESMA TARDE
DA RESURREIÇÃO.

*Et factum est, dum fabularentur. et secum
quaerent: et ipse Jesus appropinquans
ibat cum illis:*

*Oculi autem illorum tenebantur ne eum
agnoscerent.*

Evang. sec. Luc. cap. XXIV, v. 15, 16.

Os discipulos, comtudo, apesar do que ouviam ás mulheres, parecendo-lhes desvario, não acreditavam na resurreição.

Nem o testemunho da Magdalena, exclamando: ‘Vi o Se-

nhor, e já vos narrei o que me disse!' os podia persuadir.

Nenhum se podia convencer, de que estivesse vivo e fallasse, aquelle mesmo que sabiam que tinha expirado na cruz, e fôra sepultado havia tres dias!

Os auctores da Paixão eram menos incredulos; mas obstinados na maldade, todo o seu empenho consistia em exco-gitar o modo de esconder a verdade, sumindo as provas d'ella.

Debalde lhes concedia o Senhor os meios de se illustrarem e converterem; o véu de trevas, que lhes cegava os corrompidos corações, fazia-os levantar contra a evidencia mesmo!

Apenas as mulheres se ausentaram do sepulchro, alguns dos guardas, tornando em si, correram logo para a cidade, e expuseram aos Pontifices o que tinha acontecido.

Estes, congregando-se logo com os Anciãos, assentaram depois de deliberar, que o mais conveniente seria dar aos soldados uma quantia avultada, insinuando-os para que dissessem, que os discipulos de Jesus, vindo de noute, tinham roubado o corpo em quanto dormiam; accrescentando para os socegar: 'Se o caso chegar á noticia do procurador, nada receicis; nós impediremos, que vos castigue.'

Recebido o dinheiro, cumpriram os guardas a palavra dada, divulgando-se entre os Judeus a falsa nova..

A mentira todavia era palpavel!

Como adormeceram todos os soldados ao mesmo tempo, e com um somno tão forte, que não accordassem nem ao ruído, que necessariamente fariam os perpetradores para furtar o corpo, tendo de deslocar e pôr de lado uma pesada campã, havendo de entrar no sepulchro, e de tirar de lá o corpo?

Feito isto de noute, ás escuras, e por alguns homens porque um não podia só, como se desculparia a inercia incrível dos soldados? A não ser por encanto, era impossivel!

De mais, tirando o seu corpo aos Judeus, Christo provou-lhes sem replica a sua resurreição; e ou elles o haviam de apresentar logo ao cabo de tres dias, ou tinham de confessar que o successo viera attestar a obra do Messias.

O subierfugio dos guardas adormecidos servia apenas para a multidão estúpida; mas não merecia valor perante as pessoas razoaveis.

Para sustentar a fabula do rapto vozes soltas e vagas não bastavam! era preciso um inquerito judicial, e semelhante pro-

cesso, que nem ousaram lembrar, cobriria de vergonha os phariseus, desmascarados nas suas calumnias.

Mas Jesus, deixando no erro voluntario os que de proposito fechavam os olhos, só appareceu aos discipulos para os persuadir com a sua presença do cumprimento das prophe-

A vista do sepulchro aberto, e a declaração das santas mulheres foi a primeira prova.

Apparecendo depois a alguns descrentes em separado, e a todos os onze juntos, deixando-se tocar, e comendo com elles, tirou a todos qualquer pretexto de duvida.

Finalmente, manifestando-se por ultimo a mais de quinhentos fieis, gravou em outras tantas almas a evidencia da sua gloria; e communicada por elles ao mundo com inabalavel firmeza, duas vezes jurada no testemunho da palavra, e no testemunho de sangue, a verdade triumphou, e a humanidade remida no Golgotha, acceitou-a como luz e penhor da sua regeneração.

No mesmo dia em que resuscitára, caminhavam sobre a tarde dous dos seus discipulos, dirigindo-se a Emauz, pequena aldeia, quasi duas leguas distante de Jerusalem.

Hiam percorrendo um e outro sobre o que acabára de acontecer, quando Jesus se lhes ajuntou, continuando a jornada com elles; mas por terem os olhos como vendados não o reconheceram, e trataram-o como se fôra estranho.

Perguntou-lhes o Mestre sobre que hiam fallando, e o motivo por que os via tristes? Um, chamado Cleophas, respondeu: 'Pois quê! és forasteiro em Jerusalem a ponto de não saberes as cousas, que passaram n'estes dias?' — 'Quaes?' replicou o Christo. — 'O que succedeu com Jesus de Nazareth, que sendo um Propheta poderoso em obras e palavras diante de Deus, e na presença do povo, foi entregue pelos principes dos sacerdotes e pelos magistrados, para ser condemnado á morte. Esperavamos que fosse elle quem resgastasse a Israel, e já fez tres dias que o crucificaram! É verdade que certas mulheres, das que nos acompanhavam, foram pela madrugada ao sepulchro, e contaram que não tinham achado o seu corpo, e tinham visto dous anjos, que lhes asseguraram ser vivo Jesus; o que nos pasma; mas é certo que hindo ao sepulchro alguns dos nossos, acharam exacto o dito das mulheres, porque não viram o cadaver.'

O Salvador exclamou: 'Ó estultos e remissos de coração,

porque não acreditaes o que os prophetas annunciaram?' Per-correndo então escripturas, e começando por Moysés, explicou-lhes o que ellas tinham vaticinado a respeito do Messias, e concluiu acrescentando: 'Não vêdes, portanto, que era necessario, que o Christo padecesse todos aquelles martyrios para assim entrar depois na sua gloria?'

Embebidos n'esta pratica acharam-se os dicipulos ao pé da aldeia, e Jesus, simulando hir mais longe, mostrou querer passar adiante; mas elles, detendo-o, instaram para que ficasse, observando-lhe que se fazia tarde, porque o dia já declinava.

Entrou, pois; e sentando-se á meza com os dous, tomou o pão e abençoou-o; e partindo-o offereceu a sua parte a cada um.

Foi quando os olhos se desvendaram a ambos, e o conheceram; porém desappareceu-lhes de subito, deixando-os convencidos da sua presença e resurreição. E narrando um ao outro, quanto sentiram, quando Christo os confortava, diziam: 'É verdade, que o coração se nos abrazava, quando o Mestre pelo caminho nos expunha as Escripturas!'

No mesmo instante se ergueram, e voltaram para Jerusalem, aonde acharam reunidos os onze Apostolos, e os outros companheiros, ouvindo os que affirmavam, que o Senhor havia resuscitado, e tinha apparecido a Simão Pedro.

Os dous contaram então o que lhes acontecera na jornada, e como só tinham conhecido o Mestre ao partir do pão. Mas assim mesmo alguns dos presentes ainda não acreditaram.

Ainda fallavam n'isto, quando Christo se apresentou no meio d'elles, e lhes disse: 'A paz seja comvosco! Sou eu não receeis.

Mas ficaram tão preturbados e attonittos, cuidando que viam á um espirito, que nenhum ousou articular palavra.

Por temor dos Judeus tinham fechado as portas, e divisando a Jesus ao seu lado de repente, não sabiam o que julgassem.

Então principiou o Mestre a increpal-os, exclamando: 'Porque vos encontro perturbados; que pensamentos são esses, que vos sobem ao coração? Olhae para as minhas mãos e para os pés; sou eu mesmo. Apalpa e vêde! Um espirito não tem carne e ossos.'

Ao mesmo tempo mostrava-lhes as mãos e os pés. Não os

vendo ainda convencidos de todo, de que não era espirito, e notando ao mesmo passo os transportes da sua alegria e admiração; Christo perguntou: 'Tendes alguma cousa de comer?'

Puzeram-lhe uma posta de peixe assado, e um favo de mel; e comendo á sua vista, deu-lhes os sobejos, accrescentando: 'Isto que presencaeas, é o que significavam as palavras, que vos disse, estando ainda comvosco — que era necessario cumprir-se tudo, quanto de mim fôra prophetisado na Lei de Moysés, nos Videntes, e nos Psalmos.'

E aclarando-lhes o entendimento para penetrarem o sentido das Escripturas, ajuntou que assim estava escripto, porque devia o Christo padecer, e resurgir dos mortos ao terceiro dia, e prègar-se em seu nome a penitencia e a remissão dos peccados por todas as nações da terra, começando em Jerusalem.'

CAPITULO TERCEIRO

APPARIÇÃO A S. THOMÉ. O MAR DE TIBERIADES.

PRIMADO DE S. PEDRO. ASCENSÃO.

Deinde dicit Thomae: Infer digitum tuum huc, et vide manus meas, et affer manum tuam, et mitte in latus meum; et noli esse incredulus, sed fidelis.

Evang. sec. Joan. cap. XX, v. 27

Quando Jesus appareceu aos Apostolos reunidos, Thomé, chamado Didymo, não estava com elles; e dizendo-lhe os outros discipulos, que tinham visto o Senhor, respondeu-lhes, que se não mettesse os dedos na abertura dos cravos, e a mão na ferida do lado, tal nunca havia de acreditar.

Achando-se todos juntos de novo, outo dias depois, em uma casa situada em uma das montanhas da Galiléa, estando as portas fechadas, e Thomé no meio d'elles, apresentou-se Jesus, e saudou-os, exclamando: 'A paz seja comvosco!'

A maior parte assim que o viu, adorou-o, mas alguns ainda lutavam com a duvida.

Então, virando-se para Thomé, disse-lhe o Salvador: 'Mette o teu dedo aqui, e repara nas minhas mãos, chega tam-

bem a mão, e mette-a no meu lado, e não sejas incredulo, mas fiel.'

O discipulo, espantado e confuso, só pôde responder-lhe, bradando: 'Senhor e Deus meu!' porém Jesus, insistindo, ajuntou: 'Creste, porque me viste, bemaventurados os que sem ver acreditarem!

Christo ainda obrou muitos prodigios em presença dos discipulos, que os Evangelhos não referem, dando só noticia dos que ficam relatados.

Não foi ainda esta, porém, a ultima vez, que o Redemptor se manifestou aos pastores, encarregados da guarda do seu rebanho.

Estando Simão Pedro, e Thomé com Nathaniel, natural de Caná da Galiléa, com os filhos de Zebedeu, e dous discipulos mais, disse Pedro para os outros, que hia lançar as redes ao mar. Responderam elles que tambem queriam acompanhar, e mettendo-se todos em uma barca, cansaram-se de balde, porque nada puderam pescar.

Sobre a madrugada appareceu Jesus na praia, sem que os Apostolos o conhecessem, e disse-lhes: 'Moços tendes alguma cousa de comer?' 'Nada temos,' redarguiram. 'Deitae a rede para a direita da barca, e achareis,' continuou o Senhor.

Obedeceram. Quando foram a puchal-a tão pezada vinha, que não conseguiam levantá-la.

Observando, porém, o discipulo amado de Jesus a Pedro, que aquelle homem de certo era o Christo, cingindo-se Pedro com a tunica, por trabalhar nú, lançou-se logo á agua.

Os outros discipulos, que estariam arredados de terra cousa de duzentos covados, seguiram-o com a embarcação, arrastando a rede.

Quando saltaram na areia viram umas brazas postas, uma peixe em cima d'ellas, e pão.

Disse-lhes Jesus então: 'Dae-me a pesca, que apanhastes!' Pedro subio á barca, e tirando a rede, achou-a cheia de cento e cincoenta e tres peixes grandes. 'Vinde e jantae!' proseguiu o Mestre. Nenhum dos presentes, sabendo que era o Senhor, ousava perguntar-lhe: quem és tu?!

Jesus pegou no pão, e deu-lh'o; ao peixe fez o mesmo, e depois de jantar, voltando-se para Pedro, disse-lhe: 'Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes?' 'Sim Senhor, tu sabes que eu te amo.' 'Apascenta os meus cordeiros' redarguiu Christo,

Outra vez tornou a perguntar-lhe: 'Simão, filho de João, tu amas-me?' e elle repetiu a primeira resposta pelas mesmas palavras, 'apascenta os meus cordeiros!' repetiu Jesus.

E insistindo terceira vez, intristeceu-se Pedro, e replicou: 'Senhor, conheces tudo, e sabes que eu te amo!' 'Apascenta as minbas ovelhas,' concluiu o Mestre.

E proseguindo, disse: 'Em verdade te affirmo, quando eras mais moço cingias-te, e hias para onde te agradava; mas quando fores velho estenderás as mãos, e outro será o que te cinja e te leve para onde não has de querer.

Jesus fallava assim alludindo ao gener de morte, com que o Apostolo tinha de glorificar a Deus. E acabando, acrescentou: 'Segue-me!' Virando-se notou Pedro, que os acompanhava o discipulo, que o Mestre amava mais, o qual ao tempo da ceia, estivera reclinado sobre o seu seio, e vendo-o, perguntou o Apostolo ao Salvador: 'E este?' 'Quero que fique assim, redargiu Jesus, até que eu venha. Que tens com isso? Segue-me!'

Correu logo por isso a voz entre os irmãos de que não morreria aquelle discipulo; mas Christo só disse que havia de ficar assim até elle vir.

Finalmente appareceu Jesus aos onze a tempo que estavam á meza, e reprehendendo-os pela sua incredulidade e dureza de coração, por não haverem acreditado os que o tinham visto resuscitado, disse-lhes: 'Ide pelo mundo, e prégae o Evangelho a todas as creaturas, O que vos crer e for baptisado, será salvo; os incredulos serão condemnados. Eis os signaes, que hão de acompanhar os crentes: expulsarão os demonios em meu nome, e fallarão novas linguas. Manusearão as serpentes, e se beberem peçonha mortal não os hã de molestar; pondo as mãos nos enfermos logo serão curados.'

Continuando, acrescentou: 'Todo o poder me foi dado no céu e na terra. A paz seja comvosco! Assim como meu Pae me enviou a mim, vos enviou eu a vós!'

Ditas estas palavras lançou um sopro sobre elles, e ajuntou: 'Confiro-vos o dom, que o Pae vos prometteu, os peccados, que perdoardes ficarão perdoados, e os que atardes nunca serão soltos. Estarei comvosco até á consummação dos seculos. Entretanto demorae-vos em Jerusalem até serdes revestidos de virtude pelo Altissimo. João ministrou o baptismo da agua, mas vós tereis o baptismo do Espirito Santo em poucos dias.'

Preoccupados ainda com a idéa do reinado temporal do Messias, alguns dos que o ouviam, perguntaram: 'N'esse tempo, Senhor, é que haveis de restabelecer o reino de Israel?' Sem lhes responder directamente, Jesus disse: 'Não vos toca saber os tempos nem os momentos, que meu Pae reservou á sua omnipotencia.'

'Recebereis a virtude do Espirito Santo, que descera sobre vós, e servir-me-heis de testemunhas em Jerusalem, e em toda a Judéa, em Samaria, e até ás extremidades da terra.' Depois de lhes fallar assim, o Senhor erguendo as mãos abençoou-os, e em quanto lhes lançava a benção, foi-se elevando até que uma nuvem, recebendo-o, o occultou aos olhos dos discipulos.

Como estivessem olhando para o céu, em quanto Christo subia, viram de subito ao seu lado dous homens, vestidos de branco, que lhes disseram sem aspereza. 'Varões da Galiléa, porque olhaes assim para o firmamento? Jesus, que acaba de separar-se de vós subiu ao céu, e voltará do mesmo modo que o viste ascender, cheio de gloria.'

Depois de adorarem o Redemptor, voltaram os Apostolos do monte Olivete, e transportados de alegria concorriam assiduamente ao Templo para glorificar o Senhor.

Cumpridas as prophcias, e consummado o sacrificio, o Filho do Homem deixou a terra, aonde a semente das suas palavras em menos de dous seculos havia de mudar o coração dos homens.

Da baixaza dos tormentos e affrontas alçou a sua gloria, e dos braços da cruz, em que o odio dos maus cuidou aviltar para sempre a verdade, é que elia soltou o seu vôo pelo mundo, attrahindo as gentes.

Depois de confortar os pastores, e de lhes entregar os seus cordeiros, apontando-lhes o céu como patria e recompensa, Jesus eleva-se ao throno de Deus vivo, deixando na terra a saudade da mais sublime virtude, e legando ao futuro a palavra, que o ha de regenerar.

CAPITULO QUARTO

O CENACULO. ELEIÇÃO DE S. MATHIAS.

In diebus illis exurgens Petrus in medio fratrum, dixit (erat autem turba hominum simul fere centum viginti).

Viri fratres, oportet impleri Scripturam, quam praedixit Spiritus Sanctus per os David de Juda, qui fuit dux eorum, qui comprehenderunt Jesum:

Qui connumeratus erat in nobis, et sortitus est sortem ministerii hujus.

Actus Apostol. cap. I v. 15, 16 17.

Assim que voltaram a Jerusalem do montão das Oliveiras, que está a curta distancia d'ella, os Apostolos subiram logo ao Cenaculo, aonde morava Pedro.

Os que ali permaneciam com elle eram João, Thiago e André, Philippe e Thomé, Bartholomeu e Matheus, o outro Thiago, filho de Alpheo, Simão o Zeloso, e Judas irmão de Thiago; e todos oravam com perseverança em companhia de Maria, Mãe de Jesus, e dos parentes do Mestre. Pedro, levantando-se depois, no meio dos varões, que se achavam juntos, e perfaziam quasi cento e vinte pessoas, disse-lhes então: 'É necessario irmãos que se cumpra o que o Espirito Santo prophetizou pela bôca de David ácerca de Judas, conductor dos que prenderam a Christo. Alistado entre nós vendeu o Mestre, e possuiu um campo, comprado com o preço da iniquidade; e depois de se pendurar, rebentou, e derramaram-se-lhe as entranhas. O successo foi notorio a todos os habitantes de Jerusalem, que o campo se ficou denominando Haceldama, terra do sangue, verificando-se o que disse o Livro dos Psalmos: 'Seja deserta a sua habitação, não haja quem n'ella more, e receba outro o seu apostolado.'

'Convem, portanto, que d'entre os varões que estiveram em nossa companhia por todo o tempo, que o Senhor Jesus viveu com os seus discipulos, começando do seu Baptismo por João, e acabando no dia da sua Ascensão, escolhamos um que atteste conosco a sua resurreição!'

Ouvidas estas palavras, propuzeram os fieis dous indivi-

duos para a missão pedida, sendo um d'elles Barsabas, por appellido o justo, e Mathias o outro.

Depois, elevando o espirito a Deus, fizeram a seguinte oração: 'Senhor que lês no coração de todos, mostra-nos qual d'estes escolhes para o ministerio de que Judas decabiu!'

Lançadas sortes, ficou eleito Mathias, e foi contado com os onze Apostolos.

A Pentecostes antes de ser uma festividade christã, foi uma festa judaica. N'ella solemnisavam os hebreus o anniversario do dia, em que Jehovah deu a Moysés no cume do Sinay a lei de seus paes, acompanhando-se de todo o esplendor da sua magestade; e o Levitico, recordando esta graça, ordenava que todos os annos por esta occasião se offerencesse ás primicias do trigo ao altissimo, sacrificando-lhe um cordeiro sem macula.

Quando acabaram os dias, destinados ás ceremonias d'esta solemnidade, estando os dicipulos todos reunidos no Cenaculo, veiu de repente do céu um estrondo, similhante a furação impetuoso, e encheu a casa, e appareceram repartidas umas como linguas de fogo, e pousou-se uma sobre a cabeça de cada Apostolo.

Logo se lhes infundiu a virtude do Espiro Santo, e começaram a fallar diversas linguas, dom que por elle lhes era concedido.

Moravam então em Jerusalem Judeus tementes a Deus e habitantes de todas as nações, que ha debaixo do céu. Assim que a noticia de tamanho prodigio se divulgou, muita gente correu a ouvir, e sahia pasmada, porque, escutando entendia na sua propria lingua quanto prégavam os Apostolos.

Attonitos e olhando exclamavam uns para os outros: 'Não são estes Galileus? Como fallam, pois, na lingua em que nos creámos? Parthos, Medos, e Elamitas, naturaes da Mesopotamia, da Judéa, da Capadocia, e do Ponto e Asia; habitantes da Phrygia da Pamphylia, do Egypto e de varias partes da Lybia, Romanos, Cretenses e Arabeos, ouvimos, e entendemos nos idiomas da nossa patria os louvores e maravilhas de Deus, attestados por elles. O que significa isto?'

Mas alguns da facção dos phariseus, atalhavam, procurando atenuar o espanto com o escarneo, e retroquiã: 'Não vedes que estão cheios de mosto, e que é o que os faz fallar?'

Pedro, erguendo-se, porém de entre os onze, e pondo-se

de pé, levantou a voz, e exclamou: 'Varões da Judéa, e vós todos, que habitaes em Jerusalem, prestaes ouvidos attentos, e escutae-me! Os que ouvis, não estão embriagados, como cuidam esses; é a terceira hora do dia, e o Propheta Joel escreveu. 'Nos ultimos dias, disse Deus, eu derramarei do meu espirito sobre toda a carne, e nossos filhos e filhas prophetisarão, os mancebos terão visões, e os anciãos hão de sonhar. Farei ver prodigios no céu, e signaes na terra, fogo, e vapor de fumo. O sol converter-se-ha em trevas, e a lua em sangue, antes que chegue o dia glorioso do Senhor. Isto succederá, e será salvo quem invocar o nome de Jehovah!'

'Varões de Israel, attendei as minhas palavras! A Jesus de Nazareth, approvado por Deus, com virtudes, prodigios, e signaes, que o Senhor obrou por elle no meio de vós, como sabeis, depois de vos ser entregue, por presciencia e decreto divino, tirastes a vida, pregando-o em uma cruz: mas Deus, rotas as trevas do inferno, resuscitou-o, porque as forças do mal não podiam prevalecer contra elle. David, a quem alludia quando disse: 'Via sempre o Senhor, diante de mim, e á minha direita me esforçava para não succumbir, e por esta causa se alegrou o meu coração, e a minha lingua se regosijou, pois a carne ha de repousar na esperança, de que não deixarás a minha alma nos infernos, nem permitirás que o teu Santo Nome padeça corrupção? Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, e has de encher o meu espirito de jubilo, mostrando-me a tua face?'

'Irmãos posso affirmal-o, sem receio de resposta, o patriarcha David morreu e foi sepultado, está entre nós, e o seu tumulo pôde vêr-se; é claro, por tanto, que não fallou de si, mas de um rei, do seu sangue, que Deus lhe affiançou para se assentar eternamente no seu throno. Viu no seu espirito a futura resurreição de Messias, quem nem foi deixando nas trevas, nem a sua carne soffreu corrupção; e todos nós somos testemunhas, de que Jesus resurgiu pelo poder de Deus e que exaltado pela dextra do Senhor, recebeu a promessa do Espirito Santo, e a derramou sobre nós.'

David não subiu ao céu, mas escreveu isto: 'O Senhor disse ao meu Senhor: assenta-te á minha mão direita, até que eu ponha os teus inimigos como os cabellos debaixo dos teus pés!'

Ouvindo estas cousas os assistentes, compungidos, per-

guntaram a Pedro e aos Apostolos? 'O que havemos de fazer, irmãos?'

Era a luz da persuasão, e' am os clarões desejados da evidencia, que os penetravam.

Pedro respondeu: 'Fazei penitencia, baptisae-vos em nome de Jesus Christo para alcançardes a remissão dos peccados, e recebereis o dom do Espirito Santo.' Expondo-lhes depois a promessa de serem chamados por Deus, mesmo os que estão mais longe, exhortou-os com razões fortes, rogando-lhes que se salvassem, separando-se d'aquella geração perdida.

Muitos creram nas palavras do Apostolo, e pedindo o baptismo, confessaram a Lei nova. Só n'este dia, perto de tres mil pessoas se converteram.

Os que de coração e vontade se abraçavam com o Evangelho, conformando-se á sua doutrina, viviam unidos, usando em commum dos bens, e vendendo as fazendas, quem as tinha, para distribuir pelos irmãos necessitados o producto.

Hiam orar ao templo todos os dias, e partindo o pão pelas casas, tomavam as suas refeições, com regosijo e frugalidade.

Assim, pouco depois da Ascensão de Christo, a fê alargou logo as suas conquistas; e a eloquencia da verdade, desatando-se dos labios quasi mudos até então de rudes e indigentes pescadores, calou e confundiu a orgulhosa sciencia, e a perfida calumnia dos soberbos doutores da seita obstinada, que dominando a Judéa na sua decadencia, lhe preparou as ultimas provações, e as mais cruéis.

O desprezo das riquezas, a simplicidade da alma, comparada por Jesus á das pombas, e tão recommendada por elle aos seus pastores, e o amor de Deus e do proximo, intimo, sincero e estremo, constituiram, desde o principio, a força e a gloria das primeiras communitades christãs, tornando-as documentos vivos da santidade e perfeição da lei. A constancia e o ardor, com que attestaram a sua fê, e a firme esperanza com que invocavam a Christo nos carceres, nos circos, diante de todos os poderes, e no meio de todos os tormentos. Nunca espectaculo semelhante será admirado pelos homens! Esta innocencia de costumes, que junta á ardente devoção elevava o espirito á patria celeste, e fazia reputar a terra como um lugar de desterro, e o mundo como um precipicio continuado e perigoso, foi o mais sublime e formoso de todos os triumphos alcançados pela lei da graça.

O exemplo confirmou o preceito; e do centro da sociedade corrompida, e da idolatria contaminada e viciosa, a idéa moral, e a crença de um Deus unico, misericordioso, e omnipotente, ergueram-se como devisa do porvir, e o conforto das almas puras, que a incerteza e a duvida desconsoavam.

Que importa a maldade pertinaz dos phariseus, ou a cegueira voluntaria dos pagãos, seus verdadeiros senhores?

Se os primeiros, não podendo negar os prodigios, que immensas testemunhas affirmavam, os attribuiam a obras magicas, e sustentavam que Jesus, poderoso em milagres e palavras, illudia o povo, servindo, não o Deus de Israel, mas o espirito das trevas, não veio o castigo da raça descrente, não sobraram as ruinas fumegantes de Jerusalem, ainda nos dias da geração que ouvira a tremenda propheta do Redemptor no caminho do Golgotha, para convencer depressa e a preço de lagrimas os menos credulos, levantando-se a evidencia, como o sol, e brilhando sobre o Universo?

Se os segundos; escravos dos deleites, para negarem o conhecimento de um só Deus adoravam de joelhos a lascivia de Venus, e os adulterios de Jupiter; se em nome da razão de Estado e dos interesses sacerdotaes da idolatria ensanguentaram os patibulos, e até os paços imperiaes de Cesar, pouco tardou que soasse a hora da queda para esses cultos absurdos, que julgavam enganar a sua agonia, apellando para os supplicios e rigores, pedindo á violencia, e ao ferro e fogo uma victoria impossivel contra a liberdade de consciencia, contra a persuasão e a verdade!

A força das trevas não prevaleceu. A lei da moral, accesa por Christo para servir de pharol ás sociedades novas, nunca mais se apagou.

No meio do temporal desfeito que levantam as ondas dos barbaros, cujo estrepito resoa de um extremo da terra ao outro, sobresaltando até as meditações dos solitarios contemplativos, refugiados no deserto para melhor se abraçarem com a sua cruz, e esquecerem o mundo, e as suas tribulações, a doutrina prégada pelos Apostolos, consoladora e espirital, encerrava o unico balsamo, que podia suavisar as feridas, por onde fugia banhada em rios de sangue a alma d'esse grande imperio desmembrado, cuja herança disputavam nas batalhas os regulos e os soldados á frente de hordas rusticas e destemidas.

E quando a ultima vaga de invasores, encapelando-se mais alta, e destruindo tudo no seu impeto, levou de rojo consigo a purpura e o diadema ludibriado dos successores de Augusto e de Tibério, a cruz de Christo, erguida sobre as ruínas, apontou aos homens o porto da salvação, a que deviam acolher-se, se queriam escapar aos estragos do segundo diluvio!

Eis o que nos mostram, em quadros tocados de vivo interesse, e fecundos em lições e experiencias os successos, que se desenlaçam desde a Paixão de Christo até ao grande seculo, em que o Imperio, curvando o joelho, deu a paz á Igreja e d'ahi até ás epochas, em que o mundo acaba de se reconstruir e organizar.

A historia religiosa é a historia dos progressos do espirito e da consciencia das nações n'esses remotos tempos.

CAPITULO QUINTO

NOTICIAS E TRADIÇÕES

*Erant autem perseverantes in doctrina
Apostolorum, et communicatione fractionis
panis et orationibus.*

Actus Apost. cap. II, v. 42.

Antes de abrirmos a gloriosa epocha das povoações da Igreja paciente nos tempos, em que os Martyres e Confessores deram testemunho da fé, enobrecendo a terra com os exemplos da sua doutrina, e convertendo os proprios perseguidores pelo spectaculo heroico da sua constancia, cumpre-nos encerrar a historia da missão divina de Jesus, offerecendo em abreviado painel, as noticias, que podem avivar as physionomias de algumas das santas figuras, que nos apparecem nas admiraveis scenas do Evangelho, sem comtudo pertencerem ao Apostolado.

Poucas sobreviveram ao lapso dos seculos, porém assim mesmo gastas, e quasi apagadas, essas tradições merecem ser colligidas. Sente-se vivo desejo de acompanhar ao termo da sua carreira mortal os sinceros crentes, que assistiram á paixão e á gloria do Mestre, e ainda nos derradeiros alentos da vida, desprezando tormentos e dores, suspiravam com saudade pela patria immortal, aonde, segundo a sua palavra,

esperavam alcançar a beatitude, participando dos premios affiançados aos justos e fieis.

Notaveis, por diversa causa, os sacerdotes, os principes, os magistrados e os sequazes, que promoveram o doloroso sacrificio do Golgotha, ou tomaram parte n'elle, tambem chamam sobre si a curiosidade; e seguindo-os com os olhos, procura-se o seu castigo no proximo futuro, que a justiça do Altissimo lhes designou, e elles desafiaram.

Caiphaz, Herodes, Pilatos, e a criminosa e endurecida seita dos phariseus, uns por culpada timidez, ou indifferença, outros por malevolo e implacavel ciume, gravaram em seus nomes a nodoa eterna do maior dos crimes.

Caminhando para o Calvario, Christo assignalou com o seu precioso sangue a estrada de ruinas, por onde havia de entrar depois a ferro e fogo a ira do Senhor, abrazando Jerusalem até ás entranhas; e servindo-se das armas estrangeiras de Roma, e da espada de Tito, suscitou os instrumentos da sua cholera ainda nos dias da geração corrompida, que pedia a Poncio a morte do Justo, acceitando para si e para seus filhos a tremenda herança do deicidio!

Entre as suaves e sublimes figuras, que as Memorias Evangelhicas apenas descobrem de relance, a da Mãe de Jesus é a primeira, que a nossa veneração e o nosso culto procuram com extremo, depois de consuminado diante da sua vista o holocausto do Messias.

Trespasado de fundos golpes, aquelle coração tão fino no affecto, e tão sublime nas virtudes, gotejando em lagrimas todo o sangue da sua alma, que os tratos esgotaram das veias do Redemptor, como supportou o sacrificio, e até á hora, em que deixou a terra para gosar a celeste morada, de que maneira existiu, acceitando a cruel separação de um Filho amado?

Na sua humildade, cheia de graça, rodeada, como consoladora e luz de esperança, de todos os pobres e infelizes, que o mundo desamparava, assegura-nos a tradição, que foi para os homens na terra a mesma estrella protectora, que os afflictos invocam hoje no paraizo, como intercessora compadecida dos infortunios, que attribulam o desterro da vida.

Mais venturosos, os primeiros christãos gosaram da presença, e benigna influencia da Esposa do Espirito Santo. Os Apostolos tiraram da vista d'aquella, que padeceu tanto sem

se queixar, a força necessaria para arrostarem animosos com as tempestades e cruezas do mundo. Os desgraçados acharam n'ella conforto e refugio. Os convertidos, pegando na sua cruz, e seguindo a de Christo, tinham na Mãe de Deus o exemplo de todas as perfeições, e por elle se confirmavam na abnegação, e na perseverança.

Um escriptor do quinto seculo, S. Cyrillo de Alexandria, celebrando os louvores da Virgem dá-nos exacta idéa do grande respeito, que os christãos lhe tributaram sempre.

Tratando das prerogativas de Maria, o eloquente doutor eleva-se, e exclama, ardendo em entusiasmo: 'Salve, Maria, Mãe de Deus, thesouro precioso do universo, luz eterna, e purissima corôa de virgindade, sceptro da lei da graça!... Salve tu, que trouxeste nas castas entranhas o Immenso e o Incomprehensivel!... por amor de ti a Santissima Trindade foi glorificada e a cruz do Redemptor se exaltou em toda a terra! Salve, triumpho glorioso dos céus, jubilo dos anjos, e terror dos infernos... venceste o tentador, mostrando ás creaturas, apesar da culpa, as portas do paraizo, abertas para recebê-las! Por ti reina o conhecimento da verdade sobre as ruinas da idolatria; os fieis são regenerados com o baptismo, as nações do mundo arrependem-se e choram penitentes os seus erros!..., Por ti, o Filho Unigenito de Deus, facho do mundo, illuminou os que jaziam debaixo das trevas da morte... Quem poderá louvar-te dignamente, Mãe incomparavel, Virgem purissima?' (1)

S. Dionizio Areopagita, escriptor do primeiro seculo, na carta que se lhe attribue, dirigida a seu mestre S. Paulo, refere-nos o que experimentou, quando poz os olhos na Virgem.

Eis as suas palavras, viva expressão dos sentimentos: (2)
'Diante de Deus, confesso, que se não pode perceber pelos homens aquella, que eu vi e contemplei... porque apenas João, alteza do Evangelho, me levou á presença da Senhora, rodeou-me tão immenso resplendor, foi tão copiosa a luz interior, e sobreveiu-me tanta fragrancia de todas as cousas, que nem o infeliz corpo, nem o meu espirito pôde soffrer os effeitos insignes de tão suprema ventura. Desfal-

(1) Div. Cyril. Tom. V, P. II. p. 380; item conc. Tom. III, pag. 589, apud Alb. Butler. Tom. I, pag. 369.

(2) Dionys. Arcopag. Epist. ad. Paulum apud Ferreolum de Maria, Macedo — *Eva e Ave*, Part. II, cap. LXIV, pag. 446.

‘leceu o coração, e desfalleceu o animo, opprimidos com a magestade de tanta gloria. Deus que habitava na Virgem me ‘é testemunha, que se a vossa doutrina me não tivesse ensinado, chegaria a crer que Maria era o verdadeiro Deus!...’

Alguns auctores, citados por Macedo na sua obra, *Eva e Ave*, acrescentam sem hesitar, que S. Dionysio, apenas se achou na presença da Virgem, cahiu em terra, sem sentidos, e como morto, não podendo supportar os raios de tanta magestade, e o esplendor da luz, que o cegava, o que elle mesmo parece significar, quando assevera, que na sua fraqueza corporea não pudera soffrer os effeitos d’aquella felicidade, desfallecendo-lhe o coração e o espirito, deslumbrados, e opprimidos de tamanha gloria.

Estas tradições, porém, não são mais do que noticias, filhas de crenças, que devemos suppor sinceras, mas que de nenhum modo obrigam.

No mesmo caso está, a todos os respeitos, a carta attribuida á Senhora, e que certos escriptores dizem enviada directamente a Santo Ignacio, Bispo e Martyr de Antiochia, na qual com palavras graves e efficazes a Mãe de Deus o exhortava a acreditar firmemente para tudo no Evangelista S. João, conformando sempre a vida e os costumes pelo seu voto de Christão.’

A mesma força tem a outra epistola, que affirmam ter sido escripta á cidade de Messina, na qual, em premio de haver abraçado a Fé, a Senhora lhe promette a sua protecção perpetua, e lhe manda a sua benção.

Florença gloriou-se muito tempo, tambem, de possuir uma carta quasi semelhante, em que a concisão dos termos não fica inferior em nada á brevidade das duas, que notámos.

‘Florença, amada de Deus, de Jesus meu Filho, e de mim, sustenta a Fé; insta com orações; esforça-te com paciencia: porque assim alcançarás perduravel saude diante do Senhor:’

A authenticidade de taes documentos foi sempre disputada, e a critica mais severa nunca duvidou repudial-os como invenções fabricadas em pia fraude.

Se as transcrevemos foi por que se nos representou que pintavam um dos aspectos religiosos da epocha, explicando talvez melhor o estado dos animos, do que largas e eruditas dissertações.

O fervor dos homens e das povoações em se recommenda-

rem á poderosa intercessão da Virgem, e a idéa de suprema consolação, que lhes inspira esperanças fundadas em promessas apocriphas, ressumbram de todas as ficções, e desculpam-as de certo modo.

Os reinos e as cidades, invocando uma carta, ou uma palavra da Mãe de Deus, julgavam-se defendidas no presente, e olhavam para o futuro com mais inteira confiança.

N'aquelles tempos de transformação e de sobresalto continuo era tão precaria a existencia, e o dia de amanhã vinha tão diverso do dia de hoje, que voltando-se para o céu, e abraçando-se com a valiosa protecção da Virgem, o coração obedecia aos impulsos naturaes, e tinha ao menos sobre as epochas mais recentes a grande e inapreciavel felicidade de poder suavisar os males quotidianos com o balsamo de crenças firmes e consoladoras.

O que as tradições dignas de conceito e seguras permitem crer, é que depois da morte de Jesus, S. João Evangelista, fiel ás recommendações do Mestre, nunca mais se apartou da Virgem, morando em Jerusalem, até rebentar contra os christãos a cruel perseguição, decretada no anno quarenta e quatro de Christo, que a obrigou a retirar-se com os Apostolos.

Albano Butler, com judiciosa critica, rejeita a opinião dos que sustentam, que a Senhora se acolheu então a Epheso em companhia do filho adoptivo, e insiste, mostrando que a Mãe de Deus, até ao seu venturoso transito, nunca se afastou da Judéa, ou das suas visinhanças.

Uma das provas S. Paulo é quem a dá estabelecendo a Timotheo, por Bispo de Epheso no anno de sessenta e quatro, e não alludindo em nenhuma das cartas, que lhe escreve, á presença de S. João na Diocese, o que seria não só provavel, mas natural, se o Apostolo residisse lá.

Em todo o tempo, que se demorou na terra, Maria não cessou de ser aquella rosa, nascida em Jessé, e annunciada pelos prophetas como alegria do mundo; e o aroma de tantas virtudes e perfeições, enchendo tudo de pureza e fragancia, esforçava a devoção e piedade dos verdadeiros discipulos de Jesus.

Antes de cerrar os olhos, a Senhora não viu cumpridas as terriveis palavras de seu Filho sobre Jerusalem.

O seu coração mavioso não teve de chorar a dor e a amargura de infelizes mães, forçadas pelas angustias de um cerco,

sem misericórdia a amaldiçoar a fecundidade das suas entranhas, seccando-se-lhe o leite nos peitos, e pendendo-lhes sem vida o tenro fructo dos castos amores!

Mas ainda nos seus dias, se não assistiu ao castigo da cidade orgulhosa, viu florescer a promessa, e crescer a seara a tal ponto, que os ceifeiros difficultosamente bastavam para a colher.

Em fim bateu a hora destinada para a Mãe de Deus deixar a terra; e a tradição refere-nos que um Anjo foi o nuncio dos decretos do Altissimo.

Retirando-se á montanha de Sião, a curta distancia dos paços arruinados dos principes da sua raça, e para o mesmo Cenaculo sobre o qual baixara ao Espirito Santo, Maria humilde e conforme com a vontade do Eterno, esperou ali o instante desejado de se unir para sempre ao Filho amado.

A idade não murchou no seu rosto a formosura angelica. Os annos, sem força contra ella, passaram deixando-a bella como antes. Assim o affirma S. Dionysio testemunha occular da sua morte.

Todas as graças a ornavam, e no tremendo lance, que faz gemer todas as creaturas, a serenidade, que resplandecia no seu semblante, commovia e assombrava ao mesmo passo.

Os Apostolos, e muitos discipulos, congregados miraculosamente para a derradeira despedida da rainha dos Anjos, mal podiam reprimir as lagrimas de saudade, arrancadas por esta separação. De pé, ao lado do leito, contemplavam silenciosos e immoveis, a face da Virgem, notando consigo mesmos quanto era semelhante nas feições a Jesus Christo (3).

A posição, em que estava o corpo da Senhora, com a cabeça inclinada, como seu Filho durante a ultima ceia, ainda tornava mais notavel a parecença.

Depois de commungar interiormente com a sua alma, a Senhora, correndo a vista pelos fieis que perseveravam com tanto valor no seu affecto a Christo, e que d'ahi a pouco o haviam de provar ainda mais, desprezando tudo, consolou-os com meigas palavras, e reflexões dictadas por uma sabedoria sublime; e estendendo as mãos sobre os discipulos de seu Filho, que deixava orphãos do seu amor de Mãe, elevou

(3) Jesus inclinava um pouco a cabeça, o que o fazia parecer mais baixo, e no rosto, sobre tudo na parte inferior d'elle, parecia-se muito com sua Mãe Niceph. Hist. Ecel. T. I, pag. 125.

os olhos aos céus, que se abriram, descendo Jesus Christo em uma nuvem luminosa para a receber nos confins da eternidade.

O seu rosto corou então com o intimo ardor da sua infinita adoração, e despindo o involucro terrestre, o espirito jubiloso subiu ao throno de Deus, cahindo o seu corpo em somno suave, e repousando com sessenta e um, ou sessenta e seis annos de idade, no anno 798 de Roma, e 45 da era vulgar.

Os discipulos conduziram o corpo, rescendente de aromas, e coberto de um véu riquissimo, ao tumulo, transformado em verdadeiro berço de flôres; e Herotheu, pronunciando o panegyrico da Rainha dos Anjos, parecia inspirado, e fôra de si. As lagrimas do auditorio manavam rapidas como as palavras de fogo do orador. Depois de velarem tres, ou quatro dias, orando sobre o sepulchro, os Apostolos despediram-se partindo cada um em busca da corôa do seu martyrio e da sua gloria. Mas antes, e quando ainda estavam reunidos, S. Thomé, que era o ultimo que tinha chegado e que não assistira ao transito da Senhora, desejoso de beijar pela derradeira vez as mãos á Mãe do Redemptor, tanto pediu, e tantas supplicas amiudou, que vencidos cederam todos aos seus prantos, e levantaram a campa, que cerrava o jazigo.

Apenas o lugar se patenteou á vista, recuaram pasmados!

O corpo não estava lá, e sómente se encontraram murchas as flôres, em que o haviam pousado, e fragrante de celeste perfume o alvo sudario de linho, em que fôra envolto.

É a razão, porque nenhum reino, ou cidade se louvou nunca de possuir a menor reliquia do corpo da Virgem. A tradição da Igreja é constante em nos affirmar, que o céu o chamou todo a si para o glorificar!

Depois da Senhora, a figura que logo attrahe os olhos com maior interesse, é o vulto affectuoso da Magdalena, da bella peccadora arrependida de Naim, que, debulhada em lagrimas, ajoelha aos pés de Christo, pedindo-lhe a saude da alma, como origem de pureza e remissão.

Maria era natural de Galiléa, e parece haver tirado o sobrenome da sua morada de Magdalum, situada nas margens do lago de Genesareth.

Desde o seu encontro com o Mestre em casa do Phariseu, as palavras consoladoras e a promessa de esperanza, dadas

por Jesus, penetraram na sua alma, e erguendo-se perdoada, *porque tinha amado muito*, mostrou depois, que a nova Lei pôde reduzir-se toda ao amor, elevando-se o homem pelo coração mais facilmente a ver a luz divina, do que subiria nos arrojos do engenho, ou nos vôos do espirito.

Desassombrada por Christo dos sete demonios que a vexavam, Magdalena foi sempre fiel ao Senhor, que a salvára do poder das trevas, e seguia-o por toda a parte. A palavra de Jesus era o manná da sua alma; e o seu desejo ardente era ouvi-la sem cessar.

Vêr o Mestre, escutal-o no meio das turbas, que o rodeavam, exaltar-se com a admiração que o applaudia no caminho, semear-lhe as flôres do seu vivo e puro affecto, eis a idéa e a occupação constante de Maria.

Nas affrontas, ou no triumpho, não faltou para tomar sobre si a metade do ultrage, ou para se comprazer na gloria alheia, como se fosse sua propria!

Ensinando em admiraveis parabolias, (como só elle as podia conceber e deduzir) que o arrependimento abre as portas do céu ao peccador, Jesus consagrou o preceito pelo exemplo, e acolhendo com misericordia a mulher perdida, levantou-a da baixeza da culpa, e pondo na sua miseria os olhos compassivos, fez rebentar uma fonte de graça da maior aridez do vicio!

Os Evangelhos calam-se a respeito de Maria até ao grande acto da Redempção; a vida da peccadora de Naim, votada ao casto amor, ao sacrificio de si mesma, e á abnegação, esconde-se na humildade; e só tornâmos a encontral-a na rua da amargura, com as faces inundadas de pranto, vendo Jesus descer do Pretorio, e carregar a sua cruz até ao Golgotha!

Fiel á dôr e á adversidade, como o tinha sido á palavra e á doutrina, Magdalena acompanha o Mestre pelo caminho das tristezas e dos tormentos, como o havia seguido antes na entrada festiva de Jerusalem.

Sobe com elle a encosta do Calvario, e erecta para o mundo a arvore da salvação, hasteada a esperança e a promessa da sociedade nova, encosta-se á cruz, e não a desampara.

Quando a hora nona soou no meio das trevas subitas e do espantoso tremor da natureza, quando o ultimo suspiro do Messias, sopro de vida exhalado na montanha, se alçou para regenerar o mundo, Maria só se levantou dos pés da cruz

para hir sentar-se defronte do sepulchro, aonde jazia o corpo de Jesus.

A scena de ternura, que o Evangelho nos refere, quando o Christo, vencida a morte, surge das trevas, e entra radioso na vida, scena de profundo amor, e de dedicação completa, abrindo-o todo, patenteia-nos os infinitos thesouros, que encerrava o coração da arrependida peccadora de Naim!

O Mestre recompensa-a, apparecendo-lhe primeiro, que a qualquer outro dos seus discipulos, e com esta graça corrobora a palavra, que tinha pronunciado: *A alma remida é muitas vezes a alma preferida!*

Depois d'isto as memorias evangelicas, e os monumentos authenticos da Igreja, não tornam a fallar da Magdalena; mas a tradição accrescenta, que ella passou o resto dos dias junto da Virgem, e do Apostolo, seu filho adoptivo, penitente e saudosa do céu para onde tendia suspirando a sua alma enlevada no estremoso affecto, em que cifrava a vida inteira.

A pia lenda, que a faz visitar a Provença, e esconder-se nas concavas penhas da gruta de *Saint Beaume*, é repellida por todos os criticos judiciosos, parecendo mais fundada a opinião dos que a levam a Epheso, depois do transito da Virgem, e a dão por fallecida e sepultada ali, estando em companhia de S. João.

A familia de Lazaro não merece menos cuidado pela affeição, com que Jesus a distinguiu, e pelo milagre, que acordou o irmão de Martha do pezado somno da morte.

Entretanto, por mais viva curiosidade, que excite, somos obrigados a satisfazel-a só com as raras noticias, que sobrevivem, e essas mesmas controvertidas e disputadas.

Sabemos que Lazaro foi um dos moradores principaes da aldeia de Bethania, situada a quinze estadios de Jerusalem, e que vivia abastado e celibatario na companhia de duas irmãs Martha e Maria.

S. Lucas, a primeira vez que descreve o Senhor apösentando-se em Bethania, não cita Lazaro, nem mesmo declara o lugar da scena; mas designa com individuação Martha e Maria, e demora-se a pintar o genio opposto, e o diverso modo de sentir das duas irmãs.

O mendigo Lazaro, figura notavel de uma das parabolhas do Salvador, reproduzida no capitulo XVI de S. Lucas, ou é uma entidade puramente ideal, segundo querem muitos, ou

quando se deseje dar pezo ás tradições nada tinha que ver com Lazaro de Bethania.

S. João é o unico escriptor que nos refere o prodigio da resurreição, omittido pelos outros Evangelistas, silenciosos ácerca de muitos milagres mais, porque segundo advertem só mencionam alguns para estimulo e confortação da Fé.

Depois de narrar extensamente a molestia e o fallecimento de Lazaro, e de nos pintar a amisade de Christo, e o prodigio, que arranca o defuncto ao sepulchro, quebrando os poderosos vinculos da morte, S. João, e todos os Evangelhos calam-se, e não fallam mais de Lazaro, nem de suas irmãs, deixando-nos permanecer na ignorancia do logar e modo, por que sahiram do desterro do mundo creaturas tão acceitas ao divino Mestre, e tão favorecidas dos bens da sua graça.

Arimathéa, pequeno burgo do monte Ephraim, appellidado nas Escripturas *Rama, Ramathaim, e Sophim*, e singular por ter sido o berço do propheta Samuel, deu o sobrenome a José, varão justo e temente a Deus, que encontramos no Senado judaico, no Pretorio, e no Calvario, defendendo a causa de Jesus, em quanto vivo, e honrando-o com sepultura propria depois de morto.

Filho de paes limpos e abastados, pouco tempo residiu em Arimathéa, procurando logo a populosa Jerusalem para se estabelecer com os commodos, que a sua riqueza lhe proporcionava.

O numero e valor das suas propriedades fizeram-o incluir cedo nas listas do Sanhedrin, (curia, ou senado da capital) com voto e conselho em todos os negocios graves, e foi n'esta qualidade que elle compareceu em casa de Caiphaz, quando Jesus manietado foi conduzido á presença do Pontifice pelos satellites, que o traziam da morada de Anaz. O Evangelho, assegurando que José era bemfazejo, e fiel á crença de seus paes, dá idéa da bondade do seu coração, propenso á timidez, mas incapaz de transigir com a maldade, ou de desculpar o crime.

O receio dos Judeus tinha-o impedido de manifestar publicamente a sua dedicação a Jesus, e a devoção que consagrou á doutrina ensinada pelo Mestre; mas, batendo a hora de prestar testemunho á justiça e á innocencia, encontral-o-hemos firme e decidido, calcando temores e conveniencias aos pés, e repellindo a opinião iniqua da facção cruel, que se manchou com o sangue do Messias.

No Pretorio de Pilatos, requerendo-lhe para despregar da cruz o corpo de Christo, e o sepultar á sua custa, vemol-o descobrir o seu amor e a sua crença diante dos perseguidores, expondo-se resolutos aos perigos, e aos odios.

Finalmente, no Golgotha, vamos achal-o com a Virgem Santissima, S. João, Nicodemos, a Magdalena, e Maria de Cleophas, prestando ao Senhor morto no patibulo affrontoso, a veneração do seu respeito, e os extremos proprios da amizade sincera e desassombrada.

Os Santos Padres, tratando d'este passo, suspendem-se para admirar a profundidade dos arcanos divinos. 'Um Joseph recebe primeiro nos braços o Menino Deus, nascido apenas, e outro Joseph, descravando-o, suppliciado, da arvore de salvação, sobe ao Golgotha, para render piedoso as honras funebres áquelle, que dentro de tres dias fará do sepulchro aberto o pedestal da sua gloria!'

As noticias authenticas acabam n'este acto valoroso. Posta pelas mãos de Joseph a rocha sobre o bocal do tumulo de Christo, os Evangelhos nunca mais o citam; e a curiosidade é forçada a contrahir-se ao estreito campo das conjecturas, sem ter por onde se alongar.

Probabilidades, e nada mais, eis a que tudo se limita!

Joseph naturalmente uniu-se aos discipulos de Jesus; e assistiu no jardim das Oliveiras á Ascensão. Receberia o Espirito Santo no Cenaculo? Traria aos Apostolos o producto dos seus bens vendidos para se distribuir pelos irmãos pobres, para viver e morrer em Jerusalem, fervoroso na pratica das virtudes, e crente nas verdades da lei de Christo?

Alguns auctores, inclinados a fabulas, admittiram a invenção de uma supposta viagem de Joseph a Inglaterra; e outros, não menos facéis em abraçar o maravilhoso, ajuntaram que os Judeus, depois da resurreição de Jesus, voltando contra o Senador de Arimathéa as iras todas, o sacrificaram ás furias do mar em um barco fragil na companhia de Lazaro, Magdalena, e Martha! O baixel milagrosamente veio aportar a Marselha, e d'este ponto é que Joseph passou á Grã-Bretanha, aonde depois de prégear a religião, falleceu em paz e santamente!

O certo é que a Igreja latina não mencionou nos seus calendarios, ou Martyrologios a S. José de Arimathéa senão no pontificado de Xisto V; e só em 1485 foi que Baroneus, au-

ctorisado pela Santa Sè, collocou o seu nome, inscrevendo-o como o primeiro entre os Santos memorados no dia 17 de março.

A Igreja de Glastenbury, fundada no tempo dos antigos bre-tões, contou a S. Joseph de Arimathéa como seu principal padroeiro depois da Virgem. Eis a origem de todas as tradições.

Nicodemos, o discipulo de Christo, que se uniu a Joseph de Arimathéa para sepultar o corpo do Messias, tinha pertencido antes á orgulhosa seita dos phariseus, acompanhando-a na falsa ostentação de austeridade, que era o seu timbre.

Os correligionarios, notando-o por homem distincto e de engenho apto para as subtilezas da interpretação theologica, dentro em pouco accumularam honras e louvores, a fim de lhe premiarem os merecimentos.

Proclamado um dos mestres da Lei, e constituido na cathedra de Senador, Nicodemos presenciou os primeiros milagres de Jesus, e abrindo o coração á verdade, creu na divindade do Redemptor. Foi para melhor se convencer, que elle veiu de noute procurar o Filho de Maria, e desviando as suspeitas encoberto com o véu das trevas, escutou da bôca de Christo a exposição da sublime doutrina, que veiu allumiar o mundo.

Depois de profundar a excellencia dos novos preceitos, e de se abraçar com a moral pura do Evangelho, o Senador e o Sabio de Israel conheceu a vaidade da sua escola, e o erro que a cegava, applicando-se com fervor á pratica das maximas da revelação.

Por temor dos Judeus abstinha-se de apparecer no meio dos discipulos de Jesus, e deixava de o seguir nas suas viagens, mas apesar de todo o seu resguardo apenas chegou a occasião mostrou-se fiel e dedicado.

Quando os emissarios do Summo Sacerdote e dos escribas voltaram sem prender a Christo, allegando que a eloquencia do Mestre os tinha arrebatado, Nicodemos estranhou severamente aos phariseus o seu procedimento; e ouvindo-os queixar dos soldados, e affirmar que nem um só dos Senadores, ou dos cidadãos principaes acreditava nas palavras de Jesus, castigou a falsidade dos hypocritas, perguntadeo-lhes se a lei permittia condemnar antes do accusado se dnescnder?

Mas aonde elle se declarou foi no Calvario, depois do supplicio!

A sua presença ao lado de Joseph denunciou-o aos Scribes como adepto do Galiléo, e desde então nunca mais se encobriu; professando a verdadeira fé com publicidade, e recebendo o sacramento do baptismo, administrado pelos Apostolos.

Ignora-se, porém, a epocha em que foi remido. Uns que-rem que tivesse sido antes da Paixão, outros sustentam que se baptisou depois do Espirito Santo baixar sobre o Cenaculo.

Os Judeus em vingança depozeram-o da magistratura, expulsaram-o da Synagoga, e não contentes ainda, obrigaram-o a desterrar-se da cidade.

Nicodemos desprezou todas estas iras, e recolhendo-se á casa de campo de Gamaliel, seu parente, e doutor da lei, ahi falleceu pacificamente, segundo asseguram Santo Agostinho e Phocio.

A Igreja latina venera a sua memoria no dia 3 de agosto, em que celebra tambem a de Santo Estevão, e de Abibas, filho de Gamaliel.

Longino, ou Longius mereceu igualmente a commemoração dos Fieis. Querem alguns, que seja o soldado romano, que para melhor certificar a morte de Christo, lhe abriu o lado com a lança; e que sendo testemunha dos prodigios, que assignalaram o ultimo suspiro do Salvador, movido de um claro interior, exclamou constricto e convertido: 'Em verdade que este homem era o filho de Deus!'

Accrescentam os Actos dos Santos, da collecção dos Bollandistas, que Longius, buscando os Apostolos, e instruido por elles, despiu as armas, e se retirou a Cesaréa da Capadocia, aonde fez vida solitaria e penitente durante vinte e oito annos, attestando a divindade de Jesus, até que em 15 de março, conforme uns, ou em 2 de dezembro, segundo outros, coroou com o martyrio os piedosos extremos de uma carreira consagrada á diffusão da fé.

A esta versão, como acaba de se expor, oppõe-se comtudo Tillemont, contestando-lhe a auctoridade.

Na sua opinião, e na de Baronius, o nome, e o martyrio de Longino pertencem ao centurião, que mandava os soldados incumbidos da guarda do corpo no Calvario. Accresce

que os gregos nunca admittiram o soldado, que Bollandus aponta, fazendo existir dous individuos do mesmo nome, ambos refugiados em Capadocia, e ambos martyrisados ao mesmo tempo!

Entretanto em um drama sacro, ou Auto do IV seculo intitulado '*Christo paciente*,' attribuido a Apollinario, apparece o mesmo soldado, espantando-se de ver sahir sangue e agua do lado do Senhor, e repetindo a exclamação sabida. O personagem prostra-se depois diante da Cruz, abraça-se com ella, e unge os olhos de sangue divino para se santificar.

D'esta scena, observa Baillet, nasceu provavelmente a tradição de ter cegado Longino, e de recobrar a vista por obra e graça do sangue de Jesus.

Nos Actos de Bollandus, o segundo Longio centurião, designado por Pilatos para vigiar o Sepulchro de Christo, rejeita o dinheiro, que os Pontifices lhe offereciam, e para se confirmar inteiramente na doutrina da Redempção, deixa a milicia sem pedir venia a Poncio, refugiando-se na Capadocia com dous soldados, que seguem a sua sorte.

Ahi principia a prégar com os companheiros, até que os Judeus se decidem a pedir a Pilatos, que escreva ao Imperador, requerendo o castigo dos tres desertores. O ouro e as suggestões dos phariseus são attendidas; e Tiberio manda castigar Longino e os seus com a pena de morte. Os satellites expedidos por Pilatos depressa os alcançam, e cortando-lhes a cabeça, tornam com este lugubre tropheu á presença do procurador romano.

É escusado ajuntar, depois do que acima notámos que estes Actos, aos olhos da rigorosa critica, são tidos por suspeitos, e que muitos agiographos lhes negam a authenticidade.

Reduzem-se a confusas e arriscadas opiniões, que não omitimos, porque desejámos que tudo se conheça, mas que não recommendámos como seguras, nem provaveis, por ser mais que duvidoso o conceito, a que tem jus.

Resta-nos fallar ainda de tres figuras, que não podem ficar esquecidas, antes de passarmos a expôr a sorte dos perseguidores de Christo.

A primeira é a d'aquelle camponez, que os Judeus encontraram recolhendo-se das fazendas, e que forçaram a levar a cruz de Christo, e a ajudal-o a supportal-a.

Julga-se que Simão fosse natural do Cyrene, na Lybia, e a

tradição, no pouco que nos conserva d'elle, affirma, que sendo bispo de Bostres na Arabia padeceu pela fé, queimado em uma fogueira pelos pagãos. O segundo vulto não é menos digno de respeito.

Quando Jesus, exposto aos ludibrios e affrontas dos soldados e da gentalha, sangrando por todos os membros, arrastava o madeiro da cruz, caminhando para o Calvario, entre as turbas enfurecidas, no meio do tropel de feras, que os tormentos da innocencia regosijavam, appareceu um coração condoído, que o espectaculo de tamanho infortunio commoveu, e que por um rasgo nobre se exaltou.

Uma santa mulher ensinou a caridade a Jerusalem!

Vendo o suor e o sangue, que innundavam as faces do Salvador, sem temer a fereza dos Judeus, rompe firme pelo meio d'elles, e vem offerecer a Christo um panno de linho, em que enxugue o rosto, satisfeita de lhe minorar a dor, e por mostrar que um braço valedor podia estender-se ainda áquelle, que todos desamparavam.

Esta acção de ternura foi-lhe contada no céu; e o Mestre que dizia abençoado de Deus todo o que dêsse um copo d'agua ao mais pequeno dos seus pobres, não podia esquecer-se de premiar logo ali este amoroso extremo.

Proximo a deixar a terra, quiz que ficasse a sua imagem n'aquelle lenço, e que estampadas no sangue da amargura as suas feições servissem de memoria e recompensa á alma piedosa, que sahia ao encontro da afflicção para a mitigar.

É o que significa, segundo a interpretação dos sabios, a palavra Veronica, formada dos dois vocabulos, latino e grego, *vera icon*, 'verdadeira imagem,' ou como outros sustentam dos dous termos gregos *ieron-ikos* 'santa similhaça.'

D'elles tomou o nome a matrona de Jerusalem, e por elles a fez conhecida em todo o universo a tradição. Ha dezoito seculos, que o mundo christão recordando o doloroso drama do Golgotha, sempre aviva a par d'elle o vulto compassivo da humilde mulher, grande de espirito, que se inclinou diante da desgraça que passava coroada de espinhos, offerencendo ao seu Deus os thesouros de amor e misericordia, que encerra a sua lei!

A ultima figura não se liga tão de perto com as scenas evangelicas, mas nem por isso deve omitir-se. É a de Abgaro, rei da Asia, que nascido poucos annos antes de Jesus, votou

ao Mestre a mais sincera dedicação, e estando longe creu no seu poder, em quanto os obsecados filhos da Judéa, nem com o testemunho dos prodigios se convenciam.

As noticias, que ha d'este principe, encontram-se quasi todas nos documentos armenios.

Pouco informados das cousas do Oriente, os escriptores latinos, ignorando a lingua e os costumes, mal esboçam de relance os lineamentos das physionomias notaveis; e o poderoso pacificador do imperio persa, e Senhor da Armenia, a custo alcança d'elles menção incompleta. E todavia Abgaro é dos monarchas mais dignos de boa memoria!

Filho de Arsham, que substituiu no throno a Tigranes seu irmão, grangeou pelas virtudes e sabedoria o appellido de *Avakair*, que em armenio significa o homem por excellencia. D'este epitheto, desfigurado pelos gregos, é que é formado por corrupção o nome de *Abkair*, ou Abgaro, que lhe deram, e elle usou.

As antigas tradições exaltam a sua formosura e estatura heroica, celebrando as proezas guerreiras da sua mocidade.

Ainda menino perdeu seu pae, e herdou o sceptro da Mesopotamia e das quatro Armenias, confirmado pelos romanos. Os primeiros feitos d'armas, que o illustraram foram contra Herodes, o Ascalonita, que tentava obrigar-o a levantar-lhe estatuas nos Templos ao lado das de Augusto.

A derrota do rei dos Judeus chamou sobre o principe asiatico a attenção do imperio, e este sempre ciumento ou receioso, no principio quiz ver a resistencia honrosa como tentativa para recobrar a independencia.

O perigo era eminente, e a menor demora podia attrahir calamidades irreparaveis.

Tremendo que as legiões romanas invadissem as suas fronteiras, e que as victorias anteriores se convertessem em revezes, Avakair resolve-se a partir para Roma, desarmando por este acto de confiança todas as suspeitas.

Durante os tres annos, que residiu na capital do mundo, renovou a sua alliança com o imperio, e voltando aos seus Estados, recebeu do successor de Cesar as maiores provas de estima e de respeito.

A sua chegada a Nisibe foi assignalada por grandes construcções de utilidade publica; e os edificios sumptuosos que levantou depois, não concorreram menos para apregoar a sua

magnificencia. Fundada a nova cidade de Abgarshat na Mesopotamia, voltou todos os cuidados para Edessa, e tendo-a reedificado e fortalecido, transferiu para ella a sêde da sua côrte.

Nomeado arbitro para decidir a qual dos tres filhos de Arshavir, rei da Persia, devia caber a corôa, deu a sentença a favor do primogenito Artaces, e desviou assim da monarchia os sacrificios e as luctas das contendias civis.

Mas o odio de Herodes Antipater seguiu-o sempre, não perdendo occasião de o indispor com os romanos. Imputando-lhe falsamente as mesmas discordias, que elle acabava de ap- placar na Persia, e attribuindo-as ao plano de a desligar da amizade do Imperio, o principe indumeu teceu a accusação mais adquada para mover a alma suspeitosa de Tiberio.

Assim o julgou Abgaro, despachando logo o seu secretario intimo Ananey, e encarregando-o de expor a verdade a Marinus, governador da Palestina.

Foi na volta de Jerusalem que o confidente do rei o informou do que soubera ácerca de Jesus, que percorria n'esse tempo a Judéa prégando e fazendo boas obras.

Espantou-se o monarcha, do que ouvia, e exclamou: 'Os prodigios, que me contas excedem as forças humanas; só a divindade tem poder para resuscitar os mortos!'

Enfermo, e desconfiando dos remedios dos medicos para vencer a molestia, occorreu-lhe escrever a Christo a carta, que já mencionamos em outro capitulo; e os seus correios foram entregal-a em Jerusalem, segundo os Evangelhos parecem indicar, quando asseveram que alguns idolatras vieram procurar a Messias.

Depois da Ascensão do Redemptor, S. Thomé, um dos doze Apostolos, enviou Thadeo a Edessa para curar e ensinar Abgaro; e apeiando-se o discipulo á porta de um Judeu de raça illustre, chamado Tobias, depressa correu a noticia da chegada por toda a cidade. Não se demorou o rei em o mandar chamar, e assim que o viu, levantou-se do throno, e cortejou-o á maneira oriental, dizendo-lhe: 'Se és discipulo de Jesus, não poderás curar-me?'

Thadeo replicou: 'Se creeres no filho de Deus a tua supplica será ouvida!' O principe respondeu: 'Creio n'elle, e no Padre, e por isso quiz marchar á frente do meu exercito para exterminar a nação, que o crucificou.'

Thadeo doutrinou-o depois, e aos seus subditos, e impondo-lhe as mãos, sarou-o, assim como a Abdia, um dos senhores da sua côrte.

Abgaro e toda a cidade de Edessa acreditaram em Jesus Christo; os templos fecharam-se; os idolos foram destruidos e quando o rei falleceu em idade provectora as lagrimas e saudades do povo teceram-lhe a corôa de louvores, que pediam as suas virtudes.

É o que dizem as relações de Moysés de Chorena, um dos mais antigos historiadores Armenios. Além das epistolas do rei e de Jesus, o seu livro ainda encerra uma não menos curiosa, dirigida a Tiberio pelo monarcha asiatico, na qual se queixa da crueldade e perfidia dos Judeus contra Jesus.

O imperador respondeu-lhe que estava na resolução de os castigar em pessoa, mas os deleites de Caprea, e a morte atalharam os seus passos, se na realidade o assassino de Germanico tencionou deveras tomar pretexto do deicidio, commettido em Jerusalem, para opprimir de todo e estancar a Judéa.

Cumpre-nos agora apreciar a auctoridade dos documentos, em que se funda a noticia, que demos, extremando as pias crenças das verdades provadas.

O primeiro auctor grego, que tratou de Abgaro, colligindo informações, foi Eusebio, o douto escriptor da PREPARAÇÃO EVANGELICA, extrahindo-as dos archivos publicos de Edessa.

Nicephoro, Procopio, Baronio, Tillemont, e outros inclinam-se a admittir como authenticos os factos, que abreviamos, e a correspondencia, que lhes serve de fundamento; entretanto, não se deve calar, que o Pontifice Gelasio, no concilio de 494, rejeitou como apocrypha a carta de Jesus Christo a Abgaro.

Curvando-nos, como catholicos, perante as decisões da Igreja, observaremos, comtudo, que a designação de apocrypha não envolve propriamente a idéa de falsidade; applicando-a ao documento, de que nos occupâmos, a Igreja quiz fazer ver só, que não achava auctoridade, nem razão sufficiente para o incorporar no livro das Santas Escripturas, ou para o juntar aos escriptos directamente transmittidos pelos Apostolos.

A Armenia persistiu sempre n'essa tradição, e os gregos conservaram na bibliotheca de Constantinopla, até á tomada da cidade pelos turcos, o manuscripto syriaco, verdadeiro autographo das cartas, na opinião d'elles.

Mas já é tempo de entrarmos na ultima parte d'este capitulo, menos consoladora, mas igualmente instructiva e necessaria.

Recolhendo as tradições, que ainda existem ácerca dos discipulos fieis de Christo, e dos confessores da sua Lei, obrigámo-nos a desenhar tambem em breves traços o quadro do castigo, que tiveram na terra os seus principaes perseguidores.

O sangue do Justo, cahindo sobre a cabeça de quem o deramou, não só lhes imprimiu a nodoa commum a toda a raça hebraica, mas expol-a errante e aviltada, durante seculos, aos ultrages das nações, que lhe venderam a preço d'ouro e de oppressões o triste direito de arrastar no meio d'ellas a sua miseria, fructo da maldição.

Nenhum dos juizes e accusadores de Christo acabou tranquillo, ou deixou de expiar dolorosamente o seu delicto.

Pregado na cruz, a primeira supplica do Salvador ao eterno Pae foi pelos algozes, que o matavam, não sabendo o que faziam; porém a medida das misericordias estava esgotada, e a hora do rigor tinha batido.

Maculada com o sangue dos prophetas, que mais a chamaram aos caminhos do Senhor, Jerusalem veiu consummar ao Golgotha o seu fatal destino; e d'esse dia em diante, desamparado, e entregue á soberba, á cubiça, e aos vicios e culpas, que o corromperam, o povo de Deus correu a largos passos para o precipicio, até cahir de todo e se perder na derradeira medonha catastrophe.

Os instigadores, e os cúmplices zelosos da morte de Jesus foram os sacerdotes, os Pontifices, e a seita implacavel dos phariseus.

A inveja da sabedoria do Mestre, o ciume do conceito e admiração, que lhe grangeava no povo a sua eloquencia, e os seus prodigios, e a par d'isto o receio de que a luz da verdade, devassando até ao fundo as trevas lhes viesse descobrir a podridão das consciencias, que a hypocrisia disfarçava, foram os motivos, que os incitaram para tudo porem em pratica, e de uma vez calarem a voz que os accusava, affogando na ignominia do supplicio affrontoso as sementes da doutrina, que nem as aves do céu, nem a aridez das rochas, nem os espinhos da terra tinham podido destruir.

Para esse fim urdiam ciladas e traições; com esse intuito

tentavam envolver o Messias na rede de suas perguntas astuciosas; e com a mesma intenção amotinaram o povo, e assalariavam satellites e espias.

Com a paixão e orgulho proprios das theocracias avidas de poder, e indifferentes a qualquer escrupulo, vendo em Jesus o seu inimigo mais perigoso, assentaram, que a necessidade commum pedia que morresse o homem para a nação não perecer!

Foi a sentença do Summo Sacerdote nos conciliabulos, e as imprecações theatraes, de que a revestiu em presença do Messias, no alto do seu tribunal, serviram só para a fazer mais odiosa.

N'este drama de perfidia e ferocidade Caiphaz é um dos primeiros vultos; a sua alma inexoravel domina as hesitações e remorsos de todos, ao passo que a sua vontade fria mede sem descorar a larga estrada de injustiças, por onde tem de progredir.

Cabeça da poderosa facção, e mentor da seita reinante lava as mãos no sangue, e conhecendo a innocencia da victima, sacrificando-a, applaude-se como de um rasgo digno da gloria dos Machabeus.

Mas o seu triumpho, ephemero como sempre são os jubilos dos perversos, durou pouco.

Dous annos depois da Paixão, aborrecido dos Judeus pelos seus desregramentos e iniquidades, tornou-se indigno do soberano sacerdocio, e levantou sobre si a aversão e o desprezo, que havia concitado contra o Salvador.

Vindo a Jerusalem, no meio das aclamações populares, Vitellio, governador da Syria, attendeu o povo descontente, que lhe requeria a deposição do Pontifice, e concedeu-lh'a sem difficuldade.

Assim perdeu Caiphaz o cargo, sendo substituido por Jonathan, filho de Annaz.

Este successo, occorrido no vigessimo segundo anno do reinado de Tiberio, e no consulado de Cestio-Gallo e Servilio Gemino, feriu de insanavel golpe a soberba do altivo magnate hebreu, e perturbando-lhe o espirito, foi de certo a verdadeira causa da morte desastrosa, com que encerrou os seus dias, e que Nicephoro cita sem a declarar.

As ruinas do palacio de Caiphaz, ainda hoje se mostram aos peregrinos no monte Sion. Chateaubriand tambem as vi-

sitou, e o seu pincel delicado, acertando as côres, representa-nos ao vivo em animado painel a tristeza e a profunda solidão do sitio!

Herodes, Tetrarcha, não viveu, nem acabou mais ditoso.

Nos braços incestuosos da mulher de seu irmão, e manchado com o sangue do Baptista, o remorso velou á sua cabeça, envenenando-lhe os momentos de maior deleite.

No silencio das noutes, é de crer que a grande voz do Precursor, sahindo das sombras do sepulchro, resoasse mais terrível ainda, que nos tempos da sua missão, quando annunciava as iras divinas.

O castigo seguiu a culpa. Repudiando a esposa legitima, recebeu no seu leito a mulher adultera; mas as armas do rei dos arabes, que a offensa de sua filha estimulava, tiraram depressa completa vingança da injuria, fazendo experimentar constantes revezes ás tropas do principe ascalonita. Encetada a carreira, um coração perdido não sabe deter-se; e em Herodes a ultima iniquidade foi a maior. Quando a turba dos phariseus arrastou a Christo á sua presença por ordem de Pilatos, teve na mão acudir pela innocencia, e desaggravar as leis. Em vez d'isso, resentido por não ter arrancado ao Salvador uma só palavra, e por não satisfazer a curiosidade vendo obrar algum prodigio, escarneceu da justiça, e tornou a remetter a victima para o Pretorio, coberta de roupas brancas em signal de desprezo pela soberania do Messias!

A punição do segundo crime não tardou tambem.

Induzido por Herodias, ciosa da dignidade real do irmão do Tetrarcha resolveu dirigir-se a Roma, para requerer a corôa da Galiléa; porém, chegando quasi ao mesmo tempo um emissario de Agrippa, e apresentando as cartas, em que Herodes era accusado de tratar occulto pacto com os Parthos, e de guardar nos arsenaes o armamento de setenta mil soldados, a verdade, ou a destreza da arguição, por tal modo o confundiu, que não soube justificar-se, e a politica romana, sempre rapida e desconfiada, não hesitou em o despojar.

Desterrado para as Gallias com Herodias, que o não desamparou, ao cabo de um anno conseguiu escapar-se, e refugiar-se nas Hespanhas, aonde pereceu miseravelmente, dizem uns que debaixo dos fios da espada de alguns amotinados, affirmam outros que finado de inconsolavel tristeza!

A tradição accrescenta ainda, que a filha de Herodias, cau-

sa da morte de João Baptista, querendo passar a pé o rio Sicoris, hoje Sigre, e fiando-se na dureza do gelo, em que o inverno tinha coalhado as aguas, não pôde suster-se, e submergindo-se, expirou de affrontosa morte, não lhe sobrevivendo a mãe, testemunha desgraçada de tão maguado trance.

Em todo o caso, a declinação da fortuna, e a severidade do exemplo, clamam bem alto apregoando a justiça divina!

Precipitado do poder e das grandezas, e feito alvo do ludibrio e irrisão dos subditos, que d'antes subjugava, pagou com pezada pena os seus delictos; e nas afflictas insomnias, no meio dos terrores da consciencia atribulada, vendo erguer-se mil vezes, carregada de ameaças a severa figura do Precursor, e a imagem do Homem Deus sacrificado á crueldade da plebe enfurecida, quantas vezes não amaldiçoaria o seu triste destino?!

Pilatos, cuja fraqueza condemnava depois de absolver, terminou pelo suicidio (outra covardia!) os cansados dias, que o infortunio lhe semeou de espinhos.

O tremendo stigma, cravado na sua frente pela historia, levantará contra elle a perpetua accusação dos seculos; e a lenta punição, em que gemeu, assim mesmo ainda parece pequeno castigo para o juiz infiel á lei e á verdade, e capaz de sacrificar a innocencia aos tractos e á morte, depois de a conhecer, e proclamar!

Nasceu o motivo principal da sua ruina da aversão que sempre teve aos Judeus, e do rigor, com que os maltratava.

Aproveitando uma reunião de Samaritanos, e figurando a sedição perigosa, o procurador do Imperio despediu a cavallaria romana contra ella, e uma carneficina espantosa corou esta desapiadada expedição.

O fumo do sangue, e as lagrimas dos povos chegaram á Syria, aonde mandava o consul Vitelio; e sem dilatar o pleito, ordenou este immediatamente a Pilatos, que se recolhesse a Roma para responder no tribunal de Cesar.

Entrando na capital do mundo, quatro annos depois da Paixão de Christo, Poncio sahio de lá pouco depois demittido do emprego, e desterrado para as Gallias.

Retirando-se então a Vienna, no Delphinado, a solidão, o desespero, e os remorsos, minando-lhe as forças, e tornando-lhe a vida incommoda e tormentosa, acabaram de o decidir; e um dia com as proprias mãos pôz termo á sua agonia, di-

gno remate de uma existencia fadada a servir de lição e de espanto a todos os poderosos!

NOTAS

— — —

A idolatria, annos depois já vacillava, abalada pela persuasão d'esses missionarios pobres e humildes, que respondiam ao ultrage com a paciencia, e ás offensas com o perdão.—Pag. 155.

QUANDO o Filho de Deus veiu á terra, as trevas da idolatria cobriam o mundo.

Exceptuando os Judeus, depositarios da lei divina, todos os povos adoravam os erros, as paixões, e as fragilidades humanas, symbolisadas nas falsas divindades dos diversos ritos.

Alguns adeptos aprendiam e ensinavam a crença de um Deus unico e omnipotente; mas a verdade não ousava manifestar-se, e suspeita-se que parte d'ella se escondia de si mesma nos profundos arcanos dos mysterios e allegorias.

O vulgo credulo só adorava o que a cubiça dos sacerdocios, e a pompa dos Templos, interessavam em perpetuar, que era o absurdo, e a superstição!

Entre os erros moraes, que a sociedade applaudia, e as devoções monstruosas e estultas, que a politica dos estados perfilhava, a consciencia procurava debalde a luz e a regra de uma vida ajustada.

Os exemplos dos deuses, apontados como supremos dispensadores dos beneficios e castigos, eram o pregão ignominioso do desenfreamento, que as lendas lhes attribuiam, e que o cinzel do esculptor, e a musa dos poetas não cessavam de reproduzir.

Jupiter, Venus, Mercurio, e tantos outros, como o polytheismo os figurou, resumem nas suas aventuras e desvarios os vicios mais lodosos, e os crimes menos desculpaveis.

O adulterio, o roubo, a vingança, a luxuria, e o desprezo de todos os respeitos e principios, formam o tecido da historia d'estes typos acabados de corrupção e torpeza; e para se dobrar o joelho a taes idolos, e rodear de incensos e sacrificios os seus altares, era preciso que a humanidade tives-

se baixado muito, perdendo toda a memoria, e todo o sentimento das religiosas tradições dos primeiros patriarchas.

Da adoração dos criminosos e deshonrados heroes da sua mythologia á adoração ainda mais rude dos animaes, dos troncos, e das pedras, a distancia era menor do que se julga, e a theocracia, avida e dissoluta, depressa descobriu o segredo de a transpor.

Quem chegasse a crer, que uma estatua sahida hontem das mãos do esculptor encerrava um espirito celeste e sublime, não podia ter duvida em tributar depois a mesma veneração aos crocodilos sagrados, aos agouros, e ás mil imposturas que illaquiavam a credulidade.

Favorecidos, pelos governos, e seguros da docilidade fanatica das multidões, os padres dos diversos ritos só cuidavam de fazer a religião pingue e rendosa, e cada vez trabalhavam mais em condensar a escuridão intellectual, e indispensavel ao exito das suas fabulas.

Os romanos, cujas maximas foram sempre circumspectas, e que nada omittiam para desfallecer os vencidos, e fortificar as suas conquistas, converteram em violencias e perseguições contra o christianismo a tolerancia mantida sempre para com todos os povos submettidos ao seu dominio. Abrindo as portas dos seus templos aos idolos estrangeiros, e concedendo-lhes a fastuosa hospitalidade, de lhes nomear até sacerdotes e ministros, porque motivo separaram os Nazarenos d'esta regra absoluta? A razão politica é quem o explica. Os deuses particulares das differentes nações e o seu culto não feriam na essencia, nem na fórma, o principio capital do seu poder.

Procediam da origem commum, e facilmente se conciliavam com as divindades nacionaes.

Não seriam de certo os ritos de Isis, de Osiris, de Anubis, que derrubariam da sua cadeira o pontificado idolatra, absorvido pelos imperadores, e exercido antes d'elles pela orgulhosa aristocracia, senhora do governo de Roma sob as apparencias da liberdade!

A lei nova, fallando ao coração e á consciencia, rasgando ao mundo os illimitados horisontes da immortalidade, e ensinando que Deus era unico, e summamente bom e justiceiro, igualava na eternidade o rei ao vassallo, o opulento ao desgraçado, e declarava ao mesmo tempo, que a medida por onde seriam julgadas as acções não conhecia as distincções humanas.

Era minar pela base o edificio laboriosamente levantado em muitos seculos, privando os magistrados e os dominadores da influencia religiosa, e da aureola quasi divina, de que tanto careciam para entreter o seu poder á sombra das illusões.

Eis a causa dos edictos de proscricção por um lado, e da rapida propagação do Evangelho pelo outro!

Os Cesares viram n'elle a revolução moral, e a censura publica das superstições e desatinos, de que se valiam para sopear as resistencias; conheceram que desvendados uma vez os olhos do povo, o desengano podia expol-os a graves perigos.

Os poderosos e opulentos receiavam as consequencias de uma crença, que chamando a todos irmãos em presença da summa grandeza de Deus, abolia indirectamente as odiosas oppressões consuetudinarias.

Os infelizes, emfim, vergados ao seu captiveiro de miserias, abençoavam a promessa, que lhes affiançava o repouso e os jubilos da morada celeste, em premio dos rigores e violencias do mundo.

Coincidencia notavel!

Nero, opprobrio da purpura imperial, foi tambem o açoute da crença e das virtudes dos primeiros christãos.

Trajano e Plinio, dous philosophos, dous homens, que a indole e os estudos inclinavam á clemencia, depois de hesitarem um momento, decidem-se a sustentar a repressão contra os discipulos dos Apostolos, limitando-a apenas.

Tacito, firme nos seus juizos, e incapaz de disfarçar a voz austera, escrevendo sobre o incendio de Roma, e ácerca das suspeitas, que o imputavam ao filho de Agrippina, mostra ao mesmo passo a falsa e injusta idéa, que no seu tempo se fazia dos fieis e da sua lei.

‘Para desviar de si as accusações, diz Tacito, Nero mandou ‘punir com supplicios cruelissimos homens detestados pelas ‘suas infamias, e vulgarmente denominados christãos. Este ‘nome veiu-lhes do Christo, que padeceu no reinado de Tiberio, sob o poder de Poncio Pilatos. Reprimida no principio, a pernicioso superstição rebentou com maior vigor, não ‘só na Judéa, foco do mal, mas em Roma, aonde sempre chega e se multiplica tudo o que as paixões inventam, quer seja crueldade, quer seja depravação. Prenderam logo alguns, ‘que se confessaram culpados, e pelos depoimentos d’estes, ‘innumeraveis outros, menos por suspeitos de haverem in-

‘cendiado Roma, do que de aborrecer o genero humano. As ‘affrontas acompanharam o seu castigo. Uns cosidos em pel- ‘les de feras, eram lançados aos cães, que os dilaceravam; ‘outros foram cravados em cruces; e a muitos queimaram-os ‘vivos, inflammando-lhes o corpo, ao anouteceer, para servi- ‘rem de fachos. Nero abriu os seus jardins a este espectacu- ‘lo, e juntou-lhe os jogos do circo, misturando-se com a gen- ‘talha vestido de cocheiro, e guiando um carro. D’este modo ‘ainda que os christãos fossem criminosos merecedores de as- ‘perrimas penas, suscitaram a compaixão, sendo sacrificados ‘não á publica utilidade, mas á crueza de um só.’ (Tacit. Ann. XV. 44.)

Quaes eram estes delictos, que na opinião do historiador latino auctorisavam os rigores? Que attentado enorme commettiam os discipulos de Jesus, prégando a exemplo do di- vino Mestre a caridade e o amor, o perdão das injurias e a penitencia, o respeito das leis e do Soberano, e conformando a vida mais ajustada e innocente com as palavras? Esses mis- sionarios obedientes e soffredores, que morriam pela verda- de sem se queixar, e derramavam o sangue nos amphithea- tros com serenidade, em que se tinham tornado réus, indi- gnos de piedade?

O seu crime reduzia-se a pedir submissos a mesma liber- dade de consciencia, que o polytheismo concedia a todos!

Embora os romanos notassem aos christãos a sua aversão ao culto judaico, e os tratassem de seita desprezivel, que pre- tendia construir uma crença singular no meio das outras na- ções, isso, ainda assim, não explica as tyrannias.

Embora os christãos reprovasssem as superstições domesti- cas, e os erros moraes das cidades e das provincias, em que habitavam, e recusassem adorar os deuses de Roma, do Im- perio, e do Universo, o direito, que invocavam para isso era igual, ao que fôra reconhecido antes d’elles pelos Cesares a diversos povos.

Romper com as fabulas, inventadas pelo paganismo, e sub- stituir-lhes a idéa pura e sublime do Ente Supremo, acaso devia reputar-se como acto que excedesse ós limites naturaes da consciencia e da opinião?

É claro, pois, que os motivos da perseguição prendiam em causas mais reconditas, e que affectavam a indole e os inte- resses da conservação politica.

Nero podia cêvar a sua ferocidade nos christãos, porque obedecia aos seus instinctos, e para os satisfazer immolava as victimas que menos lagrimas e odios custavam. Mas Trajano e Plinio não estão no mesmo caso.

A resposta do imperador ás observações do governador da Bithynia, a par de bellos preceitos de justiça, não occulta de todo o verdadeiro sentido da reacção governativa.

Não é dictada por um inquisidor deshumano, que se delectasse em alargar a rede das delações; traçou-a um principe recto, mais votado á clemencia, do que ao rigor, e sobretudo deseioso de proteger a innocencia. Vê-se, lendo-a, que Trajano preferia antes deixar impunes os criminosos, do que mandar punir iniquamente os não culpados.

Comtudo, salvas as formulas e garantias, que estabelece, o imperador não decreta indultos, nem proclama a tolerancia. Permite que se proceda contra os Nazarenos, e não se oppõe ao castigo dos remissos e convictos.

É certo que lhes era licito escolher entre a abjuração, e a morte, entre a extrema vileza moral, e a corôa do martyrio que muitos anciavam, mas a mesma alternativa proposta o que significava senão a flagrante excepção dos principios adoptados para com todas as crenças em geral?

O que se quiz, portanto, foi sustentar o culto do estado; e o crime dos christãos consistia na censura declarada, e no desabrimento com que tratavam as invensões absurdas, os ritos monstruosos e infames, as festas e ceremonias insensatas, consagradas pela politica, estreitamente enlaçadas com o seu pensamento, e até certo ponto essenciaes á sua estabilidade.

O odio contra o genero humano, que Tacito attribue aos discipulos de Jesus, concorda com a *obstinação pertinaz, e digna de castigo*, que Plinio lhes estranha.

A maxima offensa dos fieis era menos a doutrina, que a negação publica e honrosa das superstições idolatras.

Perdoar-lhes-hiam talvez a opinião silenciosa, mas a desobediencia manifesta não convinha relevar-se; seria eclipsar aos olhos de todos a magestade do Imperio, a dignidade do culto nacional, e a veneração do principio theocratico, cujo cabeça era Cesar. Fôra tirar ao throno de Augusto o habil esteio, que o filho adoptivo do vencedor da Pharsalia soubera firmar com dissimulação profunda, e que os seus successores

nunca se esqueceram de manter, já arrogando-se as honras divinas, já deslumbrando as multidões com o esplendor das pompas, ou com as calculadas invenções de prognosticos e agouros, accommodados ás circumstancias.

Mas a caducidade do polytheismo negava-se a todos os remedios empregados para lhe alongar a existencia. A tentativa frustrada de Juliano é a prova de que os seus dias estavam contados.

Já no tempo de Cicero a indiferença religiosa minava a sociedade, apressando a dissolução dos costumes. A fé, rude, mas sincera dos antigos romanos, tinha succedido o sceptismo espirituoso, e a ironia elegante dos philosophos e dos poetas, para os quaes as creações mythologicas não passavam de allegorias brilhantes, ou de symbolos mais, ou menos transparentes. As metamorphoses de Ovidio, para quem as estudar com attenção, não deixam duvida a tal respeito.

Os mesmos sacerdotes zombavam em segredo das mascaradas sacras, em que se encontravam. Os que viam Julio Cesar, com as vestes de Pontifice Maximo, ainda pallido e enfraquecido das devassidões da vespera, podiam porventura julgar serios esses ritos, em que figuravam ministros semelhantes?

O polytheismo, culto dos sentidos e das paixões, ficção mundana de interesses e fragilidades privilegiadas, subsistiu, não das forças proprias, mas porque em todo o universo não reinavam as mesmas trevas.

A Lei de Moysés, guardada pelos Judeus, fundava-se no odio inculcado desde o começo contra a idolatria, e levava os filhos de Israel a aborrecerem as nações pagãs, fugindo do seu contacto.

Era uma lei de exclusão, e não de absorpção.

Os seus crentes, depositarios das promessas de Jehovah, esperavam o Redemptor promettido, e com o orgulho irremediavel, que os perdeu, imaginavam, que o Messias havia de baixar, cercado de legiões, para metter debaixo do seu carro victorioso os povos infieis, que os avassallavam.

O processo de Socrates mostra-nos o que acontecia, quando a doutrina philosophica ousava combater as idéas recebidas, e as ficções absurdas da religião dominante.

Quando appareceu a fé christã, o atheismo de uns, o desalento e incerteza de outros, e a corrupção insanavel de to-

das as classes, quasi que tinham demolido os verdadeiros ali-
cerces do paganismo.

A par dos deuses torpes e devassos do Olympo grego, e das invenções monstruosas das theogonias estrangeiras, Roma, a séde do universo, adorava, como entes divinos e sublimes os tyrannos, opprobrio da humanidade, que haviam deshonorado a purpura!

Os appetites desordenados não conheciam limite. Os vícios ignobeis e os deleites não paravam diante de nenhuma consideração. A sede de gosar, e de gosar depressa, ardia no coração das gerações, que viram as infamias de Tiberio, e os delirios de Nero.

Discutia-se tudo, e não se acreditava cousa alguma. O tumulto para os mais doutos era o termo da carreira mortal, e além d'elle não admittiam que existisse nada. A vida significava o deleite, a morte o somno!

Para o povo os terrores do Tartaro, e as illusões dos Illysius! Para o povo as fadigas e o trabalho, a escravidão, a miseria, e o desterro perpetuo de todas as commodidades e consolações!

À plebe romana, temeroso acervo de libertos, de clientes, e de proletarios famintos, distribuiam-se os trigos da Sicilia, e offereciam-se os jogos do circo e as scenas do theatro.

As outras populações, que gemessem embora! Pertenciam aos officiaes do fisco, á avareza dos governadores, e á oppressão dos nobres, que as disfructavam.

Eis a razão, porque o christianismo se dilatou em pouco tempo, e já nos dias de Tertuliano invadia as curias, os Senados, e até os paços imperiaes.

Os indigentes e afflictos abraçavam-se com a doce esperança, que os consolava em nome de um Deus de misericordia, e abençoavam o amor e a caridade de uma religião, que chama irmãos a todos, que quer que o rico se compadeça e reparta com o pobre.

Os espiritos eminentes como Origenes, Tertuliano e Agostinho, assustados com a escuridão, em que viam abysmar a intelligencia, saudavam com jubilo a formosa aurora da nova Lei, que resplandecia com a luz da gloria celeste sobre as fronteiras, aonde o paganismo collocava o silencio e a immobilidade do materialismo de Epicuro.

No meio do desmoronamento das idéas e das cousas, per-

didas as crenças, disputados todos os principios, e vacillante a fé e a persuasão, o que restava para confortar o animo, e regradar a vida?

Nenhuma das seitas e escolas do paganismo guiava á doutrina moral da expiação, e da justiça eterna.

Se alguém a antevia era confusamente, e com a reflexão propria.

O povo ignorava-a; porque a religião, que lhe ensinavam só fallava da tristeza e das trevas dos limbos, morada das sombras. Os tormentos do Tartaro eram apenas para os inimigos dos deuses, assim como a felicidade carnal dos Illy-sios só premiava os seus devotos e predilectos.

Temiam-se as falsas divindades, porque, dispensando o bem e o mal, tinham nas mãos a vingança; mas d'ahi ao menor presentimento da resurreição futura, da união beatifica, e da perenne e clara visão do esplendor de Deus, hia tamanha distancia, que mais sublimes engenhos nunca a souberam atravessar.

O culto pagão não era doutrinario; o sacerdocio foi sempre mudo. Todos os seus conhecimentos se reduziam a estudar as ceremonias, que havia de fazer nos sacrificios, a designar as victimas adequadas, e a repetir cem vezes as mesmas formulas.

Entregues a si, os idolatras tiravam a sua instrucção espirital dos mythos e fabulas, das tradições populares, e das sensações despertadas pelo espectáculo fastuoso das pompas religiosas.

Estas especialmente entre os gregos, inspiravam de certo o gosto e o amor das artes, e o sentimento do bello, mas não podiam arrebatat a alma, elevando-a pelo enthusiasmo e pelo recolhimento interior.

Que devoção haviam de produzir aquelles ritos, que, manchados de sangue humano, até admittiam as scenas mais lubricas para commemorar os dias festivos de certas divindades?

Depois da batalha naval de Salamina a Grecia não se envergonhou de immolar a Bacho tres prisioneiros persas!

Em Roma, Octavio, depois da tomada de Perusa sacrificou a Julio Cesar, deificado, trescentos habitantes da cidade captiva!

A Astarté dos Phelistinos e Phenicios, a deusa Maxima dos

Assyrios em Hierapolis, a Anaitis dos Armenios, e a Mylita dos Babylonios, abriam os seus templos á prostituição das donzellas e das mulheres votadas ao seu serviço.

Em Chypre, na Sicilia, e no celebre templo de Venus do monte Erix, os gregos, imitando as devassidões do Oriente, repetiam as mesmas scenas.

Em Coryntho, no templo de Aphrodite, subiam a mil as prostitutas sustentadas a expensas do culto com o titulo de hierudulas.

Quando uma religião santifica d'este modo o vicio, e o converte em tributo de veneração, o que ha a esperar da sua influencia social?

É o motivo, por que os sacerdotes, os opulentos resacidos de deleites, e os politicos empenharam todas as forças para aniquilar o Christianismo.

Lei austera espiritual, Lei de penitencia e de virtude, as infamias do paganismo excitavam o rigor das suas censuras. A voz eloquente dos ministros da verdade clamava bem alto, que aquella estrada de flores era o caminho da perdição, e que os homens e os estados, afogados nos limos da depravação, cahiriam sem remedio, e para nunca mais se levantar!

NOTA B.

As seitas orgulhosas e mundanas viram de repente desmascarado o sophisma que as entretinha; as ostentações descobriram o seu nada; e então appareceu como principio e fim de todas, a soberba em umas, o deleite em outras, o erro e o scepticismo em muitas.— Pag. 113.

Na epocha em que Jesus veio trazer a luz ao mundo, os Judeus achavam-se em completa dissolução moral, politica e religiosa.

Para tornar isto bem sensivel juntaremos ainda algumas reflexões, ao que já escrevemos em diversos capitulos da presente obra.

Fieis ao culto de seus paes, na grande maioria, os filhos de Israel tinham perdido, comtudo, a percepção clara de espirito da sua Lei, seguindo de preferencia a letra morta, e guiando-se pelos commentarios dos doutores.

O odio á servidão, e a impaciencia causada pelo detestado

jugo dos romanos, inclinavam-os a forçar o sentido das escripturas, applicando a um libertador politico as promessas sobre a vinda do Messias. Acreditavam firmemente, que o seu braço vencedor os havia logo de elevar ao apogeu do poder e do esplendor.

Foi a illusão, que os perdeu! Cegos e obstinados abraçaram o phantasma da ambição, e quando a evidencia lhes fe-riu os olhos, fecharam-os de proposito, porque não queriam ver.

As exterioridades substituíam a execução sincera dos preceitos, e a pratica das virtudes.

Á ostentação das orações e dos sacrificios uniam a avareza e a hypocrisia. Os phariseus, (a mais poderosa de todas as seitas) juntavam á escrupulosa observancia das ceremonias pequenas gradual e profunda hypocrisia.

A medida que os revezes os humilhavam, e os abatiam aos pés de Roma, a pertinacia augmentava, os escandalos cresciam, e a vaidade aconselhava-os a refugiar-se na intolerancia e na soberba religiosa.

Povo eleito, descendente de Abraham, e depositario da palavra divina, o que eram para elles as nações sepultadas nas miserias do paganismo?

Mas em vez de trabalhar, por cada dia se tornarem mais dignos da graça d'esta vocação especial, apurando a superioridade da vida, exaltavam com ufania as suas genealogias, e deslumbravam-se com argucias da Synagoga.

Quando Jesus os tratou de raça corrupta e adultera, a severidade das expressões do Mestre concordava com a verdade dos factos.

O historiador Josepho pinta os Judeus, seus contemporaneos, da maneira seguinte: 'Era um tempo fecundo em toda a especie de maldades. Não houve acção por mais impia, ou preversa que pareça, que não fosse commettida. De tal fórma se tinham corrompido, na vida intima, e na publica, que pôde dizer-se, que se mostravam apostados a rivalisar com os mais culpados em crimes contra Deus, e em injustiças contra os homens. Os grandes opprimiam o povo; e este, da sua parte, nada omittia para supplantar os poderosos. Uns só aspiravam a dominar como tyrannos; outros só procuravam a occasião de commetter violencias e expoliações.'

Os principes dos Sacerdotes chegaram a tal extremo de

avidez e de soltura, que mandavam arrancar aos levitas os dizimos, que lhes pertenciam, expondo-os a morrer de fome!

O Summo Pontifice Jonathan foi assassinado por suggestão de Dora, seu particular amigo: e os sicarios com frequencia maculava de sangue e de homicidios até o sagrado recinto do Templo!

O matrimonio, o mais santo e grave dos vinculos humanos, não era mais respeitado!

O rabbi Hillel nas suas lições auctorisava divorcio sob qual-quer pretexto; e a cubiça e a luxuria, dando as mãos, satisfaziam-se a cada passo, aproveitando a elasticidade d'esta regra.

Havia Judeus moços, que já contavam terceiras, ou quartas nupcias, vivendo ainda sua primeira mulher!

Outra causa de anarchia e ruina foram as seitas e partidos, em que a nação estava dividida, e que nunca se cansavam de lutar.

Já tratámos d'elles no logar proprio; agora só adduziremos breves noticias para completar o quadro.

Os phariseus, preponderantes no vulgo que sabiam illudir, figuravam de conservadores natos, e de mestres da tradição antiga.

Desde o anno 70 antes de Christo, estavam na posse de servir os empregos electivos, e de dominar no Sinhedrio. Mas apesar dos vicios, que a deshonoravam, era a seita, que podia ensoberbecer-se com a adhesão dos homens mais respeitaveis da nação; e não deve negar-se, em geral, que o seu zêlo ajudou a manter a doutrina dos livros sagrados e dos prophetas.

É por isso, que Jesus dizia d'elles ao passo que os censurava. 'Assentam-se na cadeira de Moysés, fazei o que elles pregam, mas não os imiteis nas acções, pois ensinam, e não praticam!'

Infiéis ao espirito e á letra das escripturas, os saduceus entravam no gremio da raça judaica mais pelo sangue, do que pelas crenças; e desprezando as verdades fundamentaes pouco se distinguiam dos idolatras.

Na opinião d'elles os anjos, a immortalidade da alma, a resurreição, e o julgamento depois da morte, não passavam de puras fabulas.

Ensinavam, que Deus premiava n'este mundo os bons com

a felicidade terrestre, e com os deleites de uma vida larga e socegada, castigando os maus com opprobrios, trabalhos e pobreza.

Rejeitavam a tradição oral, e admittiam só a letra das antigas escripturas, levando talvez em vista diminuir a auctoridade, de que a palavra revestia os dogmas da doutrina judaica.

Como consequencia natural d'este systema negavam do mesmo modo a influencia divina sobre as acções humanas, e attribuiam tudo ao livre arbitrio.

Muito inferiores em numero aos seus emulos os phariseus, os sectarios d'esta escola compensavam a differença com a opulencia e o poder, que bastantes d'elles tiravam de suas riquezas.

Outra parcialidade religiosa, que existia na Judéa, absolutamente separada do povo, era a que Philon chama esseus, e Flavio Josepho denomina essenios. Já fallámos d'ella. Julga-se que a sua origem provavel data da epocha dos Machabeus e dos varões piedosos, refugiados nos desertos e solidões, para escapar á perseguição de Antiocho.

Estes cenobitas hebreus assemelhavam-se em algumas cousas aos monges christãos. Os bens entre elles fruiam-se em commum, faziam voto de castidade, e educavam as creanças, cultivando a terra, creando gados, e empregando-se em profissões innocentes e laboriosas.

Desprezavam os commodos da vida, eram inimigos jurados da unção usada no Oriente, e timbravam em ostentar a negligencia voluntaria e a austeridade das pessoas.

Não se communicavam, nem fallavam com os estranhos sem se purificar depois. Ao romper e ao pôr do sol faziam as suas devoções, mas nunca entravam no Templo, nem nas grandes solemnidades.

Os sacrificios repugnavam-lhes, e diziam-os reprovados pelas escripturas. Entretanto todos os annos enviavam as suas offertas ao santuario nacional.

Para ser acceito na sua communidade passava-se por um noviciado, repartido em diversos graus, e prestava-se no fim um terrivel juramento, obrigando-se o neophyto ao exercicio das virtudes, recommendadas pela seita, a obedecer em tudo aos superiores, e a guardar perpetuo segredo. No maior auge os essenios nunca puderam contar mais de quatro mil adeptos.

O amor do proximo, que ensinavam custa a conciliar com os rigores, decretados contra os seus socios convencidos de grandes culpas. Expulsavam-os, e rompiam com elles o trato. Constrangidos pelo seu voto a não receber esmolas de estranhos, estes infelizes viam-se de repente desamparados, e comiamervas silvestres até que a morte os libertava dos seus tormentos.

Ainda mais minuciosos nos escrupulos, que os phariseus, os essenios tinham muitas abusões. que guardavam com fidelidade.

Os therapeutas do Egypto, descriptos por Philon, eram os ramos da escola Essenia. Censuravam tambem os deleites carnaes; viviam em celibato permanente; não tinham escravos; celebravam o sabbado com maior cuidado, que os outros Judeus, e ao raiar da manhã com o rosto voltado para o sol, que olhavam como o symbolo da divindade, oravam com devoção por algum tempo.

Só se distinguiam dos essenios na vida contemplativa, que seguiam, encerrando-se cada um em sua cella, e não se reunindo para as preces communs senão nos dias santificados.

Os galileus e herodianos eram mais notados como partidarios politicos, do que pelas suas opiniões religiosas.

Segundo refere Flavio Josepho os galileus foram zeladores exaltados da independencia e da liberdade civil, não reconhecendo outro Senhor, que não fosse Deus, e preferindo os tratos e as violencias ao sacrilegio de se dedizer.

Os herodianos, pelo contrario, applaudiam o jugo estrangeiro, approvavam os impostos, e como cortezãos servis, e aduladores rasteiros, uniam ao seu culto usos idolatras imitados dos romanos. Parece, que o nome que tomaram, se derivou de Herodes Antipas, Tetrarcha da Galiléa, cujos lisonjeiros eram. O maior numero d'elles abraçava as doutrinas dos saduceus.

Finalmente os samaritanos, tambem appellidados kutheos, procediam dos colonos pagãos, que o rei Asserhaddo (o Assuerus da Biblia) misturou com os israelitas, que ficaram em Palestina durante o captiveiro das dez tribus.

No tempo de Nehemias, o sacerdote hebreu Manassés instruiu os colonos, e decidiu-os a abjurar os erros do paganismo; e depois de lhes mandar fazer um Templo no monte Garizim, junto de Sichem, levou-os a adoptar o sacerdo-

cio levítico, os sacrificios, e em uma palavra todo o culto judaico.

A aversão dos hebreus aos samaritanos redobrou, como já se disse, com a erecção do Templo, e os dous povos romperam depressa um com o outro. Os de Samaria proclamavam, que o seu Templo era o unico legitimo para as funcções do serviço divino, e admittiam sómente Moysés e o Pentateuco, excluindo os prophetas e os livros posteriores do Antigo Testamento.

Esperavam o Messias, e acreditavam, que depois de consummar a ventura do seu povo, guiando-o pela penitencia, havia de trazer as outras nações a participar da sua fé no monte Garizim!

Esta decomposição do judaismo em seitas numerosas e contrarias, provando que vinha proxima a hora, em que o velho culto se hia dissolver, offerecia ao mesmo tempo favoraveis auspicios para a propagação do christianismo.

Todas as opiniões eram unanimes no seu horror á idolatria, e na esperança da vinda do Messias. Foi por isso, que João Baptista, clamando no deserto; 'Arrependei-vos e fazei penitencia, que está proximo o reino de Deus!' achou tantos ouvintes e crentes, e fallando aos desejos de todos, tão depressa chegou a soar nas cidades a sua voz, enchendo de receio até os paços dos principes! (1)

NOTA C.

Romperam-se os horisontes do homem, que o paganismo acanhava; e além do tumulto, acima da terra, apontou a Fé para a celeste morada, como para a verdadeira patria dos filhos de Adão.—Pag. 113.

O paganismo contou engenhos, que honraram os seculos, que os viram nascer, e escolas philosophicas dignas do elevado conceito, que os contemporaneos e a posteridade formaram d'ellas; mas no meio do labyrintho de theorias oppos-

(1) Para esta nota, e para a antecedente forneceu-nos preciosos subsidios a excellente obra do doutor Doellinger, professor da universidade de Munich, intitulada *Origens do Christianismo*. É um livro que une á critica severa, e aos aspectos elevados da historia moderna, a erudição paciente do estudo allemão, junta á grande clareza, e mesmo á bastante elegancia de formas.

tas, aonde acharia a intelligencia e o coração o fio, que podia guial-os?

Quando se aspirava ao conhecimento mais claro das cousas divinas como resolviam os philosophos as difficuldades?

Por meio de noções falsas ácerca da divindade, e das suas relações com a terra.

Platão mesmo, que foi de todos aquelle que mais de perto presentiu as grandes verdades, ensinando a existencia de um Ente Supremo, e de um principio unico de todos os seres, não deixou, por isso, de citar os deuses inferiores, designando-os como forças creadoras, e concedendo-lhes igual veneração.

Entretanto, é certo que na sua doutrina esotérica o eloquente discipulo de Socrates se inclina com mais vigor á idéa da unidade de Deus, e dá a entender que disfarçou o seu pensamento, accomodando-se aos ritos seguidos, talvez por que tinha ainda na memoria o exemplo do mestre!

Entregue a si, a razão era impotente para subir tão alto. As tentativas philosophicas assim o attestam.

Se os deuses de Epicuro se representavam indifferentes a tudo, e olhando para o mundo, e para as acções dos homens sem ira, nem compaixão, do centro do repouso eterno da sua bemaventurança, o pantheismo dos stoicos negava a providencia, em quanto os eclecticicos a sujeitavam aos decretos immutaveis do Destino!

Quando appareceu o christianismo, o dogma de um Deus unico, omnisciente, e justiceiro era geralmente desconhecido ou contestado; e o erro lançára raizes tão fundas, que até os pagãos mais instruidos escarneciam das crenças dos discipulos do Evangelho, reputando-as absurdas.

‘Que maravilhas, ou que prodigios apresentam os christãos, diziam elles? O seu deus, que não podem mostrar, nem ver, figuram-o como um inquiridor dos costumes, dos actos, das palavras, e até das mais secretas cogitações dos homens! Fazem-o molesto, inquieto, e de uma curiosidade reprehensivel!’ A isto se reduzia o seu argumento, e o pretexto da sua incredulidade.

A maior parte dos philosophos dividia-se entre dous extremos, ambos deploraveis e erroneos. Para uns a alma humana acabava com o corpo, apagando-se com a vida como chamma fugaz. Para outros o espirito, que anima o homem,

participava da natureza divina, e como tal declaravam- oimortal.

Para sustentar esta aberração por meio de sophismas transparentes, os neo-pythagoricos cerravam os olhos voluntariamente, não querendo reconhecer a distancia incommensuravel, que separa o Creador da creatura.

A mesma escola, seguindo a doutrina de Pythagoras e de Platão, admittia a preexistencia e a transmigração das almas, não só para os corpos humanos, mas até para os dos animaes!

Pelo contrario os epicuristas stoicos, consequentes com o pantheismo, em que se fundavam as opiniões do Portico, acreditavam que o espirito logo apoz a morte, ou depois, mais tarde, se dissolvia, para volver aos elementos, que o haviam constituido.

O proprio Seneca tratava a idéa da immortalidade de sonho agradável, accrescentando que ha muito tinha acordado d'elle!

Finalmente Platão, demonstrando no Phedon a vida eterna do Espirito, começa por suppôr, que a alma antes de vir ao mundo existia no Hades, a que tudo o que sabemos na terra é apenas recordação de idéas anteriores obliteradas.

O philosopho ajuntava, que estas almas estavam sujeitas a continua emigração, não vivendo os homens uma só, mas muitas vidas, e n'estas mudanças passando successivamente para diferentes corpos!

Dentro de horisontes assim acanhados, e com taes doutrinas, quaes podiam ser as consolações contra o horror da morte, ou os allivios para as grandes maguas da existencia?

Avaliando este lado fraco, os mestres não se cansavam de ensinar que a morte, simples aniquilamento, não só não era um mal, como não significava nada, visto que a ventura, ou a desgraça consistiam nas sensações, e que estas findavam todas com a vida!

Debalde diziam ainda, que morrer equivalia a dormir apenas, e que não devia temer-se mais o somno final, do que o outro, de que se accorda. O horror natural desmentia-os, e a intelligencia espantada recuava das beiras do abysmo, d'onde lhe apontavam para o aniquilamento absoluto!

Por isso, Mecenas, e bastantes outros com elle, argumentavam que o termo da existencia era peor mal do que a mais desditosa vida.

A fé ao mesmo tempo humilde e forte, que inspirou aos primeiros christãos o seu glorioso testemunho, não se encontrava no paganismo. Diferenciava-se muito d'ella a imperturbavel serenidade, recommendada por Epicuro, como a suprema virtude nos infortunios e provações; e não poucas vezes a realidade confundiu as orgulhosas theorias das escolas.

O typo ideal dos stoicos, representado no varão tenaz e constante, que não inclina a frente á adversidade, e quando a dor excede a medida do soffrimento, se allivia do seu pezo insupportavel, recorrendo ao suicidio, esse typo de ostentação soberba, escondia a maior das covardias sob as apparencias do valor, e ainda se aproximava menos da resignada e jubilosa paciência, com que os discipulos de Jesus abraçavam a cruz do mestre, e agradeciam á Providencia os trabalhos e os martyrios!

No meio das illusões dos systemas, mais ou menos engenhosas, que architectavam, os antigos philosophos curtos passos podiam adiantar sem a duvida os accommetter.

Reduzida ás proprias forças, e privada dos auxilios da revelação divina, a razão individual era obrigada a retroceder, e a manifestar a sua perplexidade.

Chegada á invencivel balisa via-se na dura necessidade de confessar, que nada sabia com certeza, que todas as opiniões vacillavam á falta de base solida, e que só um Deus teria o poder de dissipar as trevas, de que se cobria o mundo!

Mas esta modestia, mesmo, ou antes esta sinceridade desaparecera, porém, com os grandes mestres, gloria da intelligencia e dos seculos fecundos.

Os discipulos, herdeiros da sua doutrina, preferiam appellar para as fabulas e para o sophisma; e por isso a religião christã achou n'elles decididos e obstinados adversarios. Nem a percebiam, nem queriam entendel-a!

Escravos da vaidade, e entumecidos por loucos louvores, negavam a luz do sol, porque sentiam que só nas sombras podiam avultar.

A escola mais respeitada, a dos antigos Platonicos, ha muito que se extinguiu; e os primeiros discipulos alteravam já as idéas do fundador, a transformação tornou-se completa, quando no seio da academia surgiu o scepticismo, que é a negação da sciencia.

No tempo de Seneca nenhum philosopho notavel a seguia,

florescendo apenas as seitas dos epicuristas, dos stoicos, e dos cynicos.

Os adeptos de Epicuro, sobre tudo, alardeavam em Roma o seu desprezo pelas crenças populares, e o escarneo publico com que motejavam dos mais nobres sentimentos. Cicero observando-os de perto, não occulta o receio com que os via propagar.

Os stoicos honravam-se de contar no seu gremio homens de reputação elevada como os Epitectos, os Senecas, e os Antoninos; mas nos proprios livros os seus escriptores descobrem já a degeneração dos principios capitaes da seita.

Tornando o ensino um officio quasi mechanic, e copiando os antigos servilmente, limitavam a philosophia aos actos de memoria, e consumiam annos inteiros em commentar Chrysippo, ou em repetir Zenon, ou Chantho.

Cousa singular! A austeridade affectada não cohibia alguns de figurar como varios declamadores e lisongeiros dos auditorios; ou, o que mais indigno era ainda, de rojar aos pés dos opulentos, assentando-se como parasitas aos seus banquetes!

N'estas occasiões a severidade apparente do seu aspecto, e a gravidade aprumada dos seus gestos, pelo contraste comico, serviam de alvo ás rizadas e zombarias dos convivas, cujas devassidões áquelles falsos austeros vinham ali auctorisar, só por comprazer ao ventre.

Mas quem levava a palma em despejo e impudor eram os cynicos, escoria e opprobrio do nome de philosophos!

Tirados quasi sempre da espuma da plebe, tendiam para a origem d'onde procediam. Com as faces estanhadas, fazendo gala dos vicios mais ignobeis, e delectando-se em arrostar com o decoro e a decencia, a cada passo se encontravam nas praças e encruzilhadas amotinando a gentalha, apinhada á roda d'elles, para lhe ensinar por obras e palavras, dignas do assumpto, o desbragamento, a infamia, e a sordidez!

Com o mesmo arrojo fallavam aos abastados e aos poderosos, extorquindo-lhes dadivas, aviltando-se perante elles a todo o genero de adulações e baixezas, e tomando-lhes posse da meza, e dos regalos, até que os expulsasse de uma vez a má vontade do mordomo!

A virtude rígida, que todos invocavam, era a taboleta, o annuncio de venda. Quando o exame descia das phrases ás

acções não se divisava senão avidez, torpeza e hypocrisia! Em presença de semelhante espectáculo não admira, que a philosophia, pagando os desvarios e a indignidade dos seus cultores, decaísse gradualmente do conceito, em que fôra tida, passando de estimada ao ludibrio de ser escarnecida como desprezível.

Quasi que pôde assegurar-se, que na epocha de Christo, os adeptos das differentes escolas, pelas seguirem, em vez de parecerem melhores, se tornavam cada vez mais corruptos e detestados.

Antes de se praticar uma acção má citavam-se os crimes e os vícios dos deuses para a desculpar. As artes reproduziam em toda a nudez o character licencioso dos costumes. As pinturas a fresco nas paredes e tectos das casas desenterradas em Herculanium, e as scenas comicas do Theatro de Aristophanes, dizem tudo a tal respeito.

Basta saber-se que as donzellas innocentes, e os mancebos tinham sempre diante dos olhos, e nos ouvidos, aquellas imagens lubricas, e aquelles versos obscenos!

Os effeitos foram rapidos e fataes. Conquistando a Asia, e o mundo, Roma contrahiu os vícios dos subditos, apodreceu, e morreu d'elles! Soltos dos vinculos religiosos, costumados ás carnificinas do amphitheatro, e sequiosos de toda a especie de deleites, os dominadores do universo, começaram por temer fia crueldade de Tiberio, e por lisonjear o valimento de Sejano, e até applaudiram a demencia de Calligula e de Heliogabalo. Vendo-os acabar comprando aos barbaros primeiro a paz, e depois a clemencia, quem se havia de espantar? (1)

É aonde necessariamente os devia arrastar por um lado o paganismo, e a negação das idéas moraes, e pelo outro a impotencia e a esterilidade das seitas philosophicas, mais ou menos fundadas nos seus mythos absurdos.

(1) Doellinger—*Origens do Christianismo*, tom. I, cap. V. N'este rapido esboço apontamos em substancia o mais essencial do curioso quadro, traçado pelo douto professor allemão.

NOTA D.

O magistrado, confessando que Jesus não commettêra delicto, e portanto, reputando-o innocente, violava a lei e todos os preceitos, mandando-o flagellar.—Pag. 125.

O processo e a sentença, que levaram Jesus a padecer no Golgotha pela remissão dos homens, encerram grandes nulidades, em referencia á lei moysaica, e em relação ao direito criminal romano.

Um livro, escripto por Mr. Salvador, em que o jurisconsulto de origem hebraica, aproveita o assumpto para justificar os Judeus da nota de violadores dos proprios codigos na morte de Christo, chamou á arena Mr. Dupin, o qual, em uma refutação concisa e substancial, tratando a questão com zêlo singular, não deixa de pé uma só evasiva, nem com apparencia de força o mais artificioso subterfugio.

D'este bello trabalho é que nos valem para as considerações apresentadas no texto, e de novo o invocaremos agora para collocarmos sob a sua auctoridade as noticias, que vamos ajuntar.

N'este ponto ninguem pôde caminhar mais firme, do que encostado á opinião do mestre. Ouçâmol-o.

‘Sobre a pena de morte, e a sua applicação, os jurisconsultos hebreus inculcavam preceitos, dignos de ser commemorados.’

No sentir d'elles o Tribunal, que sentenciasse á pena capital uma vez em sete annos, merecia a nota de sanguinario; e Eliezer, um de seus doutores, accrescenta, ‘que esta qualificação ainda lhe caberia, sentenciando ao mais rigoroso dos castigos uma vez em setenta annos!’

‘Se fossemos juizes da sicuria, porem dizem os doutores Tyrphon e Akiba, nunca semelhante pena seria applicada!’

Observando-lhes Semião, filho de Gamaliel, que assim animariam o abuso, e os crimes pela certeza da impunidade, nem por isso desistiram, antes confirmaram a sua idéa.

Já se vê, portanto, que o derramamento de sangue repugnava aos homens mais competentes. Observemos tambem se a lei concordava com as opiniões dos doutores e sabios da nação.

O processo crime estabelecido no Pentateuco firma-se em

tres regras, que podem reduzir-se às seguintes bases: publicidade no julgamento, livre e plena defeza do accusado, e garantias contra o erro, ou contra a maldade das testemunhas.

Sabidas estas regras não se carece de grande reflexão para conhecer, que foram todas infringidas na tumultuaria condemnação de Jesus Christo.

O texto hebreu requer, que a prova do facto seja feita pelo menos com duas ou tres testemunhas ajuramentadas, e conformes. Se os juizes, em virtude de miudo exame, chegavam a verificar, que um depoimento fôra falso, o calumniador ficava incurso na mesma pena, que procurára motivar ao innocente.

A accusação e a defeza pleiteavam-se perante a assembléa do povo.

Se o crime era provado, as testemunhas, que para isso concorriam, deviam ser os primeiros executores da justiça; e d'esta maneira davam á verdade das asserções o ultimo grau de evidencia.

Jesus Christo alludia a similhante pratica, quando disse aos phariseus, que lhe apresentavam a mulher adultera: 'Aquelle de vós, que se julgar sem culpa, atire-lhe a primeira pedra!'

Passando da theoria á praxe indaguemos como estas regras se applicavam.

No dia do julgamento os porteiros faziam comparecer o accusado. No tribunal, logo abaixo dos anciãos, assentavam-se os auditores, ou candidatos, que estudavam com regularidade os negocios no conselho.

Liam-se as peças do processo, e depois chamavam-se por sua ordem as testemunhas.

Quando entravam, o presidente dirigia esta exhortação a cada uma d'ellas: 'Não te inquirimos sobre as tuas conjecturas, nem sobre a voz publica. Repara que vaes assumir uma grande responsabilidade, e que o damno causado por ti não póde resarcir-se com dinheiro. Se o teu depoimento fizesse condemnar injustamente o innocente, o seu sangue, e o de toda a sua posteridade cahiria sobre ti, e Deus pedir-te-hia estreitas contas como pediu a Cain pelo sangue de Abel. Agora falla!'

As mulheres não podiam servir de testemunhas, visto não terem o animo necessario para descarregar o primeiro golpe.

As creanças eram excluidas, porque não se lhes podia impôr nenhuma responsabilidade; e os escravos, os homens de má reputação, os imbecis e incapazes physica e moralmente ficavam comprehendidos na mesma excepção.

A declaração do individuo contra si mesmo não bastava para determinar a condemnação. 'Não admittimos, sustentavam os doutores, que ninguem se prejudique a si proprio. 'Se uma pessoa vier a juizo para se accusar, não seja acreditado sem duas testemunhas dignas de conceito jurarem a verdade do facto. Deve notar-se, que o supplicio de Hacan no tempo de Josué foi occasionado pelas circumstancias, mas não constituiu preceito, pois a Lei nunca sentenciava pela confissão do accusado, ou pelas palavras de qualquer propheta por mais veneração, que nos mereça.'

As testemunhas competia certificar a identidade da pessoa, e além d'isso determinar o mez, o dia, a hora, e as particularidades do delicto.

Depois de examinadas as provas, os juizes que se inclinavam á innocencia fundamentavam o voto; e os que opinavam pela culpabilidade fallavam depois com maior moderação.

Se o accusado encarregava a algum dos auditores a sua defeza, ou se desejava adduzir quaesquer observações afim de attenuar, ou de refutar os artigos da accusação, um e outro eram admittidos, e de logar proprio e elevado tinham o direito de discorrer na presença do tribunal, e perante o povo. Ao accusado, sobre tudo, prestava-se attenção religiosa.

Concluidos os debates, um dos juizes fazia o relatorio succinto da causa; mandavam-se retirar os ouvintes; e dous escriptores assentavam os suffragios, lançando um os de absolvição, e o outro os de culpabilidade.

Onze votos sobre vinte e tres attestavam a innocencia; para a condemnação exigiam-se treze conformes.

Se algum juiz declarava, que ainda não tinha a sua opinião illucidada, chamavam-se dous anciãos mais, e assim por diante, até o conselho subir a setenta e dous, que era o numero legal.

Quando a maioria o absolvía, o accusado ficava logo solto; mas se lhe fôra imposta a pena, adiava-se a sentença para o dia immediato.

O intervallo decorrido de uma á outra audiencia ainda devia ser consagrado pelos juizes ao estudo da causa, absten-

do-se de vinho e licores fortes, e dos alimentos crassos, que pudessem obscurecer-lhes a reflexão.

No terceiro dia, logo de manhã, tornava a abrir-se a audiência; e os vogaes, firmes no seu voto, diziam simplesmente: 'Estou pela minha opinião: condemno!' Era licito, porém, o considerar no sentido da clemencia, e n'esta final instancia, o juiz que tinha condemnado podia absolver; o que não se consentia era reformar o suffragio, pronunciando a culpabilidade depois de a haver negado.

Se a maioria condemnava, dous magistrados acompanhavam logo d'ali o réu ao supplicio, e n'esse meio tempo os anciãos permaneciam no tribunal, collocando á entrada um preboste com sua bandeira nas mãos, em quanto outro de cavallo seguia o padecente, sem tirar os olhos do sitio, d'onde sahira.

Se durante o caminho para o patibulo occurria algum facto, ou algum depoimento favoravel, o primeiro preboste acenava a bandeira, e o outro reconduzia o réu. Se este allegava, que lhe haviam esquecido razões de defeza, tambem podia voltar á audiencia até cinco vezes.

No caso de não haver incidente que suspendesse a execução, o cortejo adiantava-se pausadamente, precedido por um arauto, que lançava em altas vozes o seguinte pregão: 'Este homem (dizia os nomes e appellidos) vae padecer por tal crime; as testemunhas que depozeram contra elle foram estas (referia-as). Se alguem sabe alguma cousa em sua defeza, que appareça sem demora!'

Em virtude d'este principio é que o moço Daniel mandou voltar atraz o acompanhamento, que levava Suzana ao cadafalso, e que subindo á cadeira da justiça, propoz novas perguntas ás testemunhas.

A certa distancia do patibulo instava-se com o criminoso para confessar; e dava-se-lhe a beber uma composição, que adormecia os sentidos, e mitigava o horror da morte.

É claro, pois, que a philosophia e a misericordia tinham dictado estas formalidades importantes, destinadas a tutelar a innocencia, e a garantir a vida do accusado, pondo peias á malquerença de poderosos inimigos, e atalhando precipitações no caso de se commetter erro de justiça.

As regras citadas, que não tinham outro fim, são bases de jurisprudencia criminal, que honram a legislação hebraica.

O que admira, argue Mr. Dupin, é que Mr. Salvador ex-

pondo com tanta lucidez a theoria das leis judaicas, quando passa ao exame da applicação, sobre tudo no processo mais memoravel da historia, o de Jesus Christo, se esqueça tão depressa das maximas, que elogiou, e não duvide afirmar, que os Judeus, reputando a Christo como um concidadão, o sentenciaram conforme a lei, e seguindo as formulas existentes!

O que admira ainda mais, é que o douto jurisconsulto israelita, percorrendo as phases da accusação, não hesite em concluir, que o processo correu sem nullidades, e que a pena foi apropriada!

Citemos as suas palavras.

‘O Senado julgando que Jesus, filho de Joseph, e nascido em Bethlem, havia profanado o nome de Deus, usurpando-o para si, quando não passava de simples cidadão, applicou-lhe a lei contra os blasphemos, a lei do cap. XIII do Deuteronomio, e o art. 20, cap. XVIII, em virtude dos quaes qualquer propheta, mesmo operando milagres, deve ser punido, se fallar de um Deus desconhecido aos Hebreus, ou a seus paes!’

Nada d’isto é exacto!

Todas as circumstancias de tão notavel processo mostram até á ultima evidencia, que no julgamento de Jesus se preteriram as formulas tutelares do direito de defeza; e que suscitada pelo odio dos sacerdotes e phariseus, a vingança primeiro se disfarçou com a accusação por sacrilegio; e receiando que a victima sahisse absolvida é que tomou depois a côr de delicto politico, de crime de lesa-magestade, envidando para mover a condemnação quantos meios podem suggerir a perfidia e a violencia!

Nos trechos correspondentes do texto já notámos as illegalidades, o dolo, e as astucias indignas, de que a facção sacerdotal se manchou no processo de Jesus, pizando aos pés os principios e os preceitos.

Em vez do respeito, que a lei impunha ao juiz, e que elle devia á pessoa do accusado, vemos um conciliabulo presidido pelo Summo Pontifice, arremedando as fórmias judiciaes por maior escandalo, e permittindo que os sicarios erguessem a mão contra o Christo, que se achava debaixo da protecção do tribunal!

Vemos Caiphaz, conspirador, accusador e juiz, tudo a um

tempo, patenteando a sua ira insoffrida, e justificando o retrato, que d'elle nos traçou o pincel insuspeito de Flavio Josepho!

Este arbitro da lei enfurece-se, rasga as vestiduras, quer obrigar o accusado a um juramento prohibido, e acaba rugindo como a fera diante da preza: *E' blasphemo, não carecemos de testemunhas!*

Contra as disposições expressas da jurisprudencia hebraica ousa sustentar, que Jesus pôde ser sentenciado pela sua propria declaração; e no meio dos transportes mais violentos de raiva, elle, o Summo Sacerdote, o ministro que diz fallar em nome de Deus vivo, é o primeiro que vota pela pena de morte, e que abusando da sua auctoridade, arrasta comsigo o suffragio da maioria no mesmo sentido!

Até Mr. Salvador, apesar dos seus esforços para desculpar os Judeus, é obrigado a reconhecer que as injurias, que a acesa ira do juiz communicou aos satellites, quando feriam o Mestre, e exclamavam: 'Adivinha Christo, quem te deu?' eram outras tantas infracções da lei hebraica!

Debalde para attenuar semelhantes excessos acrescenta: 'Que parecia repugnar á cathegoria de um Senado, constituido com os varões mais respeitaveis da nação, o permittir ultrages d'esta natureza contra o accusado sujeito á sua jurisdicção; em vão ajunta que tem por muito provavel, que os escriptores evangelicos por não assistirem ao processo, carregassem o quadro, movido de seus apaixonados affectos, ou afim de lançarem maior desfavor sobre o tribunal!' (1)

Mr. Dupin, redargue-lhe com visivel superioridade.

Se taes factos repugnam á dignidade do conselho, e se deixou de se respeitar, auctorizando-os, tanto peor para elle. É constante e inegavel a verdade das asserções dos Evangelistas. Se estes não presencearam o julgamento para affirmar, Mr. Salvador tambem o não viu para os desmentir. Contra a authenticidade das narrações contemporaneas não basta insinuar suspeitas, é indispensavel proval-as.

Accresce, que Mr. Salvador assegurando logo no principio do seu livro, que ha de deduzir os seus argumentos dos Evangelhos, perdeu o direito de recusar o mesmo testemunho, que accitou, só porque em um ou outro lugar lhe não convem! (2)

(1) Salvador—Historia das Instituições de Moysés e do povo Hebreu, pag. 88.

(2) Dupin—Processo de Jesus Christo, pag. 47 e 48.

A conclusão de Mr. Dupin é consequente com as permissas, e corôa dignamente a obra.

‘Mesmo considerado, como simples cidadão, (diz elle) Jesus Christo não foi julgado em virtude das leis, nem conforme os principios existentes.’

‘Nos seus designios eternos, o Senhor permittiu que o Justo succumbisse victima da malicia dos homens; mas ao mesmo tempo quiz que fosse offendendo os seus perseguidores todas as leis, e ferindo todas as regras estabelecidas, para o absoluto desprezo d’ellas attestar perpetuamente a violação do direito!

Em Christo verificou-se a terrivel phrase de Tacito: et preuntibus additta ludibria! As affrontas acompanharam a victima até ao logar do sacrificio, aonde o Messias, cravado na cruz, rogava pelos seus verdugos!

‘Os pagãos que digam! exclama Mr. Dupin. Se levas a morte de Socrates, como deixareis de admirar a de Jesus? Censurando o Areopago podereis desculpar a Synagoga, ou justificar o Pretorio? A philosophia não hesita. É ella quem nos assevera, que se o fim de Socrates foi de um sabio, a vida e a morte de Jesus foram de um Deus!’ (1)

NOTA E.

Então lavrou Pilatos a sentença, e entregou Jesus aos seus inimigos para o cruxificarem.—
Pag. 127.

O comportamento de Pilatos no processo de Christo não foi menos criminoso, do que a facciosa condemnação do Sannhedrin.

O delicto por que o magistrado de Cesar sentenciou Jesus não era a blasphemia religiosa, pretextada por Caiphaz. Para essa não havia disposição penal nas leis romanas.

A falsa e calumniosa accusação de attentar contra o poder do Imperador, chamando-se rei dos Judeus, serviu de baze á sentença. É o que prova a inscripção collocada sobre a cruz, declarando a causa do castigo.

Pilatos nunca acreditou em semelhante embuste, nem os sacerdotes e phariseus; mas o que se buscava era um moti-

(1) Dupin—Processo de Jesus Christo, pag. 77.

vo para derramar o sangue do Justo; e como pelo zelo religioso, Poncio não se movia, trataram os perfidos e perversos perseguidores de o coagirem invocando o zelo politico.

Si hunc demittis, non es amicus Caesaris! 'Palavras terríveis, ajunta Mr. Dupin, que muitas vezes têm soado aos ouvidos de juizes timidos, que, a exemplo de Pilatos, e por fraqueza, entregaram as victimas que nunca deviam condemnar se escutassem os brados da consciencia!' (1)

O texto da sentença iniqua tem sido referido de diferentes modos.

Uns apresentam-o com a concisão, que talvez auctorise a brevidade necessitada para a lavrar no acto do julgamento.

Outros suppõe-a desenvolvida e fundamentada, contendo as razões da pena, e a apreciação do facto.

Qual das versões será a verdadeira? Nenhuma provavelmente. Quando se entra no dominio d'esta qualidade interessante, achamos um documento que D. José Ferrer de Couto extrahiou dos preciosos cartorios de Simancas (2).

É do teor seguinte: 'Archivo geral de Simancas, Negocios de Estado. Maço 847, e de Roma numero 1. Copia da sentença proferida por Pilatos contra Christo Nosso Senhor, a qual se descobriu na cidade de Aquillo (Abruzo) pelos annos de 1580, nas ruinas de um Templo, aonde se acharam dous tubos de ferro, e dentro de um d'ellês, escripto em pergaminho, e em caracteres hebraicos, o seguinte documento, que foi interpretado d'esta maneira:

No anno de XVII de Tiberio Cesar, imperador romano e monarcha invicto de todo o universo, na Olympiada CXXI: idade XXIV, e da criação do mundo, segundo o calculo dos hebreus quatro vezes M. C. XLVII, no anno LXXIII da propagação do imperio romano, e C. DXCVII da remissão do captiveiro de Babylonia, e C. DXCVII da restituição do imperio sagrado: sendo consules do pontifice romano Lucio Pisano e Murcio Saurico, proconsules do invencivel Valerio Palestino, governador publico da Judéa, e o regente e governador da cidade de Jerusalem, Flavio quarto, seu presidente gratissimo; sendo Poncio Pilatos, regente da Baixa Galiléa, anti-patriarcha e Pontifice Anaz e Caiphaz; Ales Maelo, mes-

(1) Dupin—Processo de Jesus Christo, pag. 76.

(2) El Herald de 16 de novembro.

tre do Templo: Rabaham Ambel, centurião dos consules romanos, e Quinto Corselio Sublimio, e Sexto Pompilio Rufo, aos XXV de março:

Eu, Poncio Pilatos, representante do imperio romano no palacio de Larchi, nossa residencia, julgo, condemno, e sentençaio á morte a Jesus, chamado Christo Nazareno, da turba de Galiléa, homem sedicioso da lei moysaica contra o grande imperador Tiberio Cesar; em razão do exposto determino que padeça cravado na cruz, como réu, porque, reunindo muitos ricos e indigentes, não cessou de promover tumultos em toda a Galilea, fingindo-se filho de Deus e rei de Israel, ameaçando a ruina de Jerusalem e do sagrado imperio, e negando o tributo a Cesar, atrevendo-se a entrar com palmas e em triumpho, seguido de multidões como principe, na cidade e no Templo divino. Portanto, ordeno ao meu centurião Quinto Cornelio, que conduza publicamente pela cidade de Jerusalem ao mesmo Jesus Christo, manietado e açoutado, vestido de purpura e coroado de espinhos, com a sua cruz aos hombros, para que sirva de exemplo a todos os maifeitores, e que leve com elle dous ladrões homicidas. E todos sahirão pela porta hoje denominada Antonina, e irão até ao monte, que se diz do Calvario, no qual, depois de cruxificado e morto, permanecerá na cruz o seu corpo para espectáculo e escarmento dos criminosos. Na dita cruz se collocará o seguinte letreiro em tres linguas hebraica, grega, e latina em hebreu *aloi olisidin*; em grego, *Jesus Nazareno*; em latim *Jesus nazarenius Rex Judeorum*.

E outrosim mandâmos, que ninguem, qualquer que seja a sua classe não ouse temerariamente impedir esta justiça por nós ordenada com todo o rigor segundo os decretos e leis dos romanos e hebreus, sob pena de incorrer no castigo dos que se insurgem contra o imperio. Confirmaram esta sentença pelas doze tribus de Israel, Raban, Daniel, Ranab segundo, Joan, Benciar, Barbas, Isabec, Presidan. Pelo Summo Sacerdocio Raban, Judas, Boncasalon. Pelos phariseus Rolian, Simon, Daniel, Barban, Mordagin, Boncertassilis. Pelo imperio e presidente de Roma Lucio Sirtilio, Amostro Silio, notario publico e criminal. Pelos livres Nastan e Reotenau.

Esta sentença, accrescenta D. José Ferrer de Couto, é copia, litteralmente traduzida de outra, escripta em italiano, e conservada no archivo real e geral de Simancas, em o maço

e com os numeros já indicados, a qual se presume ter sido remetida de Roma a Philippe II, pois se encontra entre os papeis mais importantes da curia, pertencentes áquelle reinado.

Em todo o caso, e sem contestarmos por modo algum a authenticidade da copia, garantida pela declaração do sr. Ferrer do Couto, o texto do documento suscita-nos graves apprehensões. Transcrevemol-o para que os leitores tivessem noticia d'elle, mas recommendando a mais severa e miuda critica. Estamos certos de que não resistirá a ella.

NOTA F.

Descendente de David, segundo o mundo, crêem certos escriptores, que para observar os costumes de Israel, se applicou a alguma profissão laboriosa etc.—Pag. 135.

Este paragrapho, e os seguintes sahiram com incorrecções notaveis até ao § 4.º do mesmo capitulo. Entendemos, que o melhor meio de reparar o erro consistia em repor aqui o texto, como deve ler-se, accrescentando-lhe algumas observações, que o assumpto pede para ser esclarecido.

O Talmud, ou Thalmud, é o livro, aonde se colligiu o direito civil e religioso dos Judeus, as regras e ceremonias do culto, e os preceitos da vida. Na opinião dos Rabbis mais celebres fórma o codigo mais completo da sua doutrina tradicional, e da sua religião.

Ha dous Thalmuds distinctos, o de Jerusalem, e o de Babylonia. O de Jerusalem acabou-se no II ou III seculo da era christã, o de Babylonia é muito posterior, visto pertencer ao VI seculo, e ambos elles encerram muitas fabulas, e graves erros chronologicos.

São judaicas, eivadas de numerosos trechos contrarios ás doutrinas christãs e aos dogmas evangelicos. Gregorio IX condemnou-as em 1230, Innocencio IV em 1244, Julio III em 1555, e Paulo IV em 1559.

Depois d'esta resumida noticia é claro, que Jesus Christo não podia conformar-se a preceitos puramente humanos, e que só foram collegidos dous, ou tres seculos adiante.

É possivel, e parece até provavel, que o exercicio de officios mechanicos não implicasse com a nobreza das genealogias, e que o estado de grandeza ou de decadencia das familias não

influisse na consideração, que mereciam em respeito aos ascendentes; mas este ponto nada tem com a allegação do Thalmud, obra muito posterior, e incapaz de fazer fé pelo seu cunho supersticioso.

O que se queria mostrar n'estes §§ era o lapso de alguns escriptores, que para santificar o trabalho manual com os exemplos de Christo não escolheram os argumentos, e não pararam nem perante o erro de chronologia!

Feitas estas advertencias essenciaes passaremos a repor os §§ indicados.

Infelizmente da maneira, por que sahiram, poder-se-hia deduzir o contrario mesmo, do que se intentou exprimir:

'Descendente de David, segundo o mundo, creram certos escriptores, que o Christo, para observar os costumes de Israel, se applicasse a alguma profissão laboriosa, como posteriormente se notou em alguns hebreus distinctos, que obedeciam n'isto ao preceito do Thalmud. Esta opinião é falsa.

'Quem não ensina um officio a seus filhos não lhes prepara boa sorte. Não se diga: sou nobre, e uma occupação humilde rebaixa-me! Rabbi Joanan era pelleiro, Nahum copista, o outro Joanan trabalhava em sandalhas, e Rabbi Judas foi padeiro.

'Eis a letra da regra; mas seria possivel que o Salvador pudesse conformar-se com ella, sendo o livro tão posterior? Merecia-o, mesmo que tal impedimento não existisse, uma obra urdida de fabulas e superstições? Accresce que o silencio dos Evangelhos não auctorisa sequer nem a conjectura.'

NOTA G.

O testemunho de Nicephoro, historiador ecclesiastico do quarto seculo.—Pag. 137.

Havendo dous escriptores do mesmo nome, Nicephoro Calixto, monge e historiador grego, e S. Nicephoro, patriarcha de Constantinopla, fallecido em 828, auctor do *Breviarium historicum*, cumpre-nos declarar, que nos referimos ao primeiro, que escreveu, entre outras obras, uma historia ecclesiastica em 23 volumes, a qual alcança até ao anno de 610, e foi publicada por Fronton du Duc em 2 tomos de fol. com a traducção latina de Lange. Este Nicephoro falleceu por 1359

e por isso, ler-se, historiador do decimo quarto seculo, e não do quarto, como erradamente vem no texto.

NOTA H.

A primeira foi tirada dos cinco livros compostos pelo falsario Hegesippo sobre a ruina de Jerusalem, etc.—Pag. 138.

Hegesippo viveu entre o anno 1000, e no anno 1080, era Judeu de nascimento, converteu-se ao christianismo.

Com o titulo de *Commentarios sobre os actos dos Apostolos*, escreveu uma historia da Igreja, de que só restam os fragmentos conservados por Eusebio. Tambem compoz outro livro intitulado: *De bello judaico et excidio urbis*, mas julga-se pertencer a outro auctor do mesmo nome, que vivia em Constantinopla.

Deve, portanto, entender-se que só por erro podia dizer-se no texto, que os cinco livros da ruina de Jerusalem foram compostos pelo falsario Hegesippo; o que se quiz foi exprimir que elles não sahiram da penna do virtuoso e douto bispo, mas sim da mão do falso Hegesippo, ou do falsario de Hegesippo.

Por isso repomos na errata competente o verdadeiro sentido d'este trecho. O compilador dos cinco livros sobre a ruina de Jerusalem é muito mais recente, pois auctores de conceito o fazem posterior ao seculo decimo. Entretanto a opinião mais seguida não o colloca em epocha anterior aos fins do seculo IV.

NOTA I.

Tratando das prerogativas de Maria, o eloquente doutor eleva-se, e exclama ordenado em entusiasmo, etc.—Pag. 169.

S. Cyrillo representa um papel notavel da historia ecclesiastica do V seculo; e parece que foi suscitado por Deus para defender o mysterio da incarnação, nas calamitosas epochas em que a heresia mais se desenfreava para o negar.

Instruido desde creança por seu tio, o patriarcha Theophilo, o estudo incansavel das sagradas letras e das tradições religiosas habilitou-o para se apresentar como firme columna da verdade.

Em 412 succedeu no patriarchado de Alexandria a Theophilo e assignalou a sua entrada por um acto de severidade contra os Novacianos, mandando fechar as suas egrejas, e sequestrar os vasos e moveis dos seus templos.

Pouco depois da sua austeridade inflexivel ainda se manifestou no rigor com que puniu os Judeus, expulsando-os da cidade, por se haverem desencadeado em violencias contra os christãos.

Offendeu-se Orestes governador de Alexandria com este rasgo de auctoridade, accusando-o perante a curia imperial; mas S. Cyrillo, da sua parte, expoz tambem os motivos, que o tinham determinado; e Cesar julga-se que deu razão ao Santo, o que envenenou o odio do Prefeito, e foi causa, com o tempo, da catastrophe em que pereceu a infeliz Hypacia, donzella pagã, geralmente estimada pela sua rara sabedoria e primoroso engenho.

A plebe feroz attribuindo às suas occultas suggestões as discordias entre Orestes e o patriarcha, apoderou-se um dia d'ella, arrancou-a do seu carro, e dilacerada cruelmente, arrastou-lhe os membros ensanguentados pelas ruas!

S. Cyrillo refutou as homilias de Nestorio com grande vehemencia e felicidade; e correndo em Roma a decisão da polemica, no concilio convocado pelo papa Celestino, teve a satisfação de ver approvada pelo consenso geral dos padres as suas doutrinas, sendo encarregado elle proprio de executar dentro de dez dias a sentença de excommunhão e deposição proferida contra Nestorio, se este não se retratasse publicamente.

Recusando submeter-se o heresiarcha, reuniu-se em 431 em Epheso outro concilio, presidido por S. Cyrillo em nome do papa; e não querendo Nestorio comparecer, apesar de ter vindo à cidade, foram examinadas as suas opiniões, e condemnadas depois de tres citações juridicas, applicando-se ao auctor as penas de excommunhão e deposição, de que se deu conhecimento ao imperador.

S. Cyrillo escreveu numerosas obras, que não brilham pela elegancia e cultura do estylo, porem que se recommendam sobre tudo pela concisão e clareza das demonstrações, reputando-se como primeiras entre todas o *Thesouro*, os *livros contra Nestorios*, e os *dez livros contra Juliano o Apostata*.

NOTA J.

Alguns auctores, citados por Macedo na sua obra *Eva e Ave*, accrescentam sem hesitar, que S. Dionysio, apenas se achou na presença da Virgem, etc.—Pag. 170

Citámos em diversos logares da presente obra a auctoridade de Antonio de Sousa de Macedo na sua obra *Eva e Ave*; mas devemos com lealdade accrescentar, que perante a critica judiciosa, e mesmo em pontos de doutrina, o livro do celebre secretario de estado de Affonso VI claudica mais de uma vez, já deixando-se arrastar de opiniões menos seguras, já apurando, com menos rigor, as citações dos auctores, com que soccorre o texto.

O logar, a que esta nota se refere, parece-nos estar n'esse caso.

Macedo, narrando a commoção profunda, que o aspecto da Virgem Purissima causou a Dionysio Areopagita, escriptor do primeiro seculo, apresenta as palavras proprias (attribuidas?) do Santo da epistola escripta a S. Paulo seu mestre.

Mas examinando o sr. conego Ferrão Mártens os catalogos das epistolas chamadas do Areopagita, teve a benevolencia de nos advertir de que não encontrava entre ellas a que Macedo apresentou a paginas 446, Parte II, cap. LXIV da sua obra, decima impressão do anno 1766; sendo as que existem apontadas sómente estas: 1.^a, 2.^a, 3.^a, a Cayo; 5.^a a Dorothea, 6.^a a Sesipatro, 7.^a a Polycarpo, 8.^a a Demophilo, 9.^a a Tito, 10.^a a João Evangelista.

Accresce, que a authenticidade dos escriptos de S. Dionysio o Areopagita tem sido contestada, oppondo-lhe os criticos objecções graves, e dignas de sizuda reflexão. Em geral tanto as epistolas, como os livros attribuidos a Dionysio, julgaram-se compilados no seculo V por auctor desconhecido, não obstando, comtudo, a nota de apocryphos, para serem reputados como orthodoxos, e para serem citados por Santo Ephrem e muitos doutores catholicos.

A obra mais apreciada, das chamadas de Dionysio, é a da *Hierarchia Ecclesiastica*.

FIM

INDICE

PRIMEIRO VOLUME

	PAG.
Introdução.....	I a XVI

LIVRO I

Capitulo I Prophecias sobre a vinda do Messias.....	17
• II Estado do mundo na epocha do nascimento de Christo .	30
• III Grandezas e decadencia dos hebreus.....	68
• IV Descripção da Palestina.....	104

LIVRO II

VIDA DE JESUS CHRISTO. VIDA INTIMA

Preambulo.....	134
Capitulo I Nascimento da Virgem Maria.....	142
• II Apresentação da Senhora, e seus desposorios.....	145
• III Concepção de S. João Baptista.....	148
• IV Anunciação da Senhora.....	150
• V Visitação de Santa Isabel.....	152
• VI Nascimento de S. João Baptista.....	154
• VII Infancia de S. João no deserto.....	157
• VIII A Virgem e S. José.....	160
• IX Nascimento de Christo.....	164
• X Adoração dos Pastores.....	169
• XI Adoração dos Magos.....	172
• XII Purificação da Senhora. Apresentação de Jesus no Templo.....	178
• XIII Fugida para o Egypto.....	180
• XIV A degolação dos Innocentes.....	185
• XV Jesus no Templo.....	190

LIVRO III

VIDA EVANGELICA. PARTE I

	PAG.
Capitulo I O imperio no reinado de Tiberio.....	195
» II Prêgação de S. João Baptista.....	208
» III Baptismo de Christo.....	214
» IV A tentação.....	216
» V Primeiros discipulos de Jesus.....	218
» VI As vodas de Caná.....	220
» VII Primeira Pascoa. Os vendilhões no Templo....	222
» VIII Judas e Nicodemos. Terceiro testemunho de João.....	223
» IX A Samaritana.....	225
» X Prisão do Baptista. Prêgação de Christo na Galiléa....	227
» XI Sara o filho do Regulo em Capharnaum e faz outros mi- lagres.....	230
» XII Vocação de Pedro, de André, de Thiago e de Philippe..	232
» XIII Sermão da montanha.....	233
» XIV Cura do servo do centurião e da sogra de Pedro.....	237
» XV Applaca as tormentas do mar.....	238

SEGUNDO VOLUME

LIVRO III

VIDA EVANGELICA. PARTE II

Capitulo I Cura da filha de Jairo.....	3
» II Cura do paralytico.....	5
» III Vocação de S. Matheus.....	7
» IV Curas prodigiosas. Vocação dos doze Apostolos.....	8
» V Provas de Christo ao Baptista.....	15
» VI Volta dos setenta e dous discipulos. Acções de graças de Jesus.....	17
» VII Maria Magdalena.....	19
» VIII Observancia do sabbado. A mão resequida.....	21
» IX O peccado contra o Espirito Santo.....	23
» X Volta dos Apostolos. Parabolas do reino de Deus.....	26
» XI Jesus expulso pelos Nazarenos.....	30
» XII Degolação do Baptista.....	31
» XIII Multiplicação dos cinco pães. Jesus e Pedro sobre as aguas.	35

LIVRO IV

VIDA EVANGELICA. PARTE III

Capitulo I O pão do céu.....	38
» II A pureza do coração.....	41
» III A Cananéa. O surdo-mudo. Os sete pães.....	43

	PAG.
Cap. IV A hypocrisia dos phariseus. O cego de Bethsaida. A penitencia	46
• V Fundamentos da Igreja. O mar de Galiléa	49
• VI A transfiguração	55
• VII O lunatico. O tributo. A mulher curvada. Os escandalos.	58
• VIII Os eleitos são poucos! A festa dos Tabernaculos.....	65
• IX Os dez leprosos. Martha e Maria. O hydropico. Instrukções no Templo.....	70
• X A mulher adúltera. Verdadeiros filhos de Abrahão. O cego de nascença. O bom pastor	77
• XI Preceitos evangelicos. Festa das Encenias. A ovelha desgarrada. O filho prodigo. Os trabalhadores da vinha.	83
• XII Morte e resurreição de Lazaro. Entrada em Jerusalem. Os vendilhões do Templo.....	90
• XIII Parabolas da vinha e do banquete nupcial. Jesus no Templo. Christo Deus. Tributo a Cesar.....	97
• XIV A resurreição. O obolo da viuva. As virgens loucas. Conspiração dos Judeus.....	100
• XV Pacto de Judas. A ceia. Traição de Judas. Testamento de Jesus Christo.....	104

LIVRO IV

VIDA DOLOROSA. PARTE I

Capitulo I Agonias no Horto. Beijo de Judas.....	114
• II Jesus em casa do Pontifice. Falsos testemunhos. Confissão de Christo.....	117
• III Morte de Judas. Accusação e interrogatorio perante Pilatos.....	121
• IV Jesus leva a sua cruz. Christo no Golgotha.....	128
• V Christo. Tradições sobre o Salvador. Jerusalem e os logares notaveis da Paixão.....	135
• VI Jerusalem.....	140

LIVRO IV

VIDA GLORIOSA. PARTE II

Capitulo I A Resurreição.....	151
• II Guardas sobornados. Apparição de Christo em Emauz..	154
• III Apparição a S. Thomé. O mar de Tiberiades. Ascensão.	158
• IV O Cenaculo. Eleição de S. Mathias.....	162
• V Noticias e tradições.....	167
NOTAS.....	189

008262





